

Retratos da Metrópole

Alfredo José Gonçalves, Cs

 MISSÃO
PAZ


CEM
CENTRO DE ESTUDOS METODISTAS

Alfredo José Gonçalves, Cs.

Retratos da metrópole

CEM – Centro de Estudos Migratórios

São Paulo, 2022

DIRETOR DO CEM

Paolo Parise

EDITOR

José Carlos Pereira

COMITÊ EDITORIAL

Ana Carolina Gonçalves Leite (UFPE), Ana Cristina Arantes Nasser (USP),
Dirceu Cutti (CEM), Dulce Tourinho Baptista (PUC-SP),
Fernando Altemayer (PUC-SP), Fernando Antonio Lourenço (UNICAMP),
Gustavo Dias (UNIMONTES), Helion Póvoa Neto (UFRJ),
José Carlos Pereira (CEM), João Décio Passos (PUC-SP),
Lúcia Maria Machado Bógus (PUC-SP), Maria Aparecida de Moraes Silva (UFSCAR),
Marilda Aparecida de Menezes (UFABC), Margarida Maria de Andrade (USP),
Patrícia Villen (UNICAMP), Paolo Parise (ITESP),
Rosana Baeninger (UNICAMP), Sidnei Marco Dornelas (CEMLA - BSAS),
Wellington da Silva de Barros (ITESP), Wagner Sanches (PUC-SP).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gonçalves, Alfredo Jose

Retratos da metrópole / Alfredo Jose Gonçalves. --
1. ed. -- São Paulo : Centro de Estudos Migratórios -
CEM, 2022.

ISBN 978-65-88323-08-3

1. Emigração e imigração - Aspectos sociais
2. Experiências de vida 3. Globalização - Aspectos
sociais 4. Histórias de vida 5. Oração - Igreja
Católica 6. Poesia - Coletâneas I. Título.

22-138018

CDD-808.81

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Coletâneas : Literatura 808.81

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Revisão dos originais

Yara Silvia Tucunduva

José Carlos Pereira

Capa

Sergio Ricciuto Comte

SUMÁRIO

Prefácio I - O autor e a escuta ao migrante.....	13
Prefácio II - O viver do migrante: o compromissado olhar do autor	17
Apresentação	21
Seção I – Rostos da metrópole	
Mães e trabalhadoras.....	33
A empregada doméstica.....	35
O motoboy	37
Boca de litro	38
Ambulante.....	40
A enchente	41
Turbilhão	43
Domingo à tarde.....	45
Pessoa especial I.....	47
Pessoa especial II.....	49
Fome nua.....	51
Criatura sem nome.....	53
Mulher grávida	55
Sala de estar	57
O gol	59
O Negro Tião	60
Solidão.....	62
O “presunto”	64
Neguinho.....	65
O homem de farda	67
Olhos cegos e ouvidos surdos	69
Bom dia	71
Ciganos	73
A ex-freira	75
O curto-circuito	77
O cobrador	79

Águas que matam.....	81
Hermanos	83
O fantasma	85
A janela.....	87
O motorista	88
Meus anjinhos	91
O nome.....	93
O desencontro	95
Ruídos.....	97
O pedestre.....	98
O medo de Maria	100
O samba	102
Dia de agonia.....	104
O doente.....	106
Os mutilados	107
<i>Day after</i>	109
O despejo	111
O olhar.....	113
Compro ouro	115
Encontro	116
O banco	118
Era domingo	119
O cão	121
O nome da fome.....	123
Escravos.....	125
O parto	127
Lugar reservado.....	129
Vende-se.....	131
Sede de notícias	133
Isabella	135
A boliviana.....	137
Menino de rua.....	139
A indígena.....	141
O tambor	143
O palhaço	145

Seção II – Símbolos da cidade

A cidade a caminho	149
Há gente na rua	151
Terminal de ônibus	152
O medo.....	154
O beijo	156
O retrovisor	158
A cidade chora.....	160
A praça.....	162
A Rodoviária I	163
A Rodoviária II	165
A estação	167
O semáforo.....	168
O Natal.....	169
Não havia lugar para eles	171
Deus habita esta cidade	173
A marquise	175
O ponto de ônibus.....	176
O sino	177
O cortiço	179
O viaduto.....	181
A noite e a dor	183
O aeroporto.....	185
O monstro	186
O <i>shopping center</i>	188
A vitrine	190
Avenida Paulista	192
Rua 25 de Março	194
Cidade de São Paulo	196
O crime	198
O Banco	200
A cidade.....	202
O Treme-Treme.....	204
O boteco	206
Bala perdida	208
O elevador	210

A rua I	212
A rua II	214
O trem	216
Olhos e ouvidos eletrônicos	217
Chagas	219
Bosque e praça	220
Despertar da cidade	221

Seção III – Migração e outros temas

Comunicar algo e comunicar-se	225
34.656	226
A porta.....	228
A saideira.....	229
Desemprego I	231
Viver de emprestado	233
O Papai Noel.....	235
O Natal e a família	236
Papai.....	238
Minha querida Lia.....	240
Berço e fortaleza.....	242
A viagem.....	243
Errantes pelas estradas do mundo	245
Imigrante desconhecido	246
A fome	248
Necessidades <i>versus</i> expectativas	250
Do outro lado das grades	251
A ratoeira.....	253
Mãe, onde está teu filho?	255
Lembro-me de minha mãe	257
O apartamento	260
A gaiola e o canto	262
O <i>rock and roll</i>	263
Vivendo a pulso	264
Reciclar é reviver	266
O mundo é nossa pátria	268
A intrusa	270

Pai sem terra, filho sem teto	272
Açúcar amargo	274
A greve	276
Identidade	278
A igreja	280
Lágrimas	281
Por que temos medo do migrante?.....	282
O pranto e as mulheres	284
Por trás das grades	285
Tiranos e tiranias	287
Os mutilados	288
Peregrino do Reino	290
Minhas mãos	291
O salto para a vida	293
Quem são esses.....	294
Morte em gotas.....	296
O cigarro	298
Pobreza: conceito e realidade	300
Tu me chamas.....	301
Mulher migrante	303

Seção IV – Poesia, oração, sensação

Eras Tu, Senhor	307
Oração na madrugada	309
O banquete da vida	313
Insônia	315
O grito do silêncio	317
Mãe Aparecida I	319
Mãe Aparecida II	321
O espelho	323
A casa	325
A História passou pela minha janela	327
Coisas eternas	328
A solidão.....	331
Não sigas... ..	333
Onde estás, Senhor?.....	335

A grande prece	337
Não atires pedra	339
A sesta	340
Fantasmas ocultos	342
De ataque em ataque	343
Um feixe de feridas.....	344
A vida de um trago	346
Confissão	347
Ressurreição dos deuses	349
Vi a dor	351
Aqui jaz.....	353
Numa rua do Brás.....	355
Obrigado, papai!.....	356
Buscando Teu rosto	357
Se não fosse.....	359
Colhendo nuvens.....	361
Destinos.....	362
Falsa liberdade	364
Ruídos e melodia.....	365
Hoje	367
Mãos solidárias.....	369
Menor ou menino?.....	371
O tesouro.....	373
Quando eu crescer.....	375
Um rosto... uma prece.....	377
Pegadas	379
Quando tua oração possui	381
Segredos da paz.....	382
Migalhas	384
Mãos e coração	385
Palavra de amor.....	386
A oração	387

Seção V – Conjuntura mundo – Brasil

Às portas do ano 2000.....	391
Europa e África: tão próximas e tão distantes	393

Olhares oblíquos	396
Primeiro de Maio.....	398
A voluntária	400
A esperança por um fio	402
Uma nova voz	405
Os deserdados da Terra e a migração.....	407
O Partido	409
A crise humanitária é filha do crime contra a humanidade	411
Migrantes no mundo alcançam quase 250 milhões.....	413
Não quero meu filho errando pelas estradas	416
<i>Badante</i> rima com migrante.....	419
Decreto segurança e migrantes: segurança para quem?.....	421
Ódio e intolerância contra os migrantes	424
Os olhos da fome.....	426
Migração e Conselho de Direitos Humanos da ONU	428
Haiti desolado	431
Portas fechadas	433
Um menino chora.....	436
Fome e miséria	438
Êxodo venezuelano.....	440
Desemprego (II).....	442
Espelho, balança e bolso	444
O povo e a chuva fina	445
Onda internacional de supremacismo.....	446
Dinastia do dinheiro	449
Itália: novo governo endurece política migratória	450
Democracia e eleições.....	453
Migrantes no mundo - 250 milhões de errantes.....	454
Três irmãs gêmeas.....	457
Pós-modernidade	459

Seção VI – Outras metrópoles

Vermes e borboletas	463
A gentileza	464
Autoritarismo e servilismo	464
Sede perfeitos como o Vosso Pai é perfeito	465

O amor	466
Trabalho.....	467
Fazer a vontade de Deus	468
O grito	468
Líder e povo.....	469
Palavras e gestos	470
Palavras e punhos.....	471
Palavras e janelas	472
Que são palavras?	472
Labirinto	474
Olhar eterno	474
Êxtase	475
Religião e hipocrisia.....	476
Religiosos 5 estrelas	476
Silêncio	477
Perguntas sem resposta I	477
Perguntas sem resposta II	478
A reconciliação não é vacina	479
Deuses e demônios	480
O silêncio	489
Que procuram?	481
Conhece-te a ti mesmo	482
O medieval e o moderno.....	482
Entrai pela porta estreita.....	483
Desfile de fantasmas	483
Espiritualismo.....	484
O que não é oração	485
Mudanças.....	486
O Reino de Deus.....	487
Tudo e nada.....	488
Serviço e carreirismo.....	489
Feridas não cicatrizadas	490
O moralismo	491
Pessoas de uma só ideia.....	492
Segredo da semente.....	493
Miopia e cegueira.....	494

Órfãos, sós, nus, pobres e perdidos...	495
Por um fio	496
Sentimentos e nuvens	497
Obra de arte	497
Homilia	498
Mutismo	499
O feto	499
Orgulho e humildade.....	500
O pêndulo.....	500
Tudo o que é sólido desmancha no ar.....	501
Páscoa, o tesouro da vida.....	502
As rédeas da História	503
Posfácio - MetrÓpole como organismo vivo	505
Sobre o autor	507

Prefácio I - O autor e a escuta ao migrante

Homem do mundo, que pensa o mundo e escreve sobre o mundo e para o mundo: o de todos e o de cada um, em suas múltiplas relações pessoais e sociais. O mundo do indivíduo e da humanidade, mas também do desumano e da desumanidade que habitam a sociedade capitalista. Este homem, de essência e essencial, é o nosso autor.

Seus escritos traduzem, com doído lirismo, a ambiguidade¹ que constitui e rege a vida de homens e mulheres comuns – o “povo”, como ele denomina –, em um mundo produzido e produtor de contradições que caracterizam o permanente movimento do viver em sociedade. Seus belos, profundos e instigantes poemas e ensaios são inteiramente voltados e devotados a esse “povo”, no intento de lhe (e nos) mostrar o modo de constituição, em seu cotidiano, da relação entre aparência/essência, visível/invisível, superfície/subterrâneo, realidade/representação, dissimulação/conhecimento, sujeição/liberdade.

Em seus textos, nosso autor busca, portanto, revelar ao “povo” – seu leitor preferencial (mas também a nós, os outros leitores) – como, ao vivenciar e representar estas situações e condições de vida opostamente complementares, erguem-se contra ele os infundáveis “muros” que, concreta e simbolicamente, determinam a fragmentação de sua compreensão de como e por que a totalidade do mundo atua sobre a particularidade² de suas vidas, restringindo seu acesso a direitos fundamentais e re/produzindo a constante privação de suas necessidades existenciais e humanas.

Ao tecer, então, a intrincada narrativa de como “‘a história’ separou tudo o que a ‘geografia’ havia unido”, nosso fundamental autor atribuiu-se inteiramente a “missão” de contar ao “povo” – sobre quem e para

¹ “[...] a ambiguidade é uma categoria da vida cotidiana e, provavelmente, uma categoria essencial”. Cf. Henri Lefebvre, *Critique de la vie quotidienne* I, p. 26.

² Em *O cotidiano e a história*, Agnes Heller aponta que “a vida cotidiana é a vida do homem inteiro”, pois “caracteriza-se pela muda coexistência de particularidade e genericidade” (pp. 17 e 20).

quem escreve – como a “liberdade do capital” se contrapõe à dos indivíduos, desenraizando-os de sua terra, opondo-os à natureza, produzindo, assim, “órfãos de pais vivos”, “adultos antes dos 10 anos”, “mortos antes de viver”; “esposas de homens sem trabalho, mães de crianças sem comida, filhas de uma terra sem terra”.

O “povo” é representado, no presente livro, na figura do “migrante” (tanto os nacionais, como os imigrantes e emigrantes), confrontado à necessidade de migrar, deixando atrás o conhecido lugar de origem, para se embrenhar no desconhecido modo de sobre/viver no lugar de destino. Com uma linguagem compreensível e compreensiva, nosso autor desvenda como as dificuldades de vida do migrante são determinadas pelo complexo e perverso processo de re/produção do capital, acarretando a “(sua) criminalização e a instrumentalização do medo, na sociedade”, gerando a “intolerância, o preconceito, a discriminação, o racismo e a xenofobia” em relação a ele.

Nosso autor, Pe. Alfredinho (assim chamado por todos nós, que o conhecemos e admiramos), constrói, aqui, um processo de análise e exposição da questão migratória, e da migração como questão, que parte da indagação – *quem é o migrante?* – que também inquietou outro grande teórico dos estudos das migrações, Abdelmalek Sayad, (1999)³. Entretanto, pode-se dizer que sua busca parece não se esgotar com a resposta a que ambos (também imigrantes) chegaram: a de que o migrante é aquele que não está nem aqui, nem lá, mas tenta, desesperadamente, estar aqui, sem deixar de ser o que havia sido lá.

Uma explicação possível parece residir no fato de Pe. Alfredinho colocar-se na/a missão de apontar um caminho para a superação da “ambiguidade” da vida e do viver do migrante, propondo, para tanto, a necessidade da escuta ao “povo” que não tem voz. Escuta esta, que permite inclusive a ele próprio, enquanto autor, colocar-se no lugar do “outro” (o migrante) e falar nesse “outro” e por esse ‘outro’ a um “outro” (todos os segmentos sociais interessados em conhecer e compreender as causas e consequências do processo migratório).

Nessa escuta, que é produto e produtora de sua forte identificação com o migrante (e o “povo” nele representado), Pe. Alfredinho assume

³ Cf. Abdelmalek Sayad. La double absence. Des illusions de l’émigré aux souffrances de l’immigré. Prefácio de Pierre Bourdieu. Coleção Liber. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

o duplo papel de autor e ator, pois, nestes textos, ele é ora quem escuta a fala do migrante, ora quem clama por ele; ora quem observa, ora quem é observado; ora narrador, ora personagem. Em seu livro, ele é o autor que nos explica analiticamente a situação e a condição de vida do migrante, na terra de origem e no lugar de destino; mas também é, em vários momentos, o ator que representa para o leitor a vida de seus vários retratados: o adulto, o jovem ou a criança; o homem ou a mulher; o migrante, o emigrante ou o imigrante; o oprimido e, mesmo, o opressor.

Alcançando o coração e a mente do leitor, ao expor-lhe as formas de sujeição e opressão enfrentadas pelo migrante, nosso autor aponta a escuta a este como o caminho possível para a sua emancipação e superação, pois ela constitui a “contraface” que possibilita “instrumentalizar” e fazer aflorar a fala daqueles que não têm voz, por serem auto/impedidos de dizer.

A profunda identificação do autor com o modo de pensar e sentir do migrante toma, portanto, a forma de uma escrita que parece construir um movimento similar ao da vida de seu retratado, o migrante, alternando, oposta e complementarmente, momentos de descrença e de esperança no porvir. Assim, seus belos e intensos poemas falam dos desafios e encruzilhadas interpostos ao viver do migrante, mas também expressam seu ensejo e desejo de mudança desse viver. E não seria mesmo este o movimento da vida do migrante, já que, do contrário, não lhe seria possível sobre/viver no lugar de destino?

Ana Cristina Arantes Nasser
USP - Universidade de São Paulo

Prefácio II – O viver do migrante: o compromissado olhar do autor

Abrimos neste prefácio a publicação dos textos de ensaios do Pe. Alfredinho que compõem essa reflexão enriquecedora, convidando todos à sua leitura.

Os escritos do Pe. Alfredinho, aqui selecionados, falam por si mesmo. Com certeza, nos transformamos e nos inserimos no mundo com outro olhar, depois de mergulhar e refletir acerca das mensagens contidas nesses ricos e sensíveis ensaios.

Pe. Alfredinho, assim como Abdelmalek Sayad, dá voz aos migrantes! Mistura-se com os migrantes e com a população mais vulnerável por onde anda e analisa a labuta desses atores sociais que lutam e se extenuam para sobreviver na complexidade da metrópole.

O nosso autor, em um mundo dominado pelos algoritmos, pela desigualdade, individualidade e impessoalidade expressa na *atitude blasé* que predomina nas cidades, consegue captar esse contexto como demonstra a seguir em um dos seus versos:

*“Indiferente ela, indiferentes os que iam e vinham.
Multidão de átomos solitários, girando ao redor da própria órbita.
Quem, nesse deserto urbano, poderia calcular sua sede?
Quem lhe ofereceria uma gota de água?
Quem lhe indicaria o caminho para algum oásis oculto?”* (O Banco, 02/2006).

Este pequeno grande homem da ilha da Madeira, com longa experiência de vida, olhar astuto, curioso, culto, atormentado, comprometido e sensível, consegue perceber com maestria essa realidade e tomar como lema e luta da sua vida, ver, ouvir e explicitar cenas do cotidiano do migrante, sujeito de direitos, mas que cotidianamente, de fato, busca pelo “direito a ter direitos”.

Faz parte da sua vida analisar o cotidiano dos migrantes, estar junto com os seus anseios compartilhados junto à população mais

vulnerável nos diversos recantos da cidade, ou seja: nos terminais de transporte urbano; nos pontos do ônibus; no “feitiço frenético” da rodoviária; nas praças e ruas congestionadas do centro; nas marquises dos prédios abandonados e no sino da igreja; no frio das noites geladas; na impessoalidade dos aeroportos; no dramático suicídio ocorrido no viaduto; no cotidiano dos cortiços; no trânsito incessante e ensurdecido de carros, ônibus, motos; na minicidade rica e iluminada dos shoppings e vitrines, sempre percebendo as variadas, tristes e trágicas ocorrências no desenrolar desses espaços e que são retratadas nos seus textos e poemas.

O que acontece no real é colhido por meio de fontes primárias, vistas, olhadas, sentidas e escritas com a devida fundamentação em rico e crítico embasamento teórico. Daí resultar em expressivos e tocantes textos e poemas que retrata o desafio do viver e sobreviver do sujeito migrante no urbano.

Pe. Alfredinho exercita esse olhar com uma sensibilidade de quem busca ver o que está por “detrás da porta”, lendo no espaço exterior e interior dos sujeitos que perambulam na cidade, os seus medos, os perigos que enfrentam, a violência que sofrem, o viver no desamparo com insegurança, privação e sofrimento. Retrata o dia a dia das crianças que passam a infância na rua, a luta do “ganha pão” dos que sobrevivem como camelôs, as suas ansiedades e agressões sofridas e, como ele mesmo releva nos seus escritos, nos mostra a contraditória “solidariedade e violência, a lágrima e o riso” da população sofrida no urbano.

Seus textos e poesias, na maioria de tamanho médio, raramente não passam de uma página. São todos convidativos à leitura. Abordam a causa migratória em uma perspectiva de totalidade, sempre problematizando o cotidiano do migrante como o sujeito central do seu olhar. Vivencia a sua luta, retratando os seus enfrentamentos cotidianos pela sobrevivência.

Retrata poeticamente o habitat do migrante na cidade, com tamanho envolvimento e profundidade que consegue levar o leitor a compartilhar e se envolver nas suas dificuldades, a exemplo da bela passagem que se segue:

*“Alguém não levantou ainda?
Outro perdeu a hora e o ônibus?
Este não tem emprego ou está enfermo?
Aquele faleceu durante a noite?
Aquele outro, de tanta fome, perdeu o juízo?
Alguém terá sido preso, assassinado, estuprado?
Quantos nasceram, quantos morreram?
Quem dormiu ao relento, pelas ruas e praças?
E quem passou a noite trabalhando?
Muitos foram demitidos?
Houve muitos assaltos, roubos?
Crianças trabalhando, haverá quantas?”*

*Tudo não passa de perguntas inúteis,
problemas particulares, pessoais, quando muito, familiares.
Despertam um interesse momentâneo,
nutrem jornais, revistas e programas televisivos,
mas não têm mais relevância.
O importante é que a cidade,
com suas mandíbulas de aço e entranhas de concreto,
continue crescendo e trazendo o progresso.
O resto... bem, o resto é resto!”*

O paradoxo, a insegurança e o medo na cidade são analisados e expressos pelo Pe. Alfredinho nos “Rostos da metrópole”, ou seja, em passagens como no Boca de litro, com a empregada doméstica, o moto boy, as mães e trabalhadoras, o ambulante, no contexto da enchente, no turbilhão da metrópole que consome cotidianamente a vida, a energia e o sonho do migrante.

Tudo é retratado com profundidade e paixão, conforme Pe. Alfredinho demonstra:

*“No fundo dos cortiços, nas favelas e periferias, debaixo
dos viadutos e nas ruas, habitam os escravos da fome,
da doença, da miséria, da exclusão...
A duras penas, sobrevivem das migalhas e sobras
de uma sociedade que os rejeita e marginaliza.”*

No eixo do livro que retrata “Outras metrópoles” o nosso pequeno grande autor relata o seu giro pelo mundo (Roma, Dubai, New York, Los Angeles, Asunción...). divagando e olhando com sabedoria cenas existenciais do cotidiano dos atores em foco, o que nos leva a refletir, com profundidade, passagens despercebidas e antes obscuras que, com as suas lições e reflexões, dão luz e sentido ao que antes não conseguíamos ver.

A sua sabedoria está revelada, por exemplo, no deciframento expresso por Marx em “tudo que é sólido se desmancha no ar”, assim como na busca de Homero, na *Odisseia* que, resiste à sedução das sereias e reúne forças para reencontrar Penélope, e apontar onde encontrar um ponto de referência que mostre para onde leva a travessia, onde está o tesouro, a vida, o começo, o fim, ou as rédeas da História.

No eixo “Poesia, Oração, Sensação” Pe. Alfredinho nos presenteia com um rol de sábias reflexões que vão da oração a insônia, do grito ao espelho, da casa à sesta, da confissão ao ataque, dos fantasmas ao destino, da confissão à liberdade, todas indagações substantivas explicitadas nos seus singelos poemas que expressam sentimento e fé.

O que fazer diante do banquete da vida com a dor daqueles que sofrem, são cenários e inquietações que acompanham o nosso pequeno grande homem no seu cotidiano e estão expressados nos seus escritos que teremos o privilégio de acessar neste livro.

Dulce Maria Tourinho Baptista
PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Apresentação

José Carlos Pereira

CEM – Centro de Estudos Migratórios

Este livro foi preparado dia a dia, semana após semana, mês após mês, há vários anos. Seus textos foram escritos ao longo do tempo, em diversas cidades e países por onde andou o seu autor, e agora formam uma coletânea; são relatos, poemas, preces do padre Alfredo José Gonçalves, Cs. ou, simplesmente, padre Alfredinho, um caminhante, observador arguto do vai e vem das pessoas em busca de um lugar ao sol. Isto é, à procura de trabalho, moradia, tratamentos de saúde, comida, diversão, alívio de preocupações ou tensões (e seus consequentes danos à saúde mental e espiritual), à procura de bem viver nas metrópoles.

Procura nada fácil para quem tem uma cidadania fragmentada, mutilada, como diria Milton Santos (2007; 2011), ao propor uma reflexão sobre “o espaço do cidadão”; procura muitas vezes ingloria para quem é empurrado para o subúrbio e dele precisa sair todos os dias, ainda na madrugada, para tentar ganhar o pão de cada dia na “luta brava da cidade”. Assim se referia Carlos Drummond (2012) à saga do jovem suburbano entregador de leite nas metrópoles, confundido com um fora da lei, e por isso assassinado por um certo senhor que trazia sempre viva na cabeça a legenda de que “ladão se pega com tiro”.

Motoboys entregadores de lanches e de outras mercadorias, trabalhadores e trabalhadoras ambulantes escoraçados do mercado formal de trabalho, desempregados, catadores de material reciclável, sem-tetos, pessoas em situação de rua e muitos migrantes são, muitas vezes, culpabilizados pela própria condição de vulnerabilidade, de viver como os fora da lei, e constituem uma imagem atualizada do jovem leiteiro do poema de Drummond.

Ora, a negação de direitos àquelas pessoas é uma contradição explícita em relação ao sentido original da palavra “cidade”, que é originária do latim “civitate”, um sentido muito próximo de “civitas” que, por sua vez, originou as palavras cidadão e civilização (VASCONCELOS, 2015).

Padre Alfredinho nos convida a caminhar, ver, ouvir e interagir com as pessoas e símbolos que compõem as metrópoles de concreto, asfalto, vidro e aço que conhecemos bem, mas, também, com a metrópole metafísica dentro de nós, que, muitas vezes, silencia ou se fecha para a experiência da acolhida, da convivência com o outro e da contemplação.

O livro está organizado em seis seções: Rostos da metrópole; Símbolos da cidade; Migração e outros temas; Poesia, oração, sensação; Conjuntura mundo, Brasil; Outras metrópoles.

Rostos da metrópole: Nesta seção o Pe. Alfredo apresenta diferentes rostos e, pacientemente, se põe a escutá-los com o ouvido e o coração. São mulheres, homens, jovens, crianças, trabalhadoras, trabalhadores, migrantes, pessoas em situação de rua, vendedores ambulantes que ele viu e ouviu em diversas metrópoles.

Os rostos são muito diferentes, mas o olhar do nosso autor mira algo comum a todos eles, a condição humana e sua cidadania mutilada, violentadas pela desigualdade social produzida por um Estado que opta por sobrepor os valores econômicos aos valores cívicos e humanitários. Ou, dialogando com o Papa Francisco, rostos diversos de uma multidão desgarrada, produzida por um sistema que degrada e mata em nome do lucro e do poder a qualquer custo.

Mas os rostos, ainda que desfigurados, deslocam-se pela metrópole, se viram como podem embaixo de viadutos, favelas, cortiços; enfrentam enchentes; procuram ganhar algum trocado com o seu comércio ambulante; tomam uma pinga no bar; e procuram fugir da fome como Carolina Maria de Jesus (1960/2019), mulher, negra, mãe solteira, escritora da periferia, moradora da favela do Canindé – em São Paulo, catadora de material reciclável, sonhadora, que nos diz em seu livro *Quarto de despejo*: “A tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”.

Enfim, rostos que carregam novas vidas em seus ventres, sonhos, esperanças, preces, sorrisos que se contrapõem à força bruta e à indiferença de tanta gente que não os quer ver; rostos que acendem novas chamas de resistência para o dia seguinte, numa teimosia que figura mesmo uma desobediência civil em defesa da vida, ainda que

ela seja frágil, pequenina, “vivida a retalho”, como diria o poeta João Cabral de Melo Neto (2016) em *Morte e vida severina*. Afinal, de qualquer modo, é vida. E, assim sendo, esses rostos nos desafiam a um olhar fraternal e ao dever civil de reivindicar, proteger e fazer valer direitos sociais e dignidade humana numa cidade plural, onde caibam o eu, o nós, a diversidade étnica, racial, cultural como expressão de belezas e talentos.

Símbolos da cidade: Nesta seção, padre Alfredo é um caminhante que observa atentamente os símbolos da cidade (praças, ruas, viadutos, bancos(\$), cortiços, estações rodoviárias, trens, ônibus, igrejas, shoppings centers, cinemas, teatros, praças, metropolitanos etc.) como produtos, imagens, representações de poderes econômicos, políticos, culturais e religiosos instituídos; símbolos de poderes que ora acolhem, ora expulsam, ora concedem, ora negam àqueles rostos o direito à cidade construída e mantida por eles, mas expropriada deles, como observa o filósofo Henri Lefebvre (1970) em sua análise teórica e política sobre o direito à cidade, sendo esta uma forma de projeção do desenvolvimento humano e social.

Os símbolos da cidade, muitas vezes, estão despidos das pessoas que os edificaram. Basta ver os milhares de pessoas, famílias inteiras que são empurradas para os cortiços ou que vivem de ocupação em ocupação para fazer valer o seu direito à moradia. Uma moradia popular que não cabe na cidade global do capital. Esta, por sua vez, uma cidade máquina que a todos tritura, senão com o esgotamento físico, com a falência da saúde mental sucumbida pelo estresse do trânsito, do medo, da corrida pela tecnologia, pelo emprego e pela sobrevivência.

Contudo, como ainda observa Henri Lefebvre (1970), os símbolos da cidade também são espaços, territórios onde as gentes procuram defender e celebrar sua vida; forjar outra globalização utópica, na qual os valores, as instituições e as vivências do cotidiano estejam permanentemente grávidas do humanitarismo como condição fundamental para que a cidade acolha e seja apropriada pelo povo como expressão do seu efetivo acesso à cidadania. Afinal, não seria a vivência da cidadania o símbolo máximo da cidade a partir de seu significado original?

Migrações e outros temas: Aqui os migrantes são personagens que cruzam e recruzam o mundo das metrópoles em busca de trabalho, moradia, saúde, educação, cultura e bem viver. Ainda que deslocados – forçados a migrar pela pobreza, pelas mudanças climáticas, pelas violências política, religiosa e de gênero; ou motivados pela busca de melhores oportunidades de trabalho, educação, saúde – carregam sonhos, utopias e muitas contribuições para o enriquecimento cultural, político, social, econômico dos lugares, regiões, cidades por onde transitam ou chegam.

Pe. Alfredo nos convida a vê-los e tratá-los não como números, estatísticas, mas como protagonistas de um mundo em permanente transformação; pessoas ativas com suas dores, sofrimentos, esperanças, sonhos e contribuições decisivas na construção de cidades, países, de um outro mundo baseados na partilha do amor, da esperança, do reconhecimento, do manejo sustentável dos recursos naturais e da justiça social.

Poesia, oração, sensação: em meio ao frenesi diuturno da cidade, nesta seção o Pe. Alfredo nos convida, crentes e ateus, a um olhar e a atitudes compromissadas com a transformação da realidade social.

A poesia, a oração, a sensação são aqui exercícios de ver, ouvir, sentir o clamor do povo, mas, também, ver, ouvir e reconhecer, no mais íntimo e consistente de sua alma, a potência criativa que esse mesmo povo tem para talhar novas formas de viver e tecer a história. Poesia, oração, sensação figuram aqui como a necessária capacidade de amar para evitar o colapso total da vida; e ainda figuram como um oásis, uma nascente de águas frescas em meio ao deserto sob o sol calcinante; um amor, ainda que tímido e relutante, mas capaz de inspirar, fazer germinar a vontade de viver em paz. Afinal, como diria Guimarães Rosa (2017), “qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura”.

Conjuntura mundo, Brasil: Nesta seção, o olhar de Alfredinho se dilata para uma visão estrutural do cotidiano. Em diversos países e lugares do mundo constata-se uma realidade dura, seca, sufocando povos deserdados da terra, errantes do fim do século; abortando seus sonhos e sempre adiando a sua volta por cima sobre os poderes políticos e econômicos constituídos que os empurraram para o abismo e para as sombras das carências, da vulnerabilidade social, da violência, da pobreza.

O olhar do autor é partido por dores e angústias, mas também límpido e preñado de esperanças a partir da experiência de travessias que o povo fez no deserto, procurando escapar da escravidão no Egito e alcançar uma terra farta de leite e mel, onde todos pudessem saciar suas fomes (BÍBLIA/Êxodo, 15, 17 e seg. - 40) .

As travessias dos migrantes de hoje na “desordem” global denunciam a alta acumulação de capital em poucas mãos e a consequente injustiça social estrutural que privam milhares de pessoas de um pedaço de pão, de chão e do direito de viver dignamente em suas terras. Mas essas mesmas travessias também anunciam a capacidade de mover e transformar a história na perspectiva de uma sociedade civil global e, oxalá, do direito universal à acolhida e a construção do caminho longo e sinuoso para uma consequente cidadania universal.

Outras metrópoles: Por fim, Pe. Alfredo nos fala de uma metrópole universal, metafísica, que, ao mesmo tempo, está fora e dentro de cada um de nós; uma metrópole que nos cerca, nos oprime, mas também que nos desafia a conquistar territórios de fraternidade, respeito, liberdade e convivência com a diversidade.

Trata-se de cidades que, nas palavras de David S. Landes, são “portas de entrada para a liberdade, buracos no tecido de servidão que cobria todo o interior. *Stadtluft macht frei* [o ar da cidade torna uma pessoa livre] (LANDES, 1998, p. 39). Ou, também, podem ser cidades que, para Carlos Signorelli e Manoel L. da Silva Neto (2012), refletem a crise da modernidade. Ou seja, uma cidade que se propôs libertadora, lugar de partida e de chegada para uma vida longe da servidão, porém um lugar, onde ninguém se fie “da felicidade presente, pois há nela uma gota da baba de Caim”, para lembrar Machado de Assis (1978) em suas *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A liberdade e as luzes foram privatizadas, instrumentalizadas pelo capital e apropriadas por poucos, enquanto a maioria das pessoas vive a angústia da solidão, do descarte promovidos pelo desenvolvimento tecnológico necessário, mas divorciado de políticas inclusivas; pela racionalidade da cidade limpa e suas políticas higienistas formuladas e implementadas como essência da metrópole moderna.

É o que se pode dizer sobre as luzes acendidas pela modernidade e sua proposta de liberdade, conforto e segurança nas cidades, cujo

acesso custa muito dinheiro e poder. Cidades onde as experiências de Liberdade, servidão, sofrimentos, prazeres, angústias, serenidades estão muito misturadas nas vidas das pessoas.

Contudo, nessa metrópole metafísica, as pessoas estão sempre renascendo e procurando recriar o mundo através de suas resiliências. Há coisas ruins e boas muito misturadas que ora nos confundem, ora externam a nossa mediocridade, ora nos desafiam a tomar nas mãos as rédeas da história e fazer coisas belas como a acolhida ao outro, construir novas cidades como espaços de convivência e de reprodução da vida. Isto é, erguer tendas onde todos possam entrar, vivenciar a cidadania plena e partilhar a alegria de viver com graça, beleza e dignidade.

Como se vê, apesar de escritos há certo tempo, os textos deste livro tratam de gentes e temas muito atuais e que despertam a atenção de pesquisadores, pastoralistas, gestores públicos, movimentos sociais e demais pessoas interessadas na compreensão e transformação dos modos de vida na metrópole.

O caminho para isso é íngreme e longo, mas possível de realização e de vivência, como nos inspira a poetisa Cora Coralina (1997): “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista”. [...] Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BÍBLIA. A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: contendo o Antigo e o Novo Testamento. Edição Pastoral. Tradução de Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. p.65-109.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. São Paulo: Global Editora, 1997, p. 145. 6ª Ed.

LANDES, David Saul. **A riqueza e a pobreza das nações**: por que algumas são tão ricas e outras são tão pobres. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **La révolution urbaine**. Paris: Gallimard, 1970.

MARIA DE JESUS, Carolina. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1960/2019. 10ª edição.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina**. São Paulo/Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SANTOS, Milton. O cidadão mutilado. In: SILVA, Elisiane; NEVES, Gervásio; MARTINS, Liana. **Milton Santos**: O espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011d. (p. 94-108)

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SIGNORELLI, Carlos Francisco; SILVA NETO, Manoel Lemes da. Por um urbanismo a partir do outro. **Arquitextos**, nº140, Ano 6º, Jan. 2012.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. As metamorfoses do conceito de cidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015.

Retratos da metrópole

Seção I

Rostos da metrópole

Mães e trabalhadoras

Ainda de madrugada, parti ao encontro da casa das Irmãs Dorotéias, no Grajaú, zona sul de São Paulo. Era dia do retiro mensal da Comunidade Religiosa, no qual, há algum tempo, venho sendo o orientador. Depois de tomar metrô e ônibus, cheguei demasiado cedo ao Jardim Eliana, onde residem as Irmãs.

Desci alguns pontos adiante e aproveitei a ocasião para percorrer um pouco as ruas daquele bairro periférico. Também era uma forma de relembrar os tempos em que trabalhei ali e onde caminhava com frequência, em visita às famílias e doentes. Eram seis e meia da manhã. A primeira coisa que me surpreendeu foi a quantidade de mães que se deslocavam de um lado para outro, acompanhadas de seus filhos, bebês de colo, a caminho da creche, ou crianças sonolentas que se dirigiam à escola.

Por cerca de quarenta e cinco minutos, pus-me a observar esse vaivém das mulheres, como também a correria de outras pessoas que saíam para o trabalho. O cenário se repetia: por toda parte, pressa, bocejos e mau humor. Ficou-me gravada na memória a tenacidade dessas mulheres, em grande parte mães e trabalhadoras. Não poucas delas, após deixar a porta da escola ou da creche, caminhavam diretamente para o ponto de ônibus. Ali, tinham de disputar lugar em longas filas para não perderem o emprego, sempre precário e instável. Dupla jornada de trabalho!

Algumas perguntas foram surgindo dentro de mim e ficaram suspensas em meus pensamentos: quanto tempo eu resistiria a semelhante carga de atividades? Onde essas mulheres encontravam energias para serem as últimas a se deitar e, no dia seguinte, as primeiras a se levantar? A que duras penas conseguiam o sustento da família! Como levavam adiante, por anos a fio, essa dupla e, às vezes, tripla jornada de trabalho?

- “Bom dia, padre!” – reconheceu-me uma senhora com um nenê de colo e uma criança agarrada à saia - “Logo cedo por aqui?”

Evidentemente, estranhava o fato de o padre ter madrugado. Na concepção dela, isso era coisa para o povo pobre e trabalhador, no que, aliás, tinha toda a razão. Continuei meu trajeto, pensando nessas centenas, milhares, milhões de guerreiras. Mártires anônimas, oferecendo suas vidas, não em atos grandiosos e espetaculares, e, sim, num martírio cotidiano, vivido gota a gota, lágrima a lágrima, carícia a carícia.

Às sete horas e quinze minutos, toquei a campainha da casa das Irmãs para dar início ao dia de retiro espiritual!

São Paulo, 28 de abril de 2010

A empregada doméstica

Quando Irene Souza chegou para trabalhar, D. Helena a recebeu na porta, olhando para o relógio; de nada adiantou falar da falta e do atraso do ônibus e da dificuldade de atravessar a cidade de ponta a ponta; a patroa esbravejou, ameaçou com a demissão, e a empregada, sem poder retrucar, meteu mãos à obra.

Irene tinha pela frente uma jornada pesada: era quinta-feira, dia de limpeza geral no apartamento, incluindo as vidraças da janela, no 12º andar do prédio. Digerindo a raiva, ela pôs-se a revirar os móveis, e, qual um furacão, a varrer e arrumar os quartos; na parte da manhã, além de preparar o almoço da família, deu conta de deixar impecável boa parte da casa. Só o nó na garganta insistia em arrancar-lhe soluços, engolidos num silêncio que chegava a doer o peito.

Na hora do almoço, Irene não foi para a mesa, não tinha a menor vontade de cruzar o olhar com o de D. Helena; preferiu iniciar a limpeza das janelas e vidraças, deixando para outra hora a arrumação da cozinha. Com um balde de água e sabão, vassoura e panos, a passos pesados, dirigiu-se aos aposentos nobres da casa.

Na sala de jantar, o almoço transcorria silencioso, o oxigênio permanecia tenso, pesado, irrespirável, cada palavra só servindo para aumentar o mutismo. Foi aí que um grito cortou o ar e o silêncio. Como que movida por uma única mola, toda a família se levantou e se dirigiu naquela direção: lá estavam o balde com espuma e alguns panos molhados, mas nem sinal da empregada...

Quando D. Helena tocou a vidraça com a ponta do nariz,
sentiu que se formava um aglomerado de gente na rua;
no meio do tumulto e de uma gritaria crescente,
destacava-se um ponto quase invisível daquela altura.
Lá estava Irene, estatelada e imóvel, no asfalto negro!

São Paulo, 6 de novembro de 2009

O motoboy

No trânsito tumultuado, Paulo segue em zigue-zague entre os carros, buzinando e esquivando-se com extrema habilidade.

Veza por outra esbarra num retrovisor, ouve palavrões, mas não pode deter-se, a encomenda tem que ser entregue.

Quanto mais próximo do Centro, mais se adensa o congestionamento, reduz-se o espaço entre uma fila e outra dos automóveis.

Paulo olha apreensivo para o relógio, acelera e tenta abrir caminho, aproxima-se a hora do encerramento do expediente bancário, não tem como deixar esse serviço para amanhã, as contas vencem hoje, até às 4 horas da tarde, e ele não pode assumir a multa correspondente ao atraso.

Insiste, atravessa dois semáforos vermelhos, tenta alguns atalhos, mas o tempo parece correr mais que sua moto.

Lembra-se do sacrifício quando chegou da Paraíba para São Paulo, inúmeros trabalhos de “bico”, um emprego numa firma, o casamento; depois vieram a crise e o facção sem piedade do desemprego.

Com o dinheiro da indenização, deu para adquirir o veículo, agora era seu instrumento de trabalho, seu ganha-pão.

Em casa, a esposa Sandra e os meninos, Jairzinho e Cidinha, o aluguel, as contas de água, luz e imposto, a escola e a comida, tudo dependia dele, de sua moto e das encomendas que conseguisse entregar.

Esgotadas todas as possibilidades, o tempo também se havia esgotado. Tentou ainda uma arriscada manobra, já próximo à Av. Paulista, deu de cara com um ônibus, freou, mas acabou se chocando e caindo no chão.

Perdeu a hora, por sorte não perdeu a moto nem a vida.

Quando Paulo finalmente estacionou a moto, o banco já estava fechado. Ciente de mais um desconto nos rendimentos finais do mês, estressado e com dores nas costas e nos braços pela queda, ruma para a Vila Industrial, onde o espera a família!

São Paulo, 22 de outubro de 2007

Boca de litro

Quem não conhecia Boca de Litro?
Toda rua o amava ou o detestava,
impossível ficar indiferente a seu comportamento.
“Gente boa!”, “Ninguém podia reclamar, não senhor!”,
“Incapaz de fazer mal a um mosquito!”
Isso, até às nove da manhã.
A partir daí, tomava umas e outras
e, então, se transformava completamente.
Bêbado, pegajento, desbocado, impertinente,
mexia com todo mundo e a toda hora.
Nesses momentos, todos evitavam cruzar com ele,
de fala mole e palavras molhadas de lágrima e vômito.

Boca de Litro não tinha esse nome, claro!
Chamava-se Fabiano Brito de Oliveira.
Depois, quando veio do Nordeste para São Paulo,
passou a ser conhecido por Paraíba.
Mas tudo deu errado com ele:
não conseguiu emprego fixo, apenas “bicos”.
E, durante anos, andou de favela em favela.
A mulher Joana, sempre doente, acabou por falecer,
e os filhos, um a um, buscaram o próprio rumo.
Paraíba ficou só e abandonado, num cômodo de pensão.
Não suportou por muito tempo o preço do aluguel;
terminou por ser despejado e vivia pelas ruas.
Começou, então, a beber e se tornou o “Boca de Litro”.

Um dia, não se sabe ao certo por quê,
Boca de Litro bebeu, vomitou e chorou mais do que nunca.
Tropeçou, gritou e xingou mais do que nunca.
E, mais do que nunca, mexeu com quem andava pela rua.
Na companhia de uma garrafa de cachaça
e de um cão velho e sarnento,
tentava se proteger do frio e da fome.

Tarde da noite, caiu num canto da praça e ali adormeceu...
para nunca mais acordar!

Alguns não puderam disfarçar uma sensação de alívio:
viam-se finalmente livres daquele “estorvo.”

Muitos, porém, foram picados por uma saudade verdadeira;
e houve mesmo quem sentisse falta de seus palavrões
e até quem chorasse a morte dele.

Na manhã seguinte, as pessoas viram passar um vira-lata doente,
de olhar perdido e focinho no chão, uivando tristemente.
“Fazia dó de ver o bichinho”, comentaram.

São Paulo, 14 de junho de 1997

Ambulante

O rio de carros ruga e se move no trânsito lento, tenso e impaciente. A multidão, também em forma de rio turbulento, desliza, de forma desencontrada e apressada, em todas as direções. Qual um organismo vivo, a metrópole respira pesada e rumorosamente. Um vaivém tresloucado, e cada vez mais intenso, denuncia no ar uma agitação febril. Rumor de pés e de vozes se mistura e se confunde. Contra a corrente das ondas turvas e surdas, em meio às ruas e praças apinhadas, notam-se alguns homens pelo chão, vendendo as bijuterias mais variadas.

Não é de hoje que tropeço nessas personagens. Mas, neste momento, uma série de interrogações assalta minha cabeça. Quem são essas pessoas em luta contínua com os fiscais da prefeitura e com os grandes comerciantes vizinhos? Ao primeiro sinal da fiscalização, tomam suas parcas mercadorias e desaparecem no corre-corre da cidade! Ponho-me a esquadrihar seus rostos queimados e enigmáticos, perguntando por seus nomes e sobrenomes, casa e família, origem e endereço, sonhos e projetos, passado e futuro, enfim, por suas histórias pobres, perdidas e solitárias.

Não é difícil perceber que, em sua grande maioria, esses vendedores ambulantes são desempregados, expostos ao sol e aos olhares estranhos, na tentativa de complementar seus parques e magros ganhos. Pessoas anônimas no anonimato desse imenso mar urbano.

Improvizadamente, sinto o capricho de saber o nome daquele ali. Parece mais vergado pelo fardo da própria existência e mais atormentado com suas desilusões. Chego perto e ele logo pergunta se quero alguma coisa. Parece dizer que seu negócio é vender, nada mais!

São Paulo, 20 de junho de 2009

A enchente

A luz dos relâmpagos e o estalar dos trovões eram simultâneos; nuvens negras cobriam toda cidade, começaram os primeiros pingos; as coisas e as pessoas pareciam mais ansiosas que de costume. As luzes se acendiam rapidamente nos postes e nos carros, muita gente pôs-se a correr em todas as direções, uns, com guarda-chuvas que dançavam ao vento, outros, com capas ou pedaços de papelão sobre a cabeça.

Primeiro, vieram as rajadas de poeira, fazendo redemoinhos, e carregando com o lixo de um lado para o outro; depois, as rajadas da chuva, pesadas, violentas e seguidas, se abateram sobre a cidade com fúria endiabrada; logo a água tomava corpo nas valetas e buscava os lugares baixos; a escuridão e a tempestade eram como dois inimigos soltos, que se davam as mãos para tudo varrer e tudo destruir.

Na Baixada do Glicério, as águas chegavam de todos os lados; em menos de 20 minutos, já começavam a empoçar nas ruas; detritos, esgoto, ratos – tudo subia pelos bueiros. Os carros tentavam achar alguma via de saída, mas a água, subindo sempre, já lhes impedia a circulação; todos se dispunham a ajudar, mas ninguém sabia o que fazer; correria, gritos, palavrões, gente abandonando o automóvel, e, não longe dali, as crianças brincavam na água negra.

Dentro dos cortiços, a situação era desoladora: procurava-se salvar algumas coisas de cada família, mas não havia lugar para onde carregar os pertences; boiando na água suja, viam-se cadeiras, bonecas, painéis, e até sofás, cadeiras e um monte de outros utensílios domésticos. Todo o bairro se uniu em meio à desgraça, mas pouco podiam fazer, além de assistir, impotentes, à devastação do temporal.

Os repórteres, câmeras e holofotes é que fizeram a festa:
ávidos, colhiam matéria “interessante” para levar ao ar:
lágrimas de quem tudo perdera, crianças só com os farrapos do corpo,
idosos içados sobre armários para não morrerem afogados,
correntezas de água se esbatendo contra as casas e carros,
toldos, marquises, postes e árvores tombadas,
automóveis submergidos e seus donos desolados...

Imagens para um bom noticiário,
para um furo de reportagem diante da concorrência!
E, em casa, frente à telinha, também nós, os espectadores,
aguardamos, com um misto de dó e ansiedade, as últimas da enchente!

São Paulo, 10 de outubro de 1992

Turbilhão

José Rodrigues morava na periferia de Santo André e trabalhava como segurança na região de Interlagos, São Paulo; todos os dias, no trajeto de casa à firma, enfrentava, ida e volta, ônibus, trem, Linhas Vermelha e Verde do Metrô e outro ônibus; eram quatro a cinco horas diárias de transporte; Zé Rodrigues deixava a família bem antes de o sol nascer e retornava horas depois de ele já posto.

Casado e separado, Zé vive hoje com Maria Dolores: tem dois filhos com a primeira mulher e dois com a atual; dos quatro, o pai só encontra o Toninho e a Cidinha nos finais de semana, isso quando não é chamado para fazer algum serviço extra. Nos sábados pela tarde e nos domingos, porém, Zé Rodrigues precisava descansar, só pensava em dormir, “tirar o atrasado” para recomeçar na segunda-feira; poucas energias lhe sobravam para a família, os filhos, o lazer, a religião. Além disso, o trabalho era tão pesado e o salário era tão reduzido quanto elásticas as horas de locomoção de um lado para outro.

Entre aluguel, luz, água, saúde, roupas e escola, o dinheiro sempre acabava antes do final do mês. Dolores ainda completava o orçamento com algum serviço para algumas famílias mais abastadas do bairro. O fato é que, no fim de semana, não havia grana nem tempo para nada.

Não era o sonho de Zé Rodrigues quando, alguns anos atrás, deixou Oeiras, no interior do Piauí, com destino a São Paulo; pensava, sim, em casar, ter filhos, criar família e viver sua em vida em paz; expectativa modesta de qualquer migrante que deixa a terra seca e árida pelas promessas de uma cidade onde há lugar para todos. Mas, as ondas do turbilhão urbano o atropelaram logo de chegada; trabalho e moradia eram coisas caras e difíceis, outros luxos, nem pensar!

No mesmo turbilhão, sentiu que foram também seus santos preferidos, suas novenas, missas, festas, procissões, quermesse...
Até os laços familiares foram se distanciando, se rompendo; de casa para o trabalho, do trabalho para casa, todo dia, a semana toda, Zé via se consumirem sua vida, suas energias e seus sonhos.
No peito lhe batia uma saudade doída e inexplicável, quando ouvia bater os sinos da Igreja: parece que tudo estava ali, não entendia mais o que eles queriam lhe dizer.
Não que não gostasse da cidade, desse monte de prédios, gente, movimento, mas carregava um vazio, um oco, dentro de si, e não sabia como preencher.

São Paulo, 16 de setembro de 1997

Domingo à tarde

Era domingo, começo da tarde,
os ônibus, na região de Grajaú, zona sul de São Paulo,
circulavam a espaços maiores uns dos outros,
por isso trafegando quase sempre lotados.
Entre os usuários apinhados, diferentemente dos outros dias,
predominavam as mulheres, crianças e idosos;
aproveitando o final do feriado e o tempo bom,
as pessoas se deslocavam para visitar seus familiares,
mas não havia assento para todos os que necessitavam.

Quando o ônibus parou no ponto,
dezenas de passageiros se preparavam para sair
e outros tantos pretendiam a todo custo entrar;
do lado de dentro e do lado de fora,
todos convergiam, aos empurrões, para a porta.
No confronto confuso entre os dois grupos,
levantou-se uma espécie de poeira audível,
feita de gritos, palavrões, choro de criança, risadas sarcásticas...

Súbito, em meio ao redemoinho de cabeças e braços,
reventou um grito agudo, cortando o ar sobre todas as vozes:
o motorista, nervosamente, acelerava para partir,
os gritos se multiplicavam e se intensificavam:
- “Para, motorista, para!”
- “Caiu uma criança debaixo do ônibus!”
Ângela, mãe da criança, agarrava-se à porta,
como se quisesse, com as próprias forças, deter o veículo;
tremia convulsivamente, sem conseguir gritar ou chorar.

Uma freada brusca, o motor desliga.
Os usuários tropeçam e se aglomeram uns sobre os outros;
desequilibrada, Ângela cai e rola também para debaixo do carro;
um tumulto de corpos se precipita ao encontro da criança e da mãe;
novos gritos se erguem do chão, como se viessem de um buraco sem
fundo:

- “A criança está pressionada pelo pneu!”
- “Tem que recuar um pouco o ônibus!”

Ao som do choro da mãe e das vozes descontraídas,
o motorista liga o motor, engata a ré e desloca ligeiramente o veículo.
Um visível alívio percorreu a multidão, dentro e fora do ônibus:
ao lado do pneu, Ângela se levanta com a filha nos braços;
a menina, com menos de um ano de idade,
trazia o rosto um pouco roxo e convulsionado,
mas respirava, embora com certa dificuldade.

São Paulo, 11 de janeiro de 2009

Pessoa especial I

Divino Soares era uma pessoa especial, o que antes se falava portador de deficiência física ou mental, e, antes ainda, de pessoa inválida ou deficiente.

Quando Divino nasceu, Inês entrou em desespero: que pecado teria cometido para receber esse castigo? Como dar conta de uma criança inválida para o resto da vida? Logo ela que já tinha outros quatro, ainda pequenos, e que, para cuidar, lhe davam uma trabalhadeira danada!

Aos poucos, Inês conseguiu acumular uma série de razões para aceitar, resignar-se e até reconciliar-se com a fatalidade; dobrou seus cuidados maternos, fez o possível e o impossível, e, de tão afeiçoada à criança e a seus esforços por ela, chegou, inclusive, a agradecer a Deus esse presente especial, e a apresentar aos vizinhos como uma dádiva do céu: foi quando o batizou e resolveu chamá-lo de Divino.

Mãe e filho fizeram uma espécie de convênio com um grande hospital: gratuitamente, a instituição acompanhava o estado do rapaz; gratuitamente, fornecia remédios que lhe diminuía o desconforto; gratuitamente, os médicos e enfermeiras disputavam-lhe a simpatia, deixando Inês numa situação mista, entre a euforia e a gratidão. Tanto ela como o menino chegavam a esperar com ansiedade o dia marcado para retornar ao hospital para novo diagnóstico: partia feliz, carregando ao colo “o seu bebê especial”, como lhe ensinaram a falar de maneira correta.

Mas, o tempo passa e Divino crescia como outra criança qualquer, a olhos vistos, ganhava mais peso que os de sua idade; se o hospital e seus profissionais o atendiam de graça, a mãe tinha que arcar com o ônus da viagem de ida e volta. A princípio, “o seu bebê” era especialmente leve, ela aceitava o fardo como uma espécie de sacrifício; com o tempo, ele deixou de ser o seu bebê, deixou de ser especial, e deixou até mesmo de ser divino, pelo trabalho de carregá-lo.

Com temor, via aproximar-se o dia da nova consulta: eram dois ônibus para chegar ao hospital e dois para voltar; por duas ou três vezes, chegou a experimentar um táxi, mas o orçamento da família não permitia esse luxo. Com os vizinhos, Inês já não sentia prazer em mostrar “seu menino”, cada vez mais o foi escondendo dos olhares estranhos e familiares. Não se via mais como mãe especial, mas uma mulher sobrecarregada, até que, aos 22 anos, Divino faleceu de uma série de complicações.

São Paulo, 03 de outubro de 2008

Pessoa especial II

Daniel nasceu no vilarejo de Maria Pequena, município de Fagundes, a dois dias de mula de Campina Grande-PB; naquela época, não teve acesso a qualquer tipo de vacina, vindo a contrair a poliomielite, paralisia infantil.

Com alguns metros quadrados de terra, entre as pedras, no alto da Serra da Borborema, isolado de tudo e de todos, seu pai conseguia um pouco de milho, feijão, batata, jerimum... E, assim, ia dando conta de sustentar a mulher e cinco filhos.

Havia anos de estiagem e a terra tornava-se estéril.

A vaca, as cabras, o jumento, as galinhas e os cachorros, eram os primeiros a sentir o rigor ardente do clima seco; depois, a fome se abatia, impiedosa, sobre a família.

Nesses anos magros, o pai deixava o Agreste paraibano e, com dezenas de outros minicamponeses vizinhos, partia para os galpões das usinas, no Brejo pernambucano. Por seis ou sete meses, no corte de cana, de manhã à noite, eram devorados pelo sol, pelo trabalho e pelo cansaço; regressavam com alguns pacotes de arroz, feijão e farinha, e com alguns trocados para garantir uma doença imprevista.

Mas, o pai de Daniel sentia sobre os ombros o peso dos anos, não podendo mais seguir com esse vaivém ao corte da cana; vendeu o que podia, reuniu a família, com uma soma irrisória em dinheiro, e partiu para o Rio de Janeiro, onde já tinha gente conhecida. Nem precisaria acrescentar que foram parar numa favela, no alto de um morro, em situação precária e de abandono; o pai fazia “bicos”, a mãe lavava roupa para algumas famílias, e os irmãos de Daniel, pelas ruas, tentavam juntar raras moedas; todos faziam o que podiam para dar-lhe algum conforto.

Com tempo para ler o que lhe passava pelas mãos, Daniel conhecia os programas de ajuda a pessoas especiais; pais e irmãos se desdobraram para conseguir entrar no programa:

adquiriram uma cadeira de rodas, mas cedo os obstáculos se multiplicaram:

os becos e escadarias do morro, as ruas e avenidas do asfalto, os ônibus e edifícios, as repartições públicas e privadas...

Tudo impedia que Daniel pudesse se locomover.

A expectativa só fez aumentar a frustração de permanecer preso a uma cadeira em que mal podia caminhar dois metros no barraco.

Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2008

Fome nua

A sordidez dos barracos assustava o coração e o espírito de Afonso. Palavrões de bêbados, canções de lavadeiras, berros de crianças, ladrar de cães eram coisas duras, tangíveis, que prensavam seu corpo contra uma realidade bruta, rude, animal.

Uma cadela esganiçou, revirou os olhos e morreu;
uma mulher saiu à porta, soltou um grito e desmaiou;
uma jovem olhou em volta, levantou a saia e gargalhou.

A criança veio vindo devagar, tímida e decidida,
com a fome a saltar pelos olhos enormes de sofrimento.

- “Moço, dá um dinheiro aí!”

- “Não tenho, minha filha!”

Tinha, é claro, mas o meter a mão no bolso, tirar a carteira e oferecer dinheiro era infinitamente mais doloroso do que deixar a criança de olhos arregalados para a dor.

Afonso percorria os estreitos becos e vielas cercados de barracos. Sentia-se comprimido por olhares famintos, por janelas e portas vorazes, por corpos nus, sujos e esqueléticos.

A fome outra vez se aproximou, tinha um rosto aflito, um andar agressivo, e sempre aqueles olhos dilatados, num misto de angústia e esperança.

- “Moço, dá um dinheiro aí!”

- “Não tenho, meu filho!”

E um cheiro forte a entrar pelo nariz, pelos poros, pela boca.

Cheiro de excrementos, de comida azeda, de cães coçando sarna, de corpos lambuzados de miséria e promiscuidade.

E o zumbido das moscas patinando esgotos, pousando em doces à venda, chupando feridas de cachorros e de crianças.

E o estômago aos embrulhos, em aberta revolta.

A adolescente de 14 anos deu à luz, sozinha, sobre uma enxerga encardida.

A polícia algemou e levou um pai que matara o amante de sua mulher.
A criança brincava no chão úmido de sujeira e comeu terra.
O cão montou na cadela e gozaram à frente de todos.
Afonso passava, olhava sem ver, corria.

Estava já a sair da favela quando a fome novamente o interpelou.
Vinha suplicante, medrosa, com dois olhos que pareciam devorar o mundo:

- “Moço, dá um dinheiro aí!”

Afonso não resistiu, fez o gesto maldito, meteu a mão no bolso e deu dinheiro.

Deu-o com uma vontade louca de desprezar dos olhos,
da cabeça e do corpo, aquele mundo-cão.

Atirou aquela nota como quem paga uma prostituta,
como quem apaga uma mancha que ficara grudada no corpo ou um pecado na alma,
como quem passa uma borracha em um minuto sombrio da vida,
como quem varre a casa e atira o lixo para debaixo do tapete.

A fome, vestida de criança, saiu pulando em direção a um bar.
Ali, encontrou a fome, vestida de adulto: tiveram um curto diálogo.
Depois, a fome, vestida de criança, deixou o bar.
Trazia, colada à boca, a droga que enganava todas as fomes.

São Paulo, 07 de maio de 1990

Criatura sem nome

Meu Deus! meu Deus!
Aquela criatura não me sai da cabeça.
Pequenina, frágil, magrinha, raquítica,
teria, quando muito, cinco a seis anos.
Pobrezinha – tão abandonada, tão só, tão triste!
Impossível saber se era menino ou menina.
Na verdade, dava a impressão de um bichinho do mato.
A imagem dela não me deixa um só momento.

Eram nove horas quando tocou a campainha.
Fui abrir e deparei com ela ali na porta.
Os cabelos formavam um emaranhado que dava dó.
Nos olhos – arregalados, grandes e sujos,
medo, fome e súplica disputavam lugar.
A mãozinha estendida e fraca
parecia prestes a quebrar-se com o vento.
Alguns farrapos imundos cobriam-lhe o corpinho.

Meu primeiro impulso foi pegá-la ao colo, abraçá-la,
beijar seu rosto, acariciar-lhe a cabecinha.
Mas, logo fui chamado à razão.
“Era uma desconhecida, podia ser ladrazinha,
nunca se sabe, é melhor não arriscar!”
Perturbado como estava, quase não ouvi sua voz:
“Moço, moço, me dá um real!”
Ah! O quê? Ainda se fosse um pão, comida...
mas, dinheiro?! Um real?! Essa não!

Tinha pressa em me ver livre dela
ou de algo estranho que crescia dentro de mim.
Sem mais demora, vasculhei o bolso,
tirei uma moeda e depusitei em sua mão.
A criatura fechou os dedos e deitou a correr, rua abaixo.
Nem ao menos fiquei sabendo seu nome, como viera parar ali,
onde se abrigava, o que iria fazer com o dinheiro... Nada!

Hora depois, numa esquina próxima,
junto a outros meninos e meninas de sua idade,
eu a vi com o nariz enfiado numa lata.

Curitiba, 07 de setembro de 1997

Mulher grávida

Quando Sandra tomou o ônibus,
não havia um único lugar vago;
grávida de oito meses, teve dificuldade em passar a catraca
e logo se deu conta de que ninguém se mexeria
para ceder-lhe um assento.

Apertada entre os passageiros, pesada,
disputava com os demais o espaço do corredor central,
agarrando-se na coluna de aço e deixando-se levar,
de acordo com os solavancos.

Nos usuários que ocupavam os bancos,
eram notórios o cansaço, a indiferença e a noite indormida;
não poucos cochilavam ou fingiam fazê-lo;
outros, mesmo de pé, batiam a cabeça de sono.

Após longos e turbulentos minutos,
outra mulher, entre jovem e adulta,
também ela grávida de cinco meses,
levantou-se para ceder o posto a Sandra.

Esta, com o incômodo de uma gravidez mais madura,
sentiu alívio instantâneo, agradeceu, mas recusou:

- “Não, você também está grávida, não posso tomar seu lugar!”

Já de pé, a outra insistiu, com ênfase:

- “Mas, sua gravidez está bem mais adiantada;
se não for por você, acomode-se pela criança.”

Ao que Sandra, com gratidão, ocupou o assento:
os olhos se lhe encheram de lágrimas não vertidas,
enquanto o rosto refletia uma mescla de alívio e carinho.

Nisso, três ou quatro jovens, rapazes e moças,
se puseram de pé, entre solidários e envergonhados,
para oferecer lugar à segunda grávida.

Mas, era evidente que também esses jovens precisavam descansar,
seja para completar sua noite de sono,
seja para poupar energias para o trabalho.

Os ocupantes do ônibus em bloco parecem sentir isso,
pois o silêncio, obstinado e cheio de interrogações,
é a única resposta ao que acaba de se passar.

São Paulo, 17 de outubro de 2008

Sala de estar

A peça era minúscula, como todas as demais. Encontrava-se, além do mais, abarrotada de móveis e objetos de toda sorte. Um sofá grande e velho, desproporcional ao tamanho do apartamento, ocupava metade do espaço. Por baixo do forro, adivinhavam-se rasgões do tecido original e molas sobressalentes.

Do outro lado, uma estante, em estado precário, suportava a custo um antigo televisor, um aparelho de som, uma Bíblia em edição vistosa e alguns volumes que, de tão manuseados e empoeirados, tornavam-se de difícil identificação. No canto oposto à porta de entrada, uma cortina suja e transparente escondia mal uma pilha de caixas de papelão, abarrotadas de brinquedos, roupas, eletrodomésticos em desuso e outros pertences.

Prensado entre a cortina e a estante, erguia-se um singelo altar onde era possível distinguir as estátuas de N. Sra. Aparecida, do Padim Ciço, de Santo Antonio e Santa Edwiges, do Sagrado Coração de Jesus com relógio, além de uma série de ícones de outros santos, nem sempre reconhecíveis. No centro, ardia uma lamparina num pequeno vaso de óleo, ao lado de um jarro com flores de plástico.

Na pequena sala, mal sobrava espaço para caminhar, ou até mesmo permanecer de pé. Tropeçava-se facilmente em chinelos, sapatos, um berço aparentemente fora de uso, além de um cachorro e um gato. Ambos, sonâmbulos, disputavam um pano amarrotado que tentava fazer as vezes de um tapete. Sobre eles, pendia a luz mortiça de um lustre convencional e enegrecido pelo pó de anos.

O que mais chamava a atenção, entretanto, era a decoração das paredes. Entre o distintivo do Corinthians, as imagens de Silvio Santos, de cantores conhecidos e de alguns jogadores de futebol, destacavam-se retratos antigos de familiares falecidos. Impressionavam a postura formal, o rosto sério e sisudo, o penteado irretocável... Mas, especialmente, o olhar fixo e observador sobre

os presentes, como que a supervisionar tudo o que ocorria no estreito compartimento. Também nas paredes, devido ao acúmulo de quadros, necessitava-se de uma atenção aguda para distinguir a última cor usada na pintura.

A mulher levantou-se e pôs-se e explicar:

- “Este é meu pai e minha mãe, no dia do casamento. Aqui é meu avô, quando assumiu o cargo de juiz de menores da cidade, lá no interior de Pernambuco. Depois, meus tios e tias, com seus esposos e esposas. Mais embaixo, os meus irmãos e irmãs, todos casados, graças a Deus. E esta sou eu, no dia da primeira comunhão...”

E seguia apontando os retratos, ao mesmo tempo que discorria sobre casamentos, batizados, festas da família, tempos de seca e de enchentes, a viagem para São Paulo, os filhos e netos que se perdiam na grande cidade...

A presença e o olhar severo, atento, dos antepassados pareciam impotentes para controlar os destinos da família na metrópole.

São Paulo, 15 de maio de 2012

O gol

- “Gooooooooooooooooooooo!”

Uma descarga elétrica sacudiu a massa humana.

Ébria, ela se ergueu de um pulo e pôs-se a gritar com força total.

Milhares de vozes, roucas e loucas, enchiam o ar.

A estrutura de concreto trepidava com o peso da multidão em delírio.

Braços e pernas buscavam espaço para o grito e o gesto,

atropelando-se e chocando-se uns com os outros.

Quando Chico se deu conta, já estava fora do estádio,
arrastado pela força da torcida, qual um rio em movimento.

Nada enxergava a não ser o próprio coração em festa
e se indispunha contra tropeços e xingos.

Cego e surdo, avançava em zigue-zague,
falando, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Aos poucos, as ruas foram se esvaziando,
o deserto e o silêncio tomaram conta da cidade.

Chico tinha que tomar o ônibus para chegar em casa,
mas não conseguia acertar o rumo dos próprios passos.

Pensou na casa cada vez mais vazia e triste,
pois vinha vendendo os móveis para sustentar a família;
pensou na Amélia, sempre cobrando o de-comer e o de-vestir;

pensou no Chiquinho e na Toninha, coitados,
com suas roupas puídas e seus cadernos rasgados!

O que fazer? Com sua idade, onde achar emprego?

Não! Hoje não era dia de tristeza!

Tinha de comemorar a vitória do Timão!

Entrou num bar e pediu uma cachaça!

São Paulo, 07 de fevereiro de 2006

O Negro Tião

- “O Negro Tião está se acabando aos poucos!”

Essa era a voz que corria na rua e no bairro onde Sebastião Martins dos Santos vivia há mais de sete décadas, de todos conhecido e querido;

o tempo vinha se acelerando sobre seus ombros encurvados: era como se envelhecesse aos meses, não aos anos; suas pernas enfraquecidas necessitavam agora de uma bengala e, ultimamente, tinha pouca ou nenhuma vontade de sair de casa.

Os vizinhos se deram conta de que o ritmo do tempo começara a mudar na vida de Bastião quando os filhos e filhas, um a um, foram casando e se ausentando de seu convívio familiar; ficou só com Ronaldo, o caçula, e a esposa Josefa; mas esta, cada vez mais decrépita e senil, havia falecido há mais de dez anos; foi quando as relações e os problemas, para dentro das portas, começaram a se agravar entre pai e filho.

Ronaldo não só “tinha dificuldade de arrumar emprego”, como ele dizia, mas ainda por cima deu para passar dias e noites seguidas fora de casa; andava metido com um grupo de companheiros suspeitos, e, mais suspeita ainda, era sua mudança de comportamento. Não tardou para que todos comentassem abertamente seu envolvimento com álcool, drogas e coisas piores.

Mas, o que mais amargurava a alma do velho Sebastião, e isso ele procurava esconder de todos como segredo de família, era ver a própria casa se esvaziando de tudo aquilo que ele adquirira com tanto suor, ao longo de tantos anos de trabalho; pouco a pouco, as prateleiras, as gavetas, os armários, as paredes, a sala e os quartos iam ficando desnudos, o que enchia de tristeza o olhar e o rosto batido do Tião. Tudo vinha se convertendo em drogas: sangrava, sem consolo, o coração do velho pai,

impotente diante do caminho de perdição que seguia o filho;
por fim, este conseguiu inclusive tomar conta da aposentadoria do velho,
que mal dava para comprar os remédios e a comida.

Até que uma notícia caiu como bomba sobre a existência de Bastião:
Ronaldo fora detido por roubo seguido de morte;
homem trabalhador e honrado, amigo de todos,
Sebastião não sabia o que lhe custava mais:
se ir para um asilo ou visitar o filho na cadeia.
Nessa dúvida, as lágrimas corriam-lhe pelas faces negras e
desfiguradas.

São Paulo, 15 de janeiro de 2010

Solidão

A tarde caía, lentamente, preguiçosamente;
com igual preguiça e lentidão,
os últimos raios do sol arrastavam-se pela praça,
levando atrás de si aquele fatídico domingo,
longo e triste como um dia de espera.

Em frente à Catedral, Marcel bem sabia o que era esperar:
levava meses a esperar um trabalho, um emprego;
e pensava, pensava em Simone, agora mais, muito mais
do que, quando se encontrava a alguns metros de sua casa;
a bela Simone, do sorriso largo e dos olhos doces,
que um dia, mesmo de longe, lhe acenara.

Não podia enganar-se, gostava dela;
descobrira no último minuto, na hora da despedida;
o coração se lhe enchera de lágrimas,
mas não pudera vertê-las, o que o teria aliviado;
só e em silêncio, teve de tragá-las como um remédio amargo,
um vazio sem nome na alma turva e em tumulto.

Hoje, tão distante de Port-au-Prince,
nesta São Paulo de asfalto e cimento,
sentia-se uma árvore com as raízes ao sol;
os membros perdiam o vigor e a coragem:
folhas murchas e ramos secos, separados do tronco.

Há pouco havia telefonado para casa:
falara com pai, mãe, Josefina, Pierre, o vô Antoine...
Mas um oco estranho não deixava de roer-lhe o peito;
nada e ninguém preenchia esse buraco sem fundo,
como se tudo e todos fossem talhados em pedra bruta.

Somente o pensamento em Simone o acalentava;
mas, como ligar para ela, com que pretexto?

Se ao menos pudesse meter as mãos em algum serviço,
qualquer coisa, algo concreto, que lhe desse uma trégua
e fizesse calar, no corpo e na mente,
o olhar, o sorriso e a voz dela!

Os sinos da torre repicaram a Ave-Maria,
a noite caíra como um véu sobre a cidade,
e Marcel seguia esperando...
e pensando!

São Paulo, 12 de abril de 2015

O “presunto”

Crescia a aglomeração de pessoas ao redor do monte de jornais. Os curiosos detinham-se por alguns segundos, trocavam gestos tímidos com dois ou três vizinhos e, meneando a cabeça, continuavam seu rumo. As palavras eram parcimoniosas, monossilábicas, telegráficas: “Coitado!”, “Quem será?”, “Bem feito!”, “Achou o que procurava”, “Só podia terminar assim”, “Parece tão moço!” Tudo o que se via, além dos jornais amontoados, era um filete de sangue e um par de chinelos em um par de pés sujos.

A polícia, aos gritos e ameaças, foi logo abrindo espaço. Três soldados se dispuseram a tomar conta do “presunto”, enquanto os peritos do IML deveriam fazer o laudo técnico. Quando o corpo foi descoberto, houve quem voltasse a cabeça, mas houve também quem concentrasse ainda mais a atenção. Expressões como “negro”, “mendigo”, “menino”, “safado”, correm céleres e sussurrantes de boca em ouvido, enquanto os técnicos e os policiais vão virando e revirando o cadáver.

Ninguém parece preocupado com a história do desconhecido: nome, sobrenome, família, endereço, documentos – nada! Sente-se apenas uma alegria muda e surda, oculta e sádica, um sentimento inconfessável que percorre a espinha dorsal: cada um tinha uma novidade a ser levada para casa, uma notícia a ser compartilhada com parentes e amigos.

Encerrou-se o trabalho técnico, o corpo foi retirado num caixão de zinco, os policiais e transeuntes foram se dispersando pouco a pouco. Sobraram alguns comentários soltos, uma mancha rubro-escura no asfalto, e, quem sabe, algumas linhas no rodapé de um jornal no dia seguinte.

O trânsito é imediatamente liberado, carros e pessoas retomam seu curso. O ritmo alucinado da cidade não pode parar!

São Paulo, 19 de agosto de 2009

Neguinho

Que se soubesse, Neguinho não tinha nome,
a não ser esse com que comerciantes e camelôs o chamavam;
ninguém sabia ao certo como chegara até ali,
mas, com o passar do tempo, todos se acostumaram
a tê-lo como “morador” da Rua Direita, São Paulo.
Negra a pele, oblíquo o olhar, fugidio o caminhar.

Embora o saudassem com um “Ô, Neguinho!”,
todos mantinham dele uma distância segura;
sabia-se que, sob os farrapos, ocultava uma faca,
que realizava furtos relâmpagos de joias, bolsas, relógios,
e que obedecia a ordens severas de figuras ocultas,
sombrias jamais vistas nem conhecidas;
também era certo que recebia como salário
alguns míseros reais e pequenas pedras de craque.

Mesmo assim, a rua inteira, salvo as exceções de sempre,
tinha por ele um vago sentimento de paternidade ou maternidade:
era de constituição franzina e indefesa como um menino,
mas adulto como um velho conhecedor de vícios e perigos;
em seu olhar, sempre fugaz e desconfiado,
a fome parecia acumular séculos de privações
e a amargura era mais funda e indecifrável;
riso e pranto, alegria e tristeza, raiva e euforia,
se lhe alternavam como companheiros do dia a dia.

Certa tarde, atacou uma senhora bem vestida e descuidada,
puxando e roubando uma corrente do pescoço, mas
não teve tempo de entregá-la ao sombra oculto;
a turba, aos gritos e palavrões, o cercou e o atirou ao chão,
e o teria linchado, se os “vizinhos” não se interpusessem.
Rapidamente, as sirenes abriram espaço no calçadão;
não havia o que discutir, as testemunhas estavam ali.

Neguinho foi arrastado aos tapas e pontapés,
jogado, aos tropeços, para dentro da viatura;
uma lágrima, uma só, grossa, suja e quente,
rolava silenciosa pela face escura do Neguinho.
Apesar de tudo, não poucos comerciantes e camelôs
sentiram como se um filho lhes tivesse sendo levado,
engolindo um alívio mesclado de dó e impotência.

São Paulo, 10 de setembro de 1989

O homem de farda

Quando subiu ao ônibus, um punhado de olhares, disfarçadamente, se concentrou sobre ele. “Um PM (policial militar)!” - gritavam, em silêncio, os vários disfarces. De estatura mediana, corpulento, o soldado trazia todos os equipamentos de seu ofício: revólver, cassetete, um par de algemas, boné e botas militares. Postou-se junto à porta, plantado no chão com a firmeza de uma árvore, com as pernas semi-abertas, o olhar vago fixando o nada.

Mas, o novo passageiro trazia algo mais na sua atitude, algo oculto e imperceptível. Lia-se em seu rosto um misto de arrogância e temor. Representando a lei e a disciplina, parecia carregar um fardo maior que suas forças, o que o tornava paradoxalmente frágil. Ao mesmo tempo, porém, a farda o elevava a um grau acima dos mortais que retornavam do trabalho, conferindo-lhe uma força aparente.

De repente, um som agudo cortou o ar, superou o ronco do motor e rompeu o mutismo. Feito faca afiada, rasgou o pensamento de todos. As cabeças se voltaram, curiosas, para o lugar onde se localizava a catraca. Uma mulher exibia uma bolsa, com um corte no fundo, gritando que fora roubada.

“O dinheiro e meus documentos, levaram tudo!”

Entrou em cena o PM. Movia-se lenta e pesadamente. As pernas, tal como raízes, com esforço abriam espaço no corredor apinhado. Tinha o olhar turvo e atento, o corpo enrijecido pela farda, o revólver na mão.

“Ninguém se mexa, todos com as mãos na cabeça!”

Caminhou firme e fixo em direção a um rapaz, entre os 15 e 18 anos. Enfiou-lhe a mão no bolso traseiro e retirou uma carteira de mulher. De imediato, levantou-se um murmúrio que, em alguns segundos, virou rumor. Boa parte dos passageiros fazia esforços inauditos para chegar até o ladrão. Eram grandes o tumulto e a gritaria.

“Bandido, safado, vamos dar um jeito nele!”

Foi aí que o PM mostrou seu sangue-frio e sua habilidade. Sempre como uma árvore, plantou-se entre o rapaz e o grupo mais enfurecido. O ônibus já havia parado. De fora, sabia-se o que estava ocorrendo. Outros policiais chegavam com o som e a luz de sirenes e pisca-piscas. O carro seguiu para a delegacia, a mulher recebeu de volta seus pertences e o rapaz teve sua integridade física respeitada.

“Afinal de contas, esse policial é um trabalhador da segurança pública!”
“É verdade, por trás da farda existe um ser humano que precisa viver e alimentar a sua família!”

Olhos cegos e ouvidos surdos

Seis horas da manhã na estação do Metrô. Apertado entre os passageiros, o rapaz entrou no trem, sentou, ajustou o boné, ligou o som, colocou os fones de ouvido, fixou os olhos num ponto inexistente... E assim permaneceu, como que paralisado. Ao seu redor, pessoas entravam e saíam, outras conversavam, reclamavam ou falam ao celular, mas ele parecia distante de tudo e de todos.

Impossível qualquer tipo de diálogo entre aquele olhar turvo e torvo, de um lado, e a agitação febril dos passageiros na disputa por lugares e por espaço, de outro. Dois mundos colados e entrelaçados, mas incomunicáveis. Em meio aos empurrões, à falta de tempo, ao atraso e à pressa generalizada, aquele rosto vago e ausente, com os ouvidos sobre si mesmo, nada via e nada ouvia. Nada era capaz de movê-lo, tal a sua visível insensibilidade.

Um verdadeiro átomo dentro do vagão lotado. Um átomo cujos desejos e sentimentos, paixões e interesses giravam em torno do próprio núcleo. Um átomo entre outros, cada um fazendo e refazendo a sua órbita, hermeticamente cerrada às demais. Órbitas que se cruzavam e recruzavam, mas não se davam conta, como se avançassem em linhas paralelas. Átomos órfãos e perdidos na multidão solitária, rolando sobre os trilhos rumo a destinos incógnitos e igualmente paralelos.

A cidade acordava e se punha em marcha. Milhões de pés convergiam sobre os pontos de ônibus e as estações de trem ou metrô. Corpos impregnados de sono moviam-se no embalo do transporte... Pouquíssimos “bom dia!”, pouquíssimos “olá!”, raríssimos “bom trabalho!”, pouquíssimos “como vai?”, quase nenhum sorriso. Prevalencia o som surdo dos calçados sobre o solo, cotoveladas silenciosas, toques e tons diversos de telefone, caras fechadas, agressivas, algumas raivosas.

Os igarapés de gente iam formando rios que deslizavam para o mar da metrópole. Esperavam-nos o escritório, a loja, o caixa, a máquina, o computador, o balcão, o volante, o serviço de limpeza ou de mesa, a fila do hospital, da padaria, do açougue... Enfim, os mais diferentes trabalhos. Uma cidade em movimento para ganhar o pão, lutando para sobreviver.

Mas, a solidão continuava a única companheira de não poucos. Sociedade atomizada, onde cada um segue debruçado sobre o próprio umbigo. E todos, sem exceção, em busca de um olhar límpido, de um ouvido atento, de uma palavra de reconhecimento, de um sorriso aberto, de um toque amigo, de uma visita gratuita, de uma mão estendida, de um gesto solidário... Coisas que custam tão pouco e fazem tanto bem!

Bom dia

- “Bom dia!” – disse a mulher, ao cruzar comigo.

O susto rompeu o fluxo de meus pensamentos. Era tal a surpresa que nem tive o reflexo suficiente para retribuir o cumprimento. Era a primeira vez, nesta gigantesca metrópole, que uma pessoa absolutamente desconhecida, e ainda por cima mulher, me dirigia um “bom dia!”, em plena calçada de uma das ruas mais movimentadas.

No primeiro segundo, tentei reconhecer o rosto, a voz, o andar; puxei e repuxei pela memória; procurei por um nome ou circunstância que se adaptassem àquela estranha... Nada! Um segundo depois, voltei o olhar atrás, esperando ver sinais de loucura ou de algum distúrbio mental no seu jeito de caminhar; perscrutei se mais alguém a mirava com estranheza; dominava-me uma imperiosa necessidade de constatar que ela tinha algo de anormal... Nada!

Tudo indicava que se tratava mesmo de uma transeunte comum que, como eu, cortava as ondas daquela multidão buliçosa e apressada. Uma pedestre entre milhares, em meio aos carros, buzinaços, ruídos, imagens e sons. Na minha função de sacerdote, ainda argumentei que talvez se tratasse de alguém que me conheceria de alguma comunidade, embora eu não tivesse a mínima ideia de quem ela fosse. Mas também essa explicação não se encaixava no inédito da ocasião.

Antes, parecia um gesto gratuito no burburinho de uma cidade que não admitia gratuidades. E era justamente isso que me surpreendia e quase me escandalizava. Estava tão acostumado ao anonimato e à solidão, nesse oceano buliçoso de pessoas estranhas, que aquele “bom dia!” tornava-se uma nota fora do lugar. Sentia-me como que invadido na minha intimidade solitária. Afinal de contas, a multidão não era o melhor lugar para esconder-se de si mesmo e dos outros? Por que vinha “aquela maluca” perturbar meu esconderijo secreto?

Segui meu caminho, torcendo intimamente para não cruzar com outro cumprimento. Não me sentia disposto a romper minha fortaleza pessoal, expondo-me à presença de qualquer outra pessoa. Até das pessoas conhecidas procuramos esconder-nos no meio da multidão anônima. Quanto mais dos estranhos!

Regressei a casa com um gosto amargo na alma. Por um lado, era obrigado a reconhecer que fora alvo de um gesto gratuito; por outro, que esse gesto não partira de mim, padre e mensageiro da Boa Nova do Evangelho. Tinha de admitir também que aquele “bom dia!”, de certa forma, estragara minha caminhada. No fundo, tinha de admitir que, nesta imensa selva de pedra, de carros e de concreto, eu estava me tornando cego, surdo e insensível aos gestos minimamente humanos. Isso era o que me incomodava, no mais íntimo de minhas entranhas.

De mau humor, cruzei a porta de casa e refugiei-me no meu quarto, já que nem a multidão parecia mais proteger-me de encontros inoportunos e de ver-me obrigado a abrir novas relações.

São Paulo, 25 de abril de 2010

Ciganos

Quando se armaram as tendas, os vizinhos se alvoroçaram:
as mães chamaram as crianças para dentro e cerraram as portas,
os comerciantes redobram a atenção,
as moças faziam desvios para evitar a praça;
à noite, algumas fogueiras se acenderam ao lado das tendas,
ouviam-se um zum-zum de vozes estranhas, risadas e gritos,
e o latido de cães desconhecidos no pedaço.

Logo a notícia de que os ciganos haviam acampado na praça
correu rapidamente as ruas e casas de toda a cidade;
coincidência ou não, mais veloz ainda correu a notícia
de que alguns furtos começaram a se multiplicar.
Sobre os órgãos públicos, choveram telefonemas amedrontados,
o clube das mulheres católicas, renomadas pelo dinheiro e pela
origem, se mobilizou para despejar os intrusos da praça.

As tensões se elevavam de grau em grau
e já se temiam distúrbios e conflitos abertos;
o prefeito viu-se obrigado a pedir reforço policial
e o local passou a ser vigiado 24 horas por dia;
até a Igreja, que dominava, soberana, a praça,
passou a ser aberta com mais cuidado e menos frequência.
Os recém-chegados estavam praticamente encurralados, sitiados,
tanto pelos olhares particulares quanto pela segurança pública.

Do lado dos ciganos, embora acostumados a serem mal recebidos,
surpreendeu-os o medo excessivo dos moradores da cidade;
entre eles, riam-se daquela vida sedentária, ao mesmo tempo
com tanta riqueza, tantos sistemas de segurança e tanto medo:
acumulavam bens para viverem em gaiolas de concreto!
Isso os fez amar ainda mais sua liberdade como sua única religião;
como pássaros donos do espaço e do tempo,
iam e vinham sem prender-se em fortalezas tão frágeis.

Para eles, o teto era o céu ou as estrelas;
a casa, uma tenda facilmente mutável e desmontável;
a família, o grupo reunido em volta da fogueira.
Não conheciam o medo e não foi por ele que,
em algumas semanas, levantaram as tendas e desapareceram,
silenciosos e ignorados, como haviam chegado!

João Pessoa, 5 de abril de 1995

A ex-freira

Na porta do presídio, Rosana esperava para ver seu filho; Gabriel tinha 25 anos e estava detido por tráfico e uso de drogas, também pesava sobre ele a acusação de assalto à mão armada. Há três anos, um domingo sim e outro não, Rosana enfrentava a viagem para encontrar-se com ele; na fila, à sua frente e atrás, outras mães e esposas iam desfiando suas histórias, molhadas de muitas lágrimas; eram rostos bem mais velhos que a idade, onde o sofrimento ia cavando fundas e duras rugas.

Em verdade, Rosana não era mãe biológica de Gabriel; de família tradicionalmente católica e praticante, cedo ela havia entrado para o convento de uma Congregação franciscana: passou com certa facilidade por todas as etapas formativas, tornando-se religiosa consagrada com menos de vinte anos. Irmã jovem e cheia de entusiasmo, partiu com asas nos pés para uma missão na periferia da grande metrópole de Belo Horizonte. Foi ali que, num barraco abandonado, encontrou Gabriel, então com dez anos de idade, fraco e subnutrido; filho de um casal solteiro e separado, vivia com o pai, um alcoólatra incorrigível, que o deixava solto pelas ruas.

Imediatamente, Rosana criou laços maternais com a criança, especialmente ao descobrir que ela já estava envolvida em drogas; semelhante ligação entrou em conflito com as regras da vida religiosa, e Rosana, primeiro por vontade própria, e depois por imposição superior, viu-se obrigada a abandonar a Congregação.

O sentimento de Rosana para com Gabriel levaram-na a envolver-se também com o pai da criança e ambos acabaram por unir-se em legítimo casamento. O marido continuava bebendo, porém, anos mais tarde, exames médicos revelaram algo pior: estava com um câncer na garganta.

Com todas as forças, Rosana desdobrava-se para atender o pai e o filho, particularmente quando o último foi detido pela polícia e levado para a prisão por roubo e tráfico de drogas. Montou uma oficina de costura e, a duras penas, dava conta de levar adiante a carga que lhe pesava sobre os ombros.

Quando o marido faleceu, passou a viver para Gabriel, marcando presença regular no presídio onde ele fora colocado. A porta da cadeia rangeu em suas pesadas articulações, a fila começou a se mexer em direção à entrada e Rosana preparou-se para encontrar-se com o filho!

São Paulo, 15 de setembro de 2009

O curto-circuito

O trem saiu de Rio Grande da Serra em direção à Estação da Luz, centro de São Paulo. No trajeto, ia esvaziando as plataformas de Ribeirão Pires, Guaiatuba, Mauá, como um imenso dragão faminto que jamais se cansasse de devorar seres vivos.

Em Santo André, o número de passageiros crescia à medida que a composição se atrasava. Quando esta enfim chegou, a multidão se moveu em ondas, tentando acertar a porta mais próxima. Em segundos, os vagões foram invadidos. Uns empurrando os outros, os usuários disputavam não os bancos, que já estavam tomados, mas cada centímetro quadrado do piso. Com dificuldade, o trem fechou as portas e pôs-se em marcha.

Passada a Estação de São Caetano, ouviu-se um grito, num dos vagões mais lotados e mais agitados:

- “Vá se esfregar na sua mulher!”

O grito foi seguido dos mais variados comentários:

- “Isso aqui é que nem sardinha em lata, todo mundo empurra todo mundo!”

- “Olha, madame, se não quer que ninguém lhe toque, tome um táxi!”

- “Isso mesmo, entrou na chuva, é pra se molhar!”

As vozes cresciam de tom e de grosseria, corriam de boca em boca. Em alguns pontos, vinham acompanhadas de risos reprimidos, em outros, explodiam em gargalhadas. Elevava-se um clima de chacota, velada aqui, escancarada acolá. Foi quando outro grito cortou o ar:

- “Quero ver o macho que chega perto dela!”

Sobre todos caiu um silêncio pesado. Do chão, erguia-se um rumor de calçados, tentando reacomodar-se. O ruído rítmico das rodas sobre os trilhos parecia mais forte e vivo do que nunca. Logo, porém, cochichos isolados puseram-se a romper o mutismo. Risos abafados, como água represada, rasgavam a massa compacta de corpos.

- “Isto não é avião nem carro particular. É trem de subúrbio. Pegou, tem que dançar conforme a música.”

Aplausos e vaias cruzavam o ar denso do calor de tantos corpos. As opiniões se dividiam, se agrediam e se chocavam no ar. Abrira-se a válvula da panela de pressão e o vapor chiava forte em palavras

recheadas de pimenta e sal. Os mais ousados arriscavam gestos obscenos.

Na Estação do Ipiranga, o vagão foi tomado por vendedores ambulantes: ofereciam canetas, amendoim, chocolate, barbeador, bonecas, tesouras... Tudo a dois reais. “Aceita passe e vale-transporte!”.

No Brás, novamente aos gritos e empurrões, o dragão vomitou a maior parte dos passageiros. Enquanto estes se dirigiam ao Metrô, a composição seguiu viagem para a estação final.

São Paulo, 04 de abril de 2010

O cobrador

No silêncio da madrugada, ouvia-se apenas o som metálico da catraca; sonolentos, os passageiros se perfilavam desde a porta: passavam o cartão eletrônico ou pagavam com dinheiro vivo; por trás, igualmente sonolento, ocultava-se o cobrador: desconhecido, sem nome e sem voz, por todos ignorado. Lento e pesado, o ônibus seguia em direção ao centro da cidade.

João Paulo levantara, como sempre, às três da manhã, tinha de chegar a tempo de pegar o primeiro horário; o sono pesava-lhe a cabeça, cerrava-lhe as pálpebras. Havia estudado, completara o segundo grau, mas o bolso não lhe permitia entrar na faculdade; cansado de tanto procurar e não encontrar trabalho, acabara topando o emprego de cobrador daquela empresa.

Seguia morando com a mãe e o avô acamado, mas era casado, tinha mulher e três filhos menores: precisava levar pão para sete bocas, vestir sete pessoas; precisava pagar aluguel, água, luz, impostos... O salário era cobertor curto para tantos corpos; isso sem falar do medo contínuo de assaltos, do nervosismo à flor da pele dos usuários e do trânsito barulhento e infernal.

- “Acorda cobrador, cadê meu troco?”

Atônito e envergonhado, João Paulo desperta; faz a cobrança, desfilam mais alguns passageiros, e ele volta a bater a cabeça, pesada de noites indormidas; o público da lotação se divide nos comentários, uns na defesa, outros no ataque ao pobre cobrador.

Entre moedas, pingos de sono e frases soltas, João Paulo não via a hora de chegar ao ponto final, não via a hora de engolir um cafezinho e comer algo,

não via a hora de chegar ao fim da jornada,
não via a hora de chegar em sua casa,
não via a hora de se atirar sobre a cama.

São Paulo, 18 de maio de 1999

Águas que matam

Com o peso e a cor de chumbo, a escuridão desceu como um véu sobre a cidade:

apreensivas, as pessoas puseram-se instintivamente a acelerar o passo, os camelôs preparavam-se para recolher suas bugigangas; as nuvens adensavam-se cada vez mais sobre os edifícios e todos procuravam um lugar para abrigar-se.

Riscos de fogo cruzavam o céu em zigue-zague, seguidos de estrondos que faziam estremecer o chão, primeiro, surdos e longínquos, depois, próximos e metálicos. Dominava o ar uma atmosfera úmida e carregada de eletricidade, movida por ventos fortes e contrários.

As primeiras gotas, grossas e esparsas, levantavam do solo um pó negro, há dias acumulado; os guarda-chuvas se abriam, intensificava-se a correria. Os próprios automóveis, impacientes e fogosos, comportavam-se como potros, prisioneiros do tráfego. Como ondas que se sobrepõem umas às outras, vieram as rajadas, carregando pelos ares lixo, papelão, sombrinhas, toldos e muita poeira.

Por vinte minutos, o temporal desabou, furioso, sobre os prédios, as ruas, as praças e as pessoas em fuga; sob a chuva, muitas acabavam de deixar o trabalho e procuravam, a todo custo, alcançar o ônibus, táxi ou metrô. Não poucas temiam por suas casas ou barracos, pendurados nos morros ou enfileirados ao longo dos rios; já corriam pelos meios de comunicação, e de boca em boca, notícias sobre pontos de alagamento e quilômetros de trânsito lento. Uma espécie de corrente elétrica contaminava a todos, fobia das constantes catástrofes que vinham se sucedendo.

No interior do ônibus que seguia para o Parque Santa Madalena, soou o celular de José Rodrigues da Silva; o toque musical que, em geral, o deixava eufórico,

desta vez vinha carregado de pressentimentos inconfessados.
Do outro lado da linha, com voz penalizada,
alguém o informava que sua casa corria perigo de deslizamento,
mas que as crianças já haviam sido retiradas e estavam a salvo...

E o Zé ali, detido no congestionamento,
ansioso pela mais dolorosa impotência!

São Paulo, 7 de novembro de 2009

Hermanos

Desde as primeiras horas da manhã, antes mesmo do alvorecer, a fila estendia-se pelo pátio da Igreja e tomava parte da rua. Resignados e pacientes, dezenas de bolivianos ali aguardavam a abertura do expediente de atendimento aos imigrantes hispano-americanos, localizado nas dependências do complexo da Igreja N. Sra. da Paz, à Rua do Glicério, 225, bairro Liberdade, São Paulo.

Nos rostos, um silêncio obstinado, quase de pedra, como a cidade, na maioria jovens, homens e mulheres, de traços marcadamente indígenas.

Embora descobertos em plena rua, no cotidiano viviam escondidos e invisíveis, habitando em geral os porões mais sórdidos e insalubres da metrópole.

Igualmente insalubres e ocultos eram seus lugares de trabalho, quase sempre oficinas de costura de uma suspeita indústria têxtil.

Se os rostos permaneciam impenetráveis, uma luz brilhava-lhes no olhar, e uma esperança latia em seus corações fazendo-os expor-se à luz do dia: corria entre as comunidades latinas a notícia de uma nova lei de anistia, que podia fazê-los passar da clandestinidade a uma situação regular. Por isso, à medida que a manhã avançava, crescia o tamanho da fila, e diferenciavam-se os rostos de “nuestros hermanos vecinos”, misturados agora com peruanos, equatorianos, entre outros.

Abertas as salas de atendimento, a fila se precipitou para a porta. Aos primeiros casos, as esperanças misturavam-se com desilusões: a burocracia, o preço dos documentos, a morosidade dos trâmites, eram apenas alguns dos entraves à conquista de uma real cidadania. Lá em cima, os governantes se encontram, celebram acordos entre países, assinam papéis e posam para as câmeras e holofotes; cá em baixo, a coisa é bem diferente, os papéis são caros e raros,

e, pior ainda, as idas e vindas para consegui-los.
Mas, no dia seguinte, a fila estendia-se novamente desde o amanhecer!

São Paulo, 03 de agosto de 2009

O fantasma

As crianças fugiam dele, os adultos o evitavam e as mulheres viravam-lhe o rosto. Perdia peso a olhos vistos, consumindo-se dia a dia. Restava um saco de ossos mal equilibrados, revestido de uma pele cada vez mais amarelenta. A alta estatura, com enormes pernas e braços, ainda o tornava mais esquelético. De ano para ano, passou a encurvar-se acentuadamente.

Poucos sabiam de onde teria surgido. Aliás, pouco se sabia de sua história. Há cerca de cinco anos, perambulava por ali, no centro de Santo André, exibindo sua carcaça doentia e envelhecida. Vivia da caridade e dos insultos alheios. Não o suportavam por muito tempo num lugar só. Policiais, comerciantes, camelôs e até os próprios moradores de rua o punham para correr. Reaparecia de tempos em tempos, visivelmente mais magro, mais alto e mais desengonçado.

Não se sabe ao certo por que, deram para chamá-lo de Cido. Talvez por ter aparecido assim, como que do nada. Depois, quase sem corpo que se pudesse definir como tal, virou o Sombra. Com o passar dos meses, várias pessoas juravam tê-lo visto vagando pelas noites escuras, só e silencioso, como os gatos. Passou a ser o Fantasma.

Comia pouco e raramente. Falava menos ainda. Pouquíssimas pessoas podiam orgulhar-se de ter ouvido dele uma frase completa. Comunicava-se por monossílabos, olhares e gestos. Estes, dado o tamanho de suas mãos, pareciam abarcar o mundo inteiro. Impossível imaginar onde dormia e menos ainda onde morava.

Mas, o Fantasma tinha nome, endereço e família. José Mendonça de Barros era casado, tivera três filhos e já lhe nascera um neto. Nada disso, porém, lhe dizia respeito. Vez por outra passava em casa, surdo e mudo como uma pedra. Devorava o que lhe davam, mirava a todos com olhos estranhos, opacos, e partia sem rumo. Nem ele parecia dar-se conta da família, nem esta saberia informar de seu paradeiro.

A vida errante de José Mendonça datava da morte de sua filha caçula, a Isabela, ou Belinha. Falecera em seus braços, aos dez anos, leve e depenada de carnes como um frango. Não foi fácil arrancar o pequeno cadáver das mãos do pai. Ele olhava fixo para a menina, sua predileta, como se fosse questão de tempo para ela voltar a sorrir.

Depois, caíra na rua. A princípio, a família ainda procurou localizá-lo, reconduzi-lo a casa. Tudo em vão, ele sempre escapava e tornava-se cada vez mais custoso encontrá-lo. Não trabalhava, não bebia, parecia não carregar um tostão no bolso. Mas, quem o surpreendesse sentado na calçada, só e perdido no meio da noite, poderia ouvir soluços profundos e inconsoláveis, como que vindos do além, que lhe sacudiam o peito e os ombros sem carne.

- “Belinha, minha filha, por que não voltas?” – dizia, em seu pranto desconsolado e sem remédio.

São Paulo, 29 de maio de 2010

A janela

No meio da noite, a insônia me levou à janela.
Um cão ao longe e uma sirene quebravam o silêncio.
Raros e tardios automóveis cruzavam o viaduto.
No ar, vibrava a respiração surda da metrópole,
este imenso organismo vivo e inquieto
que nunca dorme nem descansa.
Baixei a vista e topei com uma fila de cobertores,
cheios de nódoas, manchas e de buracos,
estendidos no chão ao longo do muro de concreto.
Sob eles, agitavam-se algumas silhuetas humanas,
onde era fácil adivinhar corpos de crianças.

Quando já me preparava para dar meia volta,
regressar à cama e tentar reconciliar o sono,
levantou-se uma das silhuetas, a que parecia maior,
permanecendo por alguns segundos sentada.
Menina de uns dez anos, cabelos em desalinho,
olhava atentamente para os “invólucros” em volta.

De pé, e um pouco desajeitada pelo sono,
percorreu uma a uma a “cama” das outras crianças.
Com uma ternura inesperada e inefável,
ao mesmo tempo feminina e materna,
pôs-se a cobrir os pezinhos nus de cada uma.

Como dormir com esse barulho no coração e na cabeça?

São Paulo, 28 de janeiro de 2006

O motorista

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Tá surdo? Olha a buzina!”

Sebastião abre os olhos, um ponto verde dança à sua frente;
carros voam pelos lados, um guarda gesticula impaciente;
ele engata a primeira e arranca, barulhento.

“Firme, Bastião! É só umas horinhas a mais, dia dez está logo aí;
só o salarinho de sempre não adianta, tem que engordar o bicho.”

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Cuidado, uma freada!”

Sebastião levanta a cabeça, está no meio da pista em zigue-zague;
toma rápido a direita, quase se choca com um caminhão,
dá uma olhada no retrovisor, como a pedir desculpa;
apinhado, o ônibus prossegue a rota.

“É, pessoal, vocês estão voltando do serviço, vocês têm sorte;
mas meus filhos não vão sofrer que nem eu;
é por causa deles que ainda estou nesta joça.”

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Não ouviu que puxei a campainha?”

Sebastião se endireita no banco, o ponto está logo ali;
calca o pé no freio e vai encostando devagar.

Passageiro sai, passageira entra, criança chora, mãe resmunga,
cobrador discute, turma de estudantes põe-se a rir.

“Tá vendo, Amélia? Você ainda diz que eu não tenho vontade de
melhorar:

acha que eu não gostava de sentar um bocado juntinho com vocês?
Pensa que eu fico por aí, atrás de outras mulheres, não é isso, não!
Fico é o dia inteiro grudado neste bagulho, quente como diabo!”

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Barbeiro, sai da frente!”

Sebastião olha o retrovisor: um taxista dirige-lhe gestos obscenos;
o ônibus está quase parado, esqueceram-se de acelerar;

faz rápido a manobra e toca sem demora.

“A menina, sim, dá gosto; com 12 anos e já sabe um montão de coisas; aquilo que é ter inteligência, pena que tem de usar o caderno duas vezes, não há dinheiro para comprar um novo, tem usar borracha e apagar; pior é que tá precisando de um uniforme, vai ser advogada, a Lucinda! Algumas horas extras, e a gente resolve as coisas, viu, filha?”

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Tá surdo, motorista?”

Sebastião vira a cabeça assustado, não escutou o sinal.

Para fora do ponto e o homem, nervoso, desce fora do ponto.

O ônibus parte.

“O Toninho é que não vai mesmo, teve de sair da escola;

coitado, tão ruim da ideia, não dava mais não;

mas, também, tá ficando só osso, já parece esqueleto.

O médico falou pra alimentar ele bem, senão morre.

Vamos, Sebastião! Toninho não pode morrer, não senhor!

Ele tem que crescer para ajudar o pai!”

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Troca de marcha!”

Sebastião estremeceu, envergonhado;

o motor roncava com uma barulheira medonha;

mudou a marcha e o veículo seguiu mais suave.

“Os amigos dizem que eu sou puxa-saco do patrão,

sou puxa-saco é de minha mulher e de meus filhos.

Ele zombam que eu vou ser dono da firma, de tanto trabalhar;

eles não sabem quantas bocas tem em casa!”

Sol caindo, avermelhando, Sebastião cochilando...

- “Oh, meu Deus!”

Sebastião pula de susto, o ônibus está em plena calçada;

pisa fundo no freio, livra-se de um poste, é tarde!

Gente, gritos, choro, buzinas, palavrões, sangue – um corpo.

- “Morreu, a roda passou por cima da cabeça;

esse motorista tá louco, parecia estar dormindo.”

A polícia não se faz esperar:

- "O motorista?"

- "É aquele ali".

Sebastião é agarrado e atirado para dentro da viatura.

Sonâmbulo, vai repetindo as palavras do chefe:

"Quinze horas de trabalho, sem parar, é demais;
se acontecer alguma coisa, aguarde as consequências."

São Paulo, 10 de agosto de 1989

Meus anjinhos

- “Meus anjinhos, Deus levou meus anjinhos!”

Era só o que Leandro conseguia dizer diante das câmeras; os repórteres insistiam, repetiam as perguntas de vários modos, mas a resposta era sempre a mesma, repetida quase inconscientemente.

Duas lágrimas corriam por seu rosto sujo e escuro, muito mais eloquentes do que qualquer palavra.

- “Meus anjinhos eram inocentes, estão com Deus!”

Os holofotes batiam-lhe com força no rosto transtornado; nos olhos atônitos, úmidos e brilhantes pela comoção, desenhava-se uma trajetória repleta de acidentes.

Leandro tivera cinco filhos, dois com um amor passado, e três com a mulher com quem estava vivendo atualmente.

- “Hoje mesmo eu ia tirar minha família daqui!”

Não deu tempo: no dia anterior, após uma chuva de horas, um deslizamento soterrara e matara a mãe e os três filhos; ao chegar em casa, pela tarde, Leandro encontrou o barraco destruído, totalmente encoberto pela avalanche de terra que descera do morro; meio sem saber o que fazia, passara a noite esgravatando na lama, mesmo depois que os bombeiros resolveram encerrar o expediente; o faro dos cães e uma esperança indomável o faziam crer que poderia encontrar algum deles com vida.

- “O que vou fazer sem a mulher e meus anjinhos?”

Os pequenos corpos, abraçados nas ruínas da cama, iam sendo descobertos e retirados, um a um, pelo Corpo de Bombeiros;

simultaneamente resignado, impotente e revoltado, Leandro continuava a falar para os telespectadores, gente desconhecida, sentada confortavelmente em seus sofás, longe de sua dor e de sua desolação, do outro lado da telinha, e que ele não conhecia nem podia enxergar o rosto.

- “Meus anjinhos estão com Deus!”

Precisava continuar falando, era o único que podia fazer; os vizinhos, os bombeiros e as assistentes sociais procuravam chegar perto, chamá-lo à razão, levá-lo dali; mas Leandro, como que hipnotizado pelo interesse da mídia e por aquela montanha de terra e escombros, paradoxalmente, parecia sentir-se em casa, na sua casa, com o espectro de seus anjinhos e de sua esposa.

- “Tenho esperança de trabalhar para começar de novo!”

A verdade é que, literalmente, Leandro não tinha para onde ir, embora continuasse a insistir, diante das câmeras, vagamente, que viera para levar a família para outro bairro, pois seu barraco, há semana, tinha sido interditado pela prefeitura. Mais solitário, órfão e perdido do que nunca, não sabia o que dizer, o que fazer e para onde ir.

São Paulo, 8 de setembro de 2009

O nome

O anonimato cresce na proporção exata do tamanho da cidade: quanto maior esta, mais os nomes se diluem na massa urbana. As pessoas passam a ser chamadas por seus ofícios ou funções: o carteiro, o barbeiro, a cabeleireira, o açougueiro, o advogado, o médico, o professor, o empresário, a enfermeira... A sociedade quer saber o que cada um é capaz de fazer ou ter, não o que de fato a pessoa é, no cotidiano de seu vaivém. Quem sabe seria o caso de emplacar os indivíduos, como os carros, com informações mínimas sobre sua identidade: de longe, no meio da rua, poderíamos chamar pelo nome!

Mas não basta, o nome não é só uma conexão de palavras; ao redor dele, há segredos, relações, intimidade, circunstâncias. Como colocar tudo isso numa simples placa de identificação? Além do mais, o nome carrega uma trajetória histórica onde se mesclam desejos e temores, fracassos e vitórias, uma linha irregular e tortuosa de avanços e recuos, nem sempre conhecida a fundo pelo próprio portador; também não podem ser dissociados nome e rosto! Depois, há o jeito de caminhar, de sorrir, de olhar, de saudar, coisas essas que não podem ser separadas da pessoa.

Numa palavra, o anonimato continuaria o mesmo, com a desvantagem de ser confundido em plena rua com um incômodo e perturbador homônimo. Definitivamente, identidade pessoal e mundo urbano parecem caminhar em direções opostas, até contraditórias. Ao juntar as pessoas como gotas de água num oceano, a mancha urbana também apaga seus traços característicos: elas se tornam simultaneamente menos identificáveis e mais íntimas do “pedaço” onde residem ou “se escondem”.

De um lado, uma massa amorfa e desconhecida, inimiga; de outro, um refúgio onde nomes e rostos me são familiares.

É assim que o nome e o rosto se perdem e se reencontram,
mas ambos podem ter diferentes significados,
de acordo com os papéis que cada um desempenha;
como se o indivíduo se dispersasse continuamente
nos mais variados personagens deste gigantesco palco urbano.

Onde foram parar o nome, o rosto, a história – o ser?
Qual deles sou verdadeiramente “eu”?

São Paulo, 15 de junho de 2009

O desencontro

A procissão de coroinhas, acólitos, leitores, diáconos e sacerdotes, com o arcebispo cardeal fechando a retaguarda, entrou, solenemente, no templo pela porta principal. Na catedral, repleta de gente e profusamente iluminada, brilhavam as casulas e estolas dos concelebrantes; o órgão e o coro emitiam ondas suaves e profundas de uma música sacra. O perfume e a fumaça do turíbulo se espalhavam por sobre as cabeças piedosamente concentradas na nave central, inebriando o ambiente; respirava-se uma atmosfera misteriosa, medieval, hermeticamente cerrada ao menor rumor da praça, onde se comemorava o aniversário da cidade de Guadalajara.

Seguiu-se o ritual litúrgico, não menos solene que a entrada triunfal: o desfile da Bíblia, do incenso, do báculo, da mitra episcopal e da cruz, gerava um vaivém contínuo de personagens silenciosas, mas eloquentes, por suas vestes e reverências. Temas tradicionais de cantos gregorianos e em latim revestiam de intensa magia a cerimônia, preparada com esmero; um pequeno exército de servidores movia-se com precisão militar ao menor gesto do cardeal, presidente da celebração eucarística.

Do ponto de vista ritual, a missa transcorria com uma coreografia irrepreensível: dentro da hierarquia eclesial, dos títulos e dos ministérios ordenados, cada um ocupava rigorosamente a posição que lhe era destinada. Do ambão para trás, não se via uma única mulher! Ao centro, o cardeal arcebispo representava a rigidez simbólica de um edifício monolítico, com dois mil anos de idade. Era visível, quase opressivo, o peso milenar da instituição.

Chegou o momento da proclamação do Evangelho: tratava-se do texto das bem-aventuranças, capítulo cinco de Mateus. Então, cada frase e cada palavra do evangelista tombavam sobre a assembleia, como uma gota de chumbo derretido sobre a água fria;

um rumor surdo, tanto mais eloquente por seu silêncio,
se levantava da multidão enquanto, lentamente,
seguiam caindo as palavras do Livro Sagrado.

O fato é que o fausto, as luzes e o requinte do templo e dos ritos pouco tinham a ver com os pobres, os que choram, os aflitos, os perseguidos, os sedentos de justiça... de que falava o texto. Os rostos que desfilavam por aquela página da Bíblia encontravam-se lá fora, nas periferias mais longínquas, e, alguns, do outro lado das paredes da Igreja, nas ruas e praças, festejando animadamente os 468 anos da metrópole.

Guadalajara, México, 14 de fevereiro de 2010

Ruídos

Percorro, sem pressa, algumas ruas e quadras
do coração da velha São Paulo.
Espremida entre altos edifícios,
uma multidão anônima desliza de um lado para outro.
A tarde chega ao fim e as pessoas vão deixando o trabalho.
O rio de gente converge para os pontos de ônibus e estações do metrô.

Ruídos vários, de variada intensidade, furam-me os ouvidos.
De imediato, os motores e buzinas dos carros no trânsito lento;
entre eles, sirenes tentam a todo custo abrir passagem;
aqui e ali, vendedores ambulantes apregoam suas mercadorias
exóticas e proibidas;
na porta de uma loja, um alto-falante convida a entrar os últimos clientes;
dois andarilhos discutem aos berros, chegando quase aos tapas;
alguns jovens riem de si e dos transeuntes.

Por toda parte, um rumor surdo de passos, vozes e televisores acesos.
Sinto-me como se caminhasse pelas entranhas tortuosas de um
organismo vivo.
Brumas, luzes e rostos se mesclam a cada esquina.
Letreiros, de uma luminosidade extrema, ferem-me a vista.
Excesso de imagens, cores e sons cegam e ensurdecem,
baralhando a percepção das coisas e das pessoas.

No vertedouro da multidão em movimento,
não passo de um ser solitário entre outros.
Mas nenhum ruído é tão forte, tão estridente e tão gritante
como os olhos daquela menina, coberta de farrapos e agachada na
calçada.
Olhos grandes e tristes como o medo, a fome e a solidão que moram
neles.

São Paulo, 05 de agosto de 2009

O pedestre

Fim de tarde na esquina da Avenida São João com a Ipiranga;
faz lembrar “Sampa”, a canção de Caetano Veloso.

O semáforo fecha e, aos poucos, os pedestres agrupam-se na calçada,
esperando, ansiosos e inquietos, o sinal verde.

Na medida em que a noite se torna mais densa e as luzes se acendem,
as pessoas vão demonstrando uma crescente impaciência,
como se a escuridão as convidasse ao aconchego da casa.

Ou será o medo que as leva a fugir das ruas?

Talvez mais acertado é dizer que as duas coisas se entrelaçam.

Um rapaz, desconhecido como todos os demais rostos,
abre caminho entre o grupo, cotovelada à direita e à esquerda;
parece decidido a cruzar a avenida a todo custo;
ouvem-se reclamações, xingamentos, mas todos seguem aguardando.
Ali é intenso o tráfego de carros e pessoas, e a espera é longa.

Incapaz de conter-se, o rapaz se lança ao pavimento:
no vacilo de um veículo, consegue cruzar a primeira faixa,
mas precisa deter-se imediatamente no limite da próxima.

Manobra de equilibrista: sobre a linha divisória,
os carros lhe passam por trás e pela frente;
mais um veículo lento e ele vence a segunda faixa;
novamente cercado pela torrente do trânsito,
vê-se forçado a parar, equilibrar-se e esperar.

Nesse instante, aproxima-se uma motocicleta,
rodando sobre a linha onde se encontra o desconhecido:
freada, gritos, palavrões, buzinas, desvio para um lado e outro,
o retrovisor de um carro arrancado pelo impacto...

Mas o rapaz consegue escapar ileso,
enquanto a moto segue em zigue-zague.

Por fim, um ônibus amplia a distância do veículo da frente,
e o rapaz avança, em dois pulos, outra faixa.

Só lhe resta uma para atingir a calçada oposta.
O semáforo abre e, quando ele põe o pé no meio-fio,
já os pedestres mais apressados lhe batem nos calcanhares.

Valeu o risco? Valeu a aventura?
Talvez seja mais um entre os numerosos espetáculos
de que se compõe a grande metrópole!

São Paulo, 17 de junho de 2009

O medo de Maria

Maria vai deitar com medo.

Medo de que o frio, penetrando pelas frestas do telhado,

agrave a pneumonia de Alice, coitada, tão doentinha!

Lembra-se, então, de como fora difícil erguer aquela cobertura toda feita de material usado, restos de telha, até papelão e plástico. Tinha sido um trabalho duro, ela, as crianças, com o “adjutório” dos vizinhos.

Estava cheia de buraco, chovia dentro, não dava sossego.

Quando desabava temporal, era aquela agonia!

Mas, afinal de contas, era o seu teto!

Medo também daquele piso de chão batido,

sempre úmido, gelado, puro veneno para o problema do Joãozinho.

O menino cada vez mais perrengue, tossindo sem parar, que aflição!

Parecia seguir a sina do pai, o meu João, que noite e dia escarrava e obrava sangue.

De tão doente, cedo se foi, “Deus o tenha”. Maria sente um aperto no coração.

Os olhos se enchem de lágrimas, um nó corta-lhe o soluço na garganta.

Sacode a cabeça e volta a tocar o chão, tem dois sacos de cimento para o piso.

Mas quem vai fazer o serviço? Contratar pedreiro, ela não tem condições, não vai tirar da boca das crianças, tão fraquinhas e adoentadas.

Adormece e acorda num pulo. Estampidos fazem estremecer a noite.

Tiros?

Sim, tiros! O medo se torna mais agudo, feito pontada no coração.

E se uma bala fura as paredes do barraco e pega uma das crianças?

Teme sobretudo pelo Júlio, ali, estirado num colchãozinho, encostado à folha de madeirite, bem do lado do morro.

E pensa, com tristeza, nos esforços sobre-humanos para levantar uma casinha de tijolo – tudo em vão!

Por mais que apertasse, a comida e o remédio acabavam com o salário.

De madrugada, desperta com a chuva. Novamente o medo.

Há algum tempo que o barranco atrás ameaça desmoronar.
“Meu Deus, que seria de nós?”; pagar aluguel ou morar de favor,
impossível!
Conseguir um terreninho, pior ainda; construir ou comprar casa, nem
se fala!
Reza em silêncio: “Virgem Aparecida, tu que és mãe, olha meus
meninos”.
De manhã, Maria sai para o trabalho. Leva o medo no rosto
indormido.
Medo de que os menorzinhos, ao esquentar a comida, toquem fogo
no barraco.
Medo de que o Carlos, já crescido mas fraco da ideia, se ajunte com
“a turma da pesada”
e termine na delegacia, no hospital, ou coisa pior, “Valha-me, meu
Padim Ciço!”.

Funcionária pública, Maria faz serviço de limpeza.
O medo enche-lhe as horas e os dias, toma conta da vida.
Medo de perder o emprego – “ganha mixaria, mas ajuda”.
Medo de acabar na rua, com cinco crianças para tratar.
Medo de não dar conta, de cair no desespero, de ficar louca.
“Deus é grande, Deus é justo, Deus vai dar um jeito”, ela reza.

Onde, Maria, reúnes tanta força para seguir adiante?
Tu e outras tantas Marias, mulheres fortes e destemidas,
como a Grande Maria, temperada na dor e na esperança, tens fibra
de aço.
Tua garra e coragem haverão de vencer os medos – todos os medos!
E tua fé, somada à de milhares e milhares de outras mulheres,
haverá de plantar um amanhã definitivo, eterno, sem medos e sem
males!

Dobrada-SP, 18 de julho de 1991

O samba

*“Foi um rio que passou em minha vida,
e meu coração se deixou levar”...*

Já durava horas o batuque da “turma do pedaço”: havia pandeiros, havia tambores, havia triângulo, mas a maioria batia o ritmo do samba no balcão do bar, ou nas garrafas vazias e espalhadas pelas mesas; cerveja, caipirinha e cachaça eram o combustível daquele show improvisado que se prolongava pela tarde.

Era o dia primeiro do ano e, aquele, um dos poucos bares abertos; a rapaziada da rua e do bairro, como as águas de um rio, desde cedo foi convergindo para a roda do samba, nos pequenos minutos de trégua, futebol e mulheres; na calçada, as moças passavam ao largo e envergonhadas, outras, mais experientes, até provocavam a cantada.

*“Não posso ficar nem mais um minuto com você,
sinto muito amor, mas não pode ser;
moro em Jaçanã, se eu perder esse trem,
que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã”...*

O Portuga, atrás do balcão, embora surdo pelo barulho, felicitava-se pela ideia de ter aberto as portas; a batucada ensurdecia, sim, afastava alguns fregueses, mas era uma vez no ano e dava uns bons trocados a mais.

No final da tarde, quando as luzes começavam a acender-se, o samba emudeceu e deu-se a briga: primeiro com gritos e palavrões, avançando logo para tapas, socos, empurrões e pontapés; todos se empenhavam em alcançar o rosto de alguém, mas caíam, bêbados e moles, uns sobre os outros, não tinham forças para fazer a si mesmos grandes estragos.

- “Cuidado com essa faca!”

Um disparo cortou o grito e um homem tombou.

Como uma presença viva, o silêncio invadiu tudo e todos;

o homem ainda tentou levantar-se, mas emborcou, sem vida.

Era o velho Silveirinha, conhecido do “pedaço” como Sr. Brizola, principal personagem política de sua estima e admiração.

Silveirinha era uma espécie de bobo da corte,

que vivia para beber pinga e alegrar a rapaziada;

na festa da periferia, morreu mártir do samba.

São Paulo, 02 de janeiro de 1999

Dia de agonia

Sábado de carnaval.

Severino toma pela mão suas muitas dores
e, como quem leva a passear a família,
resmunga um faceiro “até logo”
e com elas sai à rua.

Domingo, segunda e terça – noite e dia reina a folia.

Severino e suas muitas dores cantam, pulam e gritam,
se afastam, se misturam, se perdem, se juntam,
se fundem e refundem na multidão em delírio.

A dor-desemprego, a dor-contas-para-pagar,
a dor-família, a dor-aluguel vencido, a dor-despejo,
a dor-saudade, a dor-aperreio, a dor-doença...

E outras – mil, miúdas, escondidas e sem nome,
em meio à trégua, põem-se todas loucamente a dançar.
Tudo é música, tudo é alegria, tudo é festa,
tudo é carnaval, freneticamente carnaval!

Quarta-feira de cinzas.

De madrugada e, de repente,
um silêncio pesado tomba sobre a cidade,
escorrega viscoso pela pele e pelos dedos,
gruda, pegajento, por todo o corpo,
toma de assalto o coração da vida,
domina, sólido, ruas, becos e praças,
cala e mata toda voz.

Pelos cantos ermos da metrópole deserta,
só e de alma perdidamente vazia,

Severino sai em busca de suas muitas dores,
feito fêmea farejando os filhotes.

Junta, uma a uma, sobre os ombros;
solitária e pesadamente, refaz o caminho de casa.

Longe, muito longe, prolongado e monótono,
soa o apito fatídico da fábrica.
Soberano e indiferente, desponta novo dia,
tão denso e vibrante de luz, como o peito da agonia.

São Paulo, 02 de janeiro de 1990

O doente

Aqui estou à janela,
com a testa colada contra a vidraça,
enquanto, lá fora, a história prossegue,
apressada, alheia e indiferente.

Um bando de crianças brinca na calçada:
parecem pássaros livres e inquietos... comparo!
E essa vitalidade alegre e febril
acentua ainda mais, dolorosamente,
a debilidade precoce de meu organismo.

Ali vai um casal de braços entrelaçados:
namorados, amantes, esposos?... pergunto!
E sua luxúria pública e escandalosa
põe a nu minha alma às vezes ressequida.

Um ônibus lotado ruge no trânsito lento:
trabalhadores e trabalhadoras apinhados
que se deslocam a seus postos de serviço... constato!
E seu emprego, sua pressa e sua ocupação
são como uma luz nua e fria
sobre meu corpo inerte e paralisado.

Um grupo de aposentados joga dominó na praça:
o que pensam, o que sonham, o que conversam... imagino!
E sua aparente serenidade diante da velhice
exaspera minha ânsia de trabalhar e viver
e me obriga a um encontro cruel
com meu próprio envelhecimento irreversível.

A TV do vizinho exibe uma mistura de fatos e imagens, dores e cantos:
para onde caminha este mundo sem rumo e sem sentido... penso!
E a corrida endiabrada dos acontecimentos
ressalta a impotência de meus braços e pernas inermes.

São Paulo, 07 de abril de 2003

Os mutilados

Eles têm braços e pernas, mãos e pés:
são homens e mulheres fisicamente perfeitos;
costumam, aliás, demonstrar força superior
às pessoas que transitam diariamente pelas ruas da cidade.
Horas e horas a fio, puxam suas pesadas carroças,
entulhadas de papelão, jornais velhos, fios de cobre, metais de todo o tipo,
entre tantas coisas que a sociedade costuma chamar de lixo;
o peso vai aumentando à medida que avança o dia;
quando chegam ao depósito, encontram-se extenuados.

Apesar do trabalho e da energia física, seguem mutilados:
mutilados nos direitos básicos, no ganho inferior ao esforço despendido,
nos laços de parentesco e de amizade, na condição de cidadania;
são tidos como cidadãos de segunda categoria:
sem emprego e sem teto, sobra-lhes o trabalho da reciclagem.
Percorrendo a cidade de um lado para outro,
vão limpando as ruas daquilo que as pessoas descartam e desperdiçam.

Entretanto, em seus rostos batidos pelo sol,
em seus corpos encurvados pela humilhação
em seus pés deformados por longas caminhadas
e nas almas mutiladas a seus próprios olhos,
descortina-se uma lição secreta e misteriosa,
lição para a qual a metrópole permanece cega e surda.

O próprio ato de reciclar, consciente ou inconscientemente,
abre perspectivas para um novo tipo de relações
com a natureza, com as coisas e com as pessoas.
Passos pequenos, mas firmes, ajudam a repensar
toda a cultura e a própria civilização ocidental.
De fato, reciclar a matéria ajuda a reciclar o espírito:
as mãos que são capazes de dar novo destino aos objetos
também serão capazes de apontar o destino dos povos e da
humanidade.

Os não cidadãos, muitos sem nome nem endereço fixo,
com seu trabalho não raro imperceptível,
cimentam lições de uma cidadania recriada,
não somente vinculada ao “meu” país,
e, sim, a todo o planeta Terra.

São Paulo, 05 de setembro de 1999

Day after

Se é verdade que “uma andorinha só não faz verão”, também é certo que um único pernilongo é capaz de desfazer uma noite de sono.

Assim começo estas linhas marcadas pelo *day after*, especialmente aqui na Baixada do Glicério, após uma enchente histórica e cheia de episódios prosaicos.

E os pernilongos não são os únicos vizinhos indesejados destes momentos: após baixarem as águas, aparecem ratos, baratas, gatos encharcados, cachorros sarnentos, de olhares fundos, tristes e solitários, enfim, tudo o que vive e se move nas cloacas mais abjetas.

Felizmente, o dia amanheceu com um pouco de sol, tímido, entre as nuvens, mas o suficiente para não chover; as famílias dos cortiços podem trazer, para o meio da rua, sofás, colchões, cadeiras, mesas, roupas, fogão, geladeira, para verificar o que se perdeu e o que escapou “com vida”. Repete-se a situação, já por todos bem conhecida, após cada chuva mais intensa e cada cheia.

Por aqui, os móveis e eletrodomésticos têm prazo de validade: duram, no máximo uma, duas ou três enchentes, dependendo do esforço para preservá-los dos estragos. Se eu tenho o direito de reclamar de um pernilongo e de uma noite mal dormida por sua impertinência, imaginem-se a revolta, a desolação e impotência dessas famílias que, periodicamente, quase tudo perdem!

Andando pelas ruas atulhadas de utensílios domésticos, desviando os passos da lama e dos montes de entulho, duas coisas chamam imediatamente a atenção: a alegria inocente das crianças pela jornada inédita, sem escola, e com a possibilidade de brincar na chuva; e a comoção e solidariedade das pessoas e famílias, tentando ajudar, umas às outras, a salvar o que pode ser salvo.

Em volta de toda essa confusão, as visitas de sempre:
assistentes sociais, repórteres, agentes de pastoral, bombeiros;
gente que pergunta muito, ouve pouco e nada faz.
No máximo, alguma notícia sensacionalista no jornal,
distribuição de cestas básicas para quem necessita de muitas outras
coisas, palavras de ânimo que só fazem avivar a chaga aberta
e reuniões e mais reuniões que levam a lugar nenhum!

São Paulo, 6 de janeiro de 1988

O despejo

Dia 25 de agosto, 7 horas da manhã. O sol mal despontara e a polícia militar, junto com a tropa de choque, já cerca a favela. São cerca de 800 barracos onde se abriga ao redor de 2 mil pessoas, no bairro do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, Capital. Pessoas, gritos, palavrões e pedras se erguem do chão e, apesar das forças desiguais, começa o enfrentamento.

A ação militar é rápida: tratores e bombas de gás lacrimogêneo, barracos derrubados, retirada forçada, gente em fuga para todos os lados. Súbito, o fogo toma conta de alguns casebres, estende-se rapidamente, e logo consome a maior parte da favela e dos pertences familiares.

Em poucas horas, o terreno está novamente “limpo”: volta a ser um imóvel e o proprietário pode seguir especulando.

Mas restou um “problema” a ser resolvido pelas autoridades: para onde transferir as centenas de pessoas desalojadas? Poder judiciário, polícia e prefeitura não se entendem e os antigos moradores do terreno, a maioria sem ter para onde ir, vão reconstruindo barracos improvisados na beira da estrada. Vizinhos solidários arrumam algo para comer, mas a noite se aproxima e permanece o impasse de onde morar.

Pela manhã, voltam os repórteres, os microfones e os holofotes: e, diante das câmeras, começam a desfilar imagens e palavras onde a dor e o pranto se sobrepõem a qualquer comentário. Crianças brincam, mas é impossível esconder seus braços e pernas arrepiados de frio e seus pés revestidos apenas de velhos chinelos. Nos adultos, o sofrimento emudece os lábios e torna eloquente o olhar.

A mídia, porém, além da tragédia, transmite um gesto de solidariedade:

Joana e Fátima, ambas com meia dúzia de filhos cada uma, se juntam na adversidade, dividem lágrimas e alguns objetos pessoais,

e decidem formar uma única família, debaixo de uma mesma lona. Não estão felizes, evidentemente, mas menos solitárias e menos perdidas.

Enquanto isso, as autoridades fecham os olhos e o cofre aos sem-teto, limitando-se a prometer uma cesta básica para cada família; e cada um de nós, do outro lado das câmeras, diante da telinha, procuramos fechar a consciência ao drama do déficit habitacional num país de enormes proporções e enormes possibilidades.

São Paulo, 26 de agosto de 2009

O olhar

Ao descer do ônibus no Terminal Tietê, em São Paulo, minha única preocupação era chegar o mais rápido possível à plataforma do Metrô. A multidão se deslocava atropeladamente em todas as direções: pessoas solitárias com suas malas, duplas ou grupos de três, quatro e cinco pessoas. Como num campo minado, era impossível caminhar em linha reta. Às pressas, eu ia avançando, desviando aqui, tropeçando acolá...

Pouco me interessava o desfile dos rostos que cruzavam o meu caminho. Gente de traços e trastes distintos, mas igualmente apressada. Eram como que tentáculos de um gigantesco organismo premido por um relógio não externo, mas interno. Cada um parecia condicionado pelo ritmo alucinado da metrópole, incapazes de caminhar devagar; temerosos de deparar-se com algum conhecido, o que significaria encontrar-se consigo mesmos.

O melhor era manter-se distraído, atendo-se apenas às coisas e aos corpos em movimento. Não era conveniente fixar de frente as caras que seguiam ensimesmadas. Caras são espelhos e estes, às vezes, nos pregam ingratas surpresas, na medida em que se revertem sobre nós mesmos. Olhares representam o início provável de relações, era preferível seguir no anonimato.

No Metrô, a custo e aos atropelos, consegui entrar num dos vagões do trem, mas nada de encontrar assento. Com a sacola no chão, acomodei-me como pude no vão da porta. Enquanto a viagem prosseguia, para passar o tempo, dei asas a uma operação que me era costumeira: observar os olhares que, desencontradamente, se cruzam e se desviam. Nessa brincadeira, cheguei a surpreender cinco pessoas olhando em sequência, sem que uma se desse conta de estar sendo observada pela outra. Evidentemente, eu era o sexto!

- "O senhor quer sentar?"

O susto foi duplo. Primeiro, porque jamais imaginei que alguém pudesse me achar idoso, coisa que jamais havia passado pela minha cabeça; depois, era como se aquele olhar, jovem e feminino, com um sorriso apenas insinuado, tivesse me descoberto em meio à multidão sem nome e sem rosto. Despido assim de improviso, não

sabia exatamente o que fazer e tampouco o que responder. A moça seguia com os olhos fixos em mim, e aquele olhar me incomodava seriamente.

Ela levantou e eu não tive alternativa. Vi-me obrigado a ocupar o seu lugar. No restante da viagem, fiz todo o possível para evitar seu olhar inconveniente. Sentia-me nu e interpelado em meio a pessoas estranhas.

São Paulo, 17 de maio de 2010

Compro ouro

“Compro ouro”, dizia o cartaz, na frente e no verso.
Entre os dois lados, como um sanduíche humano,
Seu João, há algum tempo aposentado,
desfilava dez horas por dia na Rua Direita e adjacências.
Outros aposentados, de lá para cá e de cá para lá,
disputavam-lhe o espaço e os fregueses.

E eles vinham, de raro em raro, mas vinham:
olhos atentos ao escrito, decifravam letras e números,
tomavam notas e continuavam sua marcha, indiferentes.
Não viam Seu João, nem um bom-dia, nem um gesto;
para eles, Seu João simplesmente não existia.
Não passava de um poste, cuja função era exibir anúncios.
Poste não vê, não ouve, não fala, não sabe, não sente!
Poste não tem braços, pernas ou mãos,
não tem cabeça nem coração!

A rua continuava a verter o rio de gente apressada,
ilhas num oceano de concreto e asfalto.
Seu João, lento por profissão e idade,
recebia tropeços, xingos e gritos.
Desviando e xingando, ele também,
tentava enganar as horas lentas,
muito mais lentas que suas velhas pernas.

Mas Seu João precisa de uns trocados
e o rio não pode parar!

São Paulo, 05 de fevereiro de 2006

Encontro

Tarde de domingo, esquina da Ipiranga com São João.
Caminho lento, pensativo e cabisbaixo.
Súbito, deparo com um par de belas pernas,
provocadoramente expostas, mal cobertas por justa e curta saia.
Levanto a vista e encontro todo um corpo que sorri
no ato de entregar-se a quem pagar a “mercadoria”.

Ao fixar o rosto, no entanto,
surpreendo um olhar frio e duro como gelo.
Olhar de relâmpago, rápido e fugaz,
que, em instantes, reassume a atitude anterior de provocação.
Bastou, entretanto, essa fração de segundo
para que o desejo esfriasse completamente em mim.
É tão marcante o contraste entre o corpo que se dá
e o olhar que acusa e recusa, que a chama se apagou num átimo.

Ponho-me novamente a caminhar e reflito comigo mesmo.
Num corpo tornado instrumento de trabalho,
ferramenta de sobrevivência, algo resiste.
O olhar – espelho da alma – apesar de tudo não se entrega
e luta solitário contra as forças do “destino”.
Evidentemente, posso voltar atrás,
comprar e utilizar o “objeto” à venda.
Mas, será difícil esquecer aquela sentinela oculta e vigilante
que, com a velocidade de um raio, me fulminou numa tarde de domingo,
matando em mim o desamor que busca a posse, e não a relação.

Por trás da carne exposta na vitrine da rua,
dissimulado pela lascívia aparente, um fio de vida espreita,
pronto a saltar sobre o primeiro inimigo.
E traz consigo, ainda que tímida e débil,
a esperança de um amanhã menos amargo

onde a reciprocidade do amor haverá de converter-se
no único alimento das relações humanas.
A mulher será mulher, o homem será homem
e ambos realizar-se-ão no encontro.

São Paulo, 04 de novembro de 1990

O banco

A multidão retorcia-se pelo calçadão da Praça da Sé.
Pelo chão, os camelôs ofereciam suas utilidades inúteis.
Pessoas e sacolas tropeçavam, aos encontrões.
Sobre o mutismo daquele rio que se movia em todas as direções,
ouvia-se o zunzum contínuo da cidade irrequieta.
Destacavam-se vozes isoladas e irritantes,
orando, vendendo algo, gritando
ou simplesmente expondo uma loucura de todos conhecida.
Das ruas vizinhas vinha o som de uma sirene
- polícia, ambulância ou bombeiros –
no esforço de abrir caminho contra a corrente.

Quase tropecei naquele banco onde ela estava, a solidão.
Sentada, curvada sobre si mesma, não tinha nome nem rosto,
não era homem nem mulher, apenas um embrulho humano,
enrolado em alguns panos de natureza incerta.
A cabeça entre as mãos, os cotovelos entre as pernas,
impossível saber se chorava, refletia, cochilava,
ou viajava para um paraíso perdido e distante.

Indiferente ela, indiferentes os que iam e vinham.
Multidão de átomos solitários, girando ao redor da própria órbita.
Quem, nesse deserto urbano, poderia calcular sua sede?
Quem lhe ofereceria uma gota de água?
Quem lhe indicaria o caminho para algum oásis oculto?

São Paulo, 07 de fevereiro de 2006

Era domingo

Era domingo.

Antônio acordou, como sempre, às cinco da manhã.

Ao contrário dos outros dias, porém, podia descansar ainda um pouco, mas, Joana, a mulher, logo o apressou:

precisava arrumar a “casa”, pôr todo mundo para fora, o quarto era somente para passar a noite.

Antônio saiu em direção à rua.

Era domingo.

Antônio, inconscientemente, procurou uma igreja.

Mas, no que ele mais precisava, Deus não podia ajudar.

Como resolver o problema do despejo, se não podia pagar o aluguel?

Onde arrumar dinheiro para o remédio do Toninho?

O que dizer para Joana, que reclamava o leite dos pequenos?

Como comprar os cadernos e o uniforme da Sandra e do Julinho?

Desolado, não sabia onde, diabo, encontrar as respostas.

Sem entender uma palavra do que dizia o padre, saiu, deixando a missa pela metade, e foi embora com o peito apertado.

Era domingo.

Antônio acabou por se dirigir à Praça da Sé.

Ali, topou com muitos “conterrâneos nortistas”.

Uma saudade bem dóida mordeu-lhe o coração, misturada com uma alegria estranha no fundo da alma.

Engoliu um nó, que teimava em se enroscar na garganta, e continuou sem rumo a caminhar pela cidade.

Andava triste, só e abatido.

Era domingo.

Antônio desejava e, ao mesmo tempo, não queria voltar a “casa”.

Desejava – porque gostava de ficar um pouco com sua gente, seis menores que, em tudo, dependiam dele e da mulher.

Não queria – porque, na “pensão”, via escancarada

a nudez de sua vida de sofrimento e miséria,
sua impotência de homem que, apesar de tanto trabalho,
jamais iria conseguir um futuro melhor para a família,
sonho que, há sete anos, vinha acalentando
desde a viagem do Ceará para São Paulo.

Era domingo.

Antônio regressou ao cortiço para dormir; sentia-se estranho.
Estranho em casa com a própria família,
estranho na rua repleta de rostos desconhecidos,
estranho na cidade onde até as pessoas pareciam de concreto.
Encontrou os seus já deitados, em silêncio amou-os
e se atirou a um colchão velho e rasgado
em que já se aninhavam a mulher e mais duas crianças.

No dia seguinte, era segunda-feira!

São Paulo, 03 de novembro de 1990

O cão

Era evidente que aquele cão não tinha dono;
vagava, sem rumo e sem destino, de um lado para outro,
com o aspecto suplicante de quem procura alguém.
Era visível o medo de ser escoraçado, chutado,
mas o animal insistia em olfatear cada pedestre:
rodeava-lhe as pernas, olhava-o esperançoso,
acompanhava-o por alguns metros, entre ousado e tímido.
Não obstante o olhar e a cauda de bons amigos,
permanecia atento ao menor sinal de hostilidade;
punha-se, então, a correr em busca de um esconderijo.

Também era evidente que o animal, hoje abandonado,
já pertencera a uma família, embora de poucos recursos;
em cada transeunte, buscava o antigo dono,
parecendo atento a uma voz, a um nome, o seu nome.
De dia para dia, perdia peso e ganhava piolhos,
cada vez mais marcado pelos danos do abandono:
pelas ruas e becos, pelo asfalto, pelas praças e pela calçada,
solitário e faminto, revirava as latas e sacos de lixo,
mas a astúcia dos outros cães o deixava sem nada.

Visivelmente não estava acostumado a disputar o alimento,
apresentava feridas abertas, graves e crescentes,
de confronto com os vira-latas acostumados à rua;
triste, só e perdido, envelhecia rapidamente,
como se as semanas tivessem o peso de anos.
Algumas casas ou pessoas davam-lhe restos de comida;
outras, incomodadas, ameaçavam chamar a carrocinha;
poucas arriscavam um carinho tímido e de piedade.
Entre umas e outras, o cão deslizava fugidio,
divagando como alguém que, de tanto andar em círculos,
esquecera o próprio nome e endereço.

O cão perdido era resultado de um despejo recente,
em que o povo da favela fora violentamente removido,
para dar lugar a um condomínio de luxo.
Em poucos meses, o animal contraíra sarna e perdia os pelos,
caminhava com enorme dificuldade, com os ossos à mostra;
até que o encontraram agonizante e em seguida morto,
ao lado de uma caçamba de lixo e entulho,
local escolhido para sua última morada.

São Paulo, 07 de janeiro de 2010

O nome da fome

Chama-se Sebastiana, mulher de 65 anos,
numa ocupação da periferia de Cariacica-ES.

Para suprir uma mísera aposentadoria e ajudar a sustentar a filha e os netos, vê-se obrigada a trabalhar oito horas por dia.

Com voz funda e embargada, me olha e diz:

“Esta semana a gente passou sem nenhuma despesa em casa.”

Chama-se Sandrinha, menina de três anos,
num barraco à beira do córrego, em Nova Iguaçu/RJ.

Agoniza de febre no colo do pai, enquanto este, impotente e desolado,
vai contando seus ossinhos à flor da pele e rezando:

“Espero em Deus, Ele há de dar um jeito.”

Chamam-se Antônio e Joana e mais a família,
chegados do Nordeste na Rodoferroviária de Brasília/DF.

Enquanto a mãe reparte algumas migalhas de farofa
e os últimos pedacinhos de uma galinha assada,
o pai contempla, com angústia, o legado de sua herança:
oito olhinhos ávidos e arregalados sobre a panela vazia.

Chamam-se mendigos anônimos, ao todo 18 pessoas,
na esquina da Rua Direita com São Bento, em São Paulo/SP.
Levantam-se às seis da manhã, vasculham seus pobres pertences
à cata de pedaços de pão duro para acompanhar a cachaça,
com afetuosas exclamações de solidariedade.

Chama-se Alberto, gari, pai de cinco filhos menores,
no cubículo de um casarão velho, no centro de Recife/PE.
Não sente escrúpulos em pedir cem cruzeiros para comprar uma
carteira de “Plaza” porque, cansado de ver as crianças sem comida,
perde a esperança de vencer e sente apenas uma imperiosa
necessidade do cigarro.

Chama-se simplesmente Zé, menino de sete anos,
num guichê da Rodoviária de Belo Horizonte/MG.

Com olhos, ao mesmo tempo vivos e súplices, estende a mão e pede “um trocado”, quem sabe, com o pensamento voltado para a droga que já tomou conta de seu corpo.

Chama-se D. Maria, mãe de Janete, esposa e filha de João, boia-fria em Juazeiro/BA. Cheia de esperança, apresenta duas receitas do INSS, na ilusão de que os remédios podem substituir o alimento há muito tempo escasso na mesa da família.

Chama-se Toninho, terceiro ano primário, morador de uma favela, na periferia de Canoas, Grande Porto Alegre/RS. Na hora do recreio, esconde-se num canto do pátio para que os colegas não vejam suas roupas remendadas nem seu lanche de pão duro e nada mais.

Brasília-DF, 03 de dezembro de 1990

Escravos

Às centenas e milhares,
caminham pelas ruas os escravos do tempo.
Cegos e agitados, olham o pulso, consultam a hora,
prisioneiros que são do relógio.

Há também os escravos do corpo,
em esforços inauditos e, não raros vão,
para emagrecer ou para rejuvenescer.
Vivem atormentados pela balança e pela aparência.

E aquela senhora com seu cachorrinho de estimação!
Qual dos dois leva o outro a passear?
De que lado da corrente está a liberdade?
Ou serão ambos escravos?

No fundo dos cortiços, nas favelas e periferias, debaixo dos viadutos
e nas ruas, habitam os escravos da fome, da doença, da miséria, da
exclusão...

A duras penas, sobrevivem das migalhas e sobras
de uma sociedade que os rejeita e marginaliza.

Em outros bairros, escondem-se os escravos da riqueza.
Erguem imensas fortalezas – com muros, grades, sistemas de segurança,
protegidas por cães, seguranças, leis e títulos.
Ventres nutridos mas inquietos, parecem animais na jaula.

Nas fábricas e escritórios, formigam os escravos do trabalho,
manipulando ferramentas, computadores e máquinas.
Aparentam uma seriedade compenetrada e satisfeita
porque, ao menos, não lhes faltam o pão, o teto e o circo.

Por todos os lados, agitam-se os escravos da propaganda e da moda.
Na ilusão de comprar a liberdade,
pagam caro e, vezes sem conta, a própria servidão,
mais parecendo manequins do consumismo.

Quantos passam horas venerando o carro e a televisão,
rei e rainha do mundo contemporâneo.
De joelhos, prestam-lhes culto e reverência,
sujeitando-se a seus caprichos e vontades.

Outros, denominando-se intelectuais, doutores ou cientistas,
respiram soberanamente ares de liberdade.
No fundo, são muitas vezes uma espécie rara de robôs,
submetidos a regras, conceitos, lógicas – escravos da razão
instrumental.

E o que dizer dos escravos da família, do clube, do partido,
da comunidade, do grupo, da “turma”?
E eu, aqui, no ato mesmo de olhar os presos em sua cela?

E todos, de alguma forma, se dizem felizes; felizes porque escravos.
Felizes como pássaros bem alimentados em gaiolas.
Uma felicidade do tamanho das próprias asas tolhidas.
E, no entanto, buscam furiosamente a felicidade,
aquela que sempre lhes escapa porque a prisão é mais cômoda;
aquela que exige o vôo inteiro, o salto no escuro,
filha legítima e direta da total liberdade.

São Paulo, 20 de julho de 1992

O parto

Os transeuntes iam se agrupando,
com uma pergunta engatilhada nos lábios,
mas não precisavam de resposta:
ela estava estampada no rosto e no olhar
dos que já formavam a roda de curiosos.
No Centro, um grupo de mulheres protegia, com o próprio corpo,
outra mulher, que gritava de dores de parto.
Era ao entardecer, na Praça da Sé, São Paulo.

Logo, fez-se ouvir o choro do recém-nascido;
como uma descarga elétrica, um alívio fremiu todos os presentes;
depois, vieram a destreza e os comentários femininos
quanto às condições da parturiente e da criança.
Só então chegaram os bombeiros e os agentes do Resgate:
mãe e filho foram colocados na ambulância
e, rapidamente, transportados para o hospital mais próximo.

O aglomerado se desfez na Praça,
dezenas de passantes continuavam cruzando-a em todas as direções;
do ocorrido, nada restou; os demais pedestres não se deram conta,
tudo se havia evaporado como por encanto;
da mesma forma que a morte, a vida também se banalizara.

Que nome deveria ganhar a criança?
E a mãe, como se chamava, qual sua origem?
De onde vinha e para onde ia, prestes a dar à luz?
Teria casa, endereço fixo, marido e família?
Em que mãos iria parar o recém-nascido?
Haveria alguém disposto a adotá-lo? Qual seu futuro?

Dos que haviam presenciado a cena, cada um se dirigia a seus afazeres;
como eu, creio que todos ruminaram as mesmas perguntas.
Um grande e invisível “por que?” se ergueu no centro da Praça,
como uma estátua virtual à vida, à sua teimosia e resistência.

Por mais violenta e agitada que seja a metrópole,
selva de pedra, de concreto e de asfalto,
se impõe a vontade indômita de viver:
frágil e delicada como a flor ou o pássaro,
ela ergue o grito do recém-nascido
para dizer que a grande cidade é construída de edifícios, sim,
mas dentro deles moram pessoas que sonham, lutam e caminham.
E que nascem, crescem e morrem, sem jamais perder a esperança.

São Paulo, 1º de outubro de 1998

Lugar reservado

Figura típica do estudante irreverente, o jovem subiu ao ônibus; bolsa escolar pendurada nas costas, boné de aba para trás, cuidadosamente despenteado e vestido com calculado descuido, sentou-se no primeiro banco vazio que encontrou. Ajustou os fones de ouvido, alheou-se do ambiente em volta, e recostou-se para dormir, ou fingir fazê-lo.

De ponto em ponto, gemendo pela rua congestionada, o veículo se empanturrava de novos passageiros, até não haver lugar nem para descolar os pés. Assim mesmo, ruidosa, a porta seguia abrindo e fechando, e os mais destemidos logravam abrir espaço a partir dos degraus.

A meio caminho do percurso, entrou uma senhora de meia-idade, acompanhada de uma criança de alguns anos e um bebê de alguns meses.

Tateando de um lado e outro, procurou um lugar para sentar, mas todos os postos estavam definitivamente tomados. Forçou a piedade da massa comprimida, mas tudo em vão!

Então, um senhor, com ar de funcionário público ou advogado, achou por bem cutucar e alertar o jovem estudante, solenemente acomodado num posto de cor diferenciada:
- “Moço, esta senhora tem necessidade de sentar-se, esse lugar é reservado!”

Apesar de sua gentileza, a resposta veio grossa e insolente:
- “Eu paguei, tenho direito, não saio daqui. Vá falar com a empresa.” Instalou-se um burburinho cruzado de vozes, prós e contras, e, como a protestar, a criança de colo pôs-se a chorar, a goela solta.

A contragosto e aos empurrões, o jovem levantou-se, resmungando; na primeira oportunidade, atirou-se pela porta fora, certamente distante do ponto em que pretendia descer.

A mulher acomodou-se juntamente com as crianças e os comentários choveram de todos os lados:

- “Que mal-educados são esses jovens de hoje!”
- “Tudo começa em casa e acaba na delegacia!”
- “É, mas a empresa e o governo também são culpados!”
- “O transporte é uma porcaria, todo santo dia a mesma luta!”

São Paulo, 15 de abril de 2012

Vende-se

Dias atrás, atravessando um bairro conhecido, intermediário entre o centro e a periferia, tomei um susto. Na casa do Sr. Vicente Freitas e D. Maria Freitas, havia uma placa “vende-se”, com o endereço e telefone de uma imobiliária.

Lembro-me bem do Sr. Vicente, velho conhecido do lugar, operário aposentado, gente boa e antiga no “pedaço”. Uma daquelas pessoas que sabem fazer de tudo: mexer com eletricidade, desentupir encanamentos, levantar paredes e pintar, arrumar eletrodomésticos, enfim, alguém a quem os vizinhos sempre recorriam.

Não me contive com aquela placa e bati à porta. Neuza, a filha caçula, logo me introduziu na sala. O sofá, as cadeiras, os quadros na parede, a estante de TV, todas as coisas ali me eram bem familiares. E, no entanto, naquele momento, senti um golpe no peito. Como se aqueles objetos, tão conhecidos, me observassem com um olhar estranho. Quando o Sr. Vicente entrou na sala, sempre acompanhado de D. Maria, não sei por que, tive a sensação de que a estranheza crescia dentro de mim. A curiosidade me levou logo ao miolo do assunto:

- “Que história é essa de vender a casa, Sr. Vicente? Quer nos deixar?”
- “Nem me fale disso, homem!” – responde o velho.
“Só eu sei como tenho o coração partido. Eu e minha família. Construí estas paredes com minhas próprias mãos. E agora, pior que vendê-la, é abandonar os vizinhos. Isso dói no fundo da gente”.

“Como – insisto – então vai se mudar? Depois de tanto tempo?”
Sentando ao lado do marido, D. Maria não se contém:
- “É o Metrô, moço! Está expulsando os pobres deste lugar.

Lugar que nós vimos nascer e crescer junto com nossos filhos.
Este bairro não pertence mais à gente de nossa classe”.
- “Pois é – sentencia o Sr. Vicente – sonhamos tanto com esta estação
e, agora que ela vai ser inaugurada, não podemos ficar.
Tudo aqui ficou mais caro: aluguel, impostos, taxas disso e daquilo –
tudo!”

Deixei a casa de meus velhos amigos,
perguntando que transporte de massa era esse
que jogava as massas para as periferias mais afastadas!

São Paulo, 1º de agosto de 2009

Sede de notícias

Sr. Antonio era um homem superantenido: não perdia os noticiários televisivos, o jornal diário, o rádio; um de seus maiores prazeres, entre amigos e companheiros, era comentar os acontecimentos correntes, tais como economia, política, problemas sociais, futebol, tudo misturado com o xadrez da geopolítica internacional. Poucos se antecipavam a ele em termos de novidades.

Especialmente as situações extremadas o deixavam ansioso: uma grande enchente, um terremoto, um atentado, enfim, parecia regozijar-se com as “catástrofes humanas”. Como que contaminado pelo sensacionalismo da mídia, bombardeado diariamente pelas manchetes mais variadas, no íntimo, e não sem um remorso inconfessável, torcia pelas notícias que apresentavam grande número de vítimas, por grandes estragos materiais, por espetáculos; e sentia prazer em acompanhar, no dia a dia, o desenrolar dos acontecimentos bombásticos.

O atentado em New York, em 11 de setembro de 2001, por exemplo, lhe forneceu assunto para meses e meses de conversa; vale o mesmo para as guerras do Afeganistão e do Iraque, para o tsunami e outras tragédias de repercussão global. Também o noticiário policial, de perseguição, tiroteio e sangue, apesar de si mesmo, fazia vibrar no seu interior cordas ocultas, de uma estranha, desconhecida e indesejável satisfação. Ansiava por ocorrências extraordinárias, de grande impacto, vendo-se a si mesmo como um “abutre da imprensa”, que traça voos rasantes onde há cheiro de carne podre.

Nada melhor que uma metrópole como São Paulo para fornecer-lhe tudo isso em largas doses diárias. Mas, o prazer íntimo das grandes tragédias, em âmbito geral, contrastava frontalmente com as situações particulares.

O rosto de um pai em lágrimas diante da casa devastada,
uma criança inocente no colo da mãe num abrigo público,
um cachorro perdido e sem dono em meio a escombros,
uma boneca ou um carrinho em meio à lama e às ruínas...
Tudo lhe feria as entranhas até às lágrimas,
em oposição à avidez da notícia pela notícia.

Ao mesmo tempo que os repórteres e as câmeras
o atraíam pelos comentários e as imagens da desgraça,
lhe repugnavam os rostos concretos das vítimas,
os nomes exibidos, que significavam histórias reais,
os endereços que falam de uma casa, família, lar...
Remorso e vergonha se misturavam e se confundiam
na mescla de sensações e sentimentos!

São Paulo, 25 de novembro de 1998

Isabella

Isabella, Bella, Bellinha!

A violência da metrópole cedo ceifou tua vida,
mas não foi capaz de apagar teu olhar e teu sorriso;
ambos, olhar e sorriso, permanecem vivos e luminosos,
brilhando tanto mais fortes quanto mais ausentes.

Com tua partida tão brusca e trágica,
confesso que retorno aos tempos de criança:
volto a acreditar, como o menino de outrora,
que os mortos se convertem em novas estrelas,
num firmamento cada vez mais povoado de luzes.
Não sei se isso ocorre com todos, é verdade,
mas seguramente teu olhar e teu sorriso
jamais deixarão de acalantar e iluminar
as minhas noites mais frias e escuras.

Ambos, olhar e sorriso, me falam de eternidade:
numa existência sempre transitória e finita,
eles me garantem que as coisas mais banais e fugazes
podem, sim, se transformar em momentos infinitos,
quando revestidos pela chama da esperança.

Tu nos deixas, precoce e inesperadamente,
mas fica gravado no mármore da história
o brilho puro e inocente de teu rosto alegre,
como se antes mesmo de tua morte,
já estivéssemos presenciando a ressurreição.

Para a cidade e para o país ficas eternizada,
como um anjo alado desta selva de pedra;
uma flor ao mesmo tempo frágil e teimosa,
que rompe o concreto, o asfalto e a morte,
e para o céu se ergue, bela e radiante,
para anunciar uma perene primavera.

Tua partida e tua presença eterna transformam nossas vidas:
nossos olhos, frios pela indiferença, em olhares de compaixão,
nossas mãos, vazias pela indiferença, em gestos solidários,
nossos corações, empedernidos de solidão, em lugares de encontro,
nossas almas sedentas, em fontes de amor e paz.

São Paulo, 08 de abril de 2008

A boliviana

A fila se movia com uma lentidão exasperante; há duas horas Maria Tereza Guadalupe espera a sua vez; ouvira falar do projeto de anistia do governo brasileiro, e, com centenas de conterrâneos, corraera a ver seus direitos. Os rumores eram de que podia regularizar sua situação no país; uma luz se acendeu na alma de Maria e de suas companheiras.

Eram umas vinte e cinco “chicas”, com idade entre 18 e 25 anos, todas originárias do Departamento de Cochabamba, Bolívia; trabalhavam e dormiam num galpão da zona leste de São Paulo, onde colchões, máquinas de costura, retalhos e peças já prontas disputavam um espaço exíguo e insalubre.

Praticamente, o tempo era dividido entre dormir e costurar; o dinheiro era raro e escasso, mal podiam ajudar suas famílias; o chefe, também boliviano, as tratava duramente, ao contrário do que havia prometido aos pais das “chicas”; em verdade, viviam como semiescravas, endividadas, exploradas clandestinamente e sem direito a nada.

Aos poucos, Maria se aproxima da porta do escritório; este, localizado na Igreja Nossa Senhora da Paz, bairro da Liberdade, funcionava como atendimento pastoral e centro de acolhida e documentação aos imigrantes hispano-americanos na capital paulista. Todos os dias, passavam por ali centenas de estrangeiros, especialmente peruanos, paraguaios, bolivianos, e de outros países vizinhos.

Os documentos à mão, a jovem os apertava com impaciência, os minutos de espera convertiam-se em horas; pouca conversa na fila, menos ainda quando se avizinhava o atendimento.

À medida que chegava a sua vez, Maria pôs-se a sonhar: inconscientemente, transportou-se à sua casa, à família; agora, sim, com os documentos em ordem, como cidadã,

poderia enviar um dinheirinho a mais para os seis “hermanitos” que haviam permanecido em casa e passavam fome...

Quando foi finalmente chamada ao atendimento, Maria estendeu, ansiosa, os documentos sobre a mesa:

- “Mira, todavía no tienes derecho a la amnistía, por la fecha de tu llegada!”

Duas lágrimas, que insistiam em não cair, embaçaram sua visão, e ela regressou à oficina de costura e ao trabalho pesado e mal pago.

São Paulo, 15 de Janeiro de 2010

Menino de rua

Nome, endereço, família, refeições com hora marcada, roupa limpa e passada, escola e outras regalias, tudo isso Everaldo de Souza já conhecera de perto. Não provinha de uma família de classe média, mas carregava na memória o calor e a intimidade de um lar; verdade que o pai, com dois filhos pequenos, viera de outro casamento, tendo sido abandonado pela esposa; a mãe também tinha uma outra menina, “acidente” de solteira; ambos, pai e mãe, resolveram se juntar em nova união e, às três crianças, acrescentaram a existência de Everaldo.

O pai trabalhava de motorista, a mãe, de empregada doméstica; em casa, a irmã mais velha ia conduzindo as coisas... Veio a crise, o desemprego entrou com violência pela porta, e a convivência, ainda que precária, saiu pela janela: pai e mãe não paravam de discutir, erguiam a voz, chegando, por vezes, aos tapas, empurrões e pontapés; o álcool e o desamor corroíam os alicerces da casa, os filhos se perdiam, brigavam entre si, fugiam da escola; Everaldo foi deixando a família, a princípio, dormindo pelas calçadas; depois, morando definitivamente na rua com outras crianças.

Não tardou para que a droga, os furtos, e depois a violência, passassem a fazer parte de sua vida cotidiana; cedo conheceu também o sexo, desnudo e banalizado; as roupas viraram farrapos imundos que mal cobriam o corpo; a pele, cada vez mais escura, foi encostando nos ossos. A “gang” de Everaldo era comandada pelo Pezão, ex-policial, procurado pela justiça, dono do narcotráfico local; não demorou para a Rota pegar e eliminar o chefe, e os “trombadinhas”, que trabalhavam para ele, se viram, uma vez mais, órfãos e sem nome!

Mas, foi a partir daí que sua vida deu uma virada inesperada: ao invés de enviá-lo para o sistema prisional da Febem, o juiz o introduziu numa casa de recuperação para menores que combinava estudo, educação e trabalho. Hoje, o ex-menino de rua voltou a chamar-se Everaldo, tem endereço, refeições regulares e roupa lavada, além de trabalhar em prol de outras crianças.

São Paulo, 20 de junho de 2009

A indígena

De variados pontos da gigantesca metrópole, pequenos afluentes convergiam sobre o rio de gente que ia desaguando no amplo pátio do Santuário; paradoxalmente, era um rio ao mesmo tempo sedento e esperançoso, que buscava uma água misteriosa, indefinida, oculta aos olhos. A partir do pátio, a multidão se dispersava em distintas direções: muitas pessoas buscavam a velha basílica, ao estilo barroco; outras, a basílica nova, moderna em todos seus detalhes; boa parte optava por subir “el cerro” onde a Virgem de Guadalupe havia aparecido ao índio Juan Diego, em 1531.

Nos rostos das centenas e milhares de peregrinos, batidos pelo sol, pelas tormentas e por inúmeras tribulações, podiam ler-se os traços indeléveis de existências quebradas pela submissão e abandono, pela aflição e o sofrimento; sulcos longamente cavados em suas faces, por décadas de trabalho mal pago, denotavam o costume de tragar as próprias lágrimas, misturadas ao pão duro de cada dia.

Uma análise mais cuidadosa e aguda, porém, podia surpreender um brilho fugaz de conforto e esperança no olhar contemplativo que cada peregrino dirigia “al cerro” e aos imponentes edifícios religiosos do santuário.

Em meio ao redemoinho de gente que circulava em todas as direções, destacava-se uma figura que costuma ser característica desses ambientes:

era uma mulher de marcantes traços indígenas que, desde os portões externos, avançava lentamente pelo pátio, com os joelhos postos no chão de concreto; trazia ao colo uma jovem aparentemente invertebrada, que deixava todo seu corpo cair inerte sobre os braços da mãe; esta, cansada pelo peso da filha e pela angústia de décadas, seguia, joelho a joelho, em direção ao templo central.

Transpassado o portão de número cinco da nova basílica, a indígena parou, levantou o olhar à imagem luminosa da Virgem de Guadalupe e, com as forças que lhe restavam, ergueu a jovem deficiente física; por alguns segundos, permaneceu imóvel, em atitude de oração, enquanto duas grossas lágrimas rolavam silenciosas por suas faces enrugadas.

Depois de oferecer à “madrecita” o seu “fardo” nada leve, que era também a maior razão de seu viver, um visível alívio percorreu-lhe o corpo e os membros. Pelos olhos úmidos e cheios de intenso brilho, era possível adivinhar que seu coração e sua alma estavam tomados por uma estranha e misteriosa paz!

Ciudad de México, 23 de fevereiro de 2010

O tambor

Nunca a noite fora tão fria e solitária para Zé da Cachaça. Cambaleando, seguia em zigue-zague pela rua deserta. O relógio da Catedral já batera 23 horas. Uma brisa gelada cortava-lhe o rosto. Para não congelar as mãos, mantinha-as nos bolsos de uma jaqueta suja e esfarrapada.

- “Bebeu todas, hein?”

Zé resmungou alguma coisa como resposta ao notívago importuno. Eram raras as pessoas que ainda se aventuravam fora de casa. Na esquina, deparou com duas ou três prostitutas ou travestis em trajes mínimos. “Como saber se era homem ou mulher?”, pensou Zé da Cachaça com os olhos fixos num belo par de pernas. O grupo ria e soltava palavrões ao vê-lo passar, tão desengonçado. Ele tropeçou, xingou e quase deu de cara com um poste.

José Freitas de Souza acumulava três décadas de experiência na cidade grande. Viera jovem de Ipirá, sertão da Bahia. Não lhe faltava vontade de trabalhar, arrumar um dinheirinho e ajudar a família. Quem sabe até voltar à sua terra natal, para viver com a Mariinha, um amor secreto e proibido que há muito mexia com sua cabeça.

Mas, na metrópole, tudo saiu às avessas para José de Freitas. Encostou-se provisoriamente num cortiço da Rua do Carmo, no quarto de um cunhado. Eram cinco pessoas num espaço de uns 12 metros quadrados. Fábio, o cunhado, era ajudante de pedreiro e José seguiu-lhe os passos. Mas, tudo o que ganhava mal dava para o aluguel, água e luz, a comida e uma peça de roupa, ou um sapato, de vez em quando. As cartas que chegavam de Ipirá, antes tão esperadas e comentadas, passaram a ser deixadas de lado. A vergonha impedia de respondê-las e até de lê-las, pois não havia meio de ajudar os seus.

Decepcionado, começou a juntar toda e qualquer moeda para tomar cachaça. Até droga chegou a experimentar, mas o vício prolongado não cabia no seu bolso. Limitou-se ao álcool. A bebida, aos poucos,

tomou conta de sua vida. Tornou-se imperativa, não podia passar sem ela. Perdeu várias oportunidades de emprego, até que Fábio não o podia manter por mais tempo.

- “Sinto muito, mano, mas desse jeito não dá mais!”

Foi então que passou a morar pelos becos e ruas, dormindo onde o frio da noite era menos intenso. Para suportar as mágoas e o gelo de São Paulo, só mesmo à base da “branquinha”. A comida até que era fácil arrumar, mas a manguaça! Em pouco tempo, virou Zé da Cachaça.

Naquela noite, porém, não caminhava a esmo como podia parecer. Seguia um toque surdo e ritmado de um tambor distante. Não sabia de onde vinha, mas intuía que aquele som o sacudia a partir das entranhas. Era como se o chamasse do ventre da terra. Inconsciente, ensaiou alguns passos de dança, tentando ajustar-se às batidas do instrumento distante. Sentia-o cada vez mais próximo.

Mal sabia José de Freitas que esse era o som que o havia embalado pela primeira vez em sua existência, ainda no ventre da mãe. O som de um coração que não para de bombear o sangue da vida.

São Paulo, 26 de maio de 2010

O palhaço

Em frente a uma loja de eletrodomésticos, deparo com o palhaço.
Mede uns dois metros e meio de altura,
traz a cara pintada com uma bola vermelha no nariz,
usa roupas extravagantes e pernas de pau.

Faz esforços inauditos para divertir os transeuntes,
convidando-os insistentemente a entrar na loja.
Atrai o olhar das crianças e de alguns adultos menos apressados.
Assaltam-me logo certas perguntas inquietantes.
Estará aí desde a manhã? Há quantas horas?
Não estará cansado de falar e aborrecido de, em vão, alegrar quem passa?
Não consigo me livrar da certeza de que seus pés e pernas
encontram-se doloridos.

Destas interrogações, passo a novas conjecturas.
Fico imaginando em que bairro, vila ou favela, ele mora;
sua casa, família, vizinhos, amigos e companheiros.
Pode ser casado, ter esposa e filhos esperando sua volta.
Chego a querer que desça de suas pernas artificiais
para satisfazer o espinho de minha curiosidade.

Desce a tarde, as luzes se apagam e o comércio vai fechando as portas.
As pessoas saem correndo, atropelando-se pelas calçadas.
Formam filas e filas nos terminais urbanos, nas estações de trem e metrô.
Todos parecem fugir de algo ou de alguém.
Todos parecem buscar o aconchego de algo ou de alguém,
como se fugissem do dia para abrigar-se no seio da noite!

Volto a atenção para o palhaço, mas ele não está mais ali.
Será aquele homem raquítico, triste e meio encurvado que, ele também,
corre atarefado como se estivesse em fuga?
Rapidamente, alcança um ponto de ônibus próximo,
e eu deixo o local com mais uma série de perguntas sem resposta.

São Paulo, 18 de agosto de 2009

Seção II

Símbolos da cidade

A cidade a caminho

A cidade acorda e põe-se a caminho.
Sobre quatro rodas,
põe-se desesperadamente a andar.
Enlouquecida e desvairada pela pressa,
a ninguém ouve, a ninguém conhece, nada vê.
Escrava do relógio e do trabalho,
retoma seu ritmo de máquina acelerada.

Alguém não levantou ainda?
Outro perdeu a hora e o ônibus?
Este não tem emprego ou está enfermo?
Aquele faleceu durante a noite?
Aquele outro, de tanta fome, perdeu o juízo?
Alguém terá sido preso, assassinado, estuprado?
Quantos nasceram, quantos morreram?
Quem dormiu ao relento, pelas ruas e praças?
E quem passou a noite trabalhando?
Muitos foram demitidos?
Houve muitos assaltos, roubos?
Crianças trabalhando, haverá quantas?

Tudo não passa de perguntas inúteis,
problemas particulares, pessoais, quando muito, familiares.
Despertam um interesse momentâneo,
nutrem jornais, revistas e programas televisivos,
mas não têm mais relevância.
O importante é que a cidade,
com suas mandíbulas de aço e entranhas de concreto,
continue crescendo e trazendo o progresso.
O resto... bem, o resto é resto!

A cidade acorda e põe-se a caminho.
Não tem ouvidos, não tem olhos, não tem coração.
Nela não há homens nem mulheres,

não há jovens, anciãos, nem crianças;
há apenas engrenagens, velocímetros,
painéis eletrônicos, números, estatísticas,
juros, cifras, cifrões...

Termômetros que medem o ritmo do capital!

São Paulo, 03 de maio de 1990

Há gente na rua

Há crianças na rua.
Elas precisam estudar, brincar, pular,
pois, sobre seus ombros frágeis,
Hão de carregar o amanhã.

Há velhos na rua.
Eles precisam de um lugar tranquilo
para contar suas histórias,
pois a memória do passado
é o berço do futuro.

Há homens na rua.
Eles precisam trabalhar,
e trabalhar muito,
pois estamos ainda nos alicerces
daquilo que queremos construir.

Há mulheres na rua.
Também elas precisam trabalhar.
Trabalhar e acarinhar maridos e filhos
para que não se percam jamais
o tempero e o sabor da vida.

Há jovens na rua.
Eles precisam sonhar
e ampliar horizontes,
pois sabemos que o sonho só floresce
quando dispõe de um leito sólido
para criar fundas raízes.

Há gente na rua,
muita gente!
Gente que precisa de terra,
de trabalho, de casa, de saúde...
Gente a quem é negada a cidadania.

São Paulo, 06 de dezembro de 1991

Terminal de Ônibus

Desembarco no Terminal de Ônibus Capelinha, em Capão Redondo, zona oeste da periferia de São Paulo. Passam poucos minutos das seis horas da manhã. De ônibus ou das vizinhanças, centenas, milhares de pessoas vão chegando de todos os lados. Cruzam as catracas com o “bilhete único”, eletrônico, e se dirigem aos pontos de partida das linhas em operação.

O véu da noite se levanta preguiçosamente. A aurora emite seus primeiros raios. Mas o dia, igualmente preguiçoso, se anuncia pesado, com nuvens sombrias, cor de chumbo. A custo, a luz vai rompendo o céu carregado, desenhando o contorno dos prédios, do trânsito e das pessoas em febril movimento. Silencia a chuva fina que, durante toda a madrugada, cantou sobre os telhados. Mas, as ruas e calçadas seguem molhadas e escorregadias.

Como ainda é cedo para o compromisso com as irmãs da Congregação de Jesus Crucificado, ponho-me a observar o movimento do Terminal. No ponto da linha 695T-10, que faz o trajeto entre Capão Redondo e a Estação de Metrô Vila Mariana, já se formam sete filas paralelas, correspondendo, a cada uma, a partida de um ônibus. Estes estacionam um atrás do outro e se perfilam em frente à multidão buliçosa e impaciente. Partem a cada instante, sempre lotados, mas as filas continuam a crescer.

Um silêncio sonolento paira sobre as cabeças dos passageiros. Um que outro lê algum livro ou jornal. Poucos conversam ou sequer se comunicam. A imensa maioria permanece imersa em si mesma, como se estivesse só, em meio ao fluxo permanente das pessoas. Cada partida de um articulado faz as filas se deslocarem automaticamente, esperando a sua vez de embarcar.

Ouve-se um contínuo burburinho de vozes e passos, mas é o ronco dos coletivos que predomina. Uma agitação frenética eletriza o ambiente. O tempo parece acelerado: todos correm, todos

empurram, todos demonstram pressa. O importante é alcançar o ponto de embarque. Chegados aí, resta a espera. Dois ou três funcionários tentam, em vão, organizar a entrada e saída de pessoas.

Em meio ao vaivém desvairado, há idosos, mulheres com crianças de colo, outras grávidas, pessoas com alguma deficiência física. Certos passageiros, mais sensíveis, procuram ceder a preferência, mas a maré furiosa da multidão neutraliza toda e qualquer gentileza, bem como as tentativas dos funcionários. A torrente humana desconhece fronteiras.

A metrópole, que acaba de acordar, tem seu ritmo alucinado. Nada e ninguém é capaz de deter sua correnteza. O tempo do relógio imprime uma velocidade de máquina a tudo e a todos. Produzir, vender, consumir – eis a batida forte deste imenso coração urbano que tudo atropela pela frente.

Às seis e quarenta e cinco, ligo para a Ir. Maria Gorete, que havia combinado vir ao meu encontro.

São Paulo, 09 de maio de 2010

O medo

A sensação de insegurança não dominou de uma hora para outra a vida e o dia a dia de Vinícius Ferreira Lima; ao contrário, foi entrando sorrateiramente em sua existência, como o vento frio do inverno que penetra pelas frestas da sala aquecida. Contribuíram para isso as notícias diárias e espetaculares, estampadas nas primeiras páginas dos periódicos, bem como as imagens vivas dos telejornais e o rumoroso bombardeio do rádio...

Vinícius morava num bairro da periferia de Salvador, Bahia; no cotidiano, sua rotina raramente se alterava: de casa para o trabalho, do trabalho para casa, ou de casa para a Igreja, da Igreja para casa. Olhava o mundo e a cidade pela janela dos meios de comunicação social; na paisagem, predominavam a violência, as drogas, as catástrofes, e a morte, sempre presente e trágica, com requintes de crueldade.

Na família, o comportamento de Vinícius mudava insensivelmente: reforçou a fechadura de todas as portas, pôs grades nas janelas, ergueu os muros ao redor da casa, terminando com cacos de vidro, instalou um sofisticado sistema de segurança.

À noite, era comum vê-lo conferir duas ou três vezes se tudo estava devidamente cerrado e trancado.

Diante da esposa, não se cansava de recomendar mil cuidados para com os estranhos que poderiam bater à porta; controlava os filhos, restringindo cada vez mais suas saídas; progressivamente, fechou-se à amizade com os vizinhos, evitando qualquer contato ou conversa pelas ruas.

Quando se deu conta, o medo já tomara sua vida, seu coração e sua alma; os familiares e conhecidos, há tempo, vinham estranhando seu modo de ser.

Mas, as coisas pioraram quando Vinícius simplesmente se recusou a ir à Igreja, aconselhando mulher e filhos a fazerem o mesmo e ficarem

juntos:

alegava os perigos da cidade, em contraste com a proteção do lar.

- “Segurança, só dentro de casa!” – insistia, obcecado.

Um dia, meses mais tarde, Vinícius levantou-se e permaneceu com a família, sem ousar abrir a porta e sair para o trabalho:

o medo crescia como um tumor maligno em sua cabeça;

a família e os amigos não sabiam mais o que fazer;

seus olhos, gestos, palavras e atitudes, enfim,

todo o seu comportamento na casa, irrequieto e assustadiço,

revelava um pavor inexplicável e incontrolável,

como se estivessem, ele e a família, rodeados de forças invisíveis,

mas não menos perigosas e inimigas!

Apesar da resistência da mulher e dos filhos,

terminou numa casa de recuperação para vítimas da síndrome do pânico!

São Paulo, 05 de janeiro de 2010

O beijo

Só depois do ocorrido é que as pessoas puseram-se a falar:

- “Bem que eu me dei conta de que aquele beijo tinha algo de estranho.”

- “Estranha é a pouca vergonha dos jovens de hoje em dia.”

- “A moça parecia pedir socorro com os olhos.”

- “Uma coisa é certa: não havia reciprocidade entre eles.”

- “Para mim, a coisa era normal, escandalosa como sempre.”

E as opiniões sucediam-se umas às outras, contraditórias, ali, na Praça São Bento, ao lado do Mosteiro, centro de São Paulo.

O fato é que o beijo durara pouco mais de trinta segundos, a moça de costas contra as grades do Viaduto Santa Efigênia, e o rapaz debruçado pesadamente sobre ela, cobrindo-a com o corpo; inesperadamente, ele a abandonou e seguiu a passo largo; a jovem, agitando os braços, pôs-se a gritar por socorro:

- “Assalto! Acabo de ser assaltada! Polícia! Alguém me ajuda!”

O rapaz deitou a correr e se volatilizou no meio da multidão.

Formou-se logo um semicírculo ao redor de Maria Helena, como se soube depois chamar a vítima da ocorrência; só então os homens do plantão policial da Praça foram se aproximando, abrindo caminho entre os curiosos, e tentando saber da moça o que tinha acontecido.

Pálida e trêmula, com a voz cortada por soluços ininterruptos, ela contou que o rapaz a tinha agarrado, encostado uma faca, e ameaçado atirá-la lá embaixo, no fluxo veloz dos veículos; havia levado a bolsa com documentos, o relógio, e “não sei mais o quê” – disse, ainda atordoada.

Histórias parecidas começaram, então, a circular entre os presentes: um jovem perdera seu tênis novo logo ali, na 15 de Novembro, um senhor de cabelos grisalhos, guarda-chuva e chapéu, teria perdido a vida se não entregasse todo o dinheiro da aposentadoria;

ali embaixo, no Vale do Anhangabaú, um casal fora assediado e assaltado, outros falavam de carros arrombados, vidros quebrados, e assim por diante.

Os casos iam se multiplicando em número e grandeza, enquanto alguém tivera a lembrança de arrumar um copo de água para Helena.

Desolada, a moça emborcou de uma só vez o copo, olhou ao redor, fixou os policiais, como a pedir explicações, pediu e recebeu alguns trocados “para chegar em casa” e precipitou-se pelas escadarias da estação do Metrô. O pior é que tudo isso, e muito mais, passara a fazer parte da natureza da vida urbana!

São Paulo, 22 de agosto de 1997

O retrovisor

O acidente durou apenas alguns segundos:
um olhar ao retrovisor interno do veículo,
um vulto que se aproxima como um relâmpago,
um deslizar de algo sobre a capota do carro,
uma sombra caindo por fora do para-brisa... o silêncio!
Tudo isso em menos tempo que o necessário para descrevê-lo.

Francisco teve suficiente reflexo para frear o automóvel e desligar o motor;
atordoado pela velocidade da ocorrência, abriu a porta e saiu à rua:
em um primeiro relance, deu-se conta de que havia algo atrás e na
frente do carro;
forçando a atenção, distinguiu, na retaguarda, uma motocicleta caída
e retorcida;
e, adiante, uma pessoa que fazia esforços para levantar-se do chão.
Imediatamente, entendeu que a moto havia batido na traseira do carro
e feito voar seu condutor por cima do mesmo.

O motorista precipitou-se sobre a pessoa, aparentemente ferida:
era um motoboy, erguia-se com certa dificuldade,
mas não aparentava sinais de ferimentos graves.
Ambos respiraram aliviados, porém, neste momento,
chegaram outros motoqueiros, rodearam os dois,
e começaram a hostilizar e ameaçar Francisco.
De dentro do carro, as vozes da esposa e de um filho menor
gritavam, assustados pelo que pudesse ocorrer.

Continuaram a chegar novos motoqueiros,
o clima ia-se tornando mais sombrio e pesado,
um grupo de curiosos crescia e aglomera-se no local;
crescia também o tom das ameaças sobre Francisco,
agora abraçado pela esposa e o filho em pânico.
- “Ele bateu atrás, eu não tenho culpa! Só diminuí a velocidade por
causa do trânsito!”

- “Vocês, motoristas, são todos iguais, nunca respeitam mesmo as motos, merecem uma boa lição!”

O homem que vociferava exibía perigosamente uma arma.

O cerco se apertava, mas alguém devia ter chamado a polícia, cujos automóveis chegaram, com suas luzes e sirenes escandalosas; depois de um tenso debate, onde se ouviam as vozes dos motociclistas, dos policiais, dos curiosos e de Fernando, misturadas ao choro abafado da mulher e do filho, os ânimos foram esfriando e se acalmando aos poucos.

Felizmente, o acidente, pelo menos desta vez, não terminou em tragédia!

São Paulo, 20 de janeiro de 2010

A cidade chora

Chora o asfalto,
gemendo a dor de pés cativos.
Pés descalços ou não,
negros ou de outras raças,
de crianças, adolescentes e adultos.
Pés cansados, abatidos, rudes, descarnados...
pisando duro o chão rugoso das ruas
na luta cotidiana pela sobrevivência.

Chora o concreto,
gemendo a dor de mãos machucadas.
Mãos corroídas pelo cimento e pela cal,
inchadas de trabalho não pago.
Mãos grossas, calejadas, mutiladas...
erguendo do solo o sonho de outros,
nunca os seus.

Chora a máquina,
gemendo a dor de almas partidas.
Força humana,
combustível de computadores, engrenagens, botões,
consumindo energias, traçando destinos...
imprimindo no corpo o ritmo de um tempo-dinheiro
e destruindo o tempo-vida.

Chora o cortiço,
gemendo a dor de gente ferida.
Não tendo casa – veste de família,
exibe em público a nudez de um corpo sem roupa,
escancarando a porta aos segredos mais íntimos
e ao mistério mais inviolável.

Do coração da cidade brota uma imensa lágrima,
caindo quente e úmida no coração de Deus.

Lágrima de suor e sangue...
na vã tentativa de abrir uma fenda
neste impenetrável e gigantesco bloco de pedra.

São Paulo, 12 de outubro de 1991

A praça

Cruzo a praça, em direção a um banco vazio,
e me detenho alguns minutos a olhar ao redor.
Um bando de crianças pula, grita e brinca num minúsculo parque.
A algazarra soa como trinado de pássaros, saltitantes e inquietos.
A uma cuidadosa e discreta distância, os pais observam.
Há um halo de ternura e egoísmo em seus semblantes relaxados.

Uno-me a eles na contemplação desses pequenos organismos,
ao mesmo tempo tão frágeis e tão cheios de energia.
Uma festa para os olhos e para o coração!
Como são capazes de converter em tarde de domingo
uma melancólica manhã de segunda-feira!

Rostos ensolarados, vivos e frescos como a esperança;
olhares fugidios como astros que se acendem na noite escura;
risos que se abrem coloridos como flores na primavera;
vozes que se entrechocam, a um tempo harmônicas e desarmônicas;
pernas e braços ágeis e incansáveis, como filhotes de gazela.

Ah, se tivéssemos a força, os pais e eu,
de jamais deixar que esses sóis conheçam o caso!
de jamais deixar que se apaguem esses olhares confiantes!
de jamais deixar que murchem esses risos transparentes!
de jamais deixar que se calem essas vozes cristalinas!
de jamais deixar que se detenham esses membros infatigáveis!

Ciudad Del Este, Py, 29 de setembro de 2007

A Rodoviária I

No início de um fim de semana prolongado, havia uma atmosfera buliçosa no Terminal Rodoviário do Tietê, São Paulo. Metrô, ônibus, táxis e carros continuavam a despejar ali, por todos os lados, um rio de gente disposta a aproveitar o Carnaval. Seres solitários, com trajetórias solitárias, dirigindo-se a destinos solitários.

Multidão que se fazia, desfazia e se refazia continuamente.

Rostos ansiosos, olhos fixos nos painéis, mãos e braços tomados de malas e pacotes, pés cegos e apressados correndo de um lado para outro.

Fuga ou busca? Talvez uma mistura de ambas!

As pessoas fugiam de vidas premidas pela rotina do cotidiano e buscam ar novo, caminhos mais largos, possibilidades diferentes.

A Rodoviária representava uma porta aberta:

permitia deixar temporariamente o oxigênio pesado da casa e da cidade, para renovar os pulmões, a alma e a existência.

Nessa fuga ou busca, expressava-se um elemento vital da condição humana.

Estava ali, viva e vibrante, a inquietude do espírito, tentando romper com as gaiolas que nos prendem ao dia a dia, a vontade inquebrantável de superar os próprios limites.

Havia sempre uma janela aberta para o ar livre, pois o ser humano foi projetado para o infinito.

Às centenas, os ônibus deixavam o Terminal:

interurbanos, intermunicipais, interestaduais, internacionais.

Transportavam um misto de cansaço e alívio, de tédio e de sonho, em corpos simultaneamente tensos e distendidos.

Mas, quem parte deixa algo para quem fica.

O que nos deixavam os milhares de pessoas que partiam minuto a minuto?

Em primeiro lugar, o gosto amargo de uma vida estressada e inumana;
depois, a necessidade de reciclar a vida nas grandes metrópoles;
por fim, a urgência de abrir veredas novas nesse imenso sertão urbano.

São Paulo, 20 de fevereiro de 2009

A Rodoviária II

A fila para comprar os bilhetes do Metrô estendia-se ao longo de todo o Terminal Rodoviário do Tietê; às seis horas da manhã, o movimento de viajantes e seu vaivém já impediam que duas pessoas caminhassem tranquilas lado a lado; malas e pacotes desfilavam sobre ombros encurvados; inutilmente, os alto-falantes cuspiam avisos sobre o público que nada ouvia além das ondas ruidosas daquele mar de gente; um ou outro passageiro, retardado, corria em zigue-zague, abrindo, entre a multidão buliçosa, uma clareira que logo se fechava. Nos guichês das empresas, outras filas iam crescendo, mas alguns saíam delas desolados, pela falta de lugar nos ônibus lotados.

No embarque e desembarque, piso inferior da imensa Rodoviária, os atrasos e tumultos se repetiam e criavam uma atmosfera eletrizada:

havia pessoas cochilando sobre grandes sacos de viagem, crianças mamando no seio de mulheres visivelmente entediadas, gritos dos agentes das empresas anunciando os destinos mais insuspeitados; mas, destacavam-se, sobretudo, a irritação e a ansiedade da espera, o ronco permanente dos ônibus, num ar denso de poluição, e as discussões entre os passageiros e os representantes das empresas; viam-se dedos apontados para a passagem e para o relógio, acompanhados de gestos expressivos e palavras agressivas.

Quem partia, impacientava-se com as horas de demora; quem chegava, temia não encontrar mais ninguém à espera; apesar disso, multiplicavam-se, às dezenas e centenas, os abraços, lágrimas e recomendações de despedida ou reencontro. A magia e o encanto das festividades de fim de ano revestiam de um brilho e sabor especiais o ar que se respirava; contribuía para isso um presépio montado no piso superior, além das luzes, da música e dos enfeites espalhados por toda a parte;

uma espécie de véu natalino e as expectativas de um ano renovado davam ao Terminal um ambiente sedutor de *shopping center*.

As pessoas deixavam ou aportavam o Terminal Tietê como que enfeitiçadas por uma onda de humanização e solidariedade, tão tênue e efêmera que se rompia ao menor contratempo em seus planos.

O mesmo feitiço frenético reproduzia-se nos taxistas, ávidos de clientes, nos vendedores ambulantes e nos próprios agentes de segurança;

os aglomerados adensavam-se ou rareavam constantemente; ônibus, em horários normais ou extraordinários, saíam e entravam, e as ondas bravias e irregulares daquele imenso oceano de gente iam desfazer-se nas mais longínquas praias do país.

Outras ondas, menos intensas e mais cansadas de longas viagens, acabam morrendo nas periferias da grande metrópole.

São Paulo, 25 de dezembro de 2008

A estação

A multidão desliza apressada pelos corredores da estação.
Silenciosa e hostil, disputa espaço palmo a palmo,
escorre, desvia, tropeça, flui como um rio na planície.
Olhares ausentes, rostos inexpressivos, passo célere,
cada um só enxerga a si mesmo numa meta distante e fixa.
Mundos isolados que se chocam e se ignoram,
passos que se cruzam, recruzam, mas não se encontram,
histórias que se entrelaçam, fugaz e superficialmente.

Alguém, desprevenido ou indiscreto,
comete o delito de fixar o olhar em outro:
alguns segundos de constrangimento mútuo,
um relâmpago de suspeita, inquietação – ou será medo?
O desvio rápido, calculadamente disfarçado,
e o rio volta a correr em seu leito normal.

Uma senhora escorrega, cai sentada, com bolsa e sombrinha:
todos se voltam, todos se mexem, todos se dispõem a ajudar;
todos saem de sua órbita e se agitam febrilmente,
como átomos soltos e perdidos no ar, buscando alguma referência.
A solidariedade explode como a força de água represada,
da mesma forma que explodiria a violência,
da mesma forma que explodiriam a lágrima e o riso,
da mesma forma que explodiria a gargalhada.

É como se a superfície monótona do rio
tenha necessidade de uma pedra atirada sobre ela,
que agite as águas, que levante ondas, que alcance a margem,
enfim, que produza fatos e espuma,
para voltar a conversar, a ver, a respirar, a viver.

São Paulo, 20 de fevereiro de 2006

O semáforo

Amarelo, cuidado! Vermelho, parar!
Som de freios no asfalto aquecido, estridente e metálico.
Automóveis se alinham brusca e desigualmente.
Motocicletas disputam os espaços intermediários.
Camelôs giram em órbita dos carros,
com seus produtos e serviços descartáveis.
Cruza a faixa uma pequena multidão, muda e apressada.
Do outro lado, motores roncam em tonalidades dissonantes.
Buzinas nervosas insistem em erguer a voz.

Foi então que vi aquele olhar.
Uma criança, menina, estacionada à minha frente.
Tinha nas mãos um maço de folhetos,
mas aparentemente esqueceram que devia entregá-los.
Despenteada, com alguns farrapos sobre os ombros,
não devia ter nome e menos ainda família.
De perfil, olhava sobre os ombros:
olhar sem palavras, seco de riso e de lágrimas,
onde medo e desejo pareciam alternar-se.
Abarcava tudo e nada, perdido e só,
sobre o ruído das máquinas e a pressa dos transeuntes.

Verde, avançar!
Mas aquele olhar permaneceu ali, vívido e teimoso,
como que petrificado no para-brisa do carro.
Gravado para sempre no mármore da memória.
Certamente me fará algumas visitas inoportunas
nas noites quentes de insônia.

São Paulo, 15 de fevereiro de 2006

O Natal

De vestido novo, a cidade se exhibe para as festas:
aos milhões, luzes brilham nas árvores, dentro e fora das casas,
nas ruas e praças, nos estabelecimentos comerciais e públicos;
também as pessoas, de roupas e sorrisos novos,
formam rios caudalosos pelas áreas tradicionais do comércio.
Tem-se a impressão de que a felicidade está ali, ao alcance da mão,
e todos se põem em marcha para não perder a oportunidade;
mas, muito caprichosa, ambígua e, por vezes, traiçoeira,
ela parece ser inversamente proporcional
à quantidade de coisas que acumulamos para obtê-la.

Numa corrida dos centros comerciais para as casas,
um enorme formigueiro humano carrega tudo o que pode;
quartos, sala, cozinha e dispensa se enchem de objetos:
alimentos, brinquedos, móveis, vestuário, eletrônicos...
Os mais afortunados trocam carro, geladeira, sofá, TV etc.
É como se, em toda essa correria frenética e irrefreável,
houvesse uma espécie de mistério, tesouro escondido,
tesouro que haverá de se revelar ao abrir uma embalagem,
ao experimentar um conjunto inédito que está na onda da moda,
ao ligar um novo aparelho de som ou um celular de última geração...

Ou será a liberdade que todos buscam em ritmo vertiginoso?
Mas, também ela é cheia de caprichos e de ambiguidades:
só é plenamente livre quem tem as raízes firmemente fincadas no chão,
no solo que é fonte de seiva e de direitos, de cidadania, casa e pátria.
Por outro lado, a casa e a pátria terrenas são lugares de passagem,
onde é preciso aprender a lição de quem, na existência, está a caminho:
de tanto carregar e descarregar a mala, de tanto enfrentar estrada,
o migrante aprende a discernir o essencial do que é efêmero e
secundário, passa a carregar apenas o indispensável para a viagem;
o caminho depura a bagagem e depura a espírito do peregrino!

Transcorrem os dias da festa, as luzes vão se apagando,
a cidade se reveste de suas vestimentas habituais.
Na boca e na alma, permanece um gosto amargo de desilusão:
os objetos se acumulam, velhos de apenas alguns dias, jogados pelos
cantos;
os sorrisos, apertos de mão e abraços, perdem o verniz da cordialidade,
volta o dia a dia, um cotidiano denso e pesado, em que predominam
olhares enviesados, palavras envenenadas, disputas surdas, conflitos...
E, sem dúvida, laços e relações que se estreitam e se relaxam,
amizades e companheirismos que se fazem, desfazem e refazem;
enfim, a vida sem máscaras, tal como ela é!

São Paulo, 04 de janeiro de 2008

Não havia lugar para eles

Impossível dar mais de três passos em linha reta, às centenas, as pessoas cruzavam e recruzavam os largos corredores, em todas as direções e nas mais variadas velocidades; pacotes, sacolas e braços se esbarravam, se batiam, se desculpavam; o burburinho seguia de um lado para o outro, em tom bem-humorado, pois era preciso salvar o espírito natalino e o frenesi festivo; uma espécie de acordo tácito promulgava o perdão antecipado de quem recebesse um tropeção mais agressivo.

As lojas, escancaradas e excessivamente iluminadas, exibiam produtos da última moda e sorrisos disfarçados; uma multidão sem fim desfilava diante de suas portas, olhos brilhantes, seduzida, ao mesmo tempo, pela luz e pelo desejo; os vendedores se desdobravam, mostravam vantagens e preços, só lhes faltava arrancar o dinheiro do bolso dos consumidores. Difícil, quase impossível, sair dali sem algo nas mãos, nem que fosse para pagar em duas, três ou seis vezes, ou para ficar endividado para o resto do ano... ou da vida.

Na praça do Papai Noel, estendia-se a longa fila de crianças para abraçar, beijar e tirar foto com o Bom Velhinho; sempre à frente das pequenas comitivas, como rainhas, elas apontavam o dedo, exigiam, ameaçavam, batiam o pé, levando os adultos como que puxados por uma corrente invisível. Aparentemente incansável, ele as recebia a todas, colocava-as no colo, e as brindava com algumas palavras repetidas cem vezes. Ao lado de uma árvore gigante, repleta de anjinhos e luzes, sentado numa suntuosa cadeira, com sua roupa vermelha e barbas brancas, parecia mesmo um ser de outro mundo, acabado de chegar a este planeta.

Luzes e cores, flores e sabores, mercadorias em quantidade e profusão, o centro comercial mais se assemelhava a uma enorme catedral,

onde os fiéis, em contínua procissão, fascinados pelo luxo e pela pompa, buscavam saciar uma sede que parecia subir e crescer de zonas obscuras e desconhecidas de seu próprio ser.

No fundo, como que envergonhada em meio a tanto esplendor, lá estava a imagem do Menino, ao lado de José, Maria e alguns animais, mas, claramente, fora do espetáculo, do corre-corre e da festa natalina, pois, da mesma forma que na sua visita e no seu nascimento, em Belém, também agora “não havia lugar para eles na casa”.

São Paulo, 24 de dezembro de 2008

Deus habita esta cidade

Não se ouve um dobrar de sinos, típico da voz de Deus;
não se ouve o cantar dos galos, anunciadores do alvorecer;
um que outro pássaro, meio triste, só e desolado, arrisca seu trinado;
flores e árvores, montanhas e vales, rios e nascentes,
tudo está encoberto por uma poluição que toma céu e terra,
um ar carregado que impede até o sol de brilhar como astro-rei.

Ruídos estridentes, de variados tons, estão por todos os lados;
roncos de motores, buzinas e apitos disputam o ar infestado;
trens e ônibus cruzam e recruzam a cidade em todas as direções;
e há o ruído ensurdecido do comércio e do mercado:
bombardeio de imagens, sons, luzes, gritos, publicidade;
dos parques de obras, das feiras livres, das ruas e praças,
sobe e se alastra o burburinho de instrumentos, pés e vozes.

Mas, há outros ruídos que impedem de ouvir a presença de Deus:
disputas cegas e surdas que dividem interesses e grupos;
mutismos pesados e constrangedores que dilaceram relações e famílias;
laços cortados na raiz pelo afã de subir na vida a qualquer custo;
discriminação e preconceito contra estrangeiros e estranhos;
assimetrias, injustiças e desigualdades por toda parte;
todos, a seu modo, e sempre correndo, buscam algo ou alguém,
mas, a cada tentativa, parecem encontrar-se mais ociosos, vazios e
insaciados.

Talvez tenhamos que descer aos porões da cidade, ou a suas periferias,
para encontrar a presença, a voz e o rosto oculto de Deus;
talvez tenhamos que abrir os ouvidos do coração e da alma
para ouvir a voz muda da multidão dos “sem”: sem teto, sem
trabalho, sem saúde...

Talvez tenhamos de percorrer os becos e esquinas mais sórdidos,
onde a droga, o álcool e a violência fazem parte do cotidiano;
talvez por trás destes gritos silenciados e silenciosos haja uma voz
encoberta.

Mas, isso exige uma atenção e sensibilidade especial à voz do silêncio:
exige calar os ruídos externos que perturbam o ar e o ambiente e os ruídos que brotam no íntimo de seres solitários e atribulados;
exige um olhar firme ao terreno selvagem e desconhecido do coração, deixando-se penetrar pela iluminação que vem de Deus.

São Paulo, 27 de agosto de 2009

A marquise

Duda nunca vira uma sala tão bonita, tantas cortinas,
uma mesa tão farta e tanta gente bem vestida.
Até mãinha estava diferente, amiga e carinhosa como nunca.
Ou não era sua mãe? A dúvida persistia, incômoda.
Rostos de várias mulheres se sobrepunham,
como as tias da FEBEM e a Ir. Terezinha da Igreja.
Também as outras crianças, que estavam na festa,
adquiriam os mais variados rostos,
conhecidos uns, indefinidos outros.

Mais estranha ainda era aquela mesa enorme:
havia frutas, bolos, pão, chocolate, sorvete,
mas, ao mesmo tempo, tudo se transformava.
O pior é que, quando tentava se aproximar,
algo o prendia com força ao chão,
como se tivesse as raízes fincadas no soalho.
Por mais que se esforçasse, a mão não chegava à mesa.
Tudo muito esquisito, nebuloso, irreal.

Acordou com um pontapé nas costas.
Sai daí, vagabundo, é hora de abrir a loja!
Ergueu-se de um salto e deu de cara com o comerciante.
Com um ferro na mão, ele o ameaçava, vermelho de raiva.
Duda pôs-se imediatamente a caminho,
para mais um dia de fome e incerteza.

São Paulo, 02 de fevereiro de 2006

O ponto de ônibus

A fila estende-se compacta pela calçada.
Deu cinco da tarde, deixam as lojas e correm,
afluindo em massa para o terminal
Lá na frente, a fila já começou a duplicar-se,
e nada de o ônibus aparecer na esquina.
Com aparente paciência, as pessoas aguardam:
têm seu lugar garantido, não há motivo para inquietar-se.
Um que outro já murmura, ouvem-se alguns palavrões,
mas tudo se dilui no mutismo geral.

Por fim, com estrépito, encosta o carro.
Atrasados, motorista e ajudante cobram rapidez.
É aí que o menino chega, pequeno, tímido e triste.
Carregando aos ombros uma caixa de engraxate,
encosta na porta da frente e pede uma carona.
Não se sabe ao certo onde e quem começou o protesto.
Em pouco tempo, toda a fila gritava e gesticulava.
Uma raiva contida explodiu sobre o menino.
“Vagabundo!”, “Trombadinha!”, “Safado, sem-vergonha!”.
Aos empurrões, ele foi parar no meio da calçada,
enquanto a caixa se abriu com violência
e escova, pomada e demais objetos se espalharam pelo chão.

O ônibus partiu e a nova fila esperava o próximo...
Sentado no meio fio, o menino recolhia suas coisas.
Duas grossas lágrimas rolavam quentes por suas faces negras.

São Paulo, 13 de fevereiro de 2006

O sino

O relógio do Mosteiro São Bento, centro de São Paulo, pinga sobre a praça e a agitação febril da cidade, gota a gota, as seis badaladas da Ave-Maria. Surpreendido no meio da calçada, nessa tarde de sexta-feira, é como se o véu espesso da memória se rasgasse; posso ver, quase tocar com a mão, uma pequena igreja, rodeada de algumas dezenas de casas brancas, imagem de uma verdadeira galinha com seus pintinhos, um sino de som menos grave e mais metálico, nos arrancando da cama às cinco horas da manhã.

Rapidamente, vestíamos a roupa de domingo e seguíamos o chamado para a primeira missa, a das seis; ia a família toda, iam os vizinhos, era o Dia do Senhor, que começava sonâmbulo e terminava melancólico, com a lembrança da segunda-feira.

Desperto da fantasia e me dou conta, quase sobressaltado, de que estou entre dois mundos muito distantes e distintos: lá, um sino que dita o tempo e o ritmo do dia e das horas, o calendário do ano, o que é certo e o que é errado, o bem e o mal; aqui, esta multidão inquieta e sempre acelerada, que sequer escuta a fala humana e os sinos da torre, mas cuja preocupação é correr para o terminal de ônibus ou para a primeira estação de metrô, fugir para casa.

O objetivo é chegar a um ponto fixo o mais rápido possível, para retomar, no dia seguinte, a maratona da existência, sempre com o risco de perder o posto, o emprego, algo irrecuperável. Entre esses dois mundos, sinto-me dividido, fragmentado: as recordações do passado trazem um saudosismo momentâneo, romântico, mas, talvez, porque estou longe dele, e longe das agruras de uma infância carente e penosa; já o frenesi do momento, carregado de estímulos externos,

de luzes e sons, cores e sabores em profusão,
simultaneamente, parece que me atrai e me repele.

Uma coisa é certa: aqui há mais liberdade de escolha,
mas também maior possibilidade de encontrar
becos sem retorno, caminhos sem volta!

São Paulo, 9 de setembro de 1998

O cortiço

- “Eu quero saber quem foi que fez xixi fora do vaso!”
- “Ficou tudo sujo lá dentro, o banheiro virou um chiqueiro!”
- “Aquilo é coisa de homem, mulher não faz isso, não!”

A troca de acusações durava já bem uns 15 minutos.

As mulheres insistiam em apontar a culpa sobre os homens, enquanto estes, acuados, permaneciam num silêncio obstinado.

Tratava-se de uma reunião dos moradores do cortiço da Rua do Carmo, na Igreja da Boa Morte, sobre um projeto de moradia da Prefeitura de São Paulo.

No interior do cortiço, cerca de 20 famílias dividiam entre si, num pátio exíguo, um só banheiro, um só tanque, um só varal. Entre as crianças e os adultos, as tensões e brigas eram constantes, disputando os centímetros quadrados de cada espaço disponível.

Os moradores, em sua totalidade, provinham de Ipirá, sertão da Bahia, e faziam do cortiço uma espécie de porta de entrada na metrópole. Um migrante chamava o outro, as famílias se comunicavam com frequência, sendo quase todos familiares, aparentados ou conhecidos.

Trabalhavam como pedreiros, pintores, garçons, empregadas domésticas, entre outros serviços gerais que a cidade lhes oferecia como ponto de partida.

Uma equipe da Pastoral da Moradia da Igreja Nossa Senhora da Paz acompanhava uns 30 cortiços nos arredores do Centro e da Baixada do Glicério, inclusive o da Rua do Carmo, escolhido pela gestão da prefeita Luiza Erundina para um projeto-piloto de revitalização do Centro em favor dos pobres.

Nesse dia, estava em pauta o projeto: o prédio deveria ser demolido e reconstruído, enquanto os moradores seriam retirados temporariamente para um abrigo.

As obras deveriam ser acompanhadas por uma equipe de moradores e o objetivo da reunião centrava-se na escolha de seus membros.

Mas, prosseguia o desencontro entre a equipe de pastoral e os moradores:

a equipe tentava puxar o debate para cima, apresentando o projeto em questão;

os pretensos interessados se mantinham presos aos problemas do cotidiano.

- “Os homens vão ter que limpar o banheiro, aquilo é uma vergonha!”

- “Onde já se viu uma sujeira dessas, com mulheres, crianças, idosos!”

São Paulo, 05 de abril de 1992

O viaduto

O grito foi lançado ao ar com a força, a violência e o desespero de quem reúne as últimas energias antes de precipitar-se no abismo da morte.

De imediato, um punhado de curiosos se agrupou e se debruçou sobre as grades do Viaduto do Chá, zona central de São Paulo, com os olhos postos lá embaixo, num silêncio angustiado que mais parecia um enorme ponto de interrogação.

De cima, a visão era confusa, imprecisa: havia uma clareira no trânsito do Vale do Anhangabaú, e, no meio da clareira, mal se distinguia um corpo estendido. Vários carros se chocaram e os motoristas, meio atônitos, saíram para ver o que estava acontecendo. Gestos, gritos, acenos e vozes se entrelaçavam no ar, buzinas e pisca-piscas ligados disputavam as atenções.

Em poucos minutos, juntou-se o som de sirenes de diferentes tonalidades: policiais, bombeiros e pessoal do resgate caminhavam daqui para ali, debruçavam-se sobre o corpo, voltavam a caminhar num círculo sem saída. Tudo indicava que não havia mais o que fazer.

Chegaram, depois, em atropelo, câmeras e microfones, repórteres e holofotes, como um bando de abutres, sobrevoando baixo, atraídos pelo cheiro da carne podre. Desnecessário acrescentar que, tanto em cima como embaixo, adensava-se cada vez mais a multidão dos curiosos. Nas janelas dos prédios vizinhos, incluída a sede da prefeitura municipal, os olhares também caíam, com avidez, sobre a cena inusitada.

As primeiras perguntas e comentários começaram a romper o silêncio:
“Homem ou mulher?” “Jovem ou adulto?” “Será alguém conhecido?”

“O que leva uma pessoa a chegar a esse ponto?”

“Não é o primeiro que se atira deste viaduto, nem será o último!”

Precisa estar bem mal para cometer essa loucura!”

Em menos de duas horas, a avenida estava livre,

e o trânsito deslizava na sua lentidão densa e normal.

O corre-corre do Viaduto e da cidade voltava ao seu ritmo alucinado.

Nem os mortos tinham a força de deter a maior metrópole do país.

São Paulo, 15 de agosto de 2008

A noite e a dor

Lua cheia em noite de inverno, a cidade se recolhe para descansar. Janelas cerram as pálpebras, portas rangem gonzos e trincos, luzes se extinguem.

Um rumor difuso embala o sono e o sonho de milhões.

Lá fora, porém, a dor não dorme e não descansa: aflita, expõe feridas vivas de uma história maldita.

Sobre o balcão de um bar noturno, encharcada de cachaça para ser suportada, a dor vomita uma agonia, sem tréguas e sem remédio, de histórias truncadas, de palavrões obscenos, de pedaços de fígado podre.

Em outro canto escondido, sobre uma cama de imundo prostíbulo, em dois corpos ardentes de gozo sem prazer, a dor grita o desespero de estar só, agarrando-se ferozmente a essa migalha momentânea do amor.

Naquela rua deserta e escura, em corpos cobertos de farrapos, - eles próprios farrapos humanos – a dor luta em vão para defender-se das mordidas do frio e da fome.

Em lugares ocultos, milhares de meninos e meninas buscam ainda o que comer ou o que cheirar para enganar a dor, a qual, no dia seguinte, voltará com redobrada fúria.

No fundo fétido de um cortiço, olhos acesos e fitos no teto, pai e mãe velam, protegem o sono agitado de meia dúzia de estômagos famintos. Em silêncio, suas bocas se buscam; em silêncio, os braços se entrelaçam, e, em silêncio, seus corpos se fundem e se amam, enquanto que, sempre em silêncio, coração e olhos vertem um choro triste e proibido de uma dor que ficará para sempre sepultada em desconhecidos porões.

No banco duro de uma igreja, uma alma abandonada implora, mendiga uma palavra, um gesto, um olhar, um sorriso.

Gélidos como a pedra e a madeira de que são feitos, os santos teimosamente se calam.

Despedaçada, a alma deposita sua dor aos pés do altar mas, não conseguindo desvencilhar-se dela, carrega-a sobre os ombros ao sair.

Doce, frágil e bela como a flor, no segredo mais íntimo de inúmeros corações, sonha e suspira a dor de amor.

Destilando, ao mesmo tempo, mel e fel, fecunda o tempo e a vida, abrindo, na história, sulcos para o plantio de novas sementes, prenúncio de um amanhã novo e desconhecido.

Indiferente, a lua transcorre seu percurso.

Indiferente, a cidade em paz repousa.

Indiferente, o céu permanece mudo,

calado, distante e misterioso como o Deus que o criou e o habita.

São Paulo, 20 de abril de 1992

O aeroporto

Gestos cinzelados pela polidez,
rostos marcados pela ansiedade,
malas e bolsas que se entrecrocaram,
corpos que se atropelam,
mas ninguém se encontra.

Olhares sutis e indiferentes,
contatos efêmeros e fugidios,
parcimônia estudada,
tato, elegância e cortesia,
mas a alma não está ali.

Palavras amáveis, mas sem vida;
cumprimentos respeitosos, mas sem calor;
sorrisos frios e despedidos de qualquer afeto;
passos errantes que levam a lugar nenhum.

Gente que se cruza e se pisoteia,
mas permanece distante, ausente.
A atenção volta-se para os painéis eletrônicos,
cada um voltado para o interior de si mesmo,
ouvidos abertos à voz metálica dos alto-falantes,
mas surdos a qualquer chamado humano.
Multidão frenética e agitada,
mas constituída de átomos solitários.

Profusão de luzes, cores e sons,
vozes estranhas e estridentes,
ruídos e palavras desconexas.
Sensação inóspita de quem,
em meio a um turbilhão de pessoas,
se vê, frágil e só, no deserto estéril.

São Paulo, 31 de maio de 2004

O monstro

Eu só a vi de perfil, em um ou dois segundos,
mas foi o bastante para dar-me conta
de que se tratava de uma pessoa deformada:
tinha disformes o rosto, a corcunda e os braços e pernas.
Com extrema dificuldade, mexia em alguns sacos plásticos,
amontoados em meio à calçada, à espera do caminhão,
e deles tirava algo que levava à boca ou ao bolso,
numa atitude rápida, fugidia e dissimulada.

De longe, quando a avistei, confundida com o lixo,
recebi um soco no peito pela degradação a que chegara;
mas, à medida que a distância entre nós diminuía,
aumentava doloridamente minha estupefação.
Foi, então, que a vi em cheio, por um ou dois segundos, repito,
mas ela tratou logo de desviar de mim os olhos e o rosto,
ambos marcados por cicatrizes fundas e horrendas.
Como esmola, lancei-lhe, do alto de minha cabeça perfeita,
um meio olhar e um meio sorriso de piedade.

Deixando para trás a mulher e o monte de lixo,
confesso que ainda tentei virar a cabeça,
com outros olhares enviesados, deter-me naquela cena;
não foi difícil perceber que as demais pessoas
também disfarçavam um atenção viva e inesperada,
para seguir adiante, sabe Deus com que pensamentos!
Eu continuei meus passos em direção ao cartório,
outros transeuntes seguiam em todas as direções,
mas a figura da mulher para sempre ficara gravada
na lembrança das coisas sombrias que acumula a memória.
Agora, já tendo desempenhado minha tarefa e chegado em casa,
me volta com insistência o filme daquele momento;
e eu me pergunto se aquele décimo de segundo
em que meu olhar cruzou envergonhado com o dela,
e lhe deixou cair uma gota solitária de piedade,

não significou uma deformação a mais, uma ferida a mais,
no corpo de uma alma já tão pesada de sofrimento.

Não sei seu nome, seu endereço, se tem ou não familiares,
mas seu rosto, pela deformidade, será para sempre inconfundível,
como o seria um rosto de uma bela e encantadora jovem;
pior ainda, quantos desses seres, meio humanos e meio animais,
circulam por esta metrópole gigantesca, sós, tristes e esquecidos?
Não há censo para os corpos e almas “anormais”:
eles são lançados ao porão da casa ou da cidade!

São Paulo, 11 de setembro de 2009

O shopping center

Duas coisas atraíam Suzana ao *shopping center*: o ar condicionado e o movimento agitado das pessoas; isso era o que ela espalhava, mas ocultava outras motivações. Não dizia que as vitrines, profusamente iluminadas, constituíam sua maior atração, pelos objetos que exibiam; tampouco dizia que os corredores dos centros comerciais podiam oferecer alguma oportunidade de namoro; e não dizia, ainda, que as mercadorias à venda a fascinavam e consumiam, mas não cabiam no seu salário.

Às vezes, com duas ou três companheiras, passava horas e horas girando de loja em loja: as luzes e enfeites, especialmente nas vésperas do Natal, seduziam-na de forma imperativa, obsessiva. Dificilmente passava um mês sem organizar um passeio do bairro Grajaú ao Shopping Interlagos; na cabeça, martelavam-lhe os apelos do marketing na mídia: R\$ 99,99; R\$ 199,00; R\$ 399,00; R\$ 899,00... Uma avalanche de novidades! Como ficar fora da moda?

Suzana enchia os olhos, mas em geral saía de mãos vazias; vez por outra, conseguia economizar uns trocados, e acrescentar uma peça de roupa, um par de sapatos ou uma bolsa ao seu quarto abarrotado de produtos ainda embalados. O gosto do consumo penetrara-lhe o sangue, acumulava objetos que usaria uma vez só ou nenhuma, mas era-lhe impossível resistir à publicidade. Culpado disso era o cartão de crédito!

Normalmente, Suzana deixava o Shopping com um misto estranho de saudade e tristeza: saudade, porque já sonhava com a próxima visita, tristeza porque, perambulando pelos imensos corredores daquela minicidade rica e iluminada, ao final do dia,

apenas conseguia comprar um sorvete de casquinha,
como ritual obrigatório do retorno a casa e ao cotidiano.
Mas, isso também, ela não tinha coragem de confessar!

São Paulo, 24 de novembro de 2009

A vitrine

A vitrine era a paixão de Gisele. Era-lhe impossível percorrer uma rua de lojas iluminadas, sem parar, extasiar-se com as mercadorias expostas, conferir os preços, embriagar-se com as cores, luzes e *design*. Trabalhava no centro de São Paulo, num obscuro negócio de livros usados, sebo, mas antes de entrar em serviço, tinha o hábito de ver e rever as vitrines das casas vizinhas.

O fascínio por roupas, sapatos, celulares, relógios, entre tantos outros objetos, devia-se à sua origem pobre. Os pais tinham chegado à capital paulista na década de 1970; ele, do sertão pernambucano, ela, do interior da Bahia. Embora acostumados ao trabalho duro, traziam na bagagem pouco estudo, o que, entre outros inconvenientes, jamais lhes possibilitou adquirir casa própria. Por alguns meses, viveram de favor em casa de um conhecido, depois suportaram o aluguel até serem obrigados a se transferir para a favela do Camilópolis.

Apesar disso, Gisele gostava de exibir-se bem. Procurava acompanhar a moda, fazendo esforços inauditos para concretizar seus desejos de consumo. Afora as despesas com transporte, todos os seus ganhos, parcos e pingados, eram gastos com sua vaidade: indumentária, calçados, cosméticos, lingerie... Pouco contribuía em casa, o que era motivo de frequente discórdia com os pais e os dois irmãos mais jovens.

Aos domingos, seu sonho era juntar algumas amigas, enfeitar-se com as melhores roupas e passar longas horas no Shopping Ibirapuera. Reverenciava o luxo, a iluminação e os produtos dispostos de forma apelativa, da mesma forma que a mãe, no centro da cidade, reverenciava São João, Santo Antonio, o Cristo Morto, a Virgem Aparecida e outras imagens, nos nichos das igrejas tradicionalmente ornamentadas. Nas desavenças familiares, era costume uma reclamar do “passatempo” da outra.

Com o passar dos anos, a mãe concentrou sua fé na devoção a Santo Antonio. Sempre que podia, entrava na igreja da Praça Patriarca, acendia sua vela ao santo, oferecia uma esmola para o cofre do “pão dos pobres”, encomendava uma missa; às vezes, aproveitava para confessar-se e receber a eucaristia, voltando para casa, aliviada e nutrida, por algumas semanas.

De outro lado, Gisele fixou-se com obsessão num par de sapatos de última moda. Estava ali, na loja mais estridente do *Ibira* e sempre lhe atraía o olhar cobiçoso. Certa vez, num descuido das funcionárias, em questão de segundos, escondeu o par de sapatos na bolsa e saiu com uma pressa calculada e contida. Evidentemente, as câmeras a flagraram, a polícia foi chamada e ela foi parar na delegacia. Quando o ocorrido chegou aos ouvidos da mãe, ela correu em defesa da filha, encontrando-a chorosa e arrependida.

- “Se ao menos você se pegasse com Deus e com os santos!”
Não se dava conta, a pobre mulher, de que sua querida Gisele, há muito, havia escolhido um outro deus.

São Paulo, 24 de junho de 2010

Avenida Paulista

Edifícios da mais moderna arquitetura, de linhas exóticas e sofisticadas, se projetavam, imponentes, num céu azul com flocos de neve;
ao mesmo tempo revelavam e escondiam esse horizonte de primavera, que, em pleno inverno, brindava os cidadãos paulistanos. Sobre o asfalto, no trânsito pesado das duas direções, rugiam continuamente os carros; qual seres vivos, disputando espaço às buzinas, arrancadas e bruscas freadas. Nas amplas calçadas, entre os altos prédios e as vias reluzentes, grupos de executivos buscavam os restaurantes e o café de luxo. Era hora de almoço e eles, embora vestidos a rigor, relaxavam o nó das gravatas e o alinhamento das calças e saias.

Entre os refinados executivos, não era difícil perceber um estrato inferior de trabalhadores e trabalhadoras, igualmente às voltas com o almoço: comerciários, manobristas, office-boys, enfermeiras, operários da manutenção, da limpeza ou da construção civil. Gente que, também aos grupos, se amontoava nos carrinhos de camelôs, ou se apinhava dentro dos bares, padarias ou lanchonetes, atrás de cachorro-quente, salgadinhos, pedaços de bolo, sanduíche...

Abaixo de tudo isso, porém, crianças sujas e maltrapilhas, sós ou duas a duas, apareciam, desapareciam e reapareciam, como vultos indesejáveis e fugidios, sempre atentos ao menor incidente.

Eram moradores de rua, como também o eram alguns solitários que se deslocavam, silenciosos e sem rumo, nos dois lados da avenida; em um ou outro canto, apesar de raras, havia famílias inteiras, provisoriamente abrigadas sob uma marquise ou uma sombra, com a mão estendida, pedindo “uma moedinha para o almoço”.

A constatação foi inevitável, espontânea, imediata:
na avenida símbolo da gigantesca cidade de São Paulo,
no principal centro bancário e financeiro do território nacional,

numa área de metro quadrado mais caro da metrópole, reproduzia-se a injustiça e desigualdade estrutural e histórica, marca registrada do “Brasil, país dos contrastes”.

Também eu tive vontade de um lanche com refrigerante, mas preferi tomar o metrô e voltar para casa.

São Paulo, 28 de agosto de 2009

Rua 25 de Março

O Natal se aproxima e a Rua 25 de Março se enche de luzes, pisca-piscas, alto-falantes, músicas, sons, imagens e cores; no meio do asfalto, carros e pessoas disputam cada centímetro, carregando sacolas, pacotes e presentes, em todas as direções. Na frente de cada loja, sorteadas por um emprego temporário, estátuas plantadas como vigilante, palhaço ou Papai Noel. Pelo chão exíguo das calçadas e da própria rua, se abrem pequenas clareiras na floresta de pernas e pneus; de olhos alertas para a fiscalização, ali os camelôs vendem de tudo: CD's, DVD's pornográficos, meias, cuecas, toucas, bonecas, carrinhos, sacolas, malas, relógios, bonés, cintos, celulares...

Um mar de cabeças se mexe e remexe em ondas constantes, gritos e palavrões se cruzam como pedras atiradas ao ar, sobrepondo-se ao murmúrio contínuo de bocas e pés. Em meio a esse mar revoltado, impossível não identificar os sacoleiros: gente que vem longe, de outras cidades, municípios ou estados, chegam pela manhã, percorrem loja a loja, sempre pechinchando, e, pela tarde, se arrastam com enormes sacos ou caixas, para revender lá longe o produto aqui adquirido.

No calor e na correria efervescente do maior comércio a céu aberto, um grito corta o ar e percorre com um frêmito a multidão: "A polícia, aí vem a polícia!" "São os fiscais da prefeitura!". As águas se batem e se friccionam com violência, aberturas inesperadas dividem a turba em bandos instantâneos, camelôs e pivetes disparam para todos os lados. Mas, longe do miolo do turbilhão, em esquinas e postos privilegiados, algumas figuras, de braços cruzados, olham, calculam e esperam.

Depois do arrastão da polícia e dos fiscais, passada a confusão, um olhar atento não deixará de observar que tais figuras, disfarçadamente, se juntam aos chefes da ação repressora e, de maneira ainda mais disfarçada, depositam algo em suas mãos.

E voltam as luzes, volta o som, voltam as compras, volta o corre-corre, volta o tráfico de mercadorias de origem suspeita...
Afinal, o Natal está chegando e todos merecem um salário mais gordo!

Todos, sim, menos os últimos elos da corrente!
Estes é que apanham, é que precisam correr dos “home”,
é que vão parar atrás das grades e, nas periferias distantes,
jamais poderão oferecer um Natal diferente à família!

São Paulo, 15 de novembro de 2008

Cidade de São Paulo

Moro e trabalho em São Paulo, bem no coração da cidade,
apenas a alguns passos da Praça da Sé.

O que mais me surpreende, todos os dias e a cada dia,
é perceber que esta metrópole é, antes de tudo, um organismo vivo.

Organismo vivo que sente, pulsa e pensa,
que chora e que canta, que sofre e que dança,
que cai e se levanta, palpita e bate,
que experiencia o riso e a dor, e fala, e grita, corre, se agita.
Organismo vivo, vibrante e dinâmico,
em permanente processo de mudança e crescimento.

No interior desse organismo, em suas entranhas mais profundas,
não é difícil surpreender fragmentos vivos de um evangelho silencioso
que impregnam a atmosfera de uma gratuidade oculta e desconhecida,
construída a partir de mil gestos solidários.

É o homem da rua que, na madrugada fria,
traz para junto de si o companheiro enrijecido,
estende-lhe um pedaço da própria coberta,
ao mesmo tempo que oferece um gole de cachaça
para que possa dormir ao menos por um pouco.

É a mulher prostituída e cansada, a qual,
além das carícias exigidas pelo trabalho,
não nega um carinho gratuito ao homem desesperado e só
que, em sua cama, chora e se debate como criança
em busca de uma salvação que sempre lhe escapa.

É o grupo de meninos e meninas da Praça da Sé,
abandonados por todos e sempre famintos,
passam de mão em mão a cola de sapateiro
para iludir uma carência que não é apenas física,
mas que vem do mais profundo da alma.

É a mulher mãe e trabalhadora,
muitas vezes solteira e abandonada
com dois, três, quatro ou mais filhos,
que, após todo o esforço de um dia,
ainda é capaz de puxar para si as crianças
e chorar de ternura e compaixão.

É aquele pedreiro da mão grossa e dura
que, apesar de rasgada pelas cicatrizes do trabalho,
conhece a leveza do mais profundo afeto
quando acarinha a cabecinha dos filhos desnutridos
e faz desajeitadas carícias no corpo da esposa.

Organismo vivo, sim, que silenciosamente clama,
silenciosamente reza e silenciosamente ama.

São Paulo, 04 de agosto de 1992

O crime

No meio da noite, estalaram os gritos:
lancinantes uns, como quem está diante da morte;
enfurecidos outros, como quem é a própria morte;
por longos minutos, eles seguiam rasgando o silêncio,
rompendo o sossego e o repouso habituais,
como raios que desenham e iluminam tempestades.

Nas casas vizinhas, luzes vão se acendendo,
uma ou outra pessoa ousa abrir a porta,
pouco a pouco, o grupo se aproxima da casa
onde parece desenvolver-se a tragédia.
Como sempre, o socorro chegou tarde:
todos viram quando um vulto desapareceu rua abaixo,
montado numa velha e conhecida bicicleta.

Alguém havia acionado o 190 e chamado a polícia:
agora eram as sirenes que perturbavam a quietude,
e já os carros se aproximavam atropeladamente
e, mais atropelados ainda, os policiais desciam deles.
Atrás deles vieram também os bombeiros,
e, depois, ambulâncias e pessoas do resgate.
Perguntas, lanternas, corre-corre – “É aquela casa ali!”
A casa foi cercada pelos homens de farda,
a população crescia e fazia outro círculo à distância.

Não demorou em correr a notícia como um rastilho de pólvora:
havia mortos e feridos, sangue por todos os quartos da casa;
aos poucos, as coisas foram se clareando e o horror aumentando:
os mortos eram quatro, duas crianças e dois adultos, um de 90 anos;
os feridos também quatro, mãe e três filhos, que escaparam à tragédia.
Não podiam falar os repórteres, as câmaras e os holofotes,
e, junto com eles, as perguntas de que todos se esquivam.

No dia seguinte, o caso se fez notícia na mídia:
João dos Santos, desempregado há algumas semanas,
num acesso de fúria, tomou uma machadinha enferrujada,
e tentou dar cabo de toda a família, mulher, filhos, sogro...
Desapareceu em seguida e a polícia não sabe de seu paradeiro.

O noticiário sensacionalista enriquecia-se com mais essa tragédia,
espetáculo vivo de uma cidade que os proporciona diariamente.

São Paulo, 03 de setembro de 2009

O Banco

A fila arrasta-se a passos de tartaruga,
o nervosismo no rosto das pessoas é visível,
explosivo, nos mais inquietos e impacientes;
os comentários vão se acumulando,
e a porta giratória continua girando gente para dentro;
a fila cresce, praticamente enchendo o salão da agência;
a um certo ponto, bifurca-se: atendimento normal e especial.

Dois guardas, devidamente fardados e armados,
com os olhos e os ouvidos vigiam o ambiente;
à medida que os ânimos se elevam, o rosto de ambos escurece;
nos caixas, sob pressão, dois funcionários procuram despachar os
clientes, mas o nervosismo também toma conta deles,
não raro se atrapalham com os documentos e as contas.

Às quatro em ponto, o Banco encerrou o expediente para a entrada,
mas a fila seguia deslizando lenta, tensa e morosamente;
de pouco serviam os sorrisos e as frases publicitárias
que a todos dirigiam os cartazes fixados nas paredes;
ao contrário, pareciam desafiar ainda mais a paciência.

Mais exaltadas, algumas pessoas começam a elevar a voz;
dos fundos, surgem dois homens de paletó e gravata,
acompanhava-os um terceiro guarda, surgido de improviso.
De ambos os lados, dentro e fora do balcão,
a pressão aumentava, o clima ganhava temperatura.
Um rapaz pôs-se a discursar, em alta voz, sobre o lucro do sistema
financeiro, insistindo, especialmente, nos números referentes ao
Banco Bradesco.

Somente por volta das cinco da tarde,
os dois caixas, exaustos, conseguiram vencer a fila:
em graus diversos de irritação, ela se desfez,
reenviando cada um ao cotidiano de seu mundo,

para, em muitos casos, nunca mais se encontrarem.
Mas, para todos eles, novas filas os esperavam:
no INSS, na outra agência bancária, no ponto de ônibus,
no consultório médico, no supermercado, açougue, padaria...

Nascemos condenados à fila, da mesma forma que o estamos
à violência, ao trânsito caótico, à poluição sonora e visual, ao aperto
no Metrô;
como se a fila já fizesse parte da paisagem metropolitana.

São Paulo, 11 de novembro de 2008

A cidade

Busquei um olhar
que me pudesse reconhecer.
Mas encontrei apenas a indiferença
de uma multidão apressada.

Busquei um ouvido
que me pudesse atender.
Mas encontrei apenas surdez
nos imensos blocos de concreto.

Busquei uma palavra
que me pudesse confortar.
Mas encontrei apenas gritos
num trânsito louco e desvairado.

Busquei um rosto
que me fosse amigo.
Mas encontrei apenas estranheza
em faces marcadas por medo e hostilidade.

Busquei um coração
que me pudesse acolher.
Mas encontrei apenas portas fechadas
em peitos de cimento e aço.

Busquei a mão de alguém
que me ajudasse a levantar.
Mas encontrei apenas gente caída
por uma servidão de séculos.

Busquei um homem ou uma mulher
com quem pudesse conversar.
Mas encontrei apenas máquinas
robotizadas para o trabalho.

Busquei uma alma
onde o amor tivesse lugar.
Mas encontrei apenas vazio e ódio
em seres já não mais humanos.

Busquei uma pessoa
com quem fosse possível um encontro.
Mas encontrei apenas desconhecidos
nesta cidade de números e estatísticas.

Busquei um deus
a quem pudesse rezar.
Mas encontrei apenas templos frios e desertos
onde o silêncio é a única resposta.

São Paulo, 04 de maio de 1991

O Treme-Treme

Como um espantalho, ergue-se o Treme-Treme em frente ao Mercado Central, do outro lado do Tamanduateí, na região do Parque Dom Pedro II, capital de São Paulo. Mais do que um edifício, tem a aparência de um esqueleto ossudo e descarnado, exibindo vidros quebrados, paredes pichadas e sem reboco, buracos, no lugar de janelas; e uma cor indefinida de ruína, descaso, e nenhuma conservação.

Nem sempre fora assim. Em outros tempos, o fantasma do Treme-Treme era cenário de uma agitação intensa e febril. Ali se escondiam moradores de rua, prostitutas, travestis, usuários de droga, gente sem nome e sem família, sem origem nem destino. Era difícil conseguir um lugar em seus elevadores, quebrados na maioria das vezes, ou em concertos intermináveis. Nas escadarias, gente se atropelava, gritava e exibia uma nudez descarada e sórdida, como mercadoria barata. Aos xingões e tapas, disputava-se o metro quadrado de cada piso e até dos vãos da escada.

Das janelas, via-se um festival de roupas íntimas, suspensas e secando ao sol, em varais improvisados. Visto de longe, o prédio mais parecia uma construção abandonada, embandeirada para as festas juninas. Na calçada, era perigoso transitar em certas horas do dia ou da noite. O cidadão poderia ser surpreendido por um saco de plástico cheio de urina ou fezes humanas; o que denunciava a escassez de banheiros para tanta gente amontoada. Em toda a cidade, o espantalho de concreto ganhou fama de verdadeira favela ou cortiço vertical!

Os labirintos ocultos e inacessíveis do prédio serviam para esconderijo de mercadorias contrabandeadas, que depois seriam vendidas na rua 25 de Março ou na Galeria Pagé. Também passavam por ali traficantes de droga, fugitivos da lei e uma série de pessoas a que ninguém ousaria perguntar quem eram, de onde vinham ou para onde iam. Os dias e as noites eram concorridos nos corredores

escuros, fracamente iluminados, apinhados de gente que ia e vinha. Tentaram-se até algumas visitas pela Pastoral da Moradia, mas não havia clima para semelhante tipo de atividade.

Na andar térreo, um punhado de estabelecimentos comerciais vendia cachaça, pastéis e coxinhas requentados, sucos com frutas imprestáveis para o consumo no mercado, café com leite e pão com manteiga, analgésicos e ervas para todo tipo de remédio, uma infinidade de outros produtos de baixo custo... e, é claro, programas de sexo para quem andava com os bolsos curtos.

O lugar era teatro de frequentes batidas policiais. Sirenes ligadas, berros e gritaria generalizada, armas em punho, corre-corre, algumas detenções, e tudo voltava ao normal. Com o passar dos anos, as autoridades iniciaram a desocupação do edifício, que ia adquirindo as feições de um espectro. Trabalho ingrato, dadas a altura de mais de vinte andares e a falta de rotas de fuga. Os botecos foram fechados com concreto, a luz e a água cortados.

Agora, falava-se em demolição, discurso antigo de uns 20 anos, pelo menos. O problema é que, mesmo bloqueado, alguns moradores insistiam em escalar as paredes e se meter lá dentro. Por outro lado, uma simples implosão oferecia riscos para a estrutura do viaduto vizinho e para o rio. O fato é que já se verificavam o acúmulo de entulho, em seus vãos internos, bem como um ar de destruição e morte, em toda a fachada do velho, lendário e condenado prédio.

São Paulo, 17 de julho de 2010

O boteco

O Portuga do bar Estrela do Mar já estava acostumado: o desfile de “bocas de litro”, como ele os chamava, começava logo cedo e se estendia até tarde da noite. Vinham velhos aposentados, sem saber como passar o tempo em casa; vinham desempregados atrás de um gole de esperança; vinham jovens iniciantes no álcool, com aparência de valentia; ultimamente, vinham até mulheres, quase sempre estranhas ao lugar.

Naquele dia, porém, o Sr. Manuel Rodrigues tomou um susto: antes das 10 da manhã, apareceu o Juca, visivelmente transtornado; pediu uma dose dupla de cachaça e emborcou-a de um trago; logo pediu outra, e outra e mais outra, e assim por diante. O Portuga teve a tentação de perguntar o que estava acontecendo, mas não foi necessário, pois o Juca pôs-se logo a falar.

As palavras caíam-lhe dos lábios aos borbotões, como sangue vivo e quente de uma ferida aberta; pouco se entendia de suas frases desconexas e partidas, encharcadas de mágoa, lágrimas e cachaça; depois de algum tempo, já completamente embriagado, Juca mistura choro, vômito azedo e restos de palavras ininteligíveis.

Conhecedor dessa linguagem molhada de álcool, Portuga conseguiu entender que o Juca, há meses, perdera o emprego na firma e continuava desempregado; hoje dependia dos “bicos” que não lhe davam segurança alguma. A família estava quebrada, as contas atrasadas, e ele não tinha mais autoridade diante da mulher e filhos.

Tinha gastado muita sola de sapato atrás de trabalho, mas todas as portas se fechavam para a sua idade; sentia-se acabado, imprestável, um trapo velho jogado num canto. Desesperado, o homem também deixou escapar

que já tinha ido na benzedeira, no pai de santo, no padre e até na zona, onde havia chorado como criança.

O Sr. Manuel Rodrigues, católico praticante, compreendeu, então, que a Igreja, o boteco e o prostíbulo são os três lugares onde o homem abre o coração e chora!

Santo André, 18 de maio de 1997

Bala perdida

Quase que diariamente, ela é protagonista dos noticiários: no enfrentamento entre policiais e grupos de narcotraficantes, no duelo entre estes últimos pelo controle dos pontos de venda, ou no confronto entre milícias, soldados e gangues armadas. As balas, às dezenas e até às centenas, se cruzam e se perdem, indo bater-se contra prédios, muros, postes... e gente. Sendo comuns os tiroteios, com assassinatos de policiais e “bandidos”, igualmente comuns são as balas sem direção.

Por mais que os pedestres corram e se protejam, porém, não raro uma delas atinge alguém que nada tem a ver com a briga, daí a morte ou paralisia de não poucas pessoas, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte... Evidente que tais incidentes ocorrem com mais frequência quando favelas e bairros de classe média se misturam, e os moradores do morro decidem baixar ao asfalto.

Foram bem noticiados, mas provavelmente esquecidos, o caso da jovem universitária atingida na coluna vertebral e que hoje amarga uma existência vegetativa, apesar de lúcida; ou o caso da menina de três anos, carregada no colo da mãe, que teve a cabeça transpassada pela bala e faleceu ali mesmo, nos braços da mãe inconformada, antes de qualquer socorro; e ainda o caso do pedreiro paraibano que, após um dia de trabalho, voltava para casa e teve a vida ceifada por um projétil anônimo. Os casos poderiam multiplicar-se indefinidamente.

O fato comum dos tiroteios e das balas cruzadas tornou também comum o empurra-empurra das responsabilidades; a pergunta clássica – de onde partiu a bala? – pode arrastar-se por meses e anos, nas intermináveis perícias técnicas de corpos e balísticas, nos labirintos inextrincáveis da burocracia judiciária, com seus juízes, promotores, advogados e testemunhas. Enquanto isso, sem trégua, a guerra segue nas ruas e morros;

à luz do dia ou em plena noite, as rajadas cortam o silêncio;
morre gente de arma na mão e droga nos bolsos,
e morre gente que jamais teve contato com nenhuma das duas.
Jornalistas, delegados e estudiosos do crime organizado
nos enchem os ouvidos de comentários e de teorias,
falando de soluções a curto, médio e longo prazo.

Mas... as balas continuam varrendo os bairros,
“perdidas” e jamais encontradas muitas, sem dúvida,
mas outras causando vítimas entre a população civil;
uma guerra, esta sim, “perdida” para a polícia e para as gangues,
pela ausência do poder público e da lei.

São Paulo, 02 de janeiro de 2003

O elevador

A luz se acendeu, a porta se abriu e a fila se precipitou para dentro do elevador. Os primeiros se acomodavam contra as paredes, os últimos disputavam os espaços centrais. Entre cumprimentar o ascensorista, informar o número de destino e escolher o lugar, tudo se realizava de forma mecânica. Igualmente mecânicos eram os gestos e o rosto impassível do ascensorista.

Terminada a lotação, a porta correu e a máquina começou a subir lentamente. Cada usuário procurava concentrar-se em alguma coisa, como se estivesse muito ocupado. Mas, não era difícil surpreender olhares oblíquos buscando rostos frios e ensimesmados. Dentro do espaço reduzido, os movimentos eram milimétricos, todos na tentativa de evitar o menor toque com o vizinho.

Na falta de palavras, a linguagem era feita de olhares, toques indesejáveis, esbarrões, cheiros, retraimentos e atitudes esquivas. Travava-se uma luta surda e muda para evitar o mínimo sinal de comunicação. O ajuntamento provocava seu contrário: o isolamento, a solidão, o mutismo. O respeito mantinha-se cordial, polido, mas cuidadosamente distante e impessoal. Relacionamentos de todo o tipo estavam proibidos!

- “Oi, Joana, quanto tempo! Você deixou a casa da Dra. Alessandra?”
Intrigado, o ascensorista fitou a mulher indiscreta. Olhares rápidos e dissimulados se cruzaram e descruzaram. Todos se sentiram tocados, incomodados. A fala havia rompido um silêncio protetor. Um frêmito mal perceptível sacudiu todo o grupo, como que penetrado por um corpo estranho.

- “É, eu saí de lá” – limitou-se a dizer Joana, visivelmente constrangida!

Constrangida, porque ela já havia aprendido a linguagem silenciosa dos elevadores. Mais do que todos, sentia-se invadida em sua intimidade. Interpelar ou ser interpelada naquele ambiente era o mesmo que despir-se diante de estranhos. A minimultidão protegia a todos dos próprios pensamentos, mas especialmente da origem e destino de cada um. O anonimato era a melhor garantia da invisibilidade a que todos ansiavam nos centros urbanos. Reproduzia-se, naquele espaço restrito, a dinâmica das multidões que corriam

nas ruas e praças.

O silêncio voltou a impor-se e os usuários voltaram a seus disfarces secretos. Criteriosamente, todos procuraram algo em que depositar o olhar, as mãos, o pensamento, o corpo, fugindo de qualquer gesto que pudesse significar algum tipo de relação. Era preciso preservar a própria vida da atenção estranha e indiscreta.

Em ritmo lento e preciso, o elevador ia distribuindo as pessoas pelos andares do edifício: trabalhadores e trabalhadoras na multidão silenciosa, sedentos e ansiosos por uma palavra que jamais será pronunciada!

São Paulo, 28 de março de 2010

A rua I

Mãos buscando mãos... vazias
Olhos buscando olhos... cegos
Rostos buscando rostos... fechados.

Palavras buscando ouvidos... surdos
Sorrisos buscando amigos... ocupados
Silêncio buscando corações... de pedra.

A buzina, a propaganda, o motor
tudo grita e abafa o gemido
manso, sem fala, partido
que vem do fundo da dor.

A angústia se esconde, se tranca
atrás da máscara sorriso-carranca.
A lágrima sem nome, doída,
se envergonha, se cala – é engolida!

O asfalto, o concreto, a máquina... o movimento!
E, no fundo, onde ninguém escuta... o sofrimento!
O soluço duro, denso, pesado
do homem do trabalho não pago.

Gente se cruza, se pisa, se xinga.
Gestos, olhares, palavras – envenenadas.
Mendigos, chagas, moedas – choradas.
E, na esquina, o bálsamo, o alívio da pinga.

Crianças com rugas de um ancião.
Meninas-moças à espera do ganha-pão.
Adultos inseguros, assustados
(é o medo, a cidade), apressados.

O trombadinha, a carteira, o relógio – cuidado!
Corre-corre, polícia, pega ladrão! – tá danado!
A loteria (federal e esportiva) e a sorte
que traz, aos poucos, esperança e morte.

Cocadas, meias, chinelos, cuecas etcétera e tal
Compra-se ouro, chapa dos pulmões ... cadê o mal?

E, na solidão da alma, o absurdo
de gente que se mata pra morrer.
É o choro no escuro, a sofrer,
de um povo buscando um deus... mudo!

São Paulo, 11 de junho de 1988

A rua II

Conjunto vago e vasto de coisas e pessoas.
Pés que se cruzam, mãos que carregam pacotes;
bocas escancaradas e iluminadas de lojas
exibindo roupas, sapatos, malas, eletrodomésticos;
bares, padarias e lanchonetes, ávidas de clientes
para saborearem um cardápio rico de gordura e pobre de criatividade;
bancos e repartições públicas, ar sisudo de política e negócios,
mas onde se legitimam os crimes mais hediondos.

Rio rico, dinâmico, sempre em movimento,
para onde converge chuva de vozes, de gestos, e de gritos,
de constantes encontros, desencontros e reencontros;
onde placas de publicidade, bordadas a tinta e luz,
anunciam a marca da loja e do produto, novidades, liquidações
e os menores preços da praça, 2,99; 5,99; 99,99, 599,00...
Na marcha incansável da turba, no torvelinho diário,
há mendigos, há trombadinhas, há camelôs;
sacolas e pacotes protegidos com os dois braços,
pares de namorados ou de amigos que abrem alas
onde a regra é passar um a um, esgueirando-se.

Turva e colorida, as águas do rio movem-se,
não de montante a jusante, como querem as leis físicas,
mas, em todas as direções e em redemoinho:
pedestres correm, pedestres olham, pedestres entram e saem,
pedestres se voltam fregueses, usuários, consumidores;
e, misturados a eles, automóveis buzina, aceleram, freiam,
acendem e apagam os olhos de fogo, se impacientam;
um caudal de vida vibrante é a rua que passa,
com sombras deslizando sob a multidão de passos.

Se a vejo às duas da madrugada, já não é a rua,
mas um oco, escuro e morto, com algum notívago solitário.
Ali está o asfalto, mas as patas redondas desapareceram;

ali está a calçada, mas a noite varreu dela todas as cores e vozes;
ali estão os edifícios, mas com as pálpebras hermeticamente cerradas.
Sob uma marquise, talvez durma um grupo, ou família,
um bêbado canta sua solidão para as paredes surdas,
uma prostituta faz plantão numa esquina à meia-luz,
ouvem-se ao longe sirenes, um que outro grito, e é só!

Em alguns lugares, a metrópole não conhece o sono,
mas ali a rua, antes viva e veloz, morreu ou dorme,
esqueleto sem vida que logo despertará para seguir sua marcha.

São Paulo, 08 de dezembro de 1998

O trem

- “Bala de goma, chocolate e amendoim!”

- “Leve cinco por um real, só cinco por um real!”

O menino entrara na estação do Brás
e percorria, um a um, os apinhados vagões do trem.

Atento a todos os rostos, por medo da fiscalização,
oferecia a mercadoria oculta em uma sacola.

As pessoas, uma que outra, vasculhavam os bolsos:
moeda daqui, moeda dali, acabavam comprando.

“Por necessidade ou por compaixão?” – pergunto no meu íntimo.

Mais uma vez, a dúvida, a cruel dúvida dentro de mim!

Tenho consciência de ter uns trocados na carteira,
estou ciente da necessidade do menino e de tantos outros,
sei do desemprego, do subemprego, do trabalho informal,
da luta feroz dos camelôs contra a prefeitura... e tudo o mais...

Mas, para mim, essas palavras não passam de conceitos.

Como um intelectual que vê as coisas a “partir de cima”,
ponho-me a raciocinar, a fazer mil perguntas,
a levantar mil possibilidades, mil suspeitas e mil dúvidas.

Ajudar o menino ou ajudar uma instituição?

Com a cabeça cheia de pontos de interrogação,
hesito em colocar a mão na carteira, em mexer no dinheiro.

Indiferente a meus grilos, o menino segue seu percurso,
raras pessoas vão adquirindo balas, chocolate...

até que o trem chega na estação de Santo André.

Só então decido que devo, sim, colaborar, mas o menino se afasta,
com sua sacola escondida, seus olhos vivos e seus gritos.

E eu, pela décima ou centésima vez,
perco a oportunidade!

São Paulo, 17 de fevereiro de 2006

Olhos e ouvidos eletrônicos

Os olhos e ouvidos humanos não dão mais conta de acompanhar os movimentos multiformes, polifônicos e plurais que se desenrolam diariamente nas grandes cidades. As imagens, luzes e ruídos, as cores, sons e sabores, cegam e ensurdecem quem atravessa ruas e praças. As pessoas se convertem em autômatos inconscientes, que se guiam por impulsos, reações, instintos: irrefletidamente, tendem a oferecer respostas imediatas a problemas repetidos e pontuais.

Em contrapartida, a cidade ganha olhos e ouvidos eletrônicos: radares, câmeras, microfones, celulares, holofotes: equipamentos mecânicos, matemáticos, precisos, que observam, medem, calculam, vigiam e controlam. Espécie de robôs que se convertem em organismos vivos, ao passo que as pessoas se coisificam em máquinas que, bem ou mal, vão se adaptando às exigências da vida urbana.

As conversas de esquina e de vizinhança, diárias e familiares, são comandadas pela mídia e pela opinião pública: elas é que reinventam a forma de olhar, de ouvir, de analisar e, conseqüentemente, a maneira de sentir. Os meios de comunicação social, com seus órgãos mecânicos, vendem sensações e orientam a reflexão ou irreflexão; vendem lágrimas e afetos, amores e desamores, ódios e violência; o público passa a ver, olhar e sentir a partir da “telinha”.

O resultado é a fabricação artificial e a multiplicação de gente com o coração de pedra, cimento e asfalto, de um lado, e de equipamentos eletrônicos que aparentam sentimentos nobres, de outro. Daí, o grande desafio da interação, nos redemoinhos da cidade, entre o ser humano, chamado sempre à superação de si mesmo, e as múltiplas formas de ver o mundo e a humanidade, criadas pela revolução das telecomunicações e a informática.

A nanotecnologia parece nos levar à formação de seres híbridos, simultaneamente humanos e máquinas: humanos melhorados em sua qualidade de vida por chips, e máquinas que parecem desenvolver sensações e mistérios. Até onde é lícito levar essa interação?

São Paulo, 27 de setembro de 2009

Chagas

Havia chagas nos pés, nas pernas e nos braços das crianças; feridas vivas de vidas arranhadas por todos os tipos de espinhos; abertas umas, cor de sangue; outras, mal cicatrizadas. Elas, as crianças, nem se davam conta de que, enquanto nos fitavam, coçavam alternadamente um braço, uma perna, um pé... A verdade é que toda a família constituía uma escandalosa chaga, ali, debaixo do viaduto, como quem encontra um porto depois de atravessar mares bravios e inóspitos. No rosto do casal, liam-se os sinais de uma chaga oculta: fome, dor e solidão formam em suas faces três irmãs gêmeas; o rapaz não passava dos 30 anos, mas aparentava mais de 50; a companheira, mais nova e mais velha ao mesmo tempo. Dos quatro filhos, só uma, a mais velha, parecia entender algo; também nela a existência já tinha cravado uma chaga oculta.

Estavam ali há mais de um mês e não havia perspectiva de mudança: viviam de restos do lixo, de migalhas atiradas pelos bares e padarias e de cachaça para esquentar as noites gélidas e solitárias. Aos poucos, foram organizando a própria casa, os objetos, dispendo daquele espaço de acordo com as possibilidades; apareciam missionários que restavam um pouco com eles; apareciam os policiais, sempre em dupla, tentando intimidá-los; e apareciam cachorros esqueléticos e sarnentos, cheirando, lambendo e rosnando ao redor do Brutus, o único que parecia ter nome na estranha família.

Mas, olhando com mais atenção nos olhos do homem e da mulher, como também nos olhos das crianças, embora alegres, notava-se uma chaga mais funda, vinda do fundo das entranhas, que lhes cortava a alma e cortava o coração de quem passava. Mesmo ferida e em plena miséria, ou por causa disso, a família não pensou duas vezes para adotar aquela menina que por ali apareceu um dia, sem nome e sem ninguém, e que logo fez amizade com as demais crianças.

São Paulo, 27 de agosto de 2009

Bosque e praça

Um pequeno bosque, uma praça, um chafariz.
O sol brilha, a água canta, os pássaros gorgem.
Pessoas sentadas ou caminhando, sós ou em grupos,
conversam, folheiam um livro ou leem o jornal...

Ao redor do chafariz localizado no centro,
algumas dezenas de pombos e um punhado de crianças
brincam e se entretêm reciprocamente,
as últimas distribuindo aos primeiros
pipoca, biscoito e pedaços de pão...

Três formas distintas de vida, vegetal, animal e humana;
a água, como fonte desse pequeno jardim da biodiversidade,
sangue vital na rica e múltipla obra da criação;
as plantas, no mistério de um silêncio eterno,
crescem, ao mesmo tempo, para o interior da terra
e para o ar livre, o céu aberto, a luz do sol;
as aves, em sua língua sem palavras,
emitem sons típicos e inarticulados,
enquanto exibem pequenos voos,
na disputa instintiva pelo alimento oferecido.

Mas, somente as crianças,
cientes e encantadas com o que fazem,
são capazes de bater as mãozinhas, de rir alto e forte,
de caminhar graciosamente, aos pulinhos,
falando, alegres, com os pombos e com os pais,
num genuíno hino à vida!

Roma, Itália, 9 de março de 2015

Despertar da cidade

Quanto o primeiro galo cantou,
mal se distinguiam os tons avermelhados da aurora
em meio à escuridão da noite cerrada.
Logo, juntaram-se a ele outros cantos, a melodia dos pássaros,
e alguns cães ergueram também sua voz;
crescia a harmonia rouca da madrugada na cidade.

Foi, então, que o primeiro homem saiu à rua,
conseguindo já se locomover com a luz natural da manhã.
Outras pessoas deixavam suas casas,
padarias e bares escancaravam suas portas;
iniciava-se um movimento difuso, um rumor abafado,
que se intensificava com a claridade crescente.

Quando o dia rompeu de todo,
silenciaram os cães, os galos e os pássaros,
ergueu-se mais vivo o burburinho da multidão irrequieta.
A cidade, gigante semi-adormecido,
de mil pés e mãos, de mil olhos, sons e cores,
de muitas dores, esperanças e sonhos,
punha-se, enfim, em marcha.

Movia-se lenta e titubeante, a princípio,
mas, pouco a pouco, acelerava o passo,
imprimia vigor ao seu ritmo,
até converter-se numa corrida desvairada.
Começava mais uma jornada urbana!

Vitória-ES, 24 de junho de 2002

Seção III

Migração e outros temas

Comunicar algo e comunicar-se

Sou convidado a fazer uma conferência sobre o fenômeno da mobilidade humana para um grupo de religiosos de diferentes congregações e institutos.

Primeira preocupação:

como passar o conteúdo de maneira convincente, sem necessidade de “fazer espetáculo”, de “aparecer”, de colocar-se, digamos assim, no centro das atenções?

Segunda preocupação:

essa pergunta, porém, pode ser enganosa, uma espécie de armadilha oculta que, ao mesmo tempo, e, à primeira vista, revela e esconde um paradoxo.

A verdade é que, no fundo,

não há um limite preciso entre comunicar algo e comunicar-se; ou melhor, comunicar algo é sempre também comunicar-se a si mesmo. Muitas vezes, o que parece “espetáculo” pode servir como ferramenta para uma comunicação mais viva e vibrante do próprio conteúdo.

Aqui *forma* e *conteúdo*, em lugar de distinguir-se, se mesclam, se confundem e se complementam inextrincavelmente. O *conteúdo* pode exigir uma forma de apresentação que se sirva de diferentes “acrobacias”, aparentemente pessoais ou personalistas; e, inversamente, essa *forma*, aparentemente pessoal ou personalista, pode enriquecer o conteúdo, tornando-o mais acessível e atraente.

Dessa maneira, forma e conteúdo interagem reciprocamente, a tal ponto que se torna impossível traçar uma fronteira nítida entre uma e outro, entre comunicar algo e comunicar-se a si mesmo: ambas se entrelaçam no ato mesmo da comunicação.

A comunicação constitui um todo indiviso, onde imagem, conteúdo e comportamento se misturam e se enriquecem mutuamente.

Roma, Itália, 06 de maio de 2015

34.656

Esse é meu nome de morte, o de nascimento não sei.
Tive outros nomes, como Sandro, por exemplo, mas perdi todos.
Restou esse, feito não de letras, mas de números.
Como nos quartéis, nos presídios, nos campos de concentração – no inferno!
Finalmente me enterraram, um mês depois de me matarem.
Acompanhando o caixão e o coveiro, apenas uma estranha mulher:
se dizia minha mãe, mas até essa mãe me tiraram, com a prova do DNA.
Sobre a cova, numa cruz improvisada, minha identificação:
esse nome de cinco números, sinônimo de indigente.

Pelo menos agora encontrei sossego, posso descansar em paz!
No aconchego da terra, alguns palmos abaixo do solo, ninguém me perturba.
Acabou-se o flagelo do frio, da fome, da fuga;
acabaram-se o medo e a solidão, o desespero e a perseguição!

Lembro vagamente o primeiro grande medo de minha vida.
Eu nem caminhava ainda, alguém me abandonou num lugar escuro e frio;
outro alguém, desconhecido, me pegou e depois me deixou.
Vaguei anos a fio por ruas e praças, com a fome e o medo dentro de mim.
Eu não tinha nome, ninguém me conhecia, eu não conhecia ninguém.
Família, casa, parentes, amigos, aniversário – tudo coisas estranhas!

Depois veio a história da Igreja da Candelária:
foi um medo fundo, um terror que me paralisou inteiro.
Acordei com berros, chutes, luzes na cara e tiros.
Sombras sinistras, encapuçadas, cuspiam fogo e bala.
Depois, um grande silêncio, um silêncio de morte.
E as figuras, monstros, reviravam os cadáveres:
tive que me fingir de morto para sobreviver.

Por fim, o caso do ônibus 174, que chamaram de sequestro.
Na verdade, eu tinha fome, estava só, o desespero tomou conta de tudo!

Ali, sim, foi um medo glacial, como o abismo da morte. Sentia que os passageiros tinham medo de mim, e nem se davam conta do medo instalado em meus olhos, em meu coração, de minha imensa solidão, como dor sem alívio e sem remédio.

Eu estava só e solitário, sem qualquer defesa, contra tudo e todos, diante de milhões de pessoas espalhadas por todo o país, instaladas confortavelmente em suas poltronas, frente à telinha, muitas, quem sabe, divertindo-se com um grande espetáculo, com o dedo em riste, me acusando, decretando minha condenação. O medo e a fome cresceram dentro de mim, como um tumor sem controle.

Só mesmo a morte poderia me trazer alívio, me libertar de uma vez. E ela veio como todos esperavam, e eu também!

Brasília-DF, 15 de julho de 2000

A porta

Zé mal se lembrava das feições da mãe.
Tinha a imagem de uma mulher sempre atarefada,
que negociava com muitos homens, sempre homens.
Fazia ponto na Av. Liberdade, aguardando os negócios.
Nesses momentos, os assuntos deviam ser importantes,
pois, quando os negociadores chegavam,
a mãe lhe dava uma moeda para um doce ou sorvete
e ele pressentia que ela não o queria por perto.

Ambos entravam por uma porta que a Zé nunca foi franqueada.
Era então que mais admirava a mãe, tão trabalhadora,
com seus empreendimentos variados e complexos.
Mas nunca pôde entender o olhar de pena, desafio e escárnio,
que os homens lhe dirigiam ao penetrar naquela porta.
Não via a hora de crescer, estudar e trabalhar,
para ajudar a mãe em seus negócios.

Naquele ano, conheceu um negociador novo e diferente:
paletó e gravata, carro importado, todo cheiroso.
Veio uma vez, duas, três... e passou a vir sempre!
Costumava golpear Zé com um olhar duro e frio,
mas dava-lhe uma nota – não uma moeda! –
“para divertir-se à vontade”, como ele dizia.
Certo dia, apareceu estranhamente sorridente,
ofereceu a maior nota que Zé já tivera nas mãos,
e, com a mãe, entrou na porta para negociar.

Zé esperou uma hora, duas horas, toda tarde, toda noite,
dias e dias sem fim... mas eles nunca mais apareceram...
E o Zé saiu... para a rua!

São Paulo, 02 de fevereiro de 2006

A saideira

- *“Portuga, a saideira!”*

Virou o copo de um só trago, mas não saiu. Dois, três passos...

Deteve-se na porta do bar, levou as mãos à cabeça e virou-se para os presentes. Estivera falando por longo tempo. Agora, como se tivesse esquecido o mais importante, retornou ao balcão. Por mais que tentasse, era incapaz de esconder o sotaque castelhano de algum país vizinho. Falou da família que ficara para trás da fronteira, da falta de documentos, da dificuldade de arrumar emprego, dos longos dias correndo de um lado para o outro. Acabou referindo-se ao lugar onde “se escondia”, mas teve o cuidado de jamais revelar bairro, rua ou número. Depois, engolindo a custo as lágrimas, lembrou-se da mulher, Guadalupe, e da pequena Juana, que deixara com apenas dois aninhos. Um dor muda e surda, dor sem remédio, crispou-lhe o rosto precocemente envelhecido.

- *“A saideira, Portuga!”*

Outro trago! Como os anteriores, emborcado de um gesto único, preciso e resoluto. Novos passos trôpegos, cambaleantes, o olhar turvo, a voz embargada. Subitamente, um riso estranho sacudiu-lhe o corpo inteiro, terminando numa gargalhada desvairada. Ah! Quantos sonhos trouxera na mala e na alma! Quantas promessas aos familiares, parentes e amigos! Quantas portas fechadas, quantos olhares oblíquos e enviesados, quantas estrelas se apagaram no céu, quantos corações de pedra! Rostos de pedra, corpos de pedra, cidade de pedra. Tudo de pedra! Pedras durante todo o caminho, pedras por todos os lados. A vida mesma, dura e fria, parecia ter-se convertido em um imenso e indefinido bloco de pedra.

- *“Patrão, a saideira!”*

De um rápido gole, esvaziou novamente o copo. Girou o olhar pelo ambiente pobre, vulgar e mal iluminado. Fixou-o em cada interlocutor anônimo ou conhecido que fosse. Mas, aparentava não enxergar pessoa alguma. Rosto e coração estavam como que dissociados. Cada um dilacerado, dividido, fragmentado. Irremediavelmente enfermo.

O homem contemplava as caras diante de si, e nelas enxergava famílias, calor humano, casas aconchegantes. Ele, somente ele, errava pela metrópole como órfão, perdido e solitário. Longe de tudo e de todos, um forasteiro sem raízes, fora da pátria. Com ambas as mãos, apertou com força o ventre, contorceu-se de uma dor que lhe era familiar, correu a uma pia enferrujada e tosca, encaixada num canto do bar... E pôs-se a vomitar. Vomitava copiosamente, ruidosamente, penosamente, fragorosamente.

- *“Traz a saideira, Portuga!”*

Vinha com a barba ainda suja, respingada de um líquido esverdeado, com cheiro forte e nauseabundo. Após esvaziar o estômago, voltou a vomitar imprecações, palavras sem nexos, choro misturado com riso, nomes incompreensíveis. Tomou o copo com certa solenidade, elevou-o religiosamente e brindou. Como se ele contivesse a sua própria salvação, desmanchou-se numa série de “vivas!”. Vivas ao seu país de origem, ao Brasil, ao Portuga e a cada um dos companheiros de boteco. Não – explicou – não era cachaceiro, não era vagabundo e nem estava louco. Tinha saúde e braços fortes, queria trabalhar. Já muito trabalhara, sim, senhor! Primeiro em sua terra natal, depois, nesta selva de pedra, quando aparecia algum “bico”. Porém, nada estável, nada definido, nada que lhe permitisse trazer a família, erguer casa e viver em paz. Sem documentos, não passava de um estrangeiro que todos recusavam. Daí a solidão, o desespero e a cachaça. Se ao menos pudesse retornar para os seus, rever pela última vez a família, a querida Lupe e a Juanita!... Mas, como voltar com as mãos abanando e os bolsos vazios!?...

- *“Cadê minha saideira, Portuga?”*

Rio de Janeiro, 2019

Desemprego I

De que serve a carteira de trabalho em dia,
se ela deixou de ser garantia de um emprego estável
numa sociedade que seleciona poucos e exclui muitos?

De que servem os braços sadios e fortes,
se tenho de mantê-los inertes e impotentes
como ferramentas velhas, inadequadas e imprestáveis?

De que servem as mãos hábeis e ávidas,
se a tecnologia se tornou bem mais segura e habilidosa
com a vantagem de não precisar de férias e descanso?

De que serve o diploma de recém-formado,
se nada posso além de pendurá-lo na parede
como símbolo estéril e vazio de minha capacitação?

De que serve a enxada enferrujada,
se o trator lavra e semeia, limpa e colhe
com mais rapidez, precisão e economia?

De que servem a escola e o canudo,
se não sou capaz de abrir porta alguma
num mercado de trabalho escasso e exigente?

De que servem tantos cursos de profissionalização,
se profissionais qualificados aceitam qualquer serviço
por ganhos cada vez mais irrisórios e indecentes?

De que servem duas faculdades completas,
se computadores ultramodernos e infalíveis
me superam de longe em raciocínio e produtividade?

De que serve o saber herdado dos pais e avós,
se a máquina, menos sábia, mas pronta e eficiente,
não faz greve e não falta, não fala e não reclama?

De que serve a experiência dos anos ou o vigor da juventude,
se me acham já muito velho ou ainda muito novo
para assumir qualquer posto de trabalho?

De que serve um cérebro humano,
se a revolução informática criou cérebros de aço
imunes à dor e ao pranto, ao sono e ao *stress*?

De que servem os sentimentos do coração,
se hoje a preferência é por organismos neutros
que não pensam e não sentem, não sofrem e não amam?

São Paulo, 23 de abril de 1998

Viver de emprestado

Eu e meu pai, a gente trabalhava com Seu João.
Fazenda pequena, acolá, num lugar chamado Tabocas.
Quando precisava, ele mandava chamar, sempre tinha algum serviço:
arrancar toco, plantar capim, arrumar cerca, limpar o pasto;
ou cuidar da criação, que não era muita, alguma cabeças.
Seu João segurava a gente com o dinheirinho do gado;
coisa pouca, que a terra não é grande.
Assim, nessa pisadinha, a gente ia levando.
Agora, ele dispensou pai e eu, diz que “tá apertado”,
não tem como pagar os trabalhadores.
Ninguém mais quer saber de morador ou alugado.

O jeito é ir pro Rio, acho que vou no final do mês.
Ou então pra São Paulo, mas lá não tenho conhecimento.
Pro Rio, sim, já fiz 4 viagens, a gente sempre consegue uma coisinha
melhor, um servicinho mais apumado, coisa de se ir vivendo.
Aqui é um lugar muito fraco, sem futuro, bom pra morar, lá isso é.
Mas não tem trabalho, e a secura este ano “tá grande, a chuva foi pouca”.
É isso mesmo, vou pro Rio, vou só, não levo a família, não!
Cidade grande é sempre perigoso e lá a gente vive de emprestado.
A terra da gente e a casa da gente é aqui.
Eu vou, arrumo uns biscates, ganho uns trocados e volto.
Vou embora, mas o coração fica aqui com a família,
quer dizer, aqui e lá, partido ao meio, é dura a vida de pobre, não tem
aquieto.

Também já andei um bocado pelo brejo de Pernambuco.
Cortei muita cana, dobrei o espinhaço, deixei lá o couro.
Meu pai mesmo fez muitas safras nessa vida,
trabalhou até de clandestino, coisa que hoje não pode mais.
Ele “tá até pensando ir de novo, mas a idade é avançada”.
Não sei se a usina fecha, parece que não, o velho pegou foi doença
brava por lá.

Conheço aquilo tudo, a Usina São José, a Matari, Aliança e outras.
Cortar cana é serviço ruim demais, o cabra sofre.
Mas tem que se virar pra arrumar o de comer dos “bichinhos”.
Tenho cinco, moro junto com essa mulher há sete anos,
e apareceram cinco filhos até agora, graças a Deus.
Não sou casado no papel, nem no juiz, nem no padre.
Casamento pra mim é a vivência.

Rio, São Paulo, Pernambuco – tudo é um sofrer só.
Bom pra quem é rico, pra quem tem muito dinheiro.
Mas quem é fraco como a gente, em todo canto passa aperreio.
O pobre vive pensando, andando daqui pr’acolé,
caçando, num lado e noutro, um refrigerio.
Quem ‘tá acostumado a comer uma vez por dia, ainda vai aguentando
por aqui mesmo.
Mas quem quiser comer 3 ou 4 vezes, tem que sair, tem que caçar
jeito de se aprumar.
É como eu sempre digo e repito, pro pobre a fome é a mistura do
feijão.
Quem quiser coisa melhor, tem que virar mundo afora.

João Pessoa-PB, 17 de agosto de 1996

O Papai Noel

Papai Noel caminhava de um lado para outro,
alegre e incansável como devem ser todos eles.
Com suas roupas típicas e sua barba branca,
sorria, brincava, tomava no colo as crianças.
Para todos tinha uma palavra, um gesto, um gracejo.
A loja enchia-se de gente, de vozes e de luzes.
Há dez horas, aquele ser entusiasta e celestial,
solenemente vestido de vermelho e branco,
atraía e divertia centenas de pais e filhos.

Deu meia-noite e a loja encerrou o expediente.
Então, de dentro do Papai Noel, saiu o Severino.
Solitário, deslizou para a rua escura e deserta.
Pés moídos, faminto, caminhou até o ponto de ônibus,
onde devia esperar mais algumas horas para chegar em casa.

Já no seu bairro, passou por ruas sem luz e casas iluminadas.
Por trás das janelas, podia adivinhar um ambiente natalino,
onde se distribuía abraços, comida e presentes.
Na rua, o asfalto deu lugar ao chão batido,
e, finalmente, Severino avistou a silhueta de seu barraco,
apertado em meio a tantos outros.
Só então deu-se conta de que tinha as mãos vazias,
e se perguntou no íntimo onde diabo arrumar alguma coisa
para colocar nos sapatinhos do Zeca, da Lúcia e do Beto!

São Paulo, 11 de fevereiro de 2006

O Natal e a família

O costume se repetia, a família se reunira em peso.

Tinham comparecido todos os filhos e filhas, de perto e de longe.

A algazarra e o choro dos netos, mais de trinta, enchiam os cantos da casa.

Até vovô, paralítico e quase surdo, ria com os olhos, acompanhando a correria das crianças e o espírito natalino no rosto de sua gente.

Alguns haviam chegado cedo, logo começou-se a preparar o almoço. Vovó caminhava de cá para lá, dava ordens que ninguém ouvia, perseguia os pirralhos.

O tradicional peru de Natal estava recheado com tanta variedade de comida que, também neste ano, mal seria tocado pelos familiares.

A entrada de cada “turma” ia enriquecendo a festa de abraços e beijos, de novidades e gargalhadas, de sobremesas, licores, panetones, bebidas...

E, debaixo do braço, cuidadosamente embrulhados, coloridos pacotes...

Quando já estavam todos, anunciou-se a troca de presentes.

Netinhos buscavam, impacientes, vovô e vovó, padrinhos e madrinhas tropeçavam para encontrar afilhados, mães, sempre atentas, não esqueciam a boa educação:

“O que é que se diz? Vamos, diga ‘obrigado’ à madrinha!”

Depois, vinha a ânsia para abrir os embrulhos, seguida de mudos agradecimentos.

E punha-se cada qual a experimentar blusas e camisas, a brincar com carrinhos, aviõezinhos e trenzinhos, a apontar e disparar armas, a montar quebra-cabeças, a ver se as bonecas falavam, se abriam e fechavam os olhos e se caminhavam e faziam xixi.

“O almoço está pronto!”, grita vovó da cozinha.

Os presentes são temporariamente deixados de lado.

Após o aperitivo para os adultos e a mamadeira para os bebês, dá-se o assalto à mesa.

Em silêncio e à distância, vovó se derrete e se encanta:

“Que lindo, a casa é pequena para tanta gente e o coração para tanta alegria.

Os pirralhinhos, meu Deus, como cresceram, como estão arrumadinhos, e que espertinhos.

Até a miúda já querendo se levantar e andar, que safadinha!”

Volta-se para o marido e surpreende nele um olhar de viva e intensa alegria.

Foi então que, de repente, alguém se lembrou:

“Xiii! ... deixaram a televisão falando sozinha!”

Um a um, todos fazem seus pratos e correm para a sala.

Disputam-se os melhores assentos e ângulos para o programa especial de fim de ano.

“Psiu, criançada, vão brincar lá fora; cuidado com os carros e não se machuquem!”

Esquecido a um canto, vovô olha, triste e só,

as idas e vindas de sua companheira de quarenta anos,

na luta solitária para arrumar a cozinha

e responder às solicitações mais absurdas dos filhos e netos.

Duas lágrimas fundas e antigas rolaram quentes por suas faces cavadas.

São Paulo, 18 de dezembro de 1996

Papai

Papai é diferente dos outros pais que eu conheço.
Não tem tempo para mim, não brinca comigo.
Nunca me trouxe um presente, nem verificou meus cadernos.
Jamais me pegou no colo ou saiu comigo pela mão.
Quando retorna do trabalho, me encara de um jeito duro
como se eu estivesse sempre fazendo alguma coisa errada
ou como se eu já tivesse nascido errado, fosse um problema.
Meu pai é, para mim, um verdadeiro estranho, um ausente.

Mamãe tem grande receio dele.
Quando vem chegando, ela faz “psiu!”.
Papai empurra a porta com o pé, entra gritando,
faz estremecer as paredes e o telhado do barraco.
Às vezes, xinga, briga, bate na mamãe e em nós.
Depois, sai tropeçando, derrubando o que encontra pela frente.
Nessas ocasiões, nunca o vejo regressar a casa.
E fico imaginando como papai deve ser importante
com tantos negócios a tratar, inclusive à noite...

Certa vez, papai voltou mais cedo do serviço.
Vinha abatido e trazia um forte cheiro de álcool.
Seus olhos eram como duas bolas vermelhas, faziam medo.
A voz pastosa, quase nem conseguia articular palavra.
Na manhã seguinte, não foi trabalhar, nem na outra e na outra.
Passou mais de mês em casa, parado.
E bebia muito, todos os dias e o dia todo.
Como nosso barraco possuía um cômodo só,
nós assistíamos, à noite, ele maltratando mamãe.
Ela tudo suportava em silêncio, um silêncio penoso,
que ficava grudado em seu olhar e doía fundo na gente.

O tempo passava e papai não conseguia novo emprego.
Alice e Carlinhos foram obrigados a sair à rua vendendo limão.
Mamãe pôs-se a lavar roupa para a vizinhança.

Papai, então, começou a implicar comigo,
pois éramos os únicos, ele e eu, que comiam sem trabalhar.
Terminei por sair de casa, ali voltando raras vezes,
e fervia em mim uma raiva bruta pelo pai que o destino me dera.

Até que um dia...
ao entrar, topei com papai estendido sobre a cama.
Estava de bruços e chorava, sim, papai chorava como criança.
Eram soluços pesados que lhe sacudiam o corpo e a cama.
Sombriamente, enchiam todos os vãos do barraco.
Um choro fundo, nascido de uma agonia de séculos.
Pranto calado e antigo, de uma vida inteira de sofrimento e miséria.
Ali, naquela linguagem surda e para mim desconhecida,
desenrolava-se uma história longa, árdua e densa,
assinalada por mil fomes, mil caminhos, mil mortes...

Tive, então, uma imensa vontade de crescer, ficar logo adulto,
para entender papai e sua muda e infinita dor.
Naquele momento, sem jamais ter sido criança, tornei-me homem
e saí correndo... para a rua.

São Paulo, 23 de setembro de 1987

Minha querida Lia

Não se assuste com esta carta, não é notícia ruim, não!
Só queria lhe dizer que agora eu aprendi a ler e a escrever
e a primeira carta de minha vida quero que seja para você.
Não esqueço um só minuto seus olhos e seu sorriso,
naquela noite em que dançamos juntos na festa de São João, lembra?

Olhe, Amélia, São Paulo é um mundão de cidade, a gente não alcança
ver o fim.

No começo, me senti perdido, só, sem saber pra onde ir, nem o que fazer.
Saudade de você, de casa, de painho e mãezinha, da lavoura, até dos
bichinhos, de tudo...

O peito apertava e doía pra valer... tudo estranho, diferente, novo...
meu Deus!

Se não fosse comadre Ana, que arrumou um quartinho pra eu ficar,
e o pessoal lá da Igreja, que me deu uma força, não sei o que seria de
mim;

com certeza teria tomado o primeiro ônibus e voltado para casa.

Mas a comunidade Nossa Senhora das Graças, onde eu vou à missa,
me ajudou muito.

O Sr. Abel, que é ministro da palavra e faz parte da Pastoral dos Migrantes,
me visitou logo na chegada e me orientou como se fosse meu compadre.
Depois, entrei no grupo de alfabetização, conheci um bocado de amigos;
um deles, o Antônio, me arrumou serviço no Centro, num restaurante;
o trabalho é puxado, às vezes até de domingo, mas é melhor que nada.
Logo mais, com o diploma da escola, acho que consigo entrar numa firma.
Um dia eu ainda vou ter um emprego bom, e lhe busco aí no sertão,
e a gente vai ser feliz, ter nossos filhos, criar família, se Deus quiser!
O diabo é que as filas de desempregados, aqui, são do tamanho da cidade.

Bom mesmo é esse grupo da escolinha, toda noite, de segunda à sexta-
feira:

a gente não aprende só a ler e a escrever, mas uma porção de outras coisas.
É um tal de Paulo Freire, que ensinou um jeito novo de alfabetizar.

Você nem imagina como mexe com a gente, abre os olhos, tira a cegueira. E olhe que o cabra é nordestino, conterrâneo, aí da nossa terrinha!

Fiquei sabendo de muitas histórias sobre o Brasil e sobre a vida da gente. Mas, o mais importante, meu amor, é que aprendi a levantar a cabeça, a pensar sobre os direitos do trabalhador, do homem e da mulher, de todos.

Descobri que, pra ser cidadão de verdade, é preciso lutar por uma vida digna e justa;

a solução é participar no grande mutirão pra mudar esta sociedade e este mundo.

Não sei se você entende, mas a gente tem mesmo que quebrar essa maldita canga que, há tanto tempo, pesa sobre os pobres, sempre calados, cativos e de olhos no chão.

Bem, vou terminando por aqui estas poucas e mal traçadas linhas.

Mande dizer se aí chove e se painho já começou a preparar o roçado.

Dê lembranças à tia Ceíça, compadre Tião, vô Biu, primo Totó, Fafá... a todos!

E dê um recado à mãinha, diga que tá tudo bem comigo, ela não se preocupe.

E olhe, domingo, às três, eu lhe telefono pra saber das notícias, pode esperar no posto!

Um forte abraço e um beijo de quem lhe ama e não esquece jamais, Beto.

São Paulo, 02 de janeiro de 1998

Berço e fortaleza

Quem nasce em berço de ouro,
tende a construir fortalezas;
não pode ser diferente:
num mar de pobreza, miséria e violência,
o *status quo* adquirido na infância
deve ser protegido e mantido
a qualquer custo.

É preciso proteger-se dos “bárbaros”
que habitam as vizinhanças
e ameaçam romper os muros.
Faz-se nítida e taxativa
a diferença entre os nossos, “de dentro”,
e os outros, “de fora”.

Roma, Itália, 19 de agosto de 2017

A viagem

-” Nem parece verdade que estou deixando esta maldita cidade. Devo estar sonhando. Depois de tanto sofrimento!”

Nem bem o ônibus da Empresa Garcia havia deixado a Rodoviária de Naviraí – MS, com destino a São Paulo, Adriana começou a falar. Das 14h40, hora pontual da partida, até a hora da parada para o jantar, por volta das 19 horas, ela e a mãe conversaram, frenética e ansiosamente, como para exorcizar uma experiência dolorosa. Era pungente a necessidade de falar.

- “Espero nunca mais voltar a este lugar. Foram sete anos de vida perdida. Jamais devia ter saído de São Bernardo do Campo.”

Garimpando algumas informações na enxurrada de palavras de Adriana, não era difícil desvendar o núcleo de sua trajetória recente. Migrara de São Paulo para Naviraí, levada por um amor fatal por um companheiro, membro do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Com ele tivera dois filhos e vira-se obrigada a viver num ou vários acampamentos à beira da estrada.

- “Olhem aí, crianças! Se Deus quiser, nunca mais vocês vão viver debaixo de lona e chapinhando na lama!”

Cada vez que o coletivo passava por algum acampamento de trabalhadores – e eles são numerosos nessa região do Mato Grosso do Sul – Adriana repetia o mesmo refrão para o casal de filhos: uma menina de uns quatro anos e um menino de sete.

Naviraí, para ela, representava um tempo de privações, de miséria e de deserto. Sofrera não apenas pelas condições precárias de vida e habitação, mas também com o comportamento de seu parceiro. Sua conversa destilava o veneno de uma relação tensa e conflituosa.

- “Ele não tinha nenhuma consideração por mim. Nem se deu ao luxo de aparecer na Rodoviária. Nem sequer para se despedir das crianças!”

Se o passado recente era sombrio, o futuro lhe sorria com novas ilusões. Nas muitas conversas ao celular com as pessoas que deveriam esperá-la na Rodoviária de São Paulo, por um lado, e nos comentários ininterruptos com a mãe e as crianças, por outro, era notória sua disposição de recomeçar vida nova.

- “O que passou, passou! Agora é tocar para frente! Lá, em São Bernardo, posso conversar com o Beto, com o Carlos, e eles vão encontrar alguma coisa. Tenho fé em Deus que logo vou arrumar algum trabalho, nem que seja em casa de família.”
Claramente, a viagem representava para ela um ritual de passagem: da escravidão e da dependência para a liberdade.

Viagem de Naviraí-MS a São Paulo, 10 de setembro de 2010

Errantes pelas estradas do mundo

Adão, Abraão, Ulisses, Eneias, Dante, Dom Quixote, Rei Lear, Proust...
E tantos outros reais e anônimos.

Banidos ou fugitivos do “paraíso primordial”, exilados no deserto pela fúria da pobreza, da violência ou do desejo.

Errantes de terras e mares bravios e inóspitos, peregrinos de viagens interiores ou exteriores, conhecedores do inferno, purgatório e paraíso – com poucos companheiros e quase sem amigos.

Frágeis heróis de embarcações ou caravanas destroçadas por ventos adversos, de batalhas ganhas ou perdidas, mas incapazes de por fim à guerra.

Alcançarão um dia a Terra Prometida, “o tempo reencontrado” ou, como o desventurado Moisés, permanecerão do lado de cá do rio Jordão?

Roma, Itália, 11 de abril de 2014

Imigrante desconhecido

A primeira vez, eu o vi na Casa do Migrante.
Triste e solitário, no canto mais escuro da sala,
mantinha-se afastado de tudo e de todos,
a saudade e o desânimo pareciam consumi-lo por dentro.
Por mais que tentasse dissimular, notei que,
a espaços breves, compassados e repetidos,
fortes soluços sacudiam-lhe todo o corpo;
em silêncio, procurava esconder e tragar grossas lágrimas
que teimavam em deslizar por suas faces desfiguradas.

Negro, imigrante, estrangeiro, desconhecido!
Qual seu nome, sua verdadeira identidade, sua profissão?
Teria deixado para trás esposa, filhos, família?
Qual sua nacionalidade, sua terra natal, sua pátria?
Como teria chegado até ali e para onde iria?
Que sofrimentos e lutas o faziam mover-se?
Que sonhos e esperanças o nutriam?
Como responder a essas perguntas se, ao certo,
ele não falava a minha língua e eu tampouco a dele?

Dias depois, eu o vi na rua, perdido e cabisbaixo.
Em meio à multidão anônima e apressada,
parecia mais triste e só do que nunca.
Caminhava, tímida e furtivamente, pela calçada,
colado à parede dos estabelecimentos comerciais,
esquivando-se do encontro dos transeuntes,
o olhar e o rosto obstinadamente voltados para o chão,
como se temesse ser surpreendido em flagrante,
como se quisesse desaparecer sob a terra,
como se não tivesse direito ao ar que respirava,
como se estivesse roubando o espaço de outrem.
Até sua sombra parecia diminuída, minúscula,
tão curvado e insignificante era seu modo de andar.

Por fim, eu o vi na primeira página dos jornais,
ao lado de um policial, com uma data estampada junto à foto.
Conforme a notícia anexa, fora detido na tarde do dia anterior,
num grande supermercado, por tentativa de furto.
Agora, sim, ali estavam, impressos e expostos,
seu nome e sobrenome, estado civil, profissão e país de origem!
E, para meu espanto, descobri que falava a minha língua.

Mas então... já era tarde, tarde demais,
para eu oferecer-lhe um simples “Bom dia, irmão!”

Roma, Itália, 07 de fevereiro de 2008

A fome

Não é uma palavra, não é uma ideia,
não é feita de números e estatísticas,
não é um tema para debates e teorias.

Ela tem pés descalços e sujos
que, de porta em porta, caminham e batem,
sempre prontos a fugir, às carreiras,
de um grito, de um cachorro, de um “não”.

Ela tem corpo nu e esfarrapado,
carente não apenas de água e pão,
mas também de carinho e afeto,
de um coração solidário e amigo.

Ela tem mãos trêmulas e aflitas,
ávidas de algo para tocar e levar à boca.
E, mais ávidas ainda,
de um aperto, de uma palavra e de uma carícia.

Ela tem olhos fundos e tristes
que, em vão, tudo abarcam e tudo devoram
sem conseguir aplacar o ronco imperioso
do estômago sempre vazio.

Ela tem um rosto duro e desfigurado,
marcado pela dor e pela esperança,
página escancarada de um livro
em que vida e morte se digladiam há séculos.

Ela tem a pele fria e maltratada
que não conhece o toque cheio de ternura
de dedos e de sorrisos mágicos
que sabem o segredo do amor.

A fome não é anônima.
Chama-se Toninho, Verinha, João, Juquinha...
Não está longe:
ela ronda minha porta.

João Pessoa, 07 de maio de 1995

Necessidades *versus* expectativas

As necessidades se levantam do chão, como as espigas, as flores e os edifícios; mergulham suas raízes nas condições reais da população e, desse contexto socioeconômico e histórico, erguem seus clamores ao céu e aos poderes públicos. As expectativas obedecem aos desejos e instintos, os quais, por natureza, são imperativos, insaciáveis e ilimitados.

Enquanto as necessidades são ditadas pela carência, as expectativas se expressam pela lógica férrea e fria do mercado, através do *marketing*, da propaganda e da publicidade, com seus anúncios apelativos, insistentes e estridentes.

As necessidades manifestam um caráter objetivo, podem ser medidas, verificadas, calculadas e organizadas de forma relativamente justa e equilibrada; os desejos primam pelo individualismo e subjetivismo, obedecendo unicamente aos apelos do mercado e ao poder de compra de cada indivíduo, provocando crescentes desequilíbrios sociais.

No âmbito da política, especialmente durante os pleitos, os candidatos que se orientam pelas necessidades básicas miram o bem-estar das *próximas gerações*, ao passo que, aqueles que se orientam pelas expectativas, miram o resultado das *próximas eleições*.

Roma, Itália, 6 de fevereiro de 2015

Do outro lado das grades

Hoje foi dia de visita.
Vi mulheres beijarem seus maridos,
mães abraçarem seus filhos,
crianças pularem no pescoço dos pais.
Vi companheiros com frutas,
pacotes de bolacha, cigarros
e com tantas outras regalias.
Vi familiares chorando, uns nos braços dos outros,
Trocando, entre si, novidades e sonhos.

Só a mim ninguém visitou.
Não tive beijos nem abraços,
não tive presentes nem lágrimas,
sequer um olhar de compaixão.
Hora de visita é alegria e encontro.
Para mim, triste e só, é hora de sofrimento.
Sozinho estava, sozinho permaneci, sozinho continuo.

Onde estão Julinho, Toninho e Sandrinha?
E Marta, será que se esqueceu de mim?
Nosso amor esfriou quando comecei a levar droga para casa.
Até meus parentes, parece que ninguém quer me ver.
Não posso me queixar de nenhum deles,
não é fácil ter um criminoso na família.
A saudade maior é da mulher e as crianças
devem estar com vergonha do pai na cadeia.

Tarde de domingo, a noite vem chegando.
As visitas se foram, cada um está só,
com a sua culpa e a sua pena.
Muitos saboreiam os presentes da família.
Um que outro, solidário, me oferece algo.
Mas, o que me pesa é a solidão,
este ser estranho e indiferente,

que me prendeu atrás das grades
e abriu dentro de mim um imenso buraco,
deserto, oco e vazio, poço sem fundo.

Estou só, irremediavelmente só. Nem o pranto me faz companhia.
Não tenho o consolo das lágrimas, que já se extinguiram todas.
Fico apenas com este soluço duro e seco entalado na garganta
e com o crime e o castigo sobre os ombros.

São Paulo, 02 de março de 1997

A ratoeira

- “Maldita camiseta! Aquilo foi uma ratoeira que puseram no meu caminho!”

Assim se lamentava José Carlos, amontoado com dezenas de outros detentos, na cela número 11, do pavilhão 5, do Complexo Penitenciário da Pampulha, Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.

Acusado de danos ao patrimônio, furto e desacato às autoridades, o pai de Julinho e Gisele fora condenado a quatro anos e três meses de detenção. No fundo, era um trabalhador quase inigualável. Chegara à capital do estado há menos de dez meses. Viera de Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha, junto com a mulher, Josefa, e os dois filhos.

- “Tentar a sorte na capital – dizia – por lá aparecem mais oportunidades!”

E elas apareceram. Começou como servente de pedreiro, mostrou habilidade na construção civil, e, rapidamente, tornou-se um exímio assentador de azulejos. Assim o “Zé do Vale”, como era conhecido, já conseguira comprar um barraco e rumava firme para uma vida sem tantas privações como no interior.

Até que surgiu a Copa do Mundo, na África do Sul. As ruas e casas do bairro começaram a pintar-se de verde e amarelo. À medida que a seleção canarinho avançava no torneio, mais eufórica a torcida, e mais o verde e amarelo se espalhava por toda parte. Zé Carlos não ficava atrás: havia comprado uma televisão nova, acompanhava os jogos e vibrava com os amigos no boteco do Sr. Vicente.

Mas, aí, a febre do verde e amarelo pegou em cheio o Julinho, feito doença incurável. Queria porque queria uma camiseta da seleção. José Carlos andou horas e horas de loja em loja, pesquisou e pechinhou como um pai aflito para levar um pouco de alegria a seu filho. Filho que, diga-se de passagem, parecia exibir qualidades extraordinárias com a bola nos pés.

- “Ele promete, Zé, sabe o que faz com a redonda! – diziam os amigos
– Tem que incentivar! O futuro do menino pode estar por aí!”

Em suas idas e vindas na busca da camiseta, Zé do Vale apaixonou-se por uma peça exposta numa vitrine do Shopping Center mais próximo. Chegou a desejá-la para si próprio, tal era o fascínio dos gols, dos rojões e da festa nas ruas. Não, não queria comprar qualquer coisa para o Julinho. Ele merecia um produto de marca. Era a camisa oficial da seleção, garantiu-lhe o vendedor da loja.

Diabos, o mais grave é que o preço não lhe cabia no bolso, quase cem reais. Onde arrumar essa grana? Era fim de mês, faltava mais de uma semana para receber o salário. O chefe já deixara claro que não fazia adiantamentos. José Carlos coçava a cabeça, discutia com Josefa, e não chegava a uma conclusão. Para piorar, a mulher insistia que tinha que comprar também alguma lembrancinha para a Gisele.

Na véspera do jogo Brasil x Holanda, os trabalhadores foram liberados mais cedo. Zé do Vale juntou-se a dois ou três companheiros e tomaram uma cachacinha para entrar no clima. Depois, cada qual seguiu para casa.

- “Foi aí que o capeta me tentou!” – disse José Carlos ao delegado.

O assentador de azulejos resolveu encompridar o caminho, dar uma passadinha no Shopping, como que seduzido pelo brilho verde e amarelo exposto na vitrine. Por desgrça, o centro comercial ainda estava aberto. No movimento de apenas alguns segundos, o homem quebrou o vidro, pegou a camiseta e saiu correndo. Quando os policiais o pegaram, resistiu e discutiu exaltado, elevou o tom de voz... até que foi dominado e preso!

- “Maldita camiseta!” – lamenta-se José Carlos, atrás das grades.

São Paulo, 04 de julho de 2010

Mãe, onde está teu filho?

Mãe, onde está teu filho?

Certa vez, num tempo sombrio, em meio a uma noite fria e escura, brutalmente, eles vieram. Eram muitos e estavam armados.

Aos berros e pontapés, arrancaram-no de tuas mãos;

sem qualquer explicação, o levaram para sempre, deixando, na casa, marcas de terror e destruição.

Bateste em muitas portas, apelaste para a lei e o direito.

Fizeste mil perguntas... e nada!

Nem sequer um corpo sobre o qual chorar

ou alguns ossos para o consolo da certeza.

Quedaste, só e órfã, de teu próprio filho

para sempre desaparecido.

Mãe, onde está teu filho?

Tu o enterraste à beira da estrada, num lugar esquecido da caatinga abrasadora.

Não resistiu à jornada de retirante:

antes que pudesse balbuciar “mamãe”, o céu inclemente o chamou.

Dele guardas uma dor de profunda cicatriz

e a lembrança de uma cruz solitária no sertão bruto.

Dor e lembrança que seus outros irmãos,

ainda que muitos, não conseguiram apagar,

órfãos que se tornaram do irmãozinho perdido.

Mãe, onde está teu filho?

Bem sei que o tens a teu lado.

Mas onde estão seu riso, seu coração, sua alma?

O trabalho bruto e duro, no sobe e desce diário do caminhão, devorou-lhe até a última gota de vida.

Aí o tens com 30 anos de idade e com mais de 50 de sofrimento.

Restou-te apenas um invólucro humano

com a morte suspensa sobre os ombros

e uma herança de cinco netinhos,

órfãos já de pai vivo.

Mãe, onde está teu filho?

“Trabalhando”, dirás! Mas, no fundo, sabes que já o perdeste pois aquele que, diariamente, parte e regressa não passa de uma máquina igual às outras máquinas, uma peça sem vida a gerar outras peças, patrimônio inteiro e exclusivo da fábrica, todo entregue à tarefa de produzir, produzir, produzir... Dele não tens mais o carinho de um coração que pulsa pois, matando em si todo o tempo e possibilidade de amar, tornou-se órfão de si próprio.

São Paulo, 17 de setembro de 1990

Lembro-me de minha mãe

Lembro-me de minha mãe, era alta, muito alta.
Eu, para alcançar sua saia, precisava ficar na ponta dos pés.
Era bonita também; tinha olhos verdes e muitos tipos de cabelo:
às vezes preto, outras vezes tinha manchas brancas,
e, quase sempre, era louro, a cair-lhe pelos ombros nus.
Ela não me pegava no colo como as outras mães que eu via, nunca
me beijava ou acariciava.
Eu gostava que fosse assim porque era um menino forte e
responsável.
Quando caminhávamos, eu ia sempre uns passos atrás dela.

A minha mãe gostava de passar as horas encostada numa esquina
que era quase sempre a mesma.
Ficava ali fazendo nada e esperando; eu brincava de contar os carros
e adivinhar a marca.
Vinham homens visitar a minha mãe, ela dizia que eram meus tios, eu
tinha muitos tios.
Uns apareciam sempre, outros de vez em quando, e muitos eram
totalmente desconhecidos.
Chegavam de carro, de bicicleta, a pé ...
Eu tinha um tio muito moço que vinha de Opala, vestia-se bem e
sempre cantava pneu ao chegar.
Mas eu não gostava dele, não me dava a mínima atenção.
Tinha outro, gordo, careca, que sempre trazia balas para mim.
Era o melhor tio que eu conhecia, às vezes eu o chamava de pai.
Quando ele ia embora, mamãe chorava às escondidas; ele vinha
todas as semanas.

A maioria dos tios passava a mão sobre minha cabeça
e me sorriam de um jeito esquisito, como se tivessem pena de mim;
nunca pude saber de que poderiam eles sentir pena.
Eu gostava que os tios nos visitassem; quando eles não apareciam, a
gente não comia bem.
Se eles ficavam muito tempo sem aparecer,
eu não ganhava roupa nova e era obrigado a andar descalço.

Para cada tio que chegava, repetia-se sempre a mesma história: minha mãe sorria, ajeitava as roupas e caminhava ao seu encontro. Ele abraçava-a, beijava-a e conversavam sobre preços, numa linguagem estranha e cheia de carícias. Depois, os dois me deixavam e dirigiam-se a uma porta que ali havia. Se eu fizesse menção de os seguir, minha mãe dizia que se tratava de negócios e que eu fosse brincar na rua por uns momentos. Se o tio tivesse vindo de carro, pedia que eu olhasse por ele. Eu ficava orgulhoso da responsabilidade que depositavam em mim, e esquecia-os. Quando não havia carro para cuidar, eu ficava a olhar aquela porta e a pensar como minha mãe deveria ser importante para tratar de negócios com tantos e tão variados homens. Até que eles apareciam: o tio sempre vinha na frente; minutos após é que aparecia ela. O seu cansaço nessas horas me dava dó e eu queria crescer logo para ajudá-la em seus negócios. Encostava-se novamente à esquina com um olhar que parecia me cortar em dois de tão vazio.

Certa vez, apareceu um tio de gravata, paletó, e muito rico, Não consegui descobrir a marca de seu carro, que brilhava na rua. Eu me levantei e corri para junto de minha mãe, queria que ele soubesse que eu era filho daquela com quem ia negociar. Nunca entendi aquele olhar de reprovação que minha mãe me dirigiu. Ele, o tio importante, deu-me uma nota de dez cruzeiros e disse que eu fosse comer doces na padaria. Eu fui. Na volta, eles já haviam terminado de negociar. Deixei que o pai partisse e dei um doce à minha mãe; de novo, não entendi seu olhar reprovador.

O tio rico agora vinha sempre, era o único que aparecia; mandava-me comer doces e entrava com minha mãe na mesma porta. No entanto, eu não gostava dele, desde que o conhecemos, minha mãe nunca mais foi a mesma para mim, parecia querer que eu fosse embora.

Um dia, voltando da padaria, não achei minha mãe, o carro do tio rico também não estava ali.

A porta onde negociavam estava aberta, entrei e vi uma cama desfeita; havia um cheiro forte de perfume, algumas garrafas de bebida.

Minha mãe não estava ali, e eu nunca mais viria a saber dela.

Sozinho, saí... para a rua!

São Paulo, 10 de maio 1978

O apartamento

Carlinhos mora em São Paulo, num apartamento a vários pisos do chão; é um menino rico, inteligente e esperto: um fenômeno!

Com pouco mais de dez anos, já preenche cheques, dirige o automóvel, mexe no computador e no celular, até já aprendeu a fumar; em casa, e com razão, chamam-no de “o sabe-tudo”.

Carlinhos conhece as marcas de quase todos os carros, gosta de uma volta na moto do irmão, joga cartas como gente grande. Sabe a maioria dos programas de TV e a hora da apresentação.

Acompanha as mais modernas canções, toca guitarra e, com êxito, imita os cantores e atores das novelas e do cinema.

Com desenvoltura, fala de futebol, de negócios, de política e até de mulheres;

lê histórias em quadrinhos, joga videogame e é fã de seus fantásticos heróis.

Sabe manejar um revólver, adora filmes violentos e luta judô.

Lida com uma porção de gente do teatro, com quem mantém relações. Seu maior sonho é viajar: conhece todo o Brasil, alguns países da Europa, é fã dos Estados Unidos e fala fluentemente o inglês.

Carlinhos é o orgulho da família, na escola é o melhor da turma; é aquele que sempre representa a turma e põe o ponto final nas conversas. Os amigos o admiram e invejam pela riqueza, pela maneira de se vestir, pelos debates que ousa travar com os professores, pelo falar elegante. É o que se pode chamar de menino moderno e hiperatualizado.

Mas, não é assim em tudo...

Carlinhos não sabe o que é um papagaio, e muito menos como empiná-lo, não gosta de brincar na chuva, pois a gripe lhe é familiar, e detesta sujar suas roupas sempre impecavelmente limpas.

É incapaz de dizer o nome de um pássaro ou de uma árvore, de contar estrelas e de se dar conta da tempestade chegando; nunca se perguntou por que seus colegas vestem roupas remendadas, ou por que alguns chegam sozinhos, a pé e sem sacola de lanche; nada sabe de jardins e flores, Deus e rezas, amigos e brincadeiras.

Carlinhos é um filho da selva, selva de pedra e de asfalto,
filho da técnica, das máquinas e da informática;
está sempre conectado com pessoas que sequer conhece,
recebe mensagens de todos os cantos do planeta,
maneja o site, o blog, o twitter, o torpedo...

Mas, às vezes, tem de fazer esforço para lembrar o nome da babá,
da empregada, do zelador, da cozinheira....

São Paulo, 16 de outubro de 1990

A gaiola e o canto

A língua vai mais além das fronteiras da gramática,
de qualquer enciclopédia ou dicionário.

O amor vai mais além das fronteiras do matrimônio,
da família e dos laços de parentesco.

A cultura vai mais além das fronteiras das artes em geral,
dos costumes e da culinária.

A gaiola pode deter o voo do pássaro, mas não seu canto.
Este, na prisão, adquire um tom mais melancólico, sem dúvida,
mas permanece vivo.

Roma, Itália, 25 de outubro de 2017

O rock and roll

Semana do *rock and roll* no Rio de Janeiro e em São Paulo.
Na praia de Copacabana, cerca de um milhão e meio de pessoas
acompanha, alucinadas, o megashow dos Rolling Stones,
enquanto no Morumbi, mais de 150 mil pessoas,
igualmente alucinadas, prestigiam a banda U2.
A sociedade, os jovens e adolescentes em especial,
não têm mais paciência para digerir o novo “mal estar da civilização”,
não se debruçam sobre a dor, a dúvida, o fracasso, a impotência...
Passa logo aos analgésicos de efeito imediato,
abundantes e fáceis na era do consumismo,
entre os quais a música ocupa um lugar de destaque.

Ao invés de terreno fecundo para novos experimentos,
solo fértil para a reflexão, a avaliação e a ação,
a crise conduz a uma fuga louca e desvairada:
gritos, gestos, histeria, autógrafos, luzes, câmera e som,
a “geração dos decibéis” se nutre de ruído e ilusão.
Órfã e perdida, solitária e desocupada,
a juventude parece correr atrás de um pai:
uma referência num universo sem referências,
uma estrela num céu escuro e despido de valores,
um marco na estrada nua e deserta
onde as dúvidas substituíram as certezas
e as respostas deram lugar às perguntas.

Os integrantes dos Rolling Stones e do U2,
quase todos na casa dos 50 e 60 anos,
são uma espécie de “tios” rebeldes e irreverentes
que acabam por tomar o lugar vazio
dessa figura ambígua do “pai-tio-amigo-companheiro”.

São Paulo, 21 de fevereiro de 2006

Vivendo a pulso

A pulso,
um dia entrei para esta vida,
cedo calejando a alma no sofrimento.
Mas nunca arredei pé,
jamais reneguei minha gente,
duro e teimoso na travessia.

A pulso,
aprendi a amansar a terra por roçado.
Mas a chuva falhava,
não havia plantio, não havia colheita,
a gente tinha que comer a semente.
Vai ano, vem ano, e a seca apertando,
os meninos se acabando.
Aí, o patrão resolveu botar gado;
o jeito foi ir s'imbora pra ponta de rua.

A pulso,
experimentei o corte da cana.
Por anos a fio, deixei minha família,
a mulher, tão viúva
que a gente mais parecia dois estranhos.
As crianças, tão órfãs
que corriam de mim quando eu retornava da safra.
As mãos vazias, os pés moídos,
e uma dor funda e sem nome por todo o corpo.

A pulso,
olhei pros quatro cantos do mundo:
“Pra onde se virar, meu Deus?”
Pus-me a girar à toa, pr'aqui e pr'acolé,
atrás de serviço, qualquer coisa valia.
Trabalhei em obra, colhi café, apanhei laranja,
fui biscateiro, conheci até garimpo,

pois, como dizia o finado pai,
“Quem não é lido, é corrido.”
O diabo é que, quanto mais eu andava,
mais a família minguava.

A pulso,
então decidi: vamos pra Capital!
E agora me digam:
Onde achar emprego?
Onde esconder a família?
Onde encontrar uma alma amiga?
A cidade cala, não ouve, se fecha.
Um rosto de pedra, ferro e concreto.

A pulso,
hoje vamos vivendo, mal e mal sobrevivendo.
Aos poucos, morrendo... a pulso!

São Paulo, 11 de março de 1991

Reciclar é reviver

Reciclar o lixo é reciclar a vida,
reciclar as sobras é questionar, ao mesmo tempo,
a carência e o acúmulo, a falta e o desperdício.
Reciclar é reaproveitar, reutilizar, recriar, reviver.
É transformar coisas e pessoas, mudar relações,
modificar o rumo da própria existência.
Reciclar profundamente o sentido da vida.

Reciclar o consumismo frenético e desenfreado
pelo uso sóbrio, inteligente e sadio dos bens naturais.
Reciclar o neoliberalismo perverso e excludente
por uma economia justa, solidária e fraterna.

Reciclar o individualismo, o egoísmo e outros “ismos”
por novas relações pessoais e comunitárias.
Reciclar a liberdade enquanto “fazer o que se quer”
pelo ato responsável de fazer coletivamente “o que constrói”.

Reciclar a sujeira das ruas, praças e paisagens
por cidades e campos limpos, alegres e agradáveis.
Reciclar a corrupção e o poder imune e impune
por princípios éticos que subordinem a economia e a política.

Reciclar a destruição do meio ambiente
pela beleza e a saúde do planeta
e pela defesa da vida em toda sua diversidade.
Reciclar a poluição do ar, do verde e das águas
por uma nova sintonia terra/planta/animal/pessoa.

Reciclar a discriminação, o preconceito e a xenofobia
pelo respeito ao pluralismo cultural, étnico e religioso.
Reciclar o machismo de séculos e milênios
pela conversão de homens e mulheres em diálogo
no caminho, no mistério e na descoberta recíproca.

Reciclar a exploração do trabalho
pelo resgate do ato livre e criativo, humano e divino.
Reciclar rostos desfigurados no lixo e no luxo
pela igualdade de oportunidades para todo ser vivo.

Reciclar o “homem velho” e a “mulher velha”
por homens e mulheres de um novo tempo,
de uma nova civilização e de uma nova história.

*Brasília-DF, 06 de junho de 2001.
1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis*

O mundo é nossa pátria

Acima de todos os muros e cercas,
erguem-se os sonhos dos que migram:
como espigas de milho ou cachos de uva,
levantam-se do chão para buscar o sol.

Acima dos impérios e seus tiranos,
ergue-se a esperança dos que caminham:
como um rio que tudo arrasa ou tudo irriga,
segue para o mar, irmão de todos os povos.

Acima das leis, que defendem a riqueza de poucos,
erguem-se o canto e a dança das multidões:
como um jardim no despontar da primavera,
espalham flores e cores pelas ruas e campos.

Acima dos latifúndios e contas bancárias,
erguem-se o sorriso da criança e o olhar do amor:
como estrelas em meio à noite escura,
apontam o rumo da grande travessia.

Acima do trovão e da força das armas,
ergue-se o som dos passos em marcha:
aos milhares, buscam o horizonte
de um amanhã que já se faz menino.

Acima da guerra, da violência e da morte,
ergue-se a voz dos que querem viver:
como uma orquestra de cores e amores,
no solo da história, lança a semente.

Acima das fortalezas e dos exércitos,
ergue-se o grito dos que não se deixam abater:
como o beijo da aurora que se aproxima,
leva luz aos subterrâneos e porões ocultos.

Acima da fronteira, que divide e separa,
ergue-se a utopia da cidadania universal:
como o vento que não conhece barreiras,
anuncia que o mundo é nossa pátria.

São Paulo, 02 de abril de 2006

A intrusa

Os debates se desenrolavam de forma um pouco acelerada. O objetivo do encontro era preparar o Grito dos Excluídos de Belo Horizonte.

Cerca de 80 pessoas representavam as mais variadas organizações sociais. Ideias, palavras de efeito e frases feitas iam e vinham num movimento circular.

Muita coisa se dizia e se repetia, como se fora novidade.

Em não poucos casos, mais do que a oportunidade de dizer algo novo, prevalecia a necessidade de falar a qualquer custo, como se o objetivo fosse justificar a própria presença.

Foi então que, sem ninguém dar-se conta, entrou Maria do Socorro. Atravessou a sala e foi sentar-se na primeira cadeira da frente. Mulher negra, frágil, raquítica, visivelmente debilitada, uma moradora de rua.

Sem mais, pôs-se a emitir um som onde choro e resmungos se misturavam.

Passados alguns minutos, deu mostras de que queria usar o microfone, ao mesmo tempo que exibía uma carteira vazia e alguns documentos, gesticulando muito e com sinais de grande impaciência. Lágrimas ininterruptas desciam-lhe pelas faces desfiguradas. Fome, solidão e abandono estampavam-se em seu rosto.

Após um pequeno bate-boca entre algumas lideranças, o microfone foi entregue à mulher com um “só um minuto!” “Meu nome é Maria do Socorro” – foi logo dizendo ela, entre outras palavras, cortadas por um pranto copioso. Apontava o dedo para o próprio crachá, batia no peito e repetia: “Meu nome é Maria do Socorro, perdi metade dos documentos, não tenho família, não tenho endereço, mas meu nome é Maria do Socorro”.

Houve um instante de constrangimento entre os presentes.
A mulher não pediu comida, não pediu dinheiro, não fez qualquer exigência.

Apenas queria dizer a todos, alto e bom som, que tinha um nome e existia.
“O que fazia ali aquela intrusa desconhecida no encontro sobre a preparação do Grito dos Excluídos?” - pareciam perguntar-se os rostos atônitos.

Dois gritos se fizeram fortes e eloquentes:
a mulher, que insistia em repetir que se chamava Maria do Socorro,
e o silêncio, que tomou conta da sala por longos e densos segundos!

Belo Horizonte, 23 de agosto de 2009

Pai sem terra, filho sem teto

Dizem que sou um menor,
mas tenho a experiência e o rosto da velhice,
pois os anos se contam pelas horas de sofrimento.

Dizem que sou abandonado,
mas esquecem como, por que e quem me deixou órfão.

Dizem que sou “trombadinha”,
mas, se roubo bolsas e carteiras,
é porque me excluíram do banquete da vida.

Dizem que sou delinquente,
mas a delinquência é apenas o rosto
de toda uma sociedade podre, enferma e assassina.

Dizem que sou vagabundo,
mas não criaram oportunidades
para que eu caminhe com meus próprios pés.

Dizem que sou carente,
mas são incapazes de perceber que aquilo que me falta
está sobrando em seus bancos e armazéns
ou escondido em suas terras improdutivas.

Dizem que sou preguiçoso,
mas foi o suor da minha gente pobre e sofrida
que lhes fez acumular fortunas e sucessos.

Dizem que sou um marginal,
mas são eles que me jogam na rua
quando negam a meus pais o chão do trabalho e da moradia
e, depois, lhes pagam salários de fome.

Dizem que sou sujo e maltrapilho,
mas, se vivo esfarrapado e fuçando no lixo,
é porque seus filhos se vestem e se alimentam como príncipes.

Dizem que sou uma chaga na sociedade,
mas o verdadeiro câncer não está em mim
e, sim, em seus cofres abarrotados de trabalho não pago
e em suas propriedades vazias e estéreis.

Dizem que sou doente,
mas minha enfermidade serve de remédio
para a saúde de seus animais de estimação.

Dizem que sou má companhia,
mas o que os afasta de mim
é a consciência de haver causado a minha ruína.

Dizem que sou a vergonha da cidade,
mas o que procuram é um pretexto
para me encerrar em casas de correção.

Dizem que a culpa é de meus pais,
mas não tiveram escrúpulos
em expulsá-los da terra e atirá-los à estrada.

Dizem que a única solução é a pena de morte,
mas não sabem que já decretaram minha condenação
quando me arrancaram do berço de uma família.

APELIDARAM-ME DE MENOR ABANDONADO
MAS ESQUECERAM QUE SOU FILHO DO MAIOR EXPLORADO.

Açúcar amargo

A cidade é Piracicaba, polo agroindustrial, situado no interior de São Paulo, a cerca de 150 quilômetros da Capital. Embora de porte médio, a zona urbana vem sendo pressionada pelo plantio de grandes canaviais, em vista da produção de etanol e de açúcar.

No imenso oceano verde, distinguem-se pontos pardacentos onde se localizam as usinas. Deles sobem ao céu fios de cor branca e cinza de fumaça. Mais ocultos pelo mar de cana, também é possível distinguir os alojamentos dos trabalhadores que “fazem” a safra. São grandes galpões onde se juntam dezenas, e até centenas de migrantes, vindos dos estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, entre outros.

Ali, os trabalhadores passam de seis a sete meses no corte de cana, para regressar à família com alguns trocados no bolso. Moram e trabalham em condições precárias, afastados dos centros urbanos, com raras e parcas notícias dos parentes. Vivem lá e cá, o que equivale a dizer que nem lá nem cá se sentem em casa.

São estrangeiros sem terem ultrapassado as fronteiras do próprio país. Nos polos de origem, são chamados de “paulistas”, enquanto que, nas regiões de trabalho, os classificam como “nordestinos”. No fundo, gente sem pátria, que se define mais pela ausência do que pela presença.

Além dos alojamentos, boa parte deles “se esconde” em pensões escuras e insalubres, espalhadas pelas periferias das pequenas cidades da vizinhança. Neste caso, aumenta a situação de precariedade, pois, em geral, não têm qualquer relação trabalhista com a usina, e, sim, com empreiteiras de ocasião. Migram por conta e risco, assumindo todas as consequências desse deslocamento temporário, periódico e prolongado.

O etanol move os veículos, o açúcar adoça os alimentos. Mas, a vida desses trabalhadores migrantes pouco se move em termos

de ascensão social, e seus dias costumam ser duros e amargos. A sobrecarga de trabalho, aliada aos ganhos irrisórios, em nada lembra a doçura do açúcar. Inúmeros deles já “fizeram” mais de uma safra, mas, a sua existência prossegue instável, num vaivém marcado por incertezas e sofrimento.

Semelhante cenário, infelizmente, não se restringe à região de Piracicaba. Estende-se por grande parte do território do estado de São Paulo, e, com maior precariedade ainda, por outros estados da União. Cidades médias como Ribeirão Preto, Araraquara, Sertãozinho, São Carlos, Bauru, Presidente Prudente, Sorocaba, entre outras, também se veem assaltadas pelas ondas do canavial.

Esse gigantesco tapete verde já foi chamado de “Califórnia brasileira”. Mas, da mesma forma que na Califórnia norte-americana, aqui também há o palco e os bastidores. No palco, os senhores do agronegócio protagonizam boa figura diante da economia nacional e mundial; nos bastidores, porém, amadurece para a vindima a revolta com a injustiça e os desequilíbrios sociais, ou, para usar a linguagem de John Steinbeck, as “vinhas da ira”.

Piracicaba-SP, 19 de junho de 2010

A greve

Difícil era ver o Sr. Severino Ferreira da Silva de braços cruzados, em casa com a família, desfrutando um pouco de lazer e jogando conversa fora. Disposto, amigo e solidário, estava sempre a serviço de algo ou de alguém; negro, alto, magro, beirando o raquitismo, alegre e silencioso, o paraibano tornara-se, no bairro, uma espécie de pronto-socorro para pequenos consertos: instalação hidráulica, elétrica, geladeira, remendos na pintura, nas paredes ou no piso das casas.

Foi um dos primeiros metalúrgicos, no final dos anos 70, a aderir simultaneamente à greve do ABC Paulista e à formação, no município de Diadema, da Pastoral Operária e do PT. Incansável no trabalho de base ou “de formiguinha”, logo se tornou referência para a atuação sociopolítica e pastoral na porta de fábrica, no sindicato e na Comunidade de Base; tão fundamente se envolveu nessa “caminhada de libertação” que, como prêmio, acabou por ser demitido da Mercedes-Benz.

Com o dinheiro da indenização, não muito, é verdade, adquiriu um velho caminhão Ford, desengonçado e barulhento, e meteu-se a fazer fretes e mudanças na região. Antes não o tivesse feito; em pouco tempo, a família se viu apertada: primeiro, permanecia mais tempo debaixo do velho caminhão do que sobre ele, pois sempre havia algo para consertar; depois, as pessoas da Igreja, por hábito ou sem escrúpulos, utilizavam seguidamente seus serviços em caráter de voluntariado. O fato é que, em menos de um ano, Sr. Bio não deu conta de manter o veículo, a família e as exigências da vizinhança.

Chegou ao ponto de emagrecer ainda mais, se isso era possível, de ter que administrar desavenças dentro e fora de casa; a mulher e os filhos, agora jovens e adultos, não podiam compreendê-lo;

a comunidade e os companheiros, quando o viram pobre e quase à míngua, praticamente o abandonaram a si mesmo e à “misericórdia de Deus”.

Pobre, só e já encurvado, o Sr. Severino passou a viver de “bicos” incertos, sujos, pesados e perigosos, e de poucos ganhos.

As forças, porém, já não o ajudavam, caminhava com dificuldade e as doenças passaram a visitá-lo com demasiada frequência.

Acabou num canto da casa: sem emprego, sem aposentadoria e sem autoridade e, pior ainda, descrente da solidariedade recíproca e da sociedade libertada;

mesmo assim, insistia com os filhos e netos sobre o valor da organização, da força popular e da transformação social, mas eles respondiam que “agora estamos em outra, velho!”.

São Paulo, 15 de maio de 1985

Identidade

Ele não tem nome.
O da pia batismal
perdeu-se nas sombras do passado.
Outros, adquiridos em suas andanças,
não passam de apelidos,
a maioria desonrosos.

Ele não tem família.
Deixou-a há muito,
ou foi por ela deixado,
jamais soube ao certo.

Ele não tem documentos.
Perdeu-os ou foi roubado,
também não sabe,
de tanto perambular
de cá para lá e de lá para cá.

Ele não tem lugar.
Cortou as raízes com o solo,
e vaga por aí, errante,
cruzando ruas e praças,
campos e povoados,
de cidade em cidade.

Ele não tem morada.
Sua casa é o chapéu,
às vezes, um viaduto ou uma ponte,
debaixo do céu e da noite estrelada.

Livre, permanece acorrentado à miséria;
prisioneiro, encontra-se sempre em fuga.
Por onde passa, os adultos viram o rosto e as crianças fogem,
as portas se fecham e os cães ladram.
Adoeceu, definhou e morreu.

Morreu de fome e abandono,
de tristeza e solidão,
de cachaça e comida podre.

Ele não tem sepultura.
No setor de indigentes,
do cemitério público municipal,
ganhou uma vala anônima,
com um número numa placa:
sua única identidade!

Brasília-DF, 27 de março de 2001

A igreja

A mulher entrou na igreja como um furacão.
Não disse o nome nem perguntou o meu.
Sequer quis saber se eu era padre.
Sentou-se ao meu lado com o peso de um fardo,
e, de um só fôlego, despejou sua história.
Risos histéricos e penosas lágrimas
se misturavam, se confundiam e se alternavam.
As palavras e frases brotavam-lhe dos lábios
como pedaços de carne arrancada a ferro
e ainda vermelha de sangue vivo.
Curvava-se, erguia a cabeça e sacudia os ombros
ao ritmo de soluços que pareciam romper-lhe as entranhas.

Ao final, com o mesmo ímpeto com que havia iniciado,
silenciou e aquietou-se por completo.
Não pediu palavra, nem implorou compreensão,
não esboçou um gesto, nem buscou um olhar.
Apenas o silêncio, quase palpável de tão denso!

Depois, novamente aos trancos,
como quem é movido por uma dor sem tréguas,
dirigiu-se ao altar, prostrou-se diante do Santíssimo,
permaneceu alguns minutos com o rosto por terra,
levantou-se, deu meia-volta e desapareceu... para sempre!
Jamais pude saber seu nome, sua origem ou seu destino.

São Paulo, 28 de janeiro de 2006

Lágrimas

A primeira lágrima caiu nas próprias mãos e umedeceu o cabo da pá; mãos calejadas de camponês, transformadas em mãos de operário, servente de pedreiro numa pequena empreiteira de São Paulo. Genivaldo lembra o dia da partida de Itapipoca, Ceará, a mãe triste, só e recolhida, o pai num canto, disfarçando a emoção, e os irmãos não vendo a hora de completar a idade de ir para o sul.

A segunda lágrima caiu no carrinho do parque de obras, um ponto escuro e úmido na areia branca e pesada. Saudade doída da Soninha, a mulher de olhos doces e linda boca, a quem prometeu voltar para casar e levá-la para São Paulo, onde teriam filhos, formariam uma família e seriam felizes. Quanto tempo ainda teria de empurrar o carrinho até esse dia!

A terceira lágrima caiu num dos andaimes do 15º andar do prédio. Ali podia ver a cidade de cima, essa enorme floresta de edifícios: quantas mãos e quanto sofrimento para erguer todo aquele concreto?

Quantos “nortistas” iguais a ele, esquecidos atrás daqueles paredes? Quantos teriam casa própria, família, endereço e nome na praça? Quanto riso e quanto pranto, quanta cachaça e quanta ilusão? Mas não podia ficar ali ruminando, tinha que trabalhar!

A quarta lágrima caiu no concreto, misturando-se à água, cimento e cal: demoravam as notícias do “Norte”, o telefone era muito caro, mãe o teria esquecido, e a Soninha, por que não respondia à carta? Ou será que o mestre de obras andava escondendo a correspondência, ele, que tudo controla nesta espelunca de alojamento?

A última lágrima não chegou a cair, de tão funda e dolorida, deslizou, grossa e quente, pela face queimada de Genivaldo, atravessou-lhe o bigode e foi engolida como um trago amargo. Engolir lágrimas – seria esse seu futuro na cidade grande!

São Paulo, 15 de abril de 2002

Por que temos medo do migrante?

Temos medo porque ele é *outro*,
o que nos obriga ao confronto conosco mesmos.

Temos medo porque ele é *diferente*,
o que nos leva a questionar nossa igualdade assimétrica.

Temos medo porque ele é *estrangeiro*,
o que nos força a dialogar com outra cultura.

Temos medo porque ele é *pobre e faminto*,
o que questiona nossos cofres e armazéns abarrotados.

Temos medo porque ele não tem *lugar*,
o que nos desinstala de nossos postos fixos.

Temos medo porque ele não tem *nome*,
o que nos faz perguntar pela identidade que exibimos.

Temos medo porque ele não tem *raiz*,
o que expõe ao sol nossas raízes mais ocultas.

Temos medo porque ele vem do lado de *fora dos muros*,
o que revela a fragilidade de nossos sistemas de segurança.

Temos medo porque ele é mensageiro de *sonhos e esperanças*;
o que põe a nu o torpor “realista” de nossa paralisia existencial.

Temos medo porque ele é majoritariamente *jovem*,
o que escancara os sinais de decrepitude precoce de nossa civilização.

Temos medo porque ele aponta *horizontes novos*,
o que evidencia nossa mesquinhez, hermetismo e fechamento.

Temos medo porque ele quer *mudanças*,
o que mexe com a mesmice de nossas ideias envelhecidas.

Temos medo porque ele é portador da grande *utopia*,
o que revoluciona e transforma nossas vidas mortas.

Brasília-DF, 06 de novembro de 2001

O pranto e as mulheres

Por que, no processo de ruptura do namoro, noivado ou matrimônio (p. ex. separação, divórcio), as mulheres choram com tamanha frequência?

Choronas? Sexo frágil? Mais emotivas ou mais sensíveis que os homens?

Nada disso, talvez! Talvez o pranto lhes seja, às vezes, e em particular nesses casos, o único companheiro e o único consolo na hora do abandono!

As lágrimas constituem bálsamo e remédio que aliviam e curam as feridas do coração e da alma.

O abandono provoca, entre outras coisas, dor e sofrimento, medo e solidão, perguntas e dúvidas em cascata, frustração e impotência, sensação de que o chão fugiu debaixo dos pés.

Um torrente turbulenta e incontrolável de sentimentos opostos e contraditórios, simbolizada visivelmente no choro que destila lágrimas amargas, mas, ao mesmo tempo, constitui uma linguagem viva da capacidade de se expressar.

Roma, Itália, 7 de maio de 2015

Por trás das grades

Por trás das grades,
a saudade abria-lhe um enorme buraco no peito.

Mas, em vez de um sentimento de alegres recordações,
apertava-lhe a garganta e sequer lhe dava o consolo das lágrimas.
Lembra-se da mãe, chamando-o para vestir-se e ir para a escola,
numa casa pobre, sim, mas cheia de agradáveis lembranças.
Até que a mãe morreu, o pai sumiu,
e cada um teve que se virar por conta... pelas ruas.

Por trás das grades,
ele via o dia rompendo lá fora.
Mas o sol, apesar de ainda menino,
já parecia um velho triste, cansado,
sem calor no rosto nem brilho no olhar.
Lembra-se das manhãs em que cedo ia para o trabalho;
acordava, arrumava-se e saía à rua, assobiando,
como uma cigarra a quem a luz e o trabalho faziam feliz.
Até que a firma entrou em crise e ele perdeu o emprego.

Por trás das grades,
ele ouvia as mil vozes da cidade.
Mas esse rumor, embora familiar em seus mil sons,
queimava-lhe os ouvidos e fazia-lhe doer a cabeça.
Lembra-se da fantástica melodia do corre-corre da vida,
a qual, como um pássaro de galho em galho,
o fazia pular e dançar nos andaimes da construção.
Até que, desempregado há meses, juntou-se a um grupo de colegas,
e começou a experimentar a maconha, o pó branco, o crack.

Por trás das grades,
ele sentia o aroma do feijão na panela.
Mas isso, embora mexesse com o estômago,
trazia-lhe à boca um gosto amargo de fel.

Lembra-se do feijão de Ana Maria, sua mulher,
cantarolando na cozinha com as crianças,
quando ele entrava em casa para a noite de amor e descanso.
Até que, desempregado e viciado, iniciou a prática de pequenos furtos,
depois roubos maiores, chegando a assalto à mão armada.

Por trás das grades,
seus pés caminham impacientes de um lado para outro da cela.
Mas, ao invés do cansaço sadio pelo trabalho realizado,
experimenta sobre os ombros o peso da desgraça.
Lembra-se dos passos cheios de esperança e de futuro
de quando, teimosamente, construía a felicidade dos filhos.
Até que, desempregado, viciado e assaltante,
viu-se obrigado a matar para não ser morto.

Por trás das grades,
suas mãos se agitam, frenéticas.
Mas, em lugar de erguerem em mutirão sua casinha,
machucam-se, uma à outra, nos ferros da cadeia.
Lembra-se de sua mão grossa, cheia de calos e cimento,
que, apesar disso, sabia acarinhar o rostinho de Ana e Julinho.
Até que, desempregado, viciado, assaltante e assassino,
foi finalmente detido e condenado a quinze anos de prisão.

São Paulo, 26 de fevereiro de 1997

Tiranos e tiranias

Os que gritam pelas praças contra os tiranos costumam ser seus filhos naturais e, como tal, candidatos, igualmente naturais, a substituí-los. Como filhos herdeiros de seus pais, não de receber o legado da tirania.

Revelam-se incapazes de silenciar e, menos ainda, de ouvir; tampouco sabem argumentar. Sua única linguagem é o grito, quando não chegam a “argumentos” mais convincentes.

Aberta ou disfarçadamente, serão ainda seguidores de Robespierre, Stalin, Idi Amin – para não falar de Adolf Hitler.

Roma, Itália, 7 de junho de 2014

Os mutilados

Contam-se aos milhões. Estendem-se por todas as partes do planeta. Habitam especialmente as grandes cidades dos países centrais, mas também as metrópoles dos países emergentes e as capitais dos países subdesenvolvidos. Seu número cresce na proporção direta da economia globalizada. Correm atrás do capital, das mercadorias, da tecnologia de ponta, das oportunidades de trabalho. Na maioria das vezes, têm um corpo perfeito. São mutilados, não na aparência e na superfície, mas na intimidade mais secreta e oculta. Mutilados nas raízes profundas da própria existência, pois tiveram de arrancá-las do solo pátrio onde enterraram os restos mortais de seus antepassados.

Mutilados também nas estradas inóspitas por onde, sós ou em grupos, fazem, desfazem e refazem as encruzilhadas da sobrevivência. Muros, leis e homens de farda mutilam seus passos, sua travessia, suas aspirações mais sagradas. Não raro mutilam inclusive suas vidas, ceifando-as no meio do caminho. Nos mares, nos desertos ou nas fronteiras, evaporam-se os sonhos de muitos, restando apenas ossos ressequidos e embranquecidos pela inclemência do sol.

Os que logram chegar ao destino são novamente mutilados em seus direitos básicos e fundamentais. Cruzam a fronteira geográfica, mas nem sempre cruzam a fronteira política. Sem papéis, em situação irregular, passam a ser chamados “clandestinos”. Mutilados em seus documentos e em sua identidade. O que equivale a dizer mutilados no acesso ao trabalho, à saúde e educação públicas, a um endereço fixo, a uma pátria. Mutilados e relegados aos porões mais sórdidos e insalubres dos centros urbanos, aos esconderijos da sociedade.

Embora com seus membros fortes e cheios de vida, sentem-se mutilados na sua criatividade e na capacidade de progredir. Restam-lhes os serviços mais sujos e pesados, as tarefas mais perigosas e mal remuneradas. Caem sobre seus ombros os trabalhos que os cidadãos locais se recusam a executar. Mutilados da cidadania, não há escolha, não há alternativa. A necessidade, aliada à pressão dos familiares que ficaram em casa, obriga-os a sujeitar-se a qualquer tipo de oferta. Não obstante ocupem o interior dos becos, ruas e praças da cidade,

permanecem sempre do “lado de fora”. Os “do lado de dentro”, os estabelecidos, necessitam deles como trabalhadores e trabalhadoras, mão de obra abundante, fácil e barata. Mas não os querem como cidadãos. Clandestinamente, abrem-lhes a porta dos fundos, mas cerram a porta da frente. Os legítimos os veem como ilegais!

Os que não logram cruzar as fronteiras ficam-se ainda mais mutilados em sua dignidade de pessoa humana. Para o migrante, nada mais vexatório do que voltar para casa com os bolsos vazios. Pior ainda, mais pobres e desfigurados que na saída. É o fracasso estampado no corpo e na alma com feridas profundas e cicatrizes indeléveis. A vergonha costuma ser companheira de todo regresso fracassado. Daí as várias tentativas de retomar a travessia com todos os seus riscos, acompanhadas não raro de outros tantos regressos fracassados.

O processo de mutilação, porém, não se esgota aí. Mesmo para os que lograram cruzar a fronteira geográfica e política, às vezes, se veem barrados na fronteira cultural. Deslocados do berço materno ou da língua pátria, como peixes fora d'água, mal conseguem balbuciar alguns vocábulos do novo idioma. Estrangeiros e mutilados na origem, no trânsito e no destino. Na origem, porque tiveram as raízes cortadas, privadas da terra-mãe e expostas ao sol; no trânsito, porque são tratados de forma hostil pelos olhares oblíquos e as perguntas capciosas das autoridades constituídas; no destino, porque muitas vezes são forçados a se fecharem em guetos de defesa contra o preconceito, a discriminação e a xenofobia, vítimas privilegiadas ou “bodes expiatórios” do racismo e da perseguição pura e simples de grupos fascistas ou neonazistas.

Entretanto, jamais mutilados na esperança! Teimosamente, retomam a estrada, empreendem nova travessia. Em algum lugar do mundo, necessitam de um pedaço de terra para reconstruir a cidadania que a pátria lhes negou. E partem, tenazmente partem e voltam a partir!... Em busca de uma pátria sem fronteiras ou do sonho de uma cidadania universal. Caminheiros imbatíveis de um amanhã recriado! Profetas que peregrinam sobre a face da terra, tratando de antecipar os traços de justiça e solidariedade do Reino de Deus.

Peregrino do Reino

Mergulha confiante dentro das coordenadas da História,
sem permanecer prisioneiro de suas leis científicas:
projeta-se para fora de qualquer lógica racional.

Mantém as raízes entrelaçadas nos embates humanos,
sem abraçar o egoísmo e os interesses pessoais e de classe:
projeta-se para além, num amor sem limites nem reservas.

Leva em consideração o “aqui e agora” da experiência vivida,
sem o colher precocemente como fruta verde e amarga:
projeta-se num horizonte que olho algum é capaz de alcançar.

Toma a sério as formas socioeconômicas e político-culturais,
sem absolutizar as construções temporárias e provisórias:
projeta-se sobre as estruturas finitas com o olhar no infinito.

Faz parte da multidão de viajantes desta peregrinação terrestre,
sem fazer dela um fim em si mesmo, nem acumular bens supérfluos:
projeta-se a partir desse trampolim, com saudade da casa do Pai.

Passageiro peregrino no mundo, ergue tenda em lugar de palácio,
sem fazer da habitação terrena o túmulo de uma alma sem vida:
projeta-se ansiosamente para a morada sólida e definitiva.

Engaja-se na luta pelo “já” impresso no tecido do presente,
sem se fixar, inerte e inerme, sobre os resultados obtidos:
projeta-se para o “ainda não” de paz luminosa e eterna.

Roma, Itália, 11 de fevereiro de 2017

Minhas mãos

Ávidas e sedentas de mais vida,
minhas mãos plantaram e colheram,
sentiram o cheiro, o gosto e o tempero da terra,
regaram e conheceram seu ventre, dele tirando sofrimento e pão.
Mas, ainda domingo passado, quando Maria voltou da feira,
trazia apenas algumas frutas podres no fundo da sacola.
Em meu peito renasceu, então, aquela dor antiga/secular.

Ávidas e sedentas de mais vida,
minhas mãos puseram-se a percorrer o país,
fizeram safras sem fim:
algodão, café, laranja, cana-de-açúcar – e tantas outras.
Mas, cada vez que visito a Sandrinha no hospital
e sei que sua doença vem da subnutrição e da fome,
a dor dentro de mim ferve e cresce.

Ávidas e sedentas de mais vida,
minhas mãos desviaram o curso de rios,
ergueram gigantescos paredões de concreto e aço,
fizeram nascer lagos do tamanho de oceanos,
construíram monumentais e portentosas barragens.
Mas, ainda ontem à noite,
Zé e Toninho preparavam a lição de casa à luz de vela.
Ao deitar, a dor mordeu mais fundo
e, remoendo entranhas, converteu-se em franca raiva.

Ávidas e sedentas de mais vida,
minhas mãos caminharam em busca da cidade,
aprenderam mil artes e ofícios, tornaram-se habilidosas,
trabalharam a madeira, o cimento, o ferro,
arquitetaram mansões, edifícios e prédios,
conheceram o luxo e o requinte de refinados palácios.
Mas, agora, quando convido um amigo para visitar a família,
meu coração sangra de vergonha e dor

porque minha casa não passa de um barraco à beira do rio.
E a raiva fermenta e espuma, convertendo-se em revolta.

Porém, de andança em andança, conheci o mundo.
Minhas mãos tocaram outras vidas,
mil histórias massacradas de uma única História,
apalpamos outras dores, puseram o dedo em muita ferida,
tornaram-se calejadas não só no trabalho
mas também no entendimento oculto das coisas,
penetraram não apenas os fatos, mas também o segredo da
existência.

Refazendo as veredas todas desta peregrinação sem fim,
pude compreender que minhas mãos permaneceram sempre vazias
porque outros as têm cheias demais.
Pelas estradas, acumulei luz, sabedoria e mistério.

E minha dor, que de raiva se tornara revolta,
lenta e conscientemente, se transforma em organização e luta.
Memória em riste, hoje sei que a sede de mais vida
somente será saciada com a obra de minhas próprias mãos
na medida em que for, ao mesmo tempo,
obra de todas as mãos que formam a minha classe.

Ávidas e sedentas de mais vida,
minhas mãos ainda não mataram a sede, é verdade,
mas descobriram, por fim, o caminho que conduz à fonte.

São Paulo, 05 de dezembro de 1989

O salto para a vida

Havia solidão e tristeza em seus passos.
Um a um, os pés arrastavam-se titubeantes.
Uma carga de muitos anos e muitas toneladas
pesava-lhe sobre os ombros encurvados.

Olhou a garrafa e emborcou um gole de cachaça.
Consultou o relógio do boteco e decidiu voltar.
De longe, reconheceu a “casa”:
um amontoado de tábuas e trapos debaixo do viaduto.
Devagar e pensativo, foi caminhando.
Recordava o “Norte”,
revivia a viagem para São Paulo,
sonhava com o Timão,
tinha uma “fezinha” na loteria,
lembrava quantos “bicos” já fizera.
Sorveu o resto da cachaça.

Cambaleando, deu com a família.
Quebrou-se o sonho, ali estava a sua gente,
tímida e indefesa, como um corpo sem roupa,
nudez exposta e escancarada aos olhares estranhos.
Prostrado, aproximou-se devagar.
A seu lado, dor e tristeza caminhavam como dois corpos invisíveis.
Nos rostos de Zeca, Toninho a Alice,
fome e abandono gritam seu lamento silencioso.
E, no olhar calado de Sebastiana,
lê um misto de vergonha e revolta,
uma censura involuntária e muda.

Olhos no chão, a mulher se levanta com dificuldade.
Só então José se dá conta, uma vez mais,
de sua enorme barriga mal coberta pelos farrapos,
pensando vagamente que já havia passado mais de oito meses.
Inocente e inquieta, a criança parecia prestes a saltar para a vida!

São Paulo, 17 de fevereiro de 1993

Quem são esses

Quem são esses
que chegam de fora e de longe,
de outros lugares e nações,
de todas as partes do planeta?

Quem são esses
negros da África,
brancos da Europa,
índios das Américas,
amarelos da Ásia,
que fundiram vidas e caminhos,
criaram um novo povo chamado Brasil?

Quem são esses
que falam outra língua,
reconhecem outra bandeira,
usam outras roupas e costumes,
acreditam em outro deus?

Quem são esses “diferentes e perigosos”
filhos de outras terras e pátrias,
estranhos e estrangeiros entre nós,
que despertam racismo, preconceito e violência?

Quem são esses
que invadem nossas ruas e praças,
desfiguram nossas cidades e jardins,
perturbam nossos lares e famílias,
sujeitos a condições desumanas de trabalho e moradia?

Quem são esses
de passos titubeantes e mãos vazias,
rostos curiosos mas destemidos,
coração e olhar fixos no horizonte,
que, aos milhares, cruzam nossas fronteiras?

Quem são esses
às vezes sujos, feios, esfarrapados,
outras vezes solitários, refugiados,
ou clandestinos, sem identidade,
que não se cansam de lutar por chão e pão?

Quem são esses
que pouco trazem além da dor e da fome,
pouco querem além de sobreviver,
pouco sonham além de tornar-se alguém,
dispostos sempre a conquistar a liberdade?

Quem são esses
firmes na resistência,
fortes na esperança,
teimosos na travessia,
arquitetos do amanhã recriado?

São migrantes, são peregrinos,
em busca de um mundo sem muros, sem barreiras.
Lembram nossa condição de cidadãos da estrada,
forasteiros na terra a caminho da casa do Pai!

Genebra, Suíça, 15 de setembro de 1996

Morte em gotas

Morri, senhores!

Sim, morri antes mesmo de ter vivido,
antes de ter me atirado daquele viaduto.

Comecei a morrer aos nove anos de idade,
quando meu padrinho, o coronel Antônio Cerqueira,
dispensou todos os moradores de suas terras.
“Não preciso mais de seus serviços”, disse um dia a meu pai.
Senti que cortavam fundo as raízes do velho,
quase perdendo o juízo de tanto desgosto.
Juntou a família, os “trocinhos” e uns miseráveis trocados
e fomos morar numa casinha da rua.

Anos mais tarde, morri um pouco mais,
trabalhando de boia-fria.
Certa vez, o “gato” levou a turma para a fazenda do padrinho.
Pro velho, aquilo foi um golpe duro, de doer na alma.
Não quis mais saber de trabalho, nem ali, nem em qualquer fazenda.
Definhando como planta sem água, sem ar e sem luz,
faleceu de tanta tristeza e solidão.

Quando fiquei de maior, morri outra vez um pouco.
Completei dezoito anos na viagem para São Paulo.
A família amargou um sofrimento sem tamanho:
a fome no trajeto, o albergue na chegada,
e aquele fundo de quintal na casa do compadre Tião.
Depois, a luta pelo emprego, outra vez a fome;
e a mãe ficando velha assim do dia para a noite,
como árvore que ia perdendo as folhas e flores.
Adoeceu logo, não se dava com cidade grande;
morreu de doença sem nome, uma coisa fixa e solitária,
plantada no fundo do olhar aflito e perdido.
E aí a família se espalhou, feito folha seca levada pelo vento:
cada um pro seu canto e cada canto pior que o outro.

Um conseguiu registro como ajudante geral;
os dois menores vendiam de tudo pelas ruas;
e eu, desempregado, ia vivendo de “bicos”.
O aluguel apertou, a gente não tinha condições de ajudar o Tião.
Fomos parar num casarão do centro, um cortiço,
onde se amontoavam mais de trinta famílias.

Foi então que morri de vez.
Onde se viu morar assim, empilhado feito rato?
Ainda bem que o velho e a mãe não viveram para ver isso.
Acho que comecei a ficar ruim da cabeça, as pessoas riam de mim;
bebia muito e até a droga cheguei a experimentar.
O certo é que, quando me atirei do viaduto, já há muito estava morto.
Antes, muito antes de ter vivido, sim, senhores,
morri!

São Paulo, 19 de dezembro de 1990

O cigarro

José Antonio ficou chateado. Duplamente chateado. Há tempo, vinha tentando, em vão, livrar-se do vício do fumo. E, agora, a cada cigarro, tinha que descer e subir seis andares do prédio, para aliviar a tensão e continuar, sossegado, o seu trabalho. Trabalhava na contabilidade de uma empresa de finanças e, para cúmulo dos azares, era ali o único fumante.

Adotara essa hoje maldita companhia com menos de vinte anos. Como evitar, se os tios, vizinhas e colegas fumavam e disso se gloriavam? Como todo fumante, achou por bem experimentar uma tragada, uma só. Depois, pôs-se a pedir um cigarro, um só, aos companheiros. Quando se deu conta, já estava fumando uma carteira, uma só, por dia...

Com o tempo, surgiram e se multiplicaram as críticas ao vício: cada um podia fumar quanto quisesse, mas em casa ou na rua; ninguém tinha o direito de obrigar os outros a tragar a própria fumaça. Até a família tinha que proteger-se de um parente viciado: “Querida se matar gota a gota, cigarro a cigarro? Que o fizesse sozinho!”

Logo, foi cancelada toda e qualquer propaganda das marcas de cigarro, especialmente as da Souza Cruz e o seu agora inseparável “Hollywood”. Não demorou a chegar a proibição, pura e simples, de fumar no escritório e em qualquer lugar fechado, incluindo restaurantes, bares, etc... Um verdadeiro incômodo, a cada vez que precisava abrandar aquela necessidade indomável de acender um cigarro.

Naquela manhã de quinta-feira, como em outras tantas, depois de uma hora sobre aquela montanha de papéis e números, José Antonio tomou o elevador até o térreo para fumar. Quase no último trago, alguém passou e torceu o nariz: - “Ô, praga! Que cheiro de cigarro, não se pode mais andar pelas ruas!”

Ficou tão furioso que, com raiva, atirou no chão a bituca. Fez mais: num impulso inesperado, tirou do bolso o maço pela metade

e, num gesto típico do Sr. Madruga e seu famoso boné,
pisoteou, com fúria, cigarro e maço, para surpresa de alguns
transeuntes...

Desse dia em diante, José Antonio aboliu o cigarro de sua vida!

São Paulo, 24 de abril de 2012

Pobreza: conceito e realidade

Boa parte dos religiosos (congregações masculinas ou femininas), originários de ambientes de pobreza extrema, tende a reivindicar um nível de vida superior, elitizado.

Além disso, muitas vezes se recusa a trabalhar com os mais pobres e excluídos, os últimos, ou com pessoas de sua própria proveniência. Mas, não façamos julgamentos apressados. É fácil entender por que agem assim, negando suas origens, embora nem sempre isso seja aceitável do ponto de vista evangélico e missionário.

A verdade é que, para eles, a pobreza representa uma *chaga viva*. Ferida mal cicatrizada, que pode reabrir-se ao menor toque ou à mais leve recordação. Nesse sentido, o estilo de vida elitizado serve como escudo contra o sofrimento real e doloroso, sempre na memória. Diferente é o caso dos que se originam de famílias melhor estruturadas e de extratos médios. Neste caso, a pobreza é um *conceito*, mais que *chaga* na própria vida. Conceito exterior, a ser analisado na existência dos outros ou, em termos genéricos, “na vida do povo”.

Roma, Itália, 26 de maio de 2014

Tu me chamas...

Tu me chamas negro, amarelo ou “de cor”!
Sim, não temos a mesma pele;
nascemos, vivemos e morremos
em lugares distantes e diferentes.
Mas, buscamos todos uma só coisa: pão, pátria e paz!

Tu me chamas extracomunitário!
Bato à tua porta, suplico um “visto” em teu país.
Quantas vezes teu povo invadiu sem permissão nossas terras,
violou nossa cultura, roubou e estuprou nossas mulheres!
O mundo não é meu nem teu, mas uma casa comum e provisória.

Tu me chamas excluído!
Nossas crianças morrem de fome e subnutrição,
nossa gente se mata pelas migalhas que caem de tua mesa,
para que não faltem os dólares em tuas contas bancárias,
o *whisky* em tuas festas, nem o ouro em tuas joias.
Mas, lembra que não há tesouro imune à corrosão das traças.

Tu me chamas muçulmano, budista ou sei lá o quê!
Meu povo segue outro credo, sim, mas um só é nosso Deus.
A verdade não está em mim nem em ti, não está ali ou acolá,
mas no diálogo livre e no caminho aberto,
quando o respeito mútuo marca o tom de nosso encontro
e o ritmo desigual de nossos passos.

Tu dizes que vim do Terceiro Mundo.
Mas quem dividiu o planeta em sul e norte,
ou em primeiro, segundo e terceiro mundos?
Não foram por acaso aqueles que, com tal divisão,
colhem vantagens e acumulam capital?

Agora dizes que é preciso pensar no “social”,
reduzir a dívida dos países subdesenvolvidos,
ajudar os pobres... e coisas desse gênero!

Mas, ao mesmo tempo, redobras, frente aos migrantes,
a intransigência, a discriminação e o preconceito.
O que te leva a esse discurso não é o senso de justiça,
mas o medo de que te assaltem os cofres.

Descobriste afinal, que, quando os excluídos se levantam,
todas as fortalezas se tornam de vidro,
todos os tronos têm pés de barro e todos os reis ficam nus,
pois ninguém pode deter a marcha da verdade na história.

Roma, Itália, 31 de janeiro de 2001

Mulher migrante

Conheço uma mulher de fibra. É mãe e trabalhadora.
Uma mulher que ri e chora, sonha e vive, dança e se cansa,
e que faz da existência uma permanente melodia.
É forte, teme mas enfrenta a luta e o porvir.
E é solidária com os seus e com os outros,
tem as mãos, os pés, a cabeça, todo o corpo,
em direção de um horizonte que lhe foge, mas ela o persegue.
Teimosamente caminha, com um tesouro de mistério e sabedoria,
num coração dolorido mas corajoso e experiente,
um vaso de barro e cristal ao mesmo tempo.

Falo da mulher migrante.
Como a árvores, mantém-se firme em meio à tempestade.
Como a lua, vigilante na escuridão.
Como o alicerce, sustenta em segredo o edifício.
No silêncio, ergue uma voz sem palavras
mas densa de um amor construído com gestos.
Ao mesmo tempo áspera e terna, dura e carinhosa,
sobre estradas de pedra do dia a dia,
guerreira e feminina na travessia.

Mas a vida, esse rosto concreto e real como a dor,
reduz a estilhaços o vaso de barro e cristal,
derruba e pisa ao chão o misterioso tesouro,
brutalmente quebra-lhe os músculos, arrebatá-lhe a vontade,
golpeando de morte seu coração, fere-lhe fibra e força.

Mesmo assim, triunfam nela a fé e a esperança.
Levanta-se a mulher, a mãe, a trabalhadora.
No corpo frágil, uma energia com a resistência do aço.
Na voz débil, um brado que conclama terra e céu.

Nas mãos trêmulas, a ânsia paciente de construir o futuro.
Nos pés cansados, a poeira de quem, apesar de tudo, não se abateu.
No olhar firme, a certeza de que o horizonte é criança de um tempo novo.
Em todo seu ser e fazer, uma mulher indomável em sua busca.

Em seu caminhar rumo ao amanhã, há dor e pranto
mas, há também, no pulsar do coração, festa e canto.
A um tempo, fraqueza e força da família migrante,
sabedoria e esteio de todo povo caminhante.

São Paulo, 21 de outubro de 1990

Seção IV

Poesia, oração, sensação

Eras Tu, Senhor

Eras Tu, Senhor,
e meus olhos permaneceram cegos
à nudez de Tua fome e de Tua miséria.

Eras Tu, Senhor,
e meus ouvidos se fizeram surdos
a Teu clamor por trabalho e justiça.

Eras Tu, Senhor,
e minha boca se manteve cerrada
quando mendigavas o calor de uma palavra.

Eras Tu, Senhor,
e meus braços se cruzaram
diante de Tuas mãos estendidas em súplica.

Eras Tu, Senhor,
e meus pés se recusaram a dar um passo
quando Tuas pernas fraquejaram ao peso do sofrimento.

Eras Tu, Senhor,
e meu rosto se converteu em pedra
quando, tímido, ensaiavas pedir um sorriso.

Eras Tu, Senhor,
e meu coração se endureceu
frente à dor que carregavas sobre os ombros.

Eras Tu, Senhor,
e neguei minha alma
quando nela querias morar.

Eras Tu, Senhor,
e meu guarda-roupa se manteve intacto
apesar de os farrapos mal cobrirem Tua pele.

Eras Tu, Senhor,
e minha mesa continuou vazia de convidados
embora rica e cheia de pão.

Eras Tu, Senhor,
e o medo fechou as portas de minha casa
quando, triste e só, rondavas minha rua.

Eras Tu, Senhor,
e eu Te excluí, uma vez mais e sempre,
de meu Caminho,
de minha Verdade,
e de minha Vida.

João Pessoa, 19 de dezembro de 1994

Oração na madrugada

Já deu meia noite e não consigo dormir
A dois passos de minha cama, como que plantada no meio do quarto
Uma imagem viva teima em fixar em mim seu olhar
É Maria de Nazaré!

Não, não é a mãe de Jesus.
Mas também é mãe. Mãe de dez filhos menores.
Dias atrás fui visitá-la
Mora em um cortiço, na rua Tomás de Lima, em pleno coração da cidade
Desta vez, porém, não cheguei a entrar em seu cubículo
Abraçada a quatro ou cinco crianças, no portão da entrada
Mãe e filhas aguardavam o pai que se aproximava Bêbado,
cambaleante, tirando a roupa e xingando Vinha cortando a rua e
tropeçando nos próprios passos.

Muita gente assistia à cena
Alguns faziam dela um verdadeiro espetáculo.
Então, Meu Deus, vi a dor de perto
Uma dor funda, antiga e sem trégua no rosto daquela mulher
Uma dor de vergonha e medo no olhar aflito daquelas crianças
Mãe e filhas choravam em silêncio
E o silêncio doía mais, muito mais, do que o choro
Duas pessoas ajudavam o marido e pai a chegar em casa Outras riam
disfarçadamente, algumas passavam indiferentes e ela, D. Maria, me
olhou em desespero e perguntou: “o que é que eu faço, padre?”

Agora ela está ali, a dois passos de minha cama De novo faz a
pergunta e de novo não há resposta!
Com uma angústia mordendo o peito, levanto e venho rezar,
Rezar escrevendo, se isso é possível
E a imagem de Maria de Nazaré se torna ainda mais viva,
Seu rosto de sofrimento ganha uma nitidez espantosa
Sua fragilidade aparece com toda força Vejo-a, Meu Deus, nua, só e
desamparada

E vejo outras Marias, Meu Deus, tantas Marias!
Marias com vidas igualmente quebradas,
Marias abandonadas por seus companheiros
Marias, algumas negras, e por isso ainda mais sofridas.

Continuo escrevendo e tento rezar
Mas, como? Onde estás, ó Pai? Por que permaneces surdo? Por que
te calas?
A dor de Maria de Nazaré, de suas filhas e de tantas outras Marias
Essa dor não Te diz nada? Nada tens a dizer?
Silêncio...

Sim, o silêncio é total e misterioso
Lá fora, a noite cresce e se faz mais escura
Aqui dentro, cresce a agonia solitária
Agonia que, de tão presente, dá quase para tocar
Chega a ser sólida, chega a doer fisicamente
E saber que, daqui a pouco, Valdemar, seu marido Irá procurar
emprego e terminar o dia pelos bares!
E saber que, daqui a pouco, ela, uma mulher tão frágil Deverá tomar
esse imenso fardo nos ombros e seguir adiante!
E Tu, ó Pai, continuas mudo? Indiferente? Num céu distante? A noite
avança e a agonia se faz mais densa.

Tomo nas mãos a Bíblia e ponho-me a folhear suas páginas. Procuo
um salmo apropriado para esta hora Mas onde achar algo para tanta
e tão profunda dor?
Dor que está ali, a algumas quadras de minha porta
E que se multiplica aos milhões por esta cidade de pedra
Dor que, silenciosa e sorrateiramente penetra pelas frestas de minha
janela e me faz vir aqui rezar e escrever!

Dor que a gente quase pode ver de tão real
Quase pode tocar como uma ferida que teima em não cicatrizar.
Por um bom tempo fico parado, escuto o silêncio E, coisa estranha,
lentamente a agonia vai se desfazendo De onde vem esta paz, se a

dor continua ali a dois passos?
Imperceptivelmente, sinto-me acalmar

Mas, ao mesmo tempo, sei que lá fora o sofrimento não é menor Que paradoxo é esse? Ou será cansaço, falsidade, ilusão?

Não, não tenho a resposta: mas, no escuro, sinto alguma coisa
Relembro com força o olhar, as mãos e as palavras de D. Maria
Relembro o carinho infinito com que acarinhavam a cabecinha das crianças
Relembro a expressão de um amor doloroso, sim.

Mas cheio de ternura e compaixão para com o marido
Sim, relembro pequenos gestos de uma mulher tão frágil na aparência
E que, neste momento, me parece tão forte e destemida Vejo-a novamente ali, na minha frente É a mesma Maria de Nazaré, mas é já outra!

Alguém que se ergue com um vigor incomum e outra vez me fixa
Mas agora não há mais perguntas em seu olhar
Não há desespero, não há solidão
Há, isso sim, uma valentia tenaz e subterrânea
O bater surdo de um coração que, apesar de tudo, teima em viver
Sinto-a ainda franzina e encurvada pelo sofrimento, sim.

Mas sua fraqueza explícita irradia uma luz oculta
Brilham seus olhos, trabalham suas mãos, caminham seus pés
E toda ela respira um oxigênio novo e cheio de vida.

Volto às páginas da Bíblia
Aqui e ali leio trechos desconexos.
Paro de escrever e ponho-me a caminhar de um lado para o outro
Onde estão as interrogações, antes tão veementes?
E então pressinto a misteriosa pedagogia de Deus: A nenhuma pergunta respondeu diretamente, Silenciou, apenas silenciou!

E no silêncio, com imensa sabedoria
Forçou-me a voltar à cena, à D. Maria e a tantas outras Marias
Fez-me ver que ali mesmo, no meio do mais profundo sofrimento
Com o fio oculto de uma dor que já dura séculos
As mulheres vão tecendo a esperança da vida.

Sim, Pai querido, uma vez mais a oração me devolve à realidade
Procuo a montanha e Tu me reconduzes à rua
Busco mar calmo e Tu me lanças em meio à tempestade,
Tento um refúgio e Tu me apontas o cotidiano
Mas não me deixas só, Tua luz faz ver veredas escondidas!
A madrugada se aproxima, o dia já vem perto
Deus permanece silencioso, mas agora sua presença me envolve
É hora de voltar à cama e procurar dormir um pouco
Eu Te agradeço Pai, por esta ... Oração?

São Paulo, 01 de março de 1992

O banquete da vida

Um dia, os anciãos voltarão a ser como árvores:
sabedoria que desvenda os mistérios do tempo e do vento,
e poder-se-ão colher os frutos de sua experiência.
Hoje, não passam, às vezes, de madeira velha, apodrecendo pelos cantos,
ou lenha para ser queimada pelas chamas da história.

Um dia, os casais voltarão a sentar à porta de suas casas;
ao embalo de segredinhos e banalidades,
mal conseguirão disfarçar o carinho que nutrem um pelo outro,
ansiosos pela noite de amor que os espera.
Hoje, se trancam por trás de grades e sistemas de segurança,
muitas vezes cozinhando, no fogo lento do silêncio,
um ódio que mutuamente os devora.

Um dia, os namorados voltarão a passear livres pelos parques;
de mãos dadas, apontarão a lua e contarão as estrelas,
com o coração cheio de riso e os olhos, de lágrimas,
alma e corpo destilando ternura e paixão.
Hoje, buscam por vezes os recantos mais ermos e escuros,
escondendo-se de todos e de si próprios,
tomados pelo medo ou pela vergonha.

Um dia, as crianças voltarão a formar bandos pelas ruas e praças;
como pássaros de asas na voz, brejeiras e inocentes,
inundarão o ar com uma algazarra preñe de alegria,
genuína e eterna melodia da esperança.
Hoje, para espantar a fome, o frio e a dor,
quantas vezes cheiram cola pelos becos e calçadas,
cedo vendem o próprio corpo pelas esquinas
ou se organizam em “gangs”, semeando terror e morte.

Um dia, as casas não mais terão necessidade de muros,
os carros não mais precisarão de alarme,
e todos poderão dispensar as armas.

Não haverá exército nem polícia,
nem preconceito ou discriminação...

porque ninguém ficará do lado de fora:
todos serão convidados para o grande Banquete da Vida.

Brasília-DF, 22 de julho de 1994

Insônia

Desperto no meio da madrugada.

Serão duas ou três da manhã? Prefiro nem conferir.

Há três opções: ou ficar rolando na cama de um lado para o outro, mas como fazer calar a voz da mente?

Ou ligar o rádio, mas ele põe-se imediatamente, a cada 10 ou 15 minutos, a anunciar a hora certa.

Ou abrir o livro de J.L. Borges e ler umas páginas, talvez seja a melhor maneira de entorpecer os pensamentos.

Caio numa passagem memorável em que o autor, retornando a uma cena da infância – “a taipa rosada” – combate a concepção de tempo enquanto sucessão, para sublinhar o conceito de eternidade.

O tempo é feito de instantes eternos, embora poucos, cuja sequência não passa de uma ilusão histórica.

Mas o fato é que aqui, no meio da noite, o tempo me oprime com seu peso e sucessão inexorável: há o tique-taque do relógio pingando, um a um, os segundos; há o ronco dos primeiros ônibus, circulando na rua ao lado; um que outro galo, ao longe, começa a exhibir seu canto. E há, especialmente, a lembrança do ontem e as preocupações do hoje fervilhando em minha cabeça.

Deixo o livro e ponho-me a rabiscar estas linhas: elas, sim, talvez ajudem a anular alguns minutos do tempo que pesa como chumbo no quarto solitário.

E sinto que, ao contrário do que argumenta Borges, estas palavras registram não tanto a noção de eternidade, e, sim, a magia de escapar à opressão do tempo, que, simultaneamente, tudo traz e tudo leva.

Crescem lá fora o rumor do trânsito e o zumbir do dia; posso imaginar as pessoas meio cegas e sonolentas,

deslocando-se para mais um dia de desejos e temores.
Será mais um número subtraído ao calendário na folha de maio:
o tempo, sempre o tempo, que, ao virar dos dias,
ao mesmo tempo marca e varre as pegadas na história.

São Paulo, 30 de maio de 2007

O grito do silêncio

No coração da madrugada,
um grito rasga o véu da noite,
tão forte, fundo e penetrante,
que toda cidade emudece.

Não é a prostituta perseguida pelo gigolô,
não é o ladrão surpreendido pela polícia,
não é o bêbado na sua desvairada alegria,
não é a criança recém-nascida e recém-abandonada,
não é o trombadinha atingido por “bala perdida”,
não é o carro solitário e veloz,
não é o cão nem qualquer outro animal.

Nenhuma voz que se possa identificar.

É Teu silêncio, Senhor!
Misterioso, profundo, incomensurável.
Oriundo das mil dobras da escuridão,
percorrendo os mil becos da cidade,
carregado das mil vozes ocultas,
denso de uma substância indescritível .

Um silêncio sem rosto e sem nome,
como que parado no ar frio da manhã que se aproxima,
entre o chão duro da sarjeta e o teto brilhante das estrelas.
Prenhe de uma dor milenar,
gemendo às margens da história e da vida,
tanto mais clama aos céus quanto mais se cala.

Silenciosamente grita, Senhor,
tão eloquente quanto mudo,
brada no deserto da multidão surda,
enquanto a cidade acorda e se prepara

para retomar o ritmo diário.
Aos primeiros raios da aurora,
indiferentes, todos se põem a caminho.

São Paulo, 14 de abril de 1990

Mãe Aparecida I

Mãe Aparecida,
aqui trago o meu filho, que é também Teu filho.
Tem apenas oito dias e já é capaz de falar.
Sua voz é feita de pequenos gestos
que dizem uma única coisa: “Quero viver!”
Aqui o tens, Mãe, deixo-o a Teus pés,
abandono-o porque o amo.
É carne de minha carne, sangue do meu sangue,
mas, é também miséria de minha miséria:
nasceu na rua, num chão úmido e frio,
nasceu sem pai e sem alimento
porque a fome secou meu peito.

Mãe Aparecida,
nada tenho para oferecer a este meu filhinho.
Nada, a não ser uma vida de amargura e uma morte certa.
Nada, a não ser um grande amor por ele,
um amor do tamanho de minha pobreza.
Por isso, o coloco aqui no Teu altar.
Pela última vez, o contemplo.
Pela última vez, o acarício.
Pela última vez, o cubro de beijos.
A dor corta meu coração,
as lágrimas queimam meus olhos,
os soluços apertam minha garganta,
mas, tenho de abandonar o “bichinho”.
Sou mãe, sim, mas não posso assumir meu papel.

Mãe Aparecida,
Tu és mãe e sabes o quanto é dolorida esta separação.
Toma meu filho em Teus braços,
aqui o deixo no altar de Tua igreja.
Entrega-o a qualquer mãe que possa dar-lhe um futuro,
que possa dar-lhe lar, roupa, alimento, escola,

que possa realmente ser mãe!
E perdoa, Mãe querida, este meu pecado.
Quero apenas a felicidade de meu filho.
Abandono-o porque o quero vivo.
Ele é negrinho como Tu, Mãe, acolhe-o em Teu altar.

É dura, Mãe Aparecida,
é muito dura esta separação.
Mas, meu amor é maior que minha dor.
Aqui o tens, entrega-o a quem tenha condições de criá-lo.
Na verdade, não o abandono, deixo-o em Teus braços maternos.
Não, ele não tem nome, Mãe,
não tem padrinho nem madrinha, nem avô ou avó,
não tem tios nem tias... não tem família.
Tem somente essa voz, que é gemido e grito ao mesmo tempo,
essa voz que balbucia:
“Quero viver!”

São Paulo, 12 de outubro de 1985

Mãe Aparecida II

Mãe Aparecida,
somos um punhado de famílias sem terra e sem teto,
irmãos de milhares, milhões de trabalhadores,
filhos igualmente esquecidos em Teu amado Brasil.
Há vários dias ocupamos este chão,
aqui viemos com a esperança à flor da pele,
carregando sobre os ombros o fardo pesado de uma secular miséria.
Cada torrão do solo é um pedaço de nossa carne,
cada lágrima derramada é semente que fecunda o amanhã.
Toda a dor que sentimos esconde e revela um novo tempo;
mas, nossa carne, nossas lágrimas e nossa dor,
foram barbaramente pisoteadas, violentamente massacradas
pelas autoridades e pelos donos da terra.
Os inimigos, rugindo sob a proteção da lei iníqua,
nos tratam como a verdadeiros assaltantes
e nos escorraçam como a cães esfaimados.
Aqui nos quedamos com a alma encharcada de sofrimento.

Mãe Aparecida,
histórica e eternamente somos retirantes, cansados e abatidos;
penosamente, percorremos as estradas do Teu querido país.
Melhor que ninguém, conhecemos todos os caminhos;
numa peregrinação sem fim, conquistamos migalhas de vida,
teimosamente, como quem abre uma picada na mata bruta,
ocupando, resistindo, sendo expulsos,
perdemos muito sangue e alguns filhos
nas veredas de uma dura agonia.
E nossas famílias – dispersas, humilhadas, estropiadas –
como folhas secas morrem ao vento,
sempre e cada vez mais esmagadas pela indiferença dos governantes,
pelas armas e botas da repressão.

Mãe Aparecida,
somos na maioria negras, negras e pobres, como Tu.

Contemplando nossas crianças, também negras,
uma grande aflição brota-nos do peito já doído,
um nó de angústia corta-nos a voz na garganta
e nosso coração sangra copiosamente,
vendo em seus pequenos e inocentes rostos
as marcas precoces de um fruto cheio de amargura.
E começa, então, a fervilhar, no fundo de nosso ser,
uma mansa mas impetuosa revolta.

Tu és mãe como nós.

Tu és negra como muitas de nós.

Tu foste pobre e migrante como este Teu povo.

Por isso, a Ti erguemos o olhar, Mãe Aparecida, e Te suplicamos:

aumenta nossa solidariedade e companheirismo,

dá-nos pés firmes para pisar o solo e nele criar raízes,

reforça-nos a coragem para erguer os braços e a voz.

Com uma fé banhada em desespero, imploramos tua proteção.

Concedei-nos, para nós, e sobretudo para nossos filhos,

imaginação viva para sonhar um amanhã recriado,

mãos de artista e de sábio para plantar seus alicerces,

e longos anos para desfrutá-los em paz.

Amém, que assim seja, Mãe Aparecida!

São Paulo, 10 de abril de 1984

O espelho

Retorno a casa num passo largo. Está prestes a hora do almoço.
Corro ao banheiro a lavar as mãos. Uma olhada ao espelho e uma surpresa, ou melhor, uma surpresa bem comum e familiar.
A máscara que trazia da rua vai se desfazendo, se derretendo como cera, e, aos pingos, escorrega pelo ralo da pia junto com a água.

Naquele instante de apenas um segundo, porém,
outra surpresa, desta vez desconhecida e inusitada.
Um ponto duro, frio e fixo, me devolve o olhar.
Algo ou alguém fala uma linguagem que não quero ouvir;
e sei que devo dissimular, para logo espantar a estranheza.

Um mistério em que se confunde um miolo de dúvidas e medos,
de perguntas e perturbações, sonhos e pesadelos:
espectros e fantasmas inquietos e inquietantes.

Acompanha-me uma presença insólita e incômoda,
insiste numa fixidez de vidro, parece vir do fundo dos olhos,
mas tem ramificações espalhadas por todo o rosto.
Uma espécie de polvo cujos tentáculos, a um só tempo,
velam e desvelam um núcleo secreto e atormentado.

Deparo-me com uma face que, sem dizer uma palavra,
penetra e interpela minha alma; simplesmente é minha cara e não é.
Um estranho conhecido ou um conhecido estranho?
Visão ambígua e múltipla de uma cara tão próxima e tão distante.
Nu, só e desarmado, vacilo por um momento.

- “O almoço está na mesa!” – anunciaram de baixo.

Abençoado anúncio, que me tira do embaraço.
Termino logo o lava-mãos, enxugo-as, e procuro despachar-me.
Irresistivelmente, volto uma última vez ao espelho:
lá está a figura, doméstica e selvagem, como que a pedir explicações.

Não é sem um vago temor que deixo o banheiro,
e me dirijo, apressado, à sala de jantar.

São Paulo, 28 de abril de 2012

A casa

Era uma casa que chamava a atenção de quem passava: a pintura, o jardim, o estilo, formavam um todo harmonioso; de tão familiar, puseram-se todos a chamá-la de Lar Familiar. Lá dentro, porém, as coisas eram bem diferentes: as pessoas viviam isoladas e mudas umas diante das outras, mantinham-se frias, apagadas e estranhamente hostis. O ar destilava um rancor surdo, envenenado, constrangedor: sombras taciturnas e indiferentes deslizavam pelos cantos da casa, casa uma parecendo concentrar-se em sua própria solidão.

Coisa estranha: as portas permaneciam sempre fechadas, e a casa, diante da rua, dos transeuntes e do bairro, aparecia hermética, autossuficiente, longe de tudo e de todos. Nas janelas, pouco ar e pouca vida ventilavam o ambiente; poucos se lembravam de ter visto alguém sair ou entrar na casa, onde pareciam dominar o silêncio, a indiferença e a hostilidade. A incomunicação era total e de mão dupla.

Ah, sim! Havia a televisão, o único ser vivo da casa. Somente ela falava, somente ela era ouvida, somente ela tinha inteira liberdade de se manifestar. Tudo o mais, na casa, temia o menor contato: sabiam todos que os pequenos e mínimos ruídos, os sons individuais e absolutamente particulares, as vozes singulares, que definem cada indivíduo, são sempre detestáveis e odiadas na convivência prolongada.

A televisão, só ela, podia conversar permanentemente; fazia convergir sobre ela os olhares e temas dos moradores, impedindo, assim, que os mesmos precisassem se encarar. Ela, apenas ela, concentrava todas as atenções, ocupava todos os espaços e todos os tempos livres, que bem podiam desencadear um olhar, um sorriso, uma palavra,

um gesto de indiscreta intimidade e até uma tragédia.
Dessa forma, todos se mantinham ocupados e protegidos.

Entretanto, os passantes seguiam admirando a casa:
a bela construção, o ambiente aparentemente familiar;
e todos, seja por vê-la somente do lado de fora,
seja por conhecerem bem a casa onde eles mesmos viviam,
continuam a ver nela um exemplo de Lar Familiar.

São Paulo, 12 de dezembro de 1993

A História passou pela minha janela

A História passou pela minha janela: fatos, eventos, ruídos; aproximou-se, mostrou o rosto enrugado e afastou-se, veloz como o vento, em determinadas ocasiões, em outras, mais lenta, mais sábia, mais comedida...

Levantei os olhos da leitura,
mas nada fiz para avizinhar-me da janela;
voltei às páginas do livro familiar
que versava sobre a história de tempos idos...

No mais íntimo de minhas entranhas, porém,
fazia-se ouvir uma voz sem palavras
– silenciosamente, secretamente, misteriosamente –
que levava a intuir a existência de outra história.

Para além das experiências e dos acontecimentos,
para além dos relatos alinhavados nas linhas que eu seguia,
para além – não acima, fora ou paralela,
e, sim, no interior mesmo dos embates históricos...

deslizava furtivamente, oculto e subterrâneo,
um sentido diferente dos fatos cotidianos:
como a melodia da brisa que faz dançar as flores
ou o sussurro de um rio que acaricia os ouvidos.

Roma, Itália, 26 de junho de 2018

Coisas eternas

Eterna é a flor que se abre
e hoje enfeita minha porta;
dá boas-vindas aos que chegam,
amanhã estará murcha e morta.

Eterna é a lágrima parada na face,
de uma tristeza oculta e indecisa;
não sabe se é melhor ser tragada
ou irremediavelmente vertida.

Eterno é o olhar trocado na rua
e que brilha menos que um segundo;
tão fundo, agudo e penetrante,
capaz de mudar a cor do mundo.

Eterno é o rosto da criança de colo
que vira a cabeça para me ver passar;
fita, inocente, este ser estranho
que chega a ter vontade de chorar.

Eterno é o gesto grato e solidário
diante de quem se encontra caído;
invisível e frágil como o amor,
porém, jamais será esquecido.

Eterna é a visita gratuita
que vem perguntar “como está?”
e segue seu caminho sem pressa,
sem querer, pela demora, molestar.

Eterna é a oração de dor, aflita,
filha de um coração atormentado;
voo que rasga todo o horizonte,
na busca do Deus amado.

Eterno é o abraço apertado,
sinal de gratidão e amizade;
feliz quem o recebe; de quem o dá
maior ainda será a felicidade.

Eterno é o sorriso apenas insinuado
da mulher que, displicente, passa;
por saber-se bela, chega a ser orgulhosa,
riso e corpo vulneráveis à ação da traça.

Eterno é o “bom-dia” que abre portas,
fugaz e fugidio como um instante,
distribuindo encanto e gratuidade,
registrado na memória do passante.

Eterno é o toque no ombro encurvado,
mão estendida a quem perdeu o céu,
que logo se retém, quase envergonhada,
mas, para sempre, deixa gravado algo de seu.

Eterna é a palavra mal balbuciada,
num silêncio povoado de carinho;
proferida com lábios cerrados, pois
cada amor inventa os próprios “inhos”.

Eterno é o canto do rouxinol
na chegada primaveril da aurora;
trinado tênue e transitório
que, para nós, marca a hora.

Eterno é um par de mãos entrelaçadas,
fogo de paixão que rejuvenesce o dia;
em poucos meses pode apagar-se
mas, no momento, é para toda a vida.

Eterno é o beijo da chegada,
eterno também o da saída,
pois o encontro é remédio
que cura qualquer ferida.

Eterno é o aperto de mão
na multidão anônima e tibia;
logo se olvidam nome e rosto
mas não a fina flor colhida.

São Paulo, 25 de maio de 2005

A solidão

Grande é a multidão que me cerca,
inúmeros os que cruzam meus passos,
muitos os que até me conhecem e saúdam.
Maior, porém, é o tamanho de minha solidão:
tropeço em milhares de pessoas,
mas não encontro um rosto amigo.
Estou só.

Busquei um pedaço de pão,
mas o medo fechou todos os corações.
Busquei um copo de água,
mas o nojo fechou todas as fontes.
Busquei um agasalho,
mas o egoísmo fechou todos os guarda-roupas.
Busquei um lugar para passar a noite,
mas as chaves fecharam todas as portas.
Busquei a fila do hospital,
mas a discriminação fechou-me toda cura.
Busquei uma vaga na escola,
mas o preconceito fechou-me todo estudo.
Busquei um posto de trabalho,
mas o racismo fechou todas as oportunidades.
Busquei o salário-desemprego,
mas a ambição fechou todos os cofres.
Busquei o chão para levantar meu barraco,
mas as cercas fecharam todos os terrenos vazios.
Busquei uns “trocados” para a cachaça,
mas o moralismo fechou todos os bolsos.

Busquei uma palavra,
e todos se tornaram mudos.
Busquei um olhar,
e todos se tornaram cegos.
Busquei um gesto,

e todos ficaram paralisados.
Busquei companhia para meus passos,
e todos fingiram seguir outro caminho.
Busquei a mão estendida de alguém,
e todos permaneceram parados
Busquei um minuto de atenção,
e todos me apontaram o relógio.

Busquei o céu, mas Deus me apareceu longe demais,
como as estrelas que Ele semeou no firmamento
e que, indiferentes, me fitam no meio da escuridão sem fim.

São Paulo, 22 de junho de 1997

Não sigas...

Não sigas a quem é incapaz de parar:
só escuta o ruído dos próprios motores.
Não sigas a quem vive sempre parado:
tornou-se insensível aos desafios do tempo.

Não sigas a quem é incapaz de silenciar:
tornou-se surdo a qualquer voz estranha.
Não sigas a quem se nega a falar:
enterrou seus talentos em terra estéril.

Não sigas a quem ergue o tom para fazer-se ouvir:
o grito é atestado de sua incompetência.
Não sigas a quem se ajoelha diante da autoridade:
perdeu a capacidade de reagir e atuar.

Não sigas a quem pretende tudo saber:
está fechado às novidades da história.
Não sigas a quem se recusa a aprender:
encontra-se paralisado pela inércia.

Não sigas a quem desfruta de todo poder:
esmaga sob os pés a tudo e a todos.
Não sigas a quem se nega a responsabilidades:
faz dos outros muletas para o próprio caminhar.

Não sigas a quem acumula riqueza sobre riqueza:
tem o coração tomado por seu tesouro.
Não sigas a quem tudo espera da sorte ou do destino:
tem os braços atados pela falta de iniciativa.

Não sigas a quem usa da violência para se impor:
jamais irá respeitar a posição de outrem.
Não sigas a quem sempre baixa a cabeça:
está amarrado pelo medo e pela impotência.

Não sigas aos que se dizem sábios, fortes e grandes:
eles te farão cada vez mais néscio, débil e pequeno.
Não sigas aos que temem levantar-se do chão:
sofrem vertigem de seus próprios voos.

16 de agosto de 2006

Onde estás, Senhor?

Novamente, voltei a Te buscar, Senhor,
e, mais uma vez, tropecei no irmão.

Primeiro, foi domingo passado, às 7 da manhã,
na Praça Fernando Costa, ao lado do Parque D. Pedro, em São Paulo.
Estavas naquela fila de mais de 500 metros, de sofedores e
estropiados, à espera da vez para receber o pão e o café com leite,
distribuídos por uma entidade beneficente.

Onde verdadeiramente estavas, Senhor?

Nos rostos dos mendigos em fila ou nas mãos revestidas de luvas
daqueles que “caridosamente” doavam o alimento?

Depois, Te encontrei na terça-feira seguinte,
num cortiço da Rua Conselheiro Furtado, centro de São Paulo.
Ali, num minúsculo cubículo, moram D. Maria, sua filha Ana,
que é mãe do Luiz, um menino “órfão” de pai vivo.

Trabalhando como auxiliar de escritório, Ana recebe 16 mil por mês,
sendo que o aluguel do quarto subiu de 5 para 15 mil.

Para o alimento, roupa e outras necessidades básicas,
resta a aposentadoria de D. Maria, uma “mixaria” de 8 mil.

Desesperadas, as duas mulheres não sabem o que fazer.

Onde verdadeiramente estavas, Senhor?

No choro aflito de mãe e filha ou na “bondade” do padre que as visita
e procura levar-lhes um consolo?

Ontem, voltei a tropeçar Contigo.

Foi num outro cortiço onde residem mais de 30 famílias,
situado à Rua Glicério, bairro Liberdade, São Paulo.

Passei pelo quarto de D. Maria, mulher de 65 anos.

Como aposentada, recebe cerca de 8 mil por mês.

Apesar de doente e com muita dificuldade de caminhar,
vê-se forçada a trabalhar em dois “empregos”:

como faxineira de um prédio, pela manhã, e de uma família, pela tarde,
pois o aluguel do quarto onde mora subiu de 3 para 12 mil.

Em seu sofrimento, sabe apenas dizer: "Quem se encosta em Deus, não cai".

Onde verdadeiramente estavas, Senhor?

Na dor imensa de D. Maria, sozinha e abandonada até pelos filhos, ou no gesto "compassivo" do padre que resolve dar uma passadinha por lá?

Por fim, como sempre, volto para casa.

Aqui, na Igreja da Paz, tenho assegurada a sobrevivência e o luxo de um quarto e banheiro individuais, enquanto, pela janela, assisto ao desfile dos mendigos.

Onde verdadeiramente estás, Senhor?

Lá fora, nos porões imundos e fétidos desta cidade, ou aqui na Igreja, onde casais bem vestidos e alimentados, "bondosamente" organizam a feira mensal dos carentes?

Sim, onde estás, Senhor?

No coração daquele que dá do que lhe sobra ou nas mãos daquele que recebe porque nada tem?

São Paulo, 12 de dezembro de 1990

A grande prece

Quando Antônio entra no barraco,
oito pares de olhos grudam-se ávidos em suas mãos.
O olhar das crianças traduz ingênua e ruidosa expectativa;
o olhar de Maria, a esposa, expressa silenciosa aflição;
o olhar do pai-velho evidencia infinita e dolorosa compreensão.
Hipnotizado, Antônio olha também para as próprias mãos:
Vazias! Mais uma vez, vazias!
Como ontem, como na semana passada – sempre vazias!
Os olhares de sua gente vão subindo para o rosto.
Devagar, e como que temendo o pior,
contemplam, mudos, o homem da casa.
Os olhares se cruzam e se fixam numa dor sem palavras.
Um silêncio pesado envolve o barraco,
um sofrimento, tão antigo como a pobreza, revela toda sua nudez.

Antônio encontra-se desempregado há quinze meses,
procura “bicos” para sobreviver com a família.
No momento, vende sorvete no centro da cidade.
Consegue com isso algumas “migalhas” para as nove bocas.
A janta de hoje é arroz puro com ralos grãos de feijão;
de mistura, meia dúzia de banana para dividir entre todos.
As crianças comem em silêncio,
Antônio e Maria comem em silêncio,
o avô, pai-velho, come em silêncio.
E todos sentem, no fundo das entranhas,
a mordida mais leve, mas ininterrupta, da fome;
uma fome sem idade, sem remédio – herança da família.

Ninguém ousa falar, é hora de dormir.
Todos se amontoam no mesmo cômodo,
em algumas camas e colchões pelo chão.
Por muito tempo, ouvem-se ruídos:
gente que se mexe, que geme, que resmunga.

A fome róí e o sono demora a chegar,
até que o cansaço é mais forte
e reina, finalmente, completa imobilidade.

Somente Antônio e Maria permanecem de olhos acesos.
Quietos, mudos – um tendo consciência da vigília do outro.
Olhos fixos no escuro, ambos sentindo o fardo que carregam.
No meio da noite, a mão de Antônio procura a mão de Maria;
as mãos se entrelaçam, se apertam, se acariciam.
Imensa ternura invade os corações, inunda a alma dolorida.
Em silêncio se beijam, em silêncio se atraem, em silêncio se amam.
Dois pares de lágrimas rolam grossas e quentes,
- se misturam, se fundem e se fecundam -
erguendo a Deus a grande prece da Esperança.

São Paulo, 21 de julho de 1986

Não atires pedra

Não atires pedra a teu irmão,
ela cairá antes sobre tua cabeça.

Não apontes o dedo ao rosto de ninguém,
ele se voltará contra ti como primeiro acusador.

Não faças de tuas palavras flechas envenenadas,
seu veneno há de ferir teu próprio coração.

Não soltes ao vento pragas nem promessas,
umas e outras exigirão prestação de contas.

Não carregues o ar com silêncios pesados,
eles tornarão o ambiente irrespirável para ti mesmo.

A ninguém dirijas olhares e sorrisos ambíguos,
eles retornarão a ti com a mesma falta de franqueza.

Não impeças o sucesso de teu companheiro,
ele poderá converter-se em teu maior inimigo.

Não feches a porta a quem pede pão,
ele pode voltar de arma na mão.

Não enganes crianças ou inocentes,
eles podem fazer de ti a próxima vítima.

Não rias da queda, sofrimento ou fracasso dos outros;
tuas pernas também são feitas de frágil argila.

Não persigas quem é incapaz de correr ou defender-se,
ele pode juntar os iguais e terás de enfrentar a multidão.

Brasília-DF, 14/08/03

A sesta

A manhã havia sido pesada, intensa e longa.
Entre o atendimento ao povo e as confissões,
poucos minutos de pausa para respirar e digerir as palavras.
A Igreja Santo Antônio, na Praça Patriarca, coração de São Paulo,
mais parece uma espécie de movimentado desaguadouro
de preocupações, medos, angústias, problemas e contradições;
em nome da confissão, as pessoas nos procuram
para todo tipo de desabafo, inclusive para confessar-se.

A fila dos penitentes constitui um verdadeiro retrato
da pluralidade humana desta gigantesca metrópole:
há empresários e altos executivos engravatados;
há senhoras de classe média, cheias de joias e crises;
há funcionários públicos impecavelmente trajados para o serviço;
há bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, missionários da rua;
há comerciários, gente de rua, desempregados, prostitutas;
há lideranças das comunidades de periferia, “clientes de carteirinha”,
jovens e idosos marcados pelo escrúpulo do pecado...

Histórias marcadas pelo sofrimento, o temor e a esperança,
dores e sonhos derramados alternada e misturadamente.
Gente que, para não afogar-se nesta imensa massa urbana,
busca ali uma palavra, um olhar, uma tábua de salvação.
Gente solitária em meio à multidão cega e surda,
carente de um minuto de repouso, de silêncio,
e de um coração onde depositar suas mágoas e amarguras.

Tudo isso cansa o corpo, cansa os ouvidos, cansa a alma,
e põe a nu duas constatações aparentemente contraditórias:
a primeira, é que somos todos iguais,
e a segunda, que somos todos diferentes.

Onze e meia, término do atendimento e das confissões.
Hora de almoço, de relaxamento, sensação de alívio;

sensação que aumenta pela sesta que vem em seguida.
Retiro-me ao quarto, puxo as cortinas, desligo a luz
e, na penumbra, estendo-me sobre a cama.

Antes do sono, uma pergunta incômoda:
não será a Vida Religiosa que possibilita desfrutar diariamente a sesta?
Um leve sentimento de culpa arranha-me a consciência,
nada, porém, que possa impedir o sono.

São Paulo, 18 de fevereiro de 2009

Fantasma ocultos

Ontem tivemos uma noite cultural, ou momento de confraternização, como é costume nesses encontros das Pastorais ou Movimentos Sociais. Havia música ao vivo, bebida variada e uma série de comidas típicas. Sei que a dança rolou até às tantas da madrugada.

Nesses momentos de descontração, uma vez mais, comi alguma coisa, passei um pouco da conta quanto à cerveja e recolhi-me cedo. Quase certamente, e como sempre, fui o primeiro a abandonar a festa.

E isso após ter defendido com ênfase o valor do lazer e do encontro para as atividades pastorais ou lutas sociais.

Semelhante comportamento me traz à memória outros momentos idênticos.

Em tais ocasiões, não é raro eu me comportar como uma borboleta ou um beija-flor. Procuro conversar com todos, até pela necessidade de mostrar minha presença.

Mas a conversa se mantém sempre num clima muito superficial.

Voo de flor em flor, belisco o mel de cada uma, mas me recuso a um relacionamento mais íntimo e intenso. Como se procurasse surfar nas ondas da festa, sem o risco de revelar correntezas mais profundas e desconhecidas. Temo qualquer compromisso que necessite maior empenho e abertura.

Difícilmente me deixo penetrar pela conversa.

Mesmo após alguns copos de cerveja,

mantenho o tom jovial, efêmero e descompromissado.

Pressinto que há nisso um muro de defesa contra alguns medos ocultos.

Qualquer coisa que, com a leviandade do beija-flor, me empenho em não revelar.

Sorratamente, deixo a festa, rompo toda aproximação mais séria, e vou dormir com os meus fantasmas desconhecidos.

São Paulo, 15 de maio de 2009

De ataque em ataque

No primeiro ataque,
pisotearam nossas flores.
As pétalas, soltas e esparramadas,
pouco a pouco, secaram e morreram.
No jardim, pusemos as crianças
brincando com a terra nua.

No segundo ataque,
atingiram nossas crianças.
Apagaram pela fome
o sorriso que iluminava suas faces.
No jardim triste e vazio,
plantamos novos sonhos
para povoar o deserto.

No terceiro ataque,
destruíram nossos sonhos.
Um a um, como as flores e as crianças,
foram definhando no coração e na alma.
Desolados e abatidos,
contemplamos o solo fértil do jardim.

Ainda resta a esperança, é verdade!
Esperança de que o jardim voltará a florir
porque o sol renasce a cada manhã
e a primavera retorna sempre.

Mas...
será suficiente a esperança
para impedir um último ataque
que acabe de vez com o próprio jardim?

São Paulo, 05 de julho de 1991

Um feixe de feridas

Um feixe de feridas é o que hoje sou:
expostas ao sol, umas;
ocultas no fundo da terra, outras.

Chagas vivas na carne,
herança de ave vagueira,
abertas nos mil espinhos,
nas mil pedras do caminho.
Muitas de ontem, jamais cicatrizadas;
algumas de hoje, vertendo ainda sangue;
outras de amanhã, curtidas em medo e ansiedade.

Marcas nos pés e nas mãos,
no rosto e no olhar, no corpo e no coração,
deixam, gravados na vida,
um gosto sem sabor e sem nome,
um tempero desconhecido,
forte e feio feito fome.

Eis hoje minha prece,
única que tenho a oferecer,
misto de luz e sombra, dor e êxtase,
riso e lágrima, silêncio e palavra,
clamor e dúvida, segredo e revelação.

No mistério do viver,
será a alma grande demais
ou pequena demais?
Quem haverá de saber?
Doce como mel,
amargo como fel,
assim o destino
de todo peregrino.

De perguntas sem respostas,
a um céu frio e distante,
eis a matéria de minha reza
em passos poucos e titubeantes.

Nada trago, nada peço.
Sem palavras, aqui estou.
Em silêncio, me prostro.
Em silêncio, agora vou.

João Pessoa, 10 de junho de 1996

A vida de um trago

Beber a vida,
bebê-la de um trago.
Ah! Se fosse possível!
Como se faz a um licor muito doce
ou a um elixir muito amargo.

Soltar-se no ar
como um rojão
Explodir para que o mundo saiba
que a vida não é em vão.

Embriagar-se de “agoras”
como os pássaros.
E cantar, e dançar e pular.
Passado, futuro e história?
Isso é coisa de náufragos.

Sorver o tempo,
sorvê-lo até a última gota,
total, pleno, inteiro!
Desta vida tudo desfrutar
sem esperar pela outra.

São Paulo, 13 de dezembro de 1991

Confissão

Senhor padre, o que me traz aqui é o desespero.
Por favor, me escute e me ajude que eu não posso mais.
Pertença a um povo que morre cedo,
que fica velho antes dos trinta
e que se torna adulto sem ter sido criança.
O senhor não sabe o meu nome,
nem o nome de meus pais e avós
e muito menos de meus filhos e netos.
Aliás, o senhor sabe pouca coisa de minha vida,
da vida sofrida de minha gente.

O senhor não sabe o que significa, por exemplo,
chegar em casa e encontrar cinco pares de olhos
fixos, parados, aflitos,
a pedir pão, leite, roupa, cadernos, doces...
E a gente entra com as mãos vazias,
o peito apertado de uma coisa sem nome e sem remédio
e um nó enorme na garganta.
Depois olhar a mulher,
companheira na “alegria e na tristeza, na saúde e na doença”,
como o senhor fala na hora do casamento,
e não poder responder à pergunta estampada em seu rosto.
E ela logo desvia os olhos,
numa mistura de dor e vergonha, medo e revolta.

Não, senhor padre,
o senhor não sabe o que significa isso.
Nem pode saber, pois sua vida gira em outra órbita.
E não sabe também o que significa, no dia seguinte pela manhã,
sair com o corpo e a alma pesados
para mendigar trabalho, um emprego que não chega nunca,
ou, quando chega, nunca é seguro e estável.
E fazer isso todo dia, durante semanas e meses, há dois anos...
A fome bate à porta, o desespero toma conta da gente.

Lágrimas de dor e revolta se tornam o alimento de cada dia.
Revolta com os filhos, com a mulher, com os parentes.
Bem sei que eles não são culpados, e então me revolto contra Deus.
O senhor sabe o que é ter 45 anos, dois braços fortes para trabalhar
e ter que receber esmola dos irmãos e cunhados?
Não, o senhor não conhece esta humilhação.
Bater de porta em porta, perder tempo em todas as filas,
fazer entrevista uma atrás da outra, preparar currículos,
e nada! O senhor sabe o que é isto?
Eu não aguento mais, não sei o que faço.
O que o senhor me diz, padre?

São Paulo, 14 de abril de 1997

Ressurreição dos deuses

Os deuses não estão mortos, é bem verdade,
mas perderam-se num passado remoto,
debandaram para um futuro longínquo
ou quedaram, mudos e surdos, num céu indiferente.
Desde esse além, nebuloso e incerto,
limitam-se a ditar leis e prescrever mandamentos.

Restou o homem, só e senhor de si.
Utilizando a razão como escada,
degrau a degrau, metodicamente,
pôs-se ao encalço da própria identidade.
Mas a escada não alcançou o teto.
Em lugar de Caminho, Verdade e Vida,
o homem descobre exatamente o oposto:
uma tecnologia que a muitos barra o caminho;
uma ciência que mais esconde do que revela a verdade;
e um progresso que a milhões priva da vida.
De joelhos, prostrou-se no altar desse ídolo
enquanto, nas tumbas, os deuses começam a se mexer.

Não logrando grande êxito com seus inventos,
o homem ameaça deitar fora a escada.
Ao mesmo tempo, profusamente,
os deuses decidem abandonar seu silêncio e refúgio.
Às centenas, e de formas as mais variadas,
com nomes conhecidos ou exóticos,
pululam pelas ruas e praças, povoam campos e aldeias,
invadem rádio, televisão e jornal, habitam templos e terreiros.

Por toda parte, aparecem novas cruzes,
proliferam pelas esquinas os despachos,
multiplicam-se ritos e pregações,
cresce o número de transeuntes sobraçando bíblias.

São os deuses que estão de volta.
Mais do que nunca, caminham ao lado dos mortais,
sujam o nome, os pés e as mãos no duro embate do cotidiano...
- nas histórias e na história dos homens!

São Paulo, 10 de abril de 1991

Vi a dor

Vi a dor, Meu Deus!

Vi-a de perto e em toda sua nudez.

Vi-a naquela mãe

que, recebendo em casa o cadáver de seu filho,
nem ao menos teve o direito de saber a causa de sua morte.

Vi-a naquele menino de apenas dez anos

que, não tendo conseguido vender um único saquinho de pipoca,
tem medo de voltar para casa sem dinheiro,
senta na calçada e põe-se a soluçar,
num pranto triste e perdido.

Vi-a naquela “mulher da vida”

cujo corpo não mais consegue atrair fregueses
e que, por isso, vive de porta em porta pedindo esmola,
tendo ganhado a fama de doida e desbocada.

Vi-a naquela recém-nascida

cujo corpinho não é mais do que pele e osso
e cujo olhar – redondo, inocente e fundo –
parece perguntar o porquê de continuar vivendo.

Vi-a naquele ajudante geral,

pai de cinco filhos menores,
que, diariamente, sai para o trabalho sem café da manhã
para que as crianças possam ir à escola
com alguma coisa no estômago.

Vi-a naquela mãe solteira

que, sendo pobre e negra, foi barrada em inúmeras portas
e continua desempregada e com ameaça de despejo.

Vi-a naquele homem de rua
que não conseguiu dinheiro para sua garrafa de pinga
pois o moralismo da sociedade oferece apenas comida,
sem perceber que a cachaça é o combustível de sua vida.

Vi-a naquela senhora de setenta anos,
doente e encurvada, que, recebendo uma aposentadoria miserável,
é obrigada a trabalhar em dois “empregos” para sobreviver.

Vi-a naquela menina-moça
que, tendo ficado grávida de um homem a quem se entregou por
amor, vê-se por ele abandonada e chutada de casa
enquanto o sonho se parte em mil pedaços.

Vi-a naquela família moradora de cortiço
em que o aluguel ultrapassou o salário
e vive o desespero de ir para debaixo do viaduto.

São Paulo, 25 de outubro de 1991

Aqui jaz

O homem jazia como recém-aposentado em seu morno apartamento de classe média; no rosto, embora sulcado de fundas rugas, todas as mágoas pareciam cicatrizadas, toda a amargura definitivamente sepultada, toda a indignação para sempre represada. Alegrias e tristezas não lhe faziam brilhar os olhos, nem raivas e angústias lhe crispavam o rosto, tampouco o coração parecia pulsar por algo novo.

Os dias seguiam numa perfeita rotina: levantar, esperar o café, ler o jornal ou alguma revista, dar uma volta pela praça ao encontro de dois ou três amigos, sempre com os passos matematicamente contados; depois, regressar para o almoço e deitar para a sesta. E a jornada praticamente estava encerrada! Nenhuma dor o fazia chorar, tinha seus remédios; nenhuma notícia o surpreendia, há muito estava vacinado; nenhuma esperança o fazia vibrar, não mais tinha ilusões.

Restava-lhe esperar os filhos e netos em dias especiais, desde que, ao fim da tarde, retornassem à sua casa; restava-lhe o futebol nos finais de semana, ou o dominó no bar da esquina, oito a dez vezes por mês; restava-lhe ver os segundos deslizarem, silenciosamente, no relógio de ouro que ganhara da firma no dia da aposentadoria.

Teria lembranças? Teria sonhos ocultos? Teria algum horizonte? O corpo, cada vez mais obeso, negava tudo isso; tranquilamente, procurava desfrutar os pequenos prazeres de quem há muito já alcançou a meta projetada, ou de quem não se arrisca a retomar o caminho. Possuía seu lugar determinado na cama, na mesa, no sofá da sala, no banco da Igreja, na cadeira de balanço do parque...

Fixara sua morada na terra como em mármore eterno,
e nada e ninguém haveria de movê-lo de seu jazigo de paz e sossego;
a vida já lhe fornecera tudo o que almejava e necessitava,
restava conduzi-la sem esforço até o fim de seus dias,
dia em que a morte, finalmente, carregaria com o fardo há muito
falecido.

São Paulo, 18 de dezembro de 2008

Numa rua do Brás

Numa rua do Brás,
um encontro fugaz,
no deserto da multidão,
alguém na contramão.

Um olhar,
triste como a fome,
num rosto sem lar,
numa voz sem nome.

Em meu íntimo,
uma porta se abriu,
todo um mundo surgiu,
de sons e tons,
de cores e sabores,
de medos e segredos,
de cheiros e memórias,
luzes e sombras da história.

Um olhar,
nova porta aberta,
chave de um mistério
que permanece fechado!

São Paulo-SP, 8 de julho de 2001

Obrigado, papai!

Obrigado, papai!

Hoje, você afagou o ventre crescido da mamãe
e me dirigiu algumas palavras.

Bem sei que você estava cansado,
com um turbilhão de problemas na cabeça.

Obrigado, porque você teve a coragem
de romper o silêncio de longos e penosos dias.
Era um silêncio venenoso, constrangedor, pesado.
Lembro que você permanecia sentado no sofá,
escondido atrás de um jornal, uma revista,
ou com os olhos fascinados pela telinha.
Era como se aquela mulher de ventre crescido
nada tivesse a ver com você.

Obrigado, por suas palavras amigas.

É bem verdade que não as entendi,
mas sei que estavam revestidas de carinho,
de um calor humano que só o amor explica.

Obrigado, por esse gesto que fez sorrir a mamãe,
me encheu de grande esperança
e de vontade de saltar para o mundo,
como João Batista no ventre de Isabel,
com a aproximação de Maria, grávida de Jesus.

Guaporé-RS, 15 de fevereiro de 2009

Buscando Teu rosto

A noite caiu. Em meio à escuridão,
ansiosamente, busquei Teu rosto, Senhor.
Esperava encontrá-lo suave, meigo, tranquilizador;
em vez disso, desfilou diante de mim, um a um,
uma infundável procissão de rostos: duros, rudes, torturados pela miséria.

O rosto da Sandrinha, de apenas três anos, olhinhos arregalados pela fome, prostrada no fundo de uma caixa de papelão,
ossos visíveis, à flor da pele já enrugada.

O rosto de Pedrinho, um menino de seis anos
que, todas as noites, acorda aos sobressaltos e, gemendo, pede pão.

O rosto de Mauro, um pai de família que, demitido há uma semana,
às vésperas do vencimento do aluguel, vê-se atormentado pelo desespero.

O rosto de Joana, mãe de três menores, locadora de um minúsculo quarto.

Há mais de mês, vem sendo ameaçada de despejo
porque não conseguiu arrumar dinheiro pr'água e pra luz.

O rosto de Alice, com uma enorme bacia de roupa nos braços,
esperando na fila pela vez de usar o tanque coletivo,
após uma semana de trabalho em casa de família,
enquanto as crianças lhe gritam, agarradas à saia.

O rosto de Sérgio, chefe de uma das 24 famílias daquele cortiço,
desempregado há tempo, não sabe onde, diabo, arrumar dinheiro pra comida, quanto mais pro aluguel, a água, a luz, a pinga...

O rosto de Vera, largada pelo marido e com dois filhos,
desesperada porque não encontra um “cristão” que cuide das crianças
enquanto precisa trabalhar de manhã à noite em dois empregos.

O rosto de uma sofredora sem nome, com a ordem de despejo na mão,
corre loucamente de um lado para outro,
um sofrimento de perder o juízo estampado no olhar.

Tantos, tantos rostos desfigurados!

E eu, aqui, com um quarto e um banheiro individual,
espaço à vontade diante de inúmeros cortiços ao redor.

Como conciliar o sono?

E ainda fazendo poesia sobre tanta dor oculta e esquecida
nos subterrâneos desta metrópole, “a mais desenvolvida do país”.

Sobre Teu rosto, Senhor, desfilam, sem parar,
todos esses rostos que hoje encontrei.

Feios, rudemente torturados, marcados pela carência,
formam todos o Teu rosto, que eu tanto procuro!

São Paulo, 02 de abril de 1990

Se não fosse

Como seria bonito o canto dos pássaros,
que ainda resistem à atmosfera poluída desta cidade,
se não fosse, para além dessa melodia agradável,
o rumor surdo da fome em milhões de estômagos vazios!

Como seria bonito o amanhecer dourado deste dia,
coisa rara nesta São Paulo da garoa e da neblina,
se não fosse, para além da poesia deste nascente,
o duro combate por uma vaga no transporte coletivo,
travado diariamente por milhões de trabalhadores da periferia!

Como seria bonito o “bom-dia” distribuído entre nós,
nos corredores aconchegantes desta casa religiosa,
se não fosse, para além destas paredes,
a dor silenciosa de milhões de famílias,
na corrida desesperada pela casa própria!

Como seria bonita minha oração pessoal,
um diálogo tranquilo, sereno e profundo com Deus,
se não fosse, para além desta busca da face do Senhor,
a intromissão teimosa e insistente de um terceiro rosto,
o rosto de milhões de pobres que não têm tempo sequer para rezar.

Como seria bonito “habitarmos todos juntos como irmãos”,
beber pela manhã a harmonia suave deste salmo,
se não fosse, para além desta prática da vida religiosa,
a agressividade a milhões de mulheres duplamente exploradas,
velhas e cansadas antes de completar trinta anos de vida!

Como seria bonito ir para a mesa do café da manhã,
tendo antes o cuidado de fazer juntos a liturgia das horas,
se não fosse, para além desta sequência segura de atos comunitários,
a existência sórdida de milhões de “boias-frias”,
em jejum desde cedo, e com arroz puro nas marmitas.

Como seria bonita a vivência do meu “voto de pobreza”,
utilizando tempo e recursos a serviço dos oprimidos,
se não fosse, para além desta lógica tranquilizante,
o clamor real de milhões de seres humanos,
disputando, com os cães, restos de comida e espaço para dormir.

Como seria bonito iniciar o trabalho neste dia,
não sem antes dirigir a Deus uma prece de louvor e ação de graças,
se não fosse, para além deste momento diário de oração,
a presença interpeladora de tantas pessoas,
cujos gritos silenciosos entram por nossas janelas e portas.

Como seria bonito encontrar pela manhã a face do Senhor,
e encontrar também os irmãos de trabalho e de vida religiosa,
se não fosse, para além destes encontros de rotina,
a insistência de Deus em revelar Seu rosto
através dos milhões de rostos empobrecidos e desfigurados!

São Paulo, 25 de março de 1987

Colhendo nuvens

A existência de cada ser humano
sobre a face da terra
assemelha-se a uma corrida febril
atrás das nuvens que nos oferece o céu,
tentando colher e acumular, de entre elas,
a maior quantidade possível...

Quando se procura medir e avaliar as posses,
apertá-las entre as mãos ávidas,
sentir-lhes o peso, a espessura e o valor,
constata-se, estupefatos,
que nada restou entre os dedos...

Nada, a não ser um sabor estranho
de impotência, fracasso e inutilidade,
no fundo da alma ressequida.
Vã foi a busca, estéril a colheita.

Roma, Itália, 17 de outubro de 2014

Destinos

Por mais de uma hora me surpreendo, praticamente parado, no trânsito enlouquecido da Avenida Bandeirantes, a caminho do Aeroporto de Congonhas, São Paulo. Carretas de dezenas de toneladas roncam e bufam, atrás, à frente e por todos os lados, a perder de vista. Não há o que fazer, a não ser engolir fumaça, buzinar, xingar e pensar.

Escolho a última opção e os pensamentos vão deslizando em forma de perguntas.

De onde e para onde se desloca toda essa gente? O que carregam nos caminhões?

Como se cruzam e descruzam os destinos nas vias desta cidade?

E esses motoristas, quem são? Há quanto tempo estarão fora de casa? Brincando de fazer perguntas cujas respostas, fáceis em princípio, tornam-se impossíveis nesta torrente de máquinas, mercadorias e pessoas.

As placas dos veículos ajudam a decifrar parte do enigma, designam cidades concretas de variados estados do território nacional. Mentalmente, desloco-me até tais cidades – Maringá, Canoas, Chapecó – entres outras, e fico imaginando mães, mulheres e crianças, lá longe, esperando pelo pai e marido, caminhoneiro itinerante da estrada. Um mapa que pudesse desenhar a trajetória de cada um desses destinos, suas linhas, suas idas e vindas, suas complexidades, seus encontros e desencontros.

Depois, fixo o olhar nos automóveis, há dezenas ao meu redor. Da mesma forma que o Gol 1.6 em que estou, também aquele Parati, aquele Vectra, aquele KA, aquele Santana ou aquele Palio, todos transportam uma só pessoa, isolada por vidros e metal: como é solitária a vida de um cidadão paulistano, no *seu* carro, no quarto do *seu* apartamento, frente ao *seu* computador, conversando no *seu* celular ou assistindo à *sua* televisão!

Aqui estamos, a metros de distância um do outro,
todos vítimas deste interminável engarrafamento,
mas, se um simples olhar inadvertido cruzar com outro,
ambos viram a cabeça envergonhados,
como se estivessem violando um pacto secreto.
Destinos que se tocam, se atropelam, quase se buscam,
mas não se encontram nesta multidão engaiolada pelo
individualismo.
Partículas solitárias girando em torno da própria vida,
como na mecânica do átomo. Sim, orbe atomizada,
cujos indivíduos giram em órbitas paralelas!

São Paulo, 1º de setembro de 2009

Falsa liberdade

Ao contrário do senso comum, liberdade não é “fazer o que se quer”, e, sim, o que “constrói e faz crescer a relação dialógica”. “Essere libero senza amore significa semplicemente drogarsi all’ora della morte, cioè aiutarsi a rendere il morire più dolce”, diz, com razão, o artista plástico esloveno Marko I. Rupnik.

A exemplo de qualquer outra droga, também a liberdade sem freios e sem limites destila veneno sobre si mesma e sobre os que circulam na mesma órbita. Ainda nas palavras do mesmo autor, padre jesuíta, semelhante liberdade “ingabbia, incatena e richiude” a pessoa num epicentro ao redor do próprio umbigo.

Liberdade que, ao mesmo tempo, sufoca e embriaga; simultaneamente, abre e fecha o horizonte, tornando-nos surdos e mudos, míopes e cegos, diante dos desafios do contexto histórico em que vivemos.

No extremo, essa aparente via larga e livre converte-se num beco estreito e sem saída, marcado pela solidão, o abandono e o desespero, no fim do qual nos aguardam sofrimento e morte.

Roma, Itália, 6 de março de 2015

Ruídos e melodia

O rumorejar contínuo das ondas sobre a areia acariciam o ouvido.
De árvore em árvore, os pássaros cantam e dançam,
saudando a manhã que cresce desde o infinito.
Um que outro galo, ao longe, dá boas-vindas à luz
que, pouco a pouco, vai vencendo as trevas da noite.
Uma brisa suave, no balanço das folhas de coqueiro,
completa a harmonia do alvorecer.

Semelhante melodia, ao mesmo tempo simples e profunda,
contrasta com os ruídos que zumbem em minha alma.
Perguntas, dúvidas e contradições se chocam,
se atropelam e se mesclam sem solução.
O próprio silêncio, que procuro cultivar
através de inauditos esforços de concentração,
se transforma em um ruído a mais.
Desejos e temores não encontram repouso.
Talvez por isso, deixo a capela e ponho-me a escrever.

Na imensidão do oceano, que ainda se confunde com um céu cinza,
busco descanso para o olhar e paz para o coração.
Mas persistem, sem trégua, o barulho e a tormenta interior.
Medos indefinidos rondam o espírito.

Lentamente, minuto a minuto, o dia se levanta cada vez mais radioso.
O sol já rompe as névoas indefinidas do horizonte.
Mas, uma sensação de ansiedade não me deixa permanecer
tranquilamente nesses minutos que, sem pressa, escoam e escapam
entre os dedos.
A memória de fatos passados e o afã dos compromissos futuros
dividem e dilaceram minha atenção.

O que era para ser um momento de oração ou contemplação,
logo se converte em tensão, até conflito.

No cadeira da escrivaninha, mudo de posição a cada instante.
Inquieto e irrequieto, consulto o relógio.

O melhor mesmo é passar para a mesa do café.

Itapuã, Salvador-BA, 13 de agosto de 2009

Hoje

O dia revestiu-se de suas melhores roupas
e resolveu sair à rua.
Ébrio de luz,
espalhou o sol pelas casas.
Sua voz, feita dos mil ruídos da cidade,
canta qual rouxinol em manhã de primavera.

Algo vivo e vibrante,
feito de matéria invisível,
espraia-se pelo ar.
Respira-se um oxigênio novo
que tempera e farta o peito.
Alguma mão milagrosa
pinta sonhos no rosto das pessoas
que passam, que olham, que sorriem
e se vão, embriagadas de futuro.

Não, não é domingo,
mas o dia está de roupa nova.
Brilham com força os olhos das crianças,
adivinhando bondades extras nos pais.
Alteiam-se os ombros dos adultos
como que libertos de um peso antigo.
Pisam firmes os passos dos jovens
com a esperança na face e o amanhã nas mãos.
Trocaram olhares os velhos
no silêncio de sua sabedoria.

E é São Paulo,
onde dor e miséria povoam tudo
desde a periferia mais longínqua,
passando pelos porões e subterrâneos,
até os mais altos arranha-céus.
Que houve, então?

É que o dia está de roupa nova.
Quem não viu?

A cada manhã, é possível revestir-se
de roupa nova, de cara nova, de coração novo.
De vida nova.

São Paulo, 13 de fevereiro de 1992

Mãos solidárias

As mãos que contam estrelas e colhem flores,
podem colher sonhos e esperanças, gritos e dores;
as mãos que acariciam crianças e desenham quadros,
desenham também nomes e rostos desfigurados;
as mãos que se buscam e se juntam para o amor,
se apertam e se lançam à luta sem temor.

As mesmas mãos que tocam ouro e diamante,
tocam chagas vivas de corpos feridos;
mãos que se fecham para bater,
mas podem se abrir para acolher os caídos;
mãos que sobem montanhas e alcançam os céus,
sabem também descer aos infernos do sofrimento.

São nossas mãos, apenas nossas mãos!
Frágeis mas fortes, pequenas mas grandes – porque instrumentos de Deus.

Mãos que se comprometem com o destino de milhões de pessoas marcadas pela exclusão social, crucificadas em tantas cruzes.
Mãos que ganham coragem para penetrar nos porões da sociedade: visitam presídios e prostíbulos, praças, becos e ruas, favelas e cortiços; companheiras dos que caminham pelo campo e pela cidade, dos que singram mares, lagoas e rios atrás da sobrevivência; mãos que conhecem a pobreza e a doença, o medo e o desespero, e se debruçam com igual carinho diante de um berço ou de um leito; mãos que curam e previnem, rezam e organizam, semeiam e cultivam, celebram e lutam, chamam e abençoam.

Mãos amigas de crianças e adultos, jovens e velhos; homens e mulheres, meninos e meninas, brancos, índios, negros; operários e lavradores, peregrinos e nômades.
Mãos que se estendem aos sem-terra e sem-teto, aos sem-emprego, sem-escola e sem-saúde, aos sem-raiz, sem-rumo e a tantos outros “sem”.

Mãos que se unem e se entrelaçam solidárias,
artífices dos organismos e pastorais sociais;
que forjam o I Encontro Nacional da Pastoral Social,
abrindo portas e janelas para que este seja a casa e a pátria
dos que se sentem estrangeiros em sua própria terra.

Mãos que se organizam na construção do Reino de Deus,
conquistam e defendem os direitos dos pobres e indefesos,
trilham caminhos novos de uma nova cidadania,
preparam uma mesa farta, onde ninguém é excluído,
um grande banquete de irmãos e irmãs na festa sem fim da vida.

Brasília-DF, 04 de outubro de 2000

Menor ou menino?

Nasci da raiva,
cresci no medo,
fugi de casa
ainda bem cedo;
ao léu, nu e só,
conheci degredo.

Pisei barro e pó,
mordi o chão,
cheirei cola,
roubei o pão,
chorei no asfalto,
não tive perdão.

Comi a fome,
tremi de frio,
fumei guimba
no meio-fio;
sem pai e mãe,
só “tia” e “tio”.

A rua é meu lar,
a multidão, o deserto;
não sei de familiar,
de longe ou de perto,
vivo a vaguear
por rumo incerto.

Corri e apanhei
na vida, feito cão.
Aprendi a enrolar
turista e peão;
para não morrer,
só passando a mão.

De pouca escola
e muita malícia,
poucos amigos
e muita polícia;
nada de beijos
e nem carícia.

Brincar e estudar,
verbos proibidos;
igualmente trabalhar
perdeu o sentido;
de diploma ou canudo,
só a profissão perigo.

Filho da violência,
já na barriga da mãe;
de pouco vale o ECA,
menos ainda a Febem;
não bastam reza e benção,
aleluia ou amém.

Cansado de ser menor,
quero ser menino;
em vez de droga e bala,
quero boneca e carrinho;
em meio a tantas veredas,
como saber o caminho?

São Bernardo do Campo, 28 de abril de 2004

O tesouro

Tudo na vida se resume a encontrar o tesouro,
tesouro sempre oculto, sempre distante, quase sempre impossível.
Esforços, tempo e preocupações estão voltados para essa descoberta:
no universo urbano, ampliam-se desmedidamente as vias, as formas,
e as possibilidades de desencantar a pérola escondida.
O pluralismo profissional, cultural e religioso,
tende a fragmentar, dividir e dilacerar a vontade da busca,
pois “onde está teu tesouro, aí está teu coração”.

Numa metrópole como São Paulo, entre outras,
os tesouros são numerosos e muito diferenciados:
a fama, o sucesso, o dinheiro, a sorte na loteria, a ascensão social,
a aventura amorosa, a aquisição de objetos cobiçados...
Tudo isso profusamente iluminado pelos holofotes da mídia,
pelas luzes das vitrines nas lojas dos shopping centers
e pela avidez do coração, sempre inquieto e irrequieto.

Semelhantes tesouros, porém, cansam os pés e as pernas,
deixam um gosto amargo na alma, um vazio no espírito;
como se, à força de preencher o vazio com tantas bijuterias,
só conseguíssemos aumentar a sede de ter mais e mais.
Ter, fazer, produzir, comprar, sentir prazer – consumir –
nos tornam seres descentrados e partidos,
como raios soltos de uma roda sem eixo central;
o ser se dispersa, se multiplica em mil atividades,
perde o tesouro no afã mesmo de encontrá-lo.

As luzes e as opções da cidade nos enganam e iludem,
desviam nossos passos para as portas largas e fáceis,
afastam-nos do caminho estreito e laborioso.
Só este caminho nos irá mostrar que o tesouro não existe,
não existe enquanto pérola a ser encontrada num passe de mágica,
mas num processo que passa pelo deserto, longo, árido e penoso.
O tesouro verdadeiro é construído durante toda uma vida!

Enfim, que tesouro é esse?

A “Casa de Deus”, a intimidade com o Pai, revelada por Jesus Cristo. Porém, quando pensamos ter encontrado a pérola, ela, sempre e repetidamente, nos escapa por entre os dedos, pois a “Casa de Deus” é, a um só tempo, lugar de chegada e de partida, devolvendo-nos à estrada para continuar o caminho.

O tesouro é o esforço diário e permanente da própria busca, pois Aquele que se revela só mostra sua face iluminada a quem está disposto a continuar caminhando.

São Paulo, 08 de setembro de 1996

Quando eu crescer...

Quando eu crescer,
quero ter pai e mãe, irmãos e irmãs,
tios e tias, primos e primas, avô e avó.
Quero ter uma família
pois estou cansado
de ser visto como “menor abandonado”.

Quando eu crescer,
quero leite quente pela manhã,
arroz, feijão e carne no almoço.
E, à noite, ir para a cama sem fome...
pois estou cansado
de buscar nas latas de lixo o que comer
ou cheirar cola para enganar o estômago.

Quando eu crescer,
quero brincar na rua, subir nas árvores,
empinar papagaio, andar de bicicleta,
ver televisão, passear nos parques...
pois estou cansado
de engraxar sapato e lavar carro.

Quando eu crescer,
quero frequentar a escola,
aprender a ler e escrever,
estudar para ser “doutor”...
pois estou cansado
de bater carteira e de trabalhar.

Quando eu crescer,
quero dormir entre lençóis,
ter uma cama só para mim,
não sentir mais frio à noite...
pois estou cansado
do chão duro e de acordar aos sobressaltos.

Quando eu crescer,
quero tomar banho de sabonete,
vestir roupa nova e limpa,
calçar meia e sapato...
pois estou cansado
dos farrapos e da sujeira.

Quando eu crescer,
quero ter nome e endereço,
morar numa casa bem bonita,
convidar os amigos à mesa...
pois estou cansado
de tanto correr da polícia.

Quando eu crescer,
quero ser um pouco criança
pois estou cansado de ser adulto!

São Paulo, 10 de outubro de 1997

Um rosto... uma prece

Hoje pela manhã, Senhor,
deparei com um rosto, um rosto irmão... e pus-me a rezar.

Um rosto que aparentava uns setenta anos
sobre um corpo de apenas quarenta.
Um rosto de mulher
num ser vergado sob o peso de trabalho animal.
Um rosto de cor negra
marcado a ferro e fogo com o estigma da servidão.
Um rosto retalhado de fundas e numerosas rugas,
sinais reveladores de um milenar sofrimento.

A mulher, Senhor, vim depois a saber,
[é uma catadora de papelão, “sofredora de rua”].
Com esse trabalho ingrato, dá de comer a sete filhos,
o maior dos quais não completou ainda dez anos.
O marido é “doente da cabeça”
e a mãe jaz, parálitica, sobre um velho colchão.

E é esse, meu Deus, o Teu rosto.
O rosto de Teu povo latino-americano,
marca registrada de uma dor de cinco séculos,
pesada herança, legada de pai para filho,
neste continente historicamente saqueado e empobrecido.

Minha oração, confesso, teve sabor de fel.
Mastiguei, engoli e digeri
o pão amargo do trabalho não pago.
Ao buscar ardentemente Tua face, Senhor,
tropecei naquele rosto,
ao mesmo tempo rude e cheio de ternura,
com um olhar duro, mas firme e esperançoso,
com mãos ásperas de calos, mas infinitamente carinhosas.
Um corpo encarquilhado e cronicamente enfermo,

um ser humano quase sem carne, roído pela fome e pela miséria,
mas com um passo resolutivo de quem recria o amanhã.

E, talvez pela primeira vez, Senhor, minha prece chegou à Tua
presença

porque penetrou fundo em meu peito e revolucionou-me as
entranhas.

Nasceu, no mais íntimo de meu ser, uma esperança nova,
a esperança com os pés fincados no chão.

Seqüioso, pude beber no poço da água viva.

Senhor, Meu Pai, obrigado por esse rosto
que atravessaste em meu caminho,
o qual, apesar de “chaga aberta” do sofrimento,
me reconduziu, sedento que estava, à fonte da vida.
Te agradeço, Senhor.

São Paulo, 15 de agosto de 1991

Pegadas

Fazer história é a arte de gravar pegadas eternas num tempo que é sempre passageiro, finito e fugidio.

Há pegadas na areia da praia, desfeitas pelas ondas na maré cheia;
há pegadas na pedra, superficiais demais para romper a crosta bruta;
há pegadas na floresta, encobertas pelas folhas secas e ervas daninhas;
há pegadas no deserto, logo varridas pelos ventos inclementes;
há pegadas na água, submergidas pela mais leve tempestade;
há pegadas na neve, sempre sujeitas ao degelo e às avalanches;
há pegadas no asfalto da estrada, cuja memória errante desaparece;
há pegadas no concreto da cidade, apagadas pelos pés da multidão;
há pegadas nos caminhos, transitórias como os passantes sem rumo;
há pegadas nas montanhas, inalcançáveis para quem habita a planície;
há pegadas na planície, devastadas pelas cheias e inundações;
há pegadas na Lua, espetáculo sem maiores desdobramentos;
há pegadas em palácios e barracos, indiferentes umas às outras;
há pegadas em alphavilles e favelas, separadas por muros intransponíveis;
há pegadas no centro e na periferia, marcadas por desencontros diários;
há pegadas com ou sem calçado, coexistindo com a maior naturalidade;
há pegadas de celebridades e de anônimos, ambas sujeitas à corrosão;
há pegadas na lama, imundas pela corrupção e impunidade;
há pegadas em livros e papéis, não raro prenes de hipocrisia;
há pegadas em ouro e contas bancárias, alimento das traças;
há pegadas garantidas pela propriedade privada, destinadas a virar pó;
há pegadas registradas em cartório, efêmeras como todas as demais...

Mas, há pegadas fundas, cravadas na terra firme da história, com raízes mergulhadas em suas dores, lutas e esperanças, prontas a levantar voo rumo ao céu, ao sol, ao ar livre, onde os sonhos e utopias se convertem em projetos reais. Pegadas que, de sementes, se transformam em árvores frondosas, abundantes em folhas, flores e frutos para toda a humanidade, dispostas, ainda, a fornecer casa aos pássaros e sombra aos peregrinos.

São Paulo, 21 de agosto de 2009

Quando tua oração possui

menos coração que cabeça,
menos alma que inteligência,
menos emoção que razão,
menos gratuidade que cálculo,
menos entrega que interesse,
menos entranhas que mente,
menos sentimento que raciocínio,
menos abandono que cérebro,
menos fé que devocionismo...
estás longe do encontro com Deus!

Roma, Itália, 15 de março de 2017

Segredos da paz

Cultiva a solidão,
e jamais te faltará companhia.

Percorre o deserto,
e nele verás brotar a vida.

Busca o silêncio,
e prepararás o terreno para a palavra.

Contempla a escuridão,
e novas luzes hão de virar estrelas.

Dialoga com teus medos,
e sentirás maior segurança.

Guarda teus segredos,
e eles iluminarão teu olhar.

Faz sala a tuas angústias e tristezas,
e abrirás espaço para a alegria.

Desvenda a origem de tuas dores,
e terás mente e corpo sadios.

Declara guerra a teus inimigos internos,
e pavimentarás o caminho da paz.

Enfrenta as pedras e espinhos,
e colherás as flores do caminho.

Não temas os perigos,
eles adestram para o combate.

Abre a porta ao estranho,
e ganharás um novo irmão.

Reza teus ruídos e tuas raivas,
e encontrarás a melhor das melodias.

Faz de teu coração uma casa para o outro,
e descobrirás a face do totalmente Outro.

Brasília-DF, 06 de outubro de 2005

Migalhas

Não peço, Senhor, para entrar em Tua casa,
nem para participar de Teu banquete,
ou comer do pão de Tua mesa,
em meio a Teus sublimes convidados.

Peço, apenas, as migalhas que caem ao solo,
uma só que seja, a menor, a mais insignificante,
para nutrir meu corpo cansado e abatido,
meu coração triste e amargurado,
minha alma sedenta e angustiada.

Sim, uma única migalha de pão,
um só raio de Tua face resplandecente,
uma gota, apenas, de Tua água viva,
uma só palavra de Teus lábios...

Sei que isso me bastará para erguer a cabeça,
recuperar o ânimo e as energias,
e pôr-me novamente em marcha
pelo caminho que, silenciosamente, me indicas.

Sem isso, o abismo se aprofunda
e a prostração toma conta de mim.
Nutre-me, Senhor, com Tua força viva
para que possa retomar a estrada interrompida!

Roma, Itália, 31 de agosto de 2015

Mãos e coração

Aquilo que abraçamos com o coração,
que, em geral, não sabemos como chamar,
e que não tem cor, nem peso e nem forma,
é a única coisa que podemos levar
quando, definitivamente, damos por terminada
nossa peregrinação pela face da terra.

Aquilo que abraçamos com as mãos,
composto quase sempre de bens materiais,
que costuma reluzir e seduzir,
de tanto apertar e querer segurar,
escorrega por entre os dedos
e se perde no meio da travessia.

O que se ama permanece “nosso”;
o que se “tem” e se procura acumular
converte-se em cinzas e fumaça.

Roma, Itália, 19 de agosto de 2017

Palavra de amor

Um ônibus circular,
muita gente, muita pressa;
massas mal dormidas,
sem nome e sem rosto.

Em meio aos corpos que se chocam,
aos pés que se atropelam,
a palavras e ruídos que se quebram,
às vidas que se buscam e se evitam...

... encontros, desencontros;
multidão, deserto!

Duas pessoas,
um homem e uma mulher.
dois olhares que se cruzam,
tímidos a princípio,
logo confiantes,
ousados por fim.

No mar de palavras entrecortadas,
explode uma palavra anônima,
familiar e desconhecida,
jamais pronunciada,
oculta, silenciosa, secreta.

Um encontro,
dois caminhos,
solitários e solidários,
uma nova relação, um novo destino,
mistério insondável de uma nova criação!

São Paulo-SP, 07 de julho de 2001

A oração

Como quem lhe sobra tempo e não sabe o que fazer com ele,
ponho-me a entrar e sair de algumas livrarias do centro de São Paulo,
sem deixar escapar os velhos sebos com seus velhos livros.
Há títulos sensacionalistas e há outros de caráter técnico,
há títulos que surfam na onda da autoajuda e do sagrado
e há outros dispostos segundo as regras do marketing e da
publicidade,
há títulos ultrapassados e outros insignificantes...

Mas também há títulos cobiçados:
filosofia, história, crítica literária, economia, antropologia, etc.
Quase todos proibitivos pelo preço.
Dividido entre a vontade de comprar e o remorso de mais um gasto
dispensável,
acabo adquirindo algo sobre sociologia da arte.
Retorno à rua, percorro os calçadões,
cruzo algumas praças e atravesso o Viaduto Santa Efigênia.
Quase imperceptivelmente, encontro-me no Largo São Bento.
A Igreja encontra-se aberta e convida-me a entrar.
Acolhe-me uma atmosfera de penumbra, música sacra e mistério.

Aos poucos, me dou conta de que não estou buscando
descanso para as pernas ou o corpo, embora cansado.
O que busco, com uma sofreguidão inconsciente e inconfessável,
é repouso para os ouvidos e os olhos, para a cabeça e o coração,
água viva para uma alma sedenta.
De fora, como um rio que segue o seu curso,
chega ainda o rumorejar da cidade,
filtrado pelas grossas e antigas paredes do templo.
Mas ali dentro, pouco a pouco, uma certa operação química
transforma em melodia esses rumores polifônicos.

Então, me dou conta de que estou em oração!

São Paulo, 10 de julho de 2009

Seção V

Conjuntura mundo – Brasil

Às portas do ano 2000

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade do capital,
na economia globalizada e de moeda única,
no trânsito sem fronteiras do dinheiro.
Mas, quantos seres humanos, em todo o planeta,
permanecem à margem da história e da vida!

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade de ir e vir,
no mundo como pátria de todos,
na igualdade de oportunidades.
Mas, quantas leis, muros e barreiras
impedem os trabalhadores de migrarem!

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade de expressão,
no direito de manifestar as próprias opiniões,
no diálogo ecumênico, franco e aberto.
Mas, quantas formas de censura e autocensura
em que o medo é mais forte que a palavra!

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade da razão e da ciência,
nos benefícios do progresso e do desenvolvimento,
no avanço da tecnologia a serviço do bem-estar.
Mas, quantos se veem excluídos da mesa
onde poucos, de armas em punho, guerreiam pelo chão e pelo pão!

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade de produção,
na semente lançada ao solo, fonte de nova vida,
nos frutos do suor e do trabalho de cada um.
Mas, como admitir a fome de milhões
enquanto se atira fora tanto alimento!

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade de povoar a terra,
na natureza rica e bela como casa de todos,
no ecossistema que garante a biodiversidade.
Mas, quanta violência, morte e destruição,
numa ameaça iminente às futuras gerações!

Às portas do ano 2000,
eu creio na liberdade do encontro e reencontro,
nas culturas múltiplas, plurais e diferentes,
na linguagem universal do amor...
Mas, em meio à multidão,
nunca me senti tão triste e tão só!

São Paulo, 13 de maio de 1998

Europa e África: tão próximas e tão distantes

Os números são reais e, ao mesmo tempo, simbólicos. Sempre revelam algo a olho nu, sem dúvida, mas costumam esconder o essencial. Rasgam o véu de situações aparentemente ocultas, mas o mesmo véu invisível tenta dissimular a realidade. Por exemplo, o modo como os governos em geral entendem a mobilidade humana e promovem leis antimigratórias. Descortinam-se os efeitos sociais de superfície, enquanto procura-se encobrir as causas e as correntes econômicas profundas e subterrâneas.

Desta vez, são 177 imigrantes à deriva nas águas do Mediterrâneo. Provenientes da Líbia, foram resgatados em águas malteses pela nave *U. Diciotti* da *Guardia Costiera* italiana, em 16 de agosto de 2018. Durante 5 dias, próximo à ilha de Lampedusa, os migrantes se viram prensados por uma queda de braço entre o governo de Malta e da Itália, uma nação jogando o “problema” para a outra. O capitão da nave faz apelo à Corte de Bruxelas, em vista de um acordo com os países europeus. Estes, porém, limitam-se a um estridente silêncio! Daí, a ameaça de reconduzi-los à Líbia, mas esse país não oferece segurança aos migrantes. No dia 21 de agosto, a nave atraca no porto italiano de Catania para “escala técnica”, mas o Ministro Matteo Salvini proíbe o desembarque. Três dias depois, dia 25 de agosto, intervém o Ministério Público: todos os imigrantes devem desembarcar e Matteo Salvini é indagado por sequestro de pessoas.

Imagem simbólica da política migratória mundial, cada vez mais restrita e intolerante. Um punhado de imigrantes à deriva entre dois continentes tão próximos e tão distantes! Olhando para trás, deparam-se com a África, fazendo vir à tona a lembrança da pobreza, da violência e da guerra... O medo, a fuga, a família fragmentada, os obstáculos sem fim, o cansaço. Olhando para a frente, vislumbram a Europa, onde, misturada a uma teimosa esperança, batem-se com a intransigência e a indiferença de governos que promovem políticas antimigratórias. Como o Primeiro Ministro italiano, Giuseppe Conte, o

qual, em visita à Casa Branca nos dias 30 e 31 de julho, num encontro com Donald Trump, foi elogiado por este último pela forma como vem conduzindo a questão das migrações na Itália.

Os próprios imigrantes temem o retorno à Líbia. Gastaram os últimos centavos que possuíam para a travessia do Mediterrâneo e, além disso, sabem o que lhes espera naquele país. O passado recente persiste sobre suas cabeças como um sombrio pesadelo. Campos de refugiados em condições desumanas e extremamente precárias, maus-tratos e serviços que beiram a escravidão pura e simples. Mas, se lá ficou o pesadelo, na Europa restam as ruínas de um sonho ameaçado pela incerteza. E, pior ainda, correm notícias da morte de companheiros que os precederam. De fato, no dia 6 de agosto/2018, na região de Foggia, sul da Itália, um furgão repleto de imigrantes bate de frente com um caminhão: 12 mortos. Os *braccianti* (trabalhadores sazonais migrantes que fazem a colheita do tomate) retornavam de um turno de 12 horas diárias. Outros 4 haviam morrido dias antes, num acidente idêntico. Segundo testemunhas, os furgões que transportam os trabalhadores temporários circulam em péssimas condições de segurança.

Europa e África, dois continentes tão próximos e tão distantes. Entre ambos, apenas as águas do Mar Mediterrâneo. A distância de uma costa a outra não passa de uns 15 quilômetros no Estreito de Gibraltar. Entretanto, se a geografia os une, a história os separou de uma forma irremediável, seja através do colonialismo que traficou enormes riquezas de um continente para o outro, seja através da famigerada escravidão afro-americana que traficou milhões de seres humanos como mão de obra para o trabalho do eito e da mina, nas terras novas do ultramar. Hoje, como no passado, as mesmas águas que os avizinham também os distanciam. Águas traiçoeiras, onde, de acordo com dados da ONU, somente no ano em curso, 1,5 mil imigrantes se afogaram e foram sepultados.

Em séculos remotos – escreve o historiador Fernand Braudel, no livro *Il Mediterraneo, lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni*,

Ed. Bompiani, Firenze, 2017 – esse mar serviu de encruzilhada para intercâmbio de mercadorias, costumes, culturas e valores, entre povos e nações muito diversos, enriquecendo uns e outros. Serviu igualmente como campo de tensões políticas, confrontos e batalhas, que deixaram milhares de mortos. Não é de hoje que o Mediterrâneo é tido como cemitério. Nos tempos atuais, além de encruzilhada dos povos, suas águas poderiam converter-se em uma “ponte” para a travessia de pessoas e famílias que buscam futuro mais promissor e uma nova pátria. Segue sendo, porém, um “muro” cada vez mais intransponível. Para concluir com o sonho manifestado com insistência pelo Papa Francisco, permanece o desafio de passar da “globalização da indiferença à cultura da solidariedade”, o que exige mudanças profundas e urgentes nas relações internacionais em geral, e ,em particular, na legislação migratória de cada país.

Roma, Itália, 26 de agosto de 2018

Olhares oblíquos

Estação do Metrô Paraíso, São Paulo,
confluência agitada das Linhas Azul e Verde:
no entra e sai de pessoas, em franco atropelo e empurra-empurra,
dois travestis se fazem notar imediatamente pela aparência.
Vestidos de forma exótica e exuberante, bem caracterizados,
parecem fazer questão de se afirmar como tal.

A presença de ambos logo desencadeou
uma série de olhares oblíquos e enviesados:
as mulheres insinuavam um sorriso enigmático à Monalisa,
os homens disfarçavam uma atenção oculta (repugnância?),
alguns jovens deram de soltar palavras e risos
que não deixavam dúvida quanto ao alvo de suas chacotas;
somente as crianças (e nem todas) olhavam diretamente,
como a perguntar pelo significado de semelhante figura,
ou como a interrogar o estranho silêncio dos adultos.
Confesso que também eu, no meu canto,
sentia-me obliquamente inquieto e interpelado.

A verdade é que tais olhares disfarçados e oblíquos
se repetem com outras pessoas, em outros lugares,
e em circunstâncias e ambientes os mais variados possíveis.
Aí se revela a aversão oculta às pessoas estranhas,
sejam elas de outra etnia ou raça, de outro grupo ou cultura,
de outros costumes ou, como neste caso, de outra opção sexual.
O pior é que, não raro, acompanhada da aversão,
vêm a rejeição, a discriminação e o preconceito.

É assim que o racismo brasileiro, por exemplo,
atravessou os séculos: oblíquo, dissimulado, sorridente;
o mesmo ocorre com determinados povos estrangeiros,
especialmente africanos, asiáticos e hispano-americanos.
Junto com a simpatia, a alegria, a festa e a boa acolhida,
parece que a obliquidade para com o outro, o diferente,

faz parte do “jeito brasileiro” de se comportar;
a gentileza de um “sim”, sempre pronto e aparente,
esconde muitas vezes um “não” escondido.

Certamente Roberto da Mata e Guimarães Rosa, entre outros,
teriam muito mais a dizer sobre esse comportamento
elegante e acolhedor, sem dúvida, mas duplo e oblíquo.

São Paulo, 09 de setembro de 2010

Primeiro de Maio

As mãos que conhecem a matéria e suas leis
serão capazes de conhecer o espírito e suas potencialidades.

As mãos que afagam os elementos da natureza
serão capazes de afagar o corpo e a alma de cada pessoa.

As mãos que reviram a terra para o plantio
serão capazes de revirar o terreno do próprio coração,
onde sementes novas poderão germinar.

As mãos que manipulam e dão forma ao barro
serão capazes de manipular e dar forma aos próprios desejos.

As mãos que transformam o metal e a madeira
serão capazes de transformar os laços interpessoais.

As mãos que tecem o linho, a lã e o algodão,
serão capazes de tecer novas relações sociais e políticas.

As mãos que modificam as coisas, e as relações entre elas,
serão capazes de modificar o intercâmbio entre povos e nações.

As mãos que lavam, purificam e remendam,
serão capazes de depurar os vírus de uma civilização enferma.

As mãos que embalam o berço e cuidam da vida
serão capazes de embalar e cuidar o frágil planeta terra.

As mãos que executam projetos e sonhos de outros
serão capazes de forjar e executar utopias próprias.

As mãos que constroem máquinas e erguem edifícios
serão capazes de levantar do chão uma sociedade recriada.

As mãos que rompem leis e fronteiras,
chamando os pés a percorrer inóspitos caminhos,
serão capazes de mover o motor da própria história,
na busca e construção de uma cidadania universal.

As mãos que, a partir do mármore, da pedra e da madeira,
das cores e dos sons, das palavras e das imagens,
dão forma e vida às mais belas obras de arte,
serão capazes de extrair o sentido profundo da existência,
a partir da matéria bruta e informe do cotidiano.

Enfim, as mãos que trabalham
serão capazes de criar, de sonhar e de amar.

1º de maio de 2008

A voluntária

Quando a voluntária entrou no barraco,
seis pares de olhinhos, tão grandes como a fome,
convergiram sobre ela, numa mescla de espanto e esperança;
a dona da casa, tomada de certa confusão,
dispunha-se a receber e ouvir a visitante;
não passava dos trinta ou trinta e cinco anos,
mas aparentava bem mais, devido ao peso do sofrimento.
As quatro meninas e os dois meninos, todos pequenos,
agarravam-se às saias e às pernas da mãe,
a qual, em seu ventre pronunciado, carregava o sétimo filho.

- “Nós fazemos parte da Pastoral da Criança” - começou a dizer a voluntária.
E, só então, a família visitada se deu conta de que eram duas as voluntárias:
ambas puseram-se a falar do trabalho da Pastoral,
traçaram o perfil e a longa trajetória da Dra. Zilda Arns,
enumeraram os benefícios desse esforço para as crianças
e terminaram louvando a dedicação do exército de voluntárias
espalhadas por todo o território nacional e outros países;
na verdade, somente nesse dia, elas e outras duplas
já haviam percorrido quase uma centena de casas.

Logo, mãe e filhos foram convidados a um encontro na comunidade:
a partir daí, as crianças seriam pesadas e acompanhadas regularmente,
e esse acompanhamento incluía a mulher gestante.
Todos os meses o ritual se repetia: pesar, medir e comparar as crianças,
além da aprendizagem sobre uma nutrição mais sadia;
em alguns meses, os resultados já se tornavam notórios:
as crianças, antes todas fracas e desnutridas,
começaram gradualmente a ganhar peso e nova cor,
fortaleciam-se a olhos vistos, para alegria da mãe.

O sétimo filho, quando chegou o momento de vir ao mundo,
foi o único que nasceu com peso e tamanho normais.
O trabalho e os resultados se multiplicavam por todo Brasil

e se estendiam por outros países subdesenvolvidos;
e tudo isso, na relação custo-benefício, com gastos bem modestos.
Sem dúvida, a grandeza da obra devia-se, antes de tudo,
à tenacidade, persistência e disciplina de sua fundadora
e à quantidade de voluntárias que, qual formiguinhas,
não se cansavam de percorrer os caminhos da pobreza,
nos porões mais sórdidos de uma sociedade
marcada pela assimetria, injustiça e violência sociais.

São Paulo, 12 de janeiro de 2010

A esperança por um fio

As fortunas combinadas das 26 pessoas mais ricas do mundo têm o mesmo valor do que a soma do patrimônio da metade da população mais pobre do mundo, segundo relatório da Oxfam, organização mundial que busca combater a pobreza e as desigualdades. Conforme a entidade, a soma das riquezas desse grupo seletivo é a mesma dos valores dos 3,8 bilhões de pessoas mais pobres. O relatório foi divulgado para marcar o início do Fórum Econômico Mundial, em Davos.

A organização destaca que as fortunas dos bilionários aumentaram 12% no ano passado – o equivalente a 900 bilhões de dólares, ou US\$ 2,5 bilhões por dia. Na contramão, as pessoas que compõem a metade mais pobre no mundo viram sua riqueza diminuir em 11%. (Cfr. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia, 23/01/2019>).

Diante de semelhantes números, aos deserdados do planeta só resta a fuga. E, de fato, ao lado e antes da violência ou guerra, a chaga da pobreza, miséria e fome continua sendo o primeiro fator dos deslocamentos humanos de massa. Jovens, especialmente, homens e mulheres, mas também crianças e famílias inteiras, se veem privados de qualquer perspectiva de futuro em sua terra natal. Deixam amigos e parentes, deixam sob o solo os restos mortais de seus antepassados e aventuram-se em busca de qualquer oportunidade. Se o horizonte permanece incerto, para trás ficou a certeza da falta de condições minimamente humanas. Igualmente certas são as adversidades que os esperam pelo caminho, os problemas nas fronteiras fechadas, a falta de documentação, a exposição aos traficantes, que lhes tiram as últimas economias e a hostilidade por parte das autoridades dos países de destino, como também, e cada vez mais, de grande parte da população. A causa primordial da migração mergulha suas raízes nas assimetrias, injustiças e desequilíbrios de ordem social e econômica. Pouco a pouco, crescem ainda as motivações de natureza climática.

Hoje como ontem, os migrantes navegam nas ondas de sonhos nutridos desde as penas e as carências da infância. Sonhos que, a

exemplo das flores selvagens, nascem nos terrenos mais árduos e menos férteis. Diferentemente das migrações históricas, porém, as migrações atuais apresentam características bem diversas. Estima-se que, entre 1820 e 1920, cerca de 65 a 70 milhões de emigrantes deixaram a Europa, em direção às terras novas da América e da Oceania. A grande epidemia das batatas na Irlanda, na metade do século XIX, por sua vez, dizimou mais um milhão de pessoas, levando outro milhão a cruzar o Atlântico. Somente da Itália, a emigração ultrapassou a cifra de duas dezenas de milhões. Daí a denominação de “século do movimento”. Movimento do carro, do trem, do navio, depois do avião – mas, sobretudo, movimento dos trabalhadores do campo para a cidade, por uma parte e, por outra, do Velho Continente em vista de “*fare l’America*”, como diziam os emigrantes italianos.

Tais migrações históricas, digamos assim, tinham origem e destino mais ou menos certos, pré-determinados, quase lineares. Eram deslocamentos relativamente ordenados, onde, às vezes, governos, empresas e associações tentavam regular o fluxo dos emigrantes. Estes sofriam um desenraizamento provisório para depois, nos lugares de chegada, serem em grande parte novamente enraizados. Muitos acabavam por assentar-se como “colonos”, tornando-se até empresários e industriais. Acabaram contribuindo com o desenvolvimento de países como Estados Unidos, Canadá, Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Austrália, Nova Zelândia. Numa palavra, a mobilidade geográfica constituía uma promessa para a mobilidade social.

As migrações hodiernas mais parecem um vaivém sem fim. Também elas sofrem um desenraizamento do solo pátrio. Mas, ao contrário dos imigrantes de outras épocas, dificilmente encontram uma nova terra que possa ser chamada de pátria. Em lugar de origem e destino mais ou menos definidos, erram de fronteira em fronteira, “sem raiz, sem endereço fixo e sem horizonte”. Uma perambulação circular, intermitente, fragmentada. Em lugar da ascensão social, a mobilidade os precipita em becos sem saída. Alguns exemplos: os fugitivos

da Etiópia ou da Eritreia, cruzando vários confins, chegam à Líbia, tentando embarcar para a Europa. Tropeçam, porém, no bloqueio das rotas balcânica e mediterrânea. Não é diferente com os sírios. Detidos em campos da Turquia, veem cerrada a via que os conduziria ao Velho Continente. Na Ásia, os migrantes filipinos, indianos e indonésios dirigem-se aos Emirados Árabes, onde passam a girar conforme os ventos do capital. Deste lado do Atlântico, os haitianos, após cruzarem várias fronteiras, chegaram ao Brasil. Daqui, seguiram viagem para o Chile e Argentina. Em seguida, se aventuraram pelos países da América Central até o México. Por fim, viram seus sonhos despedaçados em Tijuana, tão perto e tão longe dos Estados Unidos. Permanece a esperança, sem dúvida, mas por um tênue fio.

Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 2019

Uma nova voz

Ouve-se um grito
que sobe das cidades,
das calçadas cheias de gente.
A opressão rompeu o silêncio
e um clamor de mil peitos
varre as ruas e praças.
Os pés pisam o asfalto
e sua voz faz tremer
as paredes sem coração.

Ouve-se um gemido
que sobe no meio da noite,
silencioso, manso, doído,
de centenas, de milhares de mulheres,
esposas de homens sem trabalho,
mães de crianças sem comida,
filhas de uma terra sem terra.
Esposas, mães, filhas,
com a vida e a alma calejadas
de tanto diário sofrimento.

Ouve-se um choro
que sobe de todos os lugares;
às vezes, rasgado, de fome,
às vezes, sufocado, de fraqueza,
às vezes, espremido, de dor,
de milhões de crianças
sem leite, sem pão, sem lazer.
Órfãos de pais vivos,
adultas antes dos dez anos,
mortas antes de viver.

Ouve-se um rumor
que sobe dos campos,
surdo pelo som das balas,

mudo pelos dentes cerrados,
vermelho pela cor do sangue
que penetra a terra, fecunda a semente,
rega a raiz, e faz brotar a planta
com flor e fruto de uma nova vida.

Ouve-se uma voz
que sobe daqui, dali, de todo canto.
É o grito, o gemido, o choro
de todo um povo massacrado, o qual,
com os pés na terra e as mãos na máquina,
da dor tira a esperança,
da fraqueza tira a força,
e tira ainda, apesar de tudo,
a alegria e a festa de uma nova voz
que antecipa e comemora a Grande Festa.

São Paulo, 25 de julho de 1987

Os deserdados da Terra e a migração

O escritor e dramaturgo britânico John Galsworthy ambienta sua obra prima – *The Forsyte saga* (A saga dos Forsyte) – a cavalo entre os séculos XIX e XX. A obra, publicada em três volumes, lhe valeu o Prêmio Nobel de literatura, no ano de 1932. No contexto entre a decadência da aristocracia e a ascensão da burguesia, caminhando para o ocaso da era vitoriana, a trilogia trata de sublinhar “o sentimento de propriedade e de herança” como fio condutor da manutenção do *status quo*. Segundo o autor, os membros da família Forsyte, a qual se converte em uma espécie de metáfora da classe dominante, além de fazer render, com grande obstinação, a riqueza adquirida ao longo de várias gerações, procuram cultivar com cuidado as flores do jardim da própria casa, evitando a mistura com as “ervas daninhas da plebe”.

A Revolução Industrial consolida-se literalmente a todo o vapor. Uma floresta de chaminés cobre as cidades mais relevantes. Aumentam, sem precedentes, a produção e a produtividade, o comércio e o consumo, por parte da população. Ao mesmo tempo, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, um trágico repicar de sinos antecede e anuncia sinais de crise, seguido de um surdo rumor de canhões. Em meio a semelhante clima, acumulam-se, de forma crescente, a propriedade da terra, a renda sobre o capital e o poder de aquisição sobre os bens produzidos em série pelas novas fábricas. Ao lado dessa concentração exponencial, cresce, igualmente, o êxodo do campo em direção à zona urbana, bem como o número de operários, desempregados e de emigrantes. Estes últimos deixam o Velho Continente em busca de novas oportunidades nas Américas, na Austrália e na Nova Zelândia, por exemplo. Os historiadores estimam que, aproximadamente, 65 a 70 milhões de pessoas migraram para fora da Europa, entre 1820 e 1920.

Convido o leitor a fazer um salto de 100 anos. De fato, além da Depressão dos anos de 1930, desde a década de 1970, e prolongando-se pela virada do século XX para o XXI, outra crise abate-se sobre a economia mundial, cada vez mais globalizada.

Toda crise de ordem socioeconômica costuma abrir abismos para os que escorregam e tombam e, ao mesmo tempo, descortinar horizontes para os que se aprumam, se equilibram e sobem. Falências e bancarrotas, oportunidades e opções se mesclam, se confundem e se complementam, as últimas em detrimento das primeiras. Toda crise é terreno fértil para decadência e ascensão. O tecido da sociedade se rasga e se recompõe, simultaneamente, reestruturando a pirâmide social.

Essa reestruturação, como se pode imaginar, sacode as bases da política econômica, seja em nível nacional e regional ou internacional. A base e o pico da pirâmide voltam a distanciar-se. Dados e estatísticas, com abundância de números, têm mostrado como, nas décadas recentes, coexistem lado a lado a concentração de renda e riqueza, por uma parte, e a exclusão social, por outra. “Ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres”, alertava o Papa João Paulo II, há mais de 30 anos. Juntamente com o agravamento do aquecimento global e das catástrofes naturais, sobrepõem-se terremotos e tsunamis de caráter socioeconômico e cultural, causando não poucos deslocamentos humanos. Em regiões pontuais do planeta, multiplicam-se fugas e êxodos em massa, resultando em milhões de migrantes, refugiados e prófugos. Não faltam exemplos: Venezuela, Honduras, Haiti, Líbano, Líbia, México, Myanmar...

Da mesma forma que na Grã Bretanha do final do século XIX e início do XX, também hoje o capital se concentra, enquanto os trabalhadores se dispersam como um exército errante, em busca de migalhas de oportunidades: subempregos, trabalho informal e semiescravo. Agrava-se a crise e agravam-se as injustiças, assimetrias e desigualdades sociais. O exército errante não mora, acampa. Essa errância dos deserdados da Terra, por outro lado, se vê cada vez mais rechaçada por muros, leis antimigração, políticas restritivas, nacionalismo populista, xenofobia, racismo e discriminação crescentes. Cabe uma pergunta desafiadora, tanto para a Igreja e a sociedade civil quanto para os governos e autoridades internacionais: onde e quando tais deserdados encontrarão, por fim, uma pátria que os acolha com a justiça e a dignidade de cidadãos?

Roma, Itália, 26 de outubro de 2018

O Partido

Pode dizer-se que Maria Fabriciano da Silva, aos 40 anos, nasceu com o Partido dos Trabalhadores, no início dos anos 80; fez-se uma militante sem par, na feira, na padaria, no açougue, caminhando de porta em porta, abordando as pessoas na rua... A verdade é que Maria não deixava passar nenhuma oportunidade para falar do novo Partido, para espalhar panfletos e bandeiras, e para ampliar o número de filiados, voluntários e simpatizantes. Na periferia de Santo André, no extremo da Vila Luzita, tornou-se não só a primeira a chegar às reuniões do núcleo, mas também a ponte entre o PT e a comunidade católica.

Nos períodos das eleições, a partir de 1982, ninguém a superava no trabalho de boca de urna, na agitação, e na tarefa de arrebanhar votos para os candidatos do Partido. Em casa, virou a chata do PT; na comunidade, a politqueira; e, entre as amigas, não conseguia manter uma conversa que não desaguasse na necessidade de “construir uma nova política”. Ao longo de duas décadas, foi fã de carteirinha, fanática, de Erundina, de Mercadante, de Suplicy e de Lula, até que este último chegou à Presidência da República.

E, então, como as mudanças prometidas não vieram, veio o tempo do desencanto, da perplexidade e da indignação; os entendidos tentavam explicar-lhe que suas expectativas, e as do povo, estavam muito acima da capacidade organizativa das bases, que o Lula ganhara o governo, mas não ganhara o Estado, que a aliança pela governabilidade exigia manobras lentas etc; mas Maria não entendia essas nuanças da política e do poder, queria ver com os olhos o Brasil que ajudara a construir.

Tentou retomar as relações com a família e com as amigas, que haviam se distanciado por causa do fanatismo da militante; logo percebeu que alguns nós na vida eram difíceis de desatar, e que as mágoas do passado não cicatrizam tão facilmente.

Na Igreja, ninguém a convidava para qualquer serviço ou ministério, deixavam-na à margem, como que de escanteio, com receio de que a lepra da política pudesse contaminar.

Solitária e ferida, carregada em anos, tropeços e decepções, decidiu que candidato e partido algum, daqui para a frente, haveria de tomar seu tempo e suas energias, até agora mal gastos em fazer a cama para outros se deitarem. Se, nas eleições, lhe perguntavam para quem ia votar, dizia, com orgulho, que agora era uma “sem-partido”.

São Paulo, 09 de novembro de 2005

A crise humanitária é filha do crime contra a humanidade

Do ponto de vista das autoridades nacionais e internacionais, a migração em massa é vista, em geral, como “crise humanitária”. Fala-se, por exemplo, de crise humanitária quando migrantes de várias nações subsaarianas ou do Oriente Médio se dirigem à Líbia para depois tentar atravessar o Mediterrâneo. Ou quando sírios, curdos e outros povos, aos milhões, concentram-se na Turquia, com a esperança de seguir em frente rumo à Europa, via rota balcânica. Ou, também, quando sul-americanos e centro-americanos pressionam sobre a fronteira entre Guatemala e México, ou sobre a fronteira México e Estados Unidos, tentando alcançar o Eldorado norte-americano. E, ainda, quando os venezuelanos, cada vez em maior número e em situação mais precária, procuram pisar no território brasileiro ou colombiano, buscando uma alternativa para o caos do próprio país.

Essas são as “crises humanitárias” mais visíveis do lado do mundo ocidental. Outras, menos divulgadas entre nós, poderiam ser identificadas no interior do continente africano, onde uma série de países exibe feridas e cicatrizes de tensões, conflitos e guerras, bem como de condições infra-humanas de vida. O mesmo ocorre entre os países do continente asiático em que indianos, filipinos e indonésios tentam buscar novas oportunidades nos chamados Tigres Asiáticos e nos Emirados Árabes. “Crises humanitárias” que, vistas em seu conjunto, somam hoje ao redor de 220 milhões de migrantes sem pátria, que residem fora do país em que nasceram, sendo que mais de 25 milhões são reconhecidos como prófugos e refugiados. Pessoas e famílias fugitivas que conseguem escapar da violência, da pobreza, da miséria e da fome – sonhando e lutando por um futuro menos ameaçador. Mas, vale a pergunta: até que ponto essa *fuga* pode se converter em uma nova *busca*, onde o sonho se torne realidade?

Tudo isso revela a amplidão do retrato e do mapa da mobilidade humana no mundo atual. O quadro, porém, é muito mais complexo

e diversificado. Por trás do fenômeno visível e numérico desse vaivém sem fim, sem rumo e, às vezes, sem destino, existem fatores perversos que levam os migrantes a levantar acampamento e ir em busca de outro rumo. Entre tais fatores, duas causas de caráter mundial podem ser destacadas: por uma parte, a concentração da riqueza e da renda, a qual, ao mesmo tempo, concentra igualmente pobreza e exclusão social; por outra parte, a fabricação, comércio e uso das armas, num círculo vicioso que não se cansa de semear e/ou acirrar conflitos, obrigando milhares de civis à fuga.

A concentração de riqueza e da renda como contraface da pobreza e exclusão social constitui o lado visível do mercado. A globalização econômica e o crescimento a qualquer preço estão contaminados pelo vírus da injustiça e da desigualdade social. O aumento da produção e da produtividade favorece unicamente os que habitam o andar superior da pirâmide social, deixando os habitantes da base em disputa por migalhas. Disso resulta maior nível de desemprego, subemprego, trabalho temporário e migração. Segundo a Carta Encíclica *Populorum Progressio* (1967), do Papa Paulo VI, o crescimento puro e simples, embora apresentado como remédio para a crise, não produz o “desenvolvimento integral”. “Economia que mata”, diz, por sua vez, o Papa Francisco.

Quanto à produção, comércio e uso das armas – os mesmos países que condenam a violência e se recusam a receber os prófugos e refugiados, não raro são aqueles que se beneficiam da indústria bélica. Chegam, à vezes, ao cúmulo da hipocrisia: falam de acordo de paz sobre a mesa de negociação, enquanto, por baixo da mesa, fabricam e vendem armas. Resulta que a economia viciada, concentradora de riqueza e pobreza ao mesmo tempo, alia-se ao comércio das armas, criando uma espécie de “indústria das migrações”. Fortes interesses de países e de empresas transnacionais condenam milhões de pessoas ao êxodo e à estrada – errantes em busca de um solo que possa ser chamado de pátria.

São Paulo, 08 de maio de 2018

Migrantes no mundo alcançam quase 250 milhões

Os números retratados pelos mais recentes relatórios da ONU confirmam o crescimento significativo dos deslocamentos humanos de massa. Os migrantes internacionais alcançam a marca de 244 milhões em 2015, um aumento de 41% em relação a 2000. Os dados foram publicados na terça-feira, dia 12 de junho de 2018, pelo relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA). Desnecessário acrescentar que dezenas de milhões são refugiados e que, entre estes últimos, a grande maioria reside nos países limítrofes dos quais se viram obrigados a escapar, como é o caso da etnia Rohingya, em fuga de Myanmar para o vizinho Bangladesh (Cfr. site da www.uol.com.br 12/06/2018).

De outro lado, “uma pessoa em cada três segundos vira um refugiado, tempo menor que o necessário para ler esta frase”. A afirmação é da Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que alerta para o crescimento dos casos de conflitos, violência e perseguição. De acordo com a ONU, o número de refugiados, incluindo os *desplazados* pela violência interna, atinge o recorde de 65,6 milhões em 2016, segundo relatório *Tendências Globais*, divulgado na segunda-feira, dia 19 de junho de 2018. A crise humanitária é a mais grave desde a fundação da ONU, em 1945. (Cfr. *Jornal Correio Braziliense*, 19/06/2018).

Resulta que o fenômeno migratório, em todos os seus aspectos, tornou-se, em todo o mundo, tema relevante da pauta de qualquer campanha eleitoral. Não raro o ponto número um, não só dos debates, mas também dos resultados finais das eleições. Às vezes, assunto indigesto no cenário da geopolítica nacional e internacional. Bastaria rememorar os casos dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Áustria, da Itália, da Espanha, da República Checa, da Eslováquia, da Holanda – sem falar dos vizinhos Venezuela e Colômbia. A razão é dupla: por um lado, a violência e a pobreza

fazem aumentar sempre mais o número de migrantes, prófugos e refugiados; por outro, o endurecimento da legislação por parte dos governos, numa grande guinada à direita, torna mais visível o fenômeno devido à pressão sobre as fronteiras. Esses complexos fronteiros, verdadeiras panelas de pressão, como que entram em ebulição, prestes a explodir!

Duas observações merecem destaque. A primeira refere-se ao duro golpe da separação dos menores em relação a seus pais e familiares, no processo de triagem/expatriação da política de tolerância zero do governo Donald Trump, nos Estados Unidos. Ficamos sem palavras diante de semelhante violação dos direitos humanos, bem como de violência física, emocional e psíquica para com as crianças. Como fica a convivência no interior da família, *conditio sine qua non* para uma autêntica saúde mental? As imagens de meninos e meninas “enjaulados” na fronteira mais parecem cenas sepultadas e esquecidas das grandes guerras mundiais e que, por uma crueldade do destino, se levantam para acusar a indiferença mundial.

A segunda observação tem a ver com a saga do navio *Aquarius*, da organização não governamental *SOS Méditerranée*. Por mais de uma semana, a embarcação errou pelas águas do Mediterrâneo entre Malta, Itália e Espanha, à espera de um porto onde desembarcar os 629 imigrantes resgatados nas costas da Líbia. O caso do “navio à deriva” vem mexendo com a política migratória de toda a União Europeia (UE). Neste momento, é a vez da nave *Lifeline*, com 240 pessoas a bordo, também com destino incerto. Com o endurecimento do novo governo italiano, por parte de seu Ministro do Interior, Matteo Salvini (Lega, partido de direita), o número de imigrantes que desembarcaram na Itália caiu em 82% desde janeiro de 2018. Em contrapartida, no mesmo período, o desembarque de imigrantes na Espanha mais que dobrou, e subiu 40% na Grécia.

Enquanto isso, uma vez mais, os líderes da União Europeia (UE), neste 24/06/2018, tentaram, sem muito resultado, um acordo para resolver

o que chamam de “crise imigratória”. Como distribuir os imigrantes de acordo com a população de cada membro da UE? Como afirma um alto dirigente de Bruxelas, qual o país que aceitará hospedar centros de identificação, triagem e distribuição dos recém-chegados? Tudo indica que a discussão haverá de prolongar-se tanto quanto o êxodo de imigrantes que, a partir do Médio Oriente e da África, tentam um futuro mais promissor na Europa.

Roma, Itália, 25 de junho de 2018

Não quero meu filho errando pelas estradas

Destiny e Beauty, marido e mulher, ambos de origem nigeriana, depois de algum tempo em território italiano, desejam migrar para a França. Como tantos outros, porém, são barrados na fronteira. Ela, doente e grávida, morre ao dar à luz um menino, no dia 15 de março/2018. A criança nasce no Hospital Sant'Anna di Torino, com apenas 700 gramas, tentando, na incubadora, agarrar-se à vida com a força de um leão. O pai, Destiny, num inglês difícil de entender, desabafa: “Gostaria de obter a permanência e um trabalho na Itália, porque não quero que me separem do menino. Para ele, sonho com um futuro neste país, melhor que o meu. Não quero que viva pela estrada, errando e pedindo esmola”.

Nomes, rostos, histórias, sonhos, lutas e sofrimentos reais... Numa palavra, pessoas concretas, de carne e osso. Contam-se aos milhares e milhões os migrantes que batem às portas da Europa. Cansados e abatidos pela travessia, chegam da África, do Oriente Médio ou da Ásia, fugidos da pobreza ou da violência. Sonham com trabalho e teto, pão e paz. Na maioria dos casos, porém, tropeçam na rigidez e na intolerância de leis cada vez mais antimigratórias. Indesejados, rechaçados e condenados a deslocar-se de um lado para outro, como errantes sem raiz e sem pátria.

Diante dessas tragédias pessoais e familiares, dois aspectos de ordem política chamam atualmente a atenção no Velho Continente europeu. Um deles refere-se aos acordos que a União Europeia estabeleceu, primeiro com a Turquia, depois com a Líbia. Em troca de investimentos regulares, esses dois países devem restringir a passagem dos imigrantes. O que quer dizer fechar, respectivamente, a rota balcânica e a rota mediterrânea. O preço dessa política, entretanto, atenta contra os direitos humanos, em geral, e contra o direito de ir e vir, em particular. Tanto na Turquia quanto na Líbia, os imigrantes, além de serem bloqueados, são conduzidos para campos de refugiados ou prófugos cujas condições estão

muito aquém da dignidade humana. Em alguns casos, pisoteiam os próprios excrementos e alguns acabam sendo disponibilizados como semi-escravos para trabalhos sujos, pesados, perigosos e mal remunerados, quando não recrutados por um ou outro lado de um conflito que não conhece trégua.

Enquanto isso, as autoridades de vários países europeus, de modo especial a Itália, comemoram a redução dos desembarques em suas costas marítimas. A queda chega a 60 ou 70%, com relação aos anos anteriores. Os países vizinhos simplesmente fecham as portas ou limitam-se a cotas mínimas, sempre com a peneira na mão para selecionar os estrangeiros com alguma qualificação profissional. Por outro lado, e de passagem, convém não esquecer que são justamente as nações envolvidas do Ocidente a produzir e vender as armas que nutrem os conflitos e a guerra aberta nos lugares de origem dos imigrantes – como Síria, Afeganistão, Iraque, Líbia, além de vários países da África Subsaariana.

O segundo aspecto tem a ver com a politização das migrações nos processos eleitorais mais ou menos recentes de nações como Áustria, Polônia, Alemanha, França, Itália – para não falar dos Estados Unidos e da vitória de Donald Trump. Politização que, via de regra, é sinônimo de criminalização dos migrantes, não raro misturados e confundidos com invasores, selvagens e até mesmo terroristas. Entram em cena o uso, abuso e instrumentalização do medo que tais “ondas migratórias” representariam para “nossos cidadãos”. Expressões como “crise humanitária” ou “crise migratória” pressupõem o caos e a desordem e, conseqüentemente, a necessidade de proteger-se. A famigerada ideologia da segurança nacional se sobrepõe a uma “cultura da acolhida e da solidariedade”, para citar as palavras do Papa Francisco. Impõe-se e cresce, em lugar disso, a “globalização da indiferença”, ainda conforme o Pontífice.

Os resultados não poderia ser diferentes: verifica-se o avanço progressivo da direita antimigratória quase por todo o território do Velho Continente. Na Itália, por exemplo, nas eleições de 4

de março, obteve o maior número de votos a coalizão de centro-direita, liderada pela *Lega* de Matteo Salvini, a *Forza Italia* de Silvio Berlusconi e *I Fratelli d'Italia* (Irmãos da Itália) de Georgia Meloni. E o *Movimento 5 Estrelas* (M5S), liderado por Beppe Grillo e Luigi di Maio, foi o campeão das urnas, enquanto partido que disputou o pleito isoladamente. Os discursos de todas essas lideranças revestem-se de fortes resistências tanto à imigração quanto à moeda única do euro. Impera, em vez, um nacionalismo populista que, hoje em dia, se faz notar por outras partes do planeta. Ao lado dos políticos, crescem também os grupos neonazistas e neofacistas, com atitudes de um racismo crescente. Frente às migrações, prevalecem a intransigência e a discriminação, o preconceito e a xenofobia. O mais grave é que se trata de uma voz que encontra não pouca ressonância em meio às populações desinformadas e atemorizadas. Resta o desafio de reverter esse quadro, através de novos canais e instrumentos de participação das forças populares e democráticas.

Roma, Itália, 1º de abril de 2018

***Badante* rima com migrante**

Badante é uma palavra italiana que, em português, pode ser traduzida como cuidador ou cuidadora. Alguém cuja tarefa é cuidar de outra pessoa com dificuldades especiais. Trata-se de um serviço privado de assistência familiar, voltado especialmente para o cuidado de idosos, doentes e, às vezes, crianças (para não falar dos cães). Na maioria dos casos, o serviço é prestado por mulheres, algumas enfermeiras profissionais, outras, sem qualquer qualificação.

Na Itália, o número de *badanti* (plural) é estimado em 900 mil, ou cerca de um milhão, sendo que, no percentual de 90%, são estrangeiras. Grande parte vem do Leste da Europa, com destaque para os países da Ucrânia, Romênia e Moldávia. Outras são originárias da América Latina, particularmente do Peru e Equador. Não faltam também as asiáticas, de modo especial as filipinas. Convém lembrar que, hoje, a península italiana conta com aproximadamente 13,3 milhões de anciãos. Além disso, aqueles com mais de 65 anos aumentam ao ritmo de 260 mil por ano. Isso significa que, em 2050, os anciãos alcançarão quase a cifra de um quarto de toda a população. Os doentes de Alzheimer, para citar apenas um exemplo, ultrapassam a casa dos 600 mil, o que representa nada menos que 4% da faixa populacional superior aos 65 anos.

Disso resulta que o serviço de assistência familiar ou privada, de modo particular sanitária e social, continua em crescimento progressivo, não somente na Itália, mas também em outros países europeus. Quem presta assistência domiciliar a essas populações que se encontram em fase de rápido envelhecimento, aproximando-se do outono? Aqui faz sentido o título deste comentário: “*badante* rima com migrante”. Ainda na Itália, até 2030, prevê-se uma demanda de *badanti* da ordem de 500 mil, 25% a mais em proporção com o momento atual (Cfr. *Istituto Nazionale di Statistica - Istat*).

Desnecessário acrescentar que os números e percentuais assinalados acima são todos aproximativos. O motivo é simples e duplo: os

institutos de pesquisa não podem fornecer dados mais precisos e específicos sobre a assistência social e sanitária utilizada pelas famílias; e não os podem fornecer porque boa parte dessas trabalhadoras são assumidas de forma informal, sem um contrato de trabalho regulamentado por lei. O que é certo é que a Itália, e demais nações da Europa, tornam-se, dia a dia, países com tendência a um aumento do serviço de cuidado assistencial em domicílio. Vale dizer, países de imigração crescente.

Notoriamente, como bem sabemos, os migrantes, nos países de destino, entram no mercado de trabalho pela porta dos fundos: serviço domiciliar e serviços em geral, construção civil, limpeza, colheitas agrícolas temporárias... Numa palavra, trabalho braçal. Excetuando, claro, os técnicos, diretores e consultores de grandes conglomerados transnacionais. Ao contrário do que pensa e diz o senso comum (e muitas vezes a grande mídia), os estrangeiros não costumam roubar o emprego dos trabalhadores locais. Submetem-se, em lugar disso, aos serviços mais pesados e perigosos, mais sujos e mal remunerados. No caso da assistência familiar a que nos estamos referindo, a um serviço delicado e que exige boa dose de paciência e dedicação.

Cabem duas palavras de conclusão. Nos países do Velho Continente europeu, o cuidado com as pessoas mais frágeis, debilitadas e necessitadas da população, via de regra, está nas mãos dos migrantes, em particular das mulheres. Não será ocioso perguntar que significará isso em termos de preservação da saúde e da memória, de intercâmbio cultural e de uma convivência pacífica que a todos só pode enriquecer!

Roma, Itália, 1º de março de 2018

Decreto segurança e migrantes: segurança para quem?

O Conselho de Ministros da Itália apresentou, no dia 24 de setembro de 2018, as normas sobre o *Decreto sicurezza e migranti* (Decreto segurança e migrantes). O texto segue, agora, para a aprovação do Congresso e do Presidente Sergio Mattarella. A pergunta emerge de forma imediata e espontânea: segurança para quem? Certamente não para os imigrantes, refugiados e prófugos – ou para os requerentes de asilo. O que está em jogo é antes a expressão viva e concreta de uma espécie de “ideologia de segurança nacional”. Esta ideologia, bem conhecida na América Latina e Caribe desde os tempos das ditaduras militares, tornou-se o fundamento da política migratória dos governos fortemente conservadores, com fortes ingredientes de nacionalismo populista. Semelhante atitude de intolerância e rechaço constitui hoje a marca registrada de numerosas autoridades governamentais, num avanço da ultradireita por várias regiões do planeta, com especial acento para o Ocidente de tradição democrática.

Nas entrelinhas da “proteção humanitária”, conforme o véu retórico do Decreto, e por trás do rosto sorridente do Primeiro Ministro, Giuseppe Conte, e do Ministro do Interior, Matteo Salvini, escondem-se, entre outras, três formas de restrição à imigração na península italiana:

novas e rígidas exigências para os requerentes de asilo (o que praticamente impossibilita a migração pelas vias legais); possibilidade de cancelamento da cidadania em casos de antecedentes suspeitos (o que abre espaço para múltiplas e duvidosas interpretações); e diminuição do orçamento para a acolhida e a assistência aos recém-chegados (o que representa uma forma dissimulada de fechar as fronteiras do país, especialmente aos estrangeiros que vinham da África e do Oriente Médio).

De fato, há alguns meses, vem diminuindo a entrada de imigrantes na Grécia e na Itália (nesta última, a queda chegou a 80%). Ao mesmo

tempo, cresce o número dos que se dirigem às costas da Espanha, com destaque para Ceuta, território espanhol no continente norte-africano.

Mais grave, porém, é dar-se conta de que tal resposta do governo responde às expectativas de amplos setores da população. O medo e a ameaça do “outro” (estrangeiro, diferente e estranho) expandem-se como uma doença contagiosa. Contra os estrangeiros, multiplicam-se grupos e ações de caráter neofascista e neonazista. As pessoas, individual ou coletivamente, tendem a fechar o coração, as portas e o acesso à comunidade por parte dos imigrantes. A perseguição e a violência têm atingido não poucas pessoas na Itália e na Europa. Racismo, intransigência, discriminação e xenofobia passam a ser vistas como atitudes normais, ao mesmo tempo que a acolhida e a solidariedade podem ser passíveis de punição. Enquanto as campanhas eleitorais manipulam negativamente a politização das migrações, os cidadãos e boa parte da mídia naturalizam a criminalização dos migrantes. Daí, a instrumentalização do risco que esses últimos podem representar, por um lado, e, por outro, o uso do fenômeno migratório como trampolim para o acesso ao poder.

A Itália, a União Europeia, e as democracias ocidentais em geral, revelam-se cegas e míopes diante dos fluxos migratórios atuais. Estes adquirem um caráter estrutural e planetário, tornando-se cada vez mais numerosos, diversificados e complexos. De acordo com os dados da UNHCR (sigla em inglês para a Agência da ONU para os Refugiados), em 2001, existiam no mundo 18 milhões de *desplazados* (deslocados). Hoje, devido às tensões, conflitos e guerras disseminadas, à violência em suas mais diversas formas e às perseguições políticas, religiosas e ideológicas, esse número chega a 68,5 milhões. Isso significa que, em menos de duas décadas, o aumento atingiu a marca impressionante de 280%. Em lugar de buscar soluções para as crises em curso, as autoridades internacionais somente as fizeram aumentar. Ainda segundo as estatísticas da UNHCR, o ano de 2017 representou um novo recorde negativo pelo quinto ano consecutivo: 2,9 milhões a mais com respeito a 2016, que

havia alcançado a cifra de 65,6 milhões. Trata-se do maior aumento registrado pela ONU em apenas um ano. Além disso, outros 13,3 milhões viram-se constrangidos a escapar novamente, numa média de 44.000 pessoas por dia (Cfr. Jornal *Corriere della sera*, 18 de setembro de 2018).

Na contramão das inúmeras tentativas do Papa Francisco, a indiferença diante da violência, da pobreza e da fuga desesperada de milhões de pessoas, em todo o mundo, vem imprimindo um caráter marcadamente xenofóbico à legislação migratória. Fala-se de “regular o fenômeno migratório”, através de “corredores humanitários”, em vista de uma “governabilidade (ou governança) da mobilidade humana”. Tais expressões, aparentemente voltadas para a proteção dos migrantes, na verdade ocultam a ideologia da segurança nacional. Mais do que favorecer canais de acesso aos refugiados, impossibilitam todo e qualquer tipo de migração regularizada, aumentando, assim, a pressão sobre as fronteiras. Em última instância, visam responder não às necessidades de quem está a caminho de uma nova pátria, e, sim, ao medo de quem habita as fortalezas construídas pelos benefícios da técnica e do progresso.

Roma, Itália, 25 de setembro de 2018

Ódio e intolerância contra os migrantes

Quatro fatores, entre outros, têm contribuído para o aumento dos deslocamentos humanos, em termos globais. O primeiro deles está vinculado à crise prolongada da economia capitalista, desencadeada a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI. A crise trouxe desemprego e subemprego em massa, instabilidade socioeconômica, além de espalhar medo, ameaça e insegurança. As pessoas tendem a imergir numa inércia, marasmo, paralisia. Ou, então, para boa parte delas, as energias vitais e potenciais, em lugar de se concentrarem sobre as forças da organização trabalhista, voltaram-se contra o próprio vizinho ou companheiro, que se torna um concorrente das migalhas que o capital deixa cair da mesa. Às vezes, tais energias se abatem sobre os que amamos ou pensamos amar. A busca pelo “pão nosso de cada dia” debilitou a luta pelo chão, pelos direitos, pela dignidade humana e pela cidadania.

Em segundo lugar, à medida que a crise se aprofundava, crescia, simultaneamente, a diferença social e econômica entre as diferentes classes sociais e categorias de trabalhadores. Daniel Duque, pesquisador do IBRE-Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, publicou recentemente um estudo sobre a evolução negativa do Índice de Gini, que mede o nível de concentração de renda (*Jornal O Globo*, 26/05/2019, pág. 2). Verifica-se que nunca tão poucos se tornaram tão ricos em tão pouco tempo, enquanto a maioria da população sofreu perdas progressivas de poder aquisitivo, gerando exclusão social. Trabalhos e publicações em abundância, ilustrados por números e estatísticas, mostram bem o crescimento generalizado da desigualdade social, tanto em nível nacional quanto regional e planetário. A incerteza quanto ao futuro, associada à grande massa de sobrantes – “descartáveis e descartados” – contribui poderosamente para a busca de uma cidadania justa e digna, fora do lugar de nascimento.

Nesse clima de instabilidade, nasce e cresce o terceiro fator. Os políticos oportunistas e sempre de plantão, oriundos em particular da

extrema direita e ligados ao nacionalismo popular, souberam manipular e instrumentalizar o medo, a ameaça e a insegurança para eleger-se. Os casos são numerosos e variados: Hungria, Áustria, Itália, Estados Unidos, Filipinas, Dinamarca, Eslováquia, Inglaterra do Brexit, Brasil... Tanto é verdade que a realidade das migrações, em geral, aparece entre os primeiros temas de suas campanhas eleitorais. Politizar as migrações era uma forma de criminalizar os migrantes como intrusos, invasores, perigosos. O “outro”, seja quem for e venha de onde vier, é nosso inimigo, vem roubar nossas oportunidades, deve ser combatido. “Os nossos, antes de tudo!” – eis o lema. Seguiram-se o fechamento das fronteiras e a elaboração de leis mais rígidas para a entrada de estrangeiros, por um lado e, por outro, os cortes no orçamento público para acolhida, assistência e inserção de novos imigrantes. Diminuiu também a aprovação para os requerentes de asilo.

Por fim, em quarto lugar, restringiu-se, por toda parte, a migração legalizada. Não somente os fluxos que se direcionavam aos países centrais, provenientes dos países periféricos, mas também o vaivém entre estes últimos. Com isso, os movimentos de população, sejam eles devido à violência ou à pobreza, começaram a pressionar as fronteiras entre os países, como se pode verificar entre Estados Unidos e México, entre este último e Guatemala, entre Venezuela, Colômbia e Brasil, entre Turquia e Europa, entre Líbia e sul da Itália e Espanha, entre tantos outros. A migração ganha maior visibilidade. E, mesmo a partir da fronteira bloqueada, os migrantes convertem-se em novos “bodes expiatórios” da desordem social. Daí a intolerância, a discriminação, o rechaço e, no extremo, a perseguição e deportação em escala crescente. Para piorar, no imaginário popular e, às vezes, na mídia ou nas redes sociais, o tráfico de seres humanos, drogas e armas, o terrorismo e o crime organizado – aparecem vinculados à migração. Nessa atmosfera, também não é difícil detectar uma onda de ódio e agressividade, com sérios elementos de um supremacismo racial que já havia sido jogado na lata de lixo da história.

Rio de Janeiro, 25 de maio de 2019

Os olhos da fome

Percorro o Campo de Refugiados de Maratane, a cerca de 30 quilômetros de Nampula, norte de Moçambique. Ali se abriga ao redor de 10 mil pessoas, provenientes em maior número da República Democrática do Congo, mas também da Tanzânia, do Zimbabwe e de Malawi. Nos últimos anos, chegaram ainda migrantes da Etiópia e da Somália. Aos refugiados e migrantes, mistura-se a população moçambicana.

Junto ao poço da praça, um grupo de mulheres empenha-se em encher dezenas de baldes, ordenados em fila. Aproxima-se uma delas e, tocando o estômago, diz algo em língua macua. Depois de um esforço, fala em português: “Fome!”. E põe-se a repetir, como num refrão ritmado pelo som de um tambor africano: “Fome, fome, fome...”.

Meio desorientado, murmurando qualquer desculpa, afasto-me do local. Sigo em frente. Não muito distante, encontro um rapaz, triste, sorridente e submisso ao mesmo tempo. Cumprimenta e, em bom português, pergunta onde moro. “Em Roma, Itália”, respondo. “Leve-me consigo para lá”, prossegue ele. “Não tenho pai, não tenho mãe, não tenho família. E aqui não há trabalho, nem futuro”, conclui em tom de súplica.

A contragosto, retomo o percurso da estrada. De ambos os lados, erguem-se casebres desolados, uns junto aos outros, com paredes de barro, cobertos de capim e de chão batido. Diante da abertura, coberta por nada mais que um pano, algumas mulheres, às vezes um que outro homem e, sempre, uma porção de crianças sujas e malvestidas. Algumas completamente nuas, os olhos denunciando a fome que há séculos mora neles.

Uma dessas crianças põe-se a caminhar a meu lado. A certa altura, estende o braço, abre a mão e pede: “Money, money!”. Depois explica: “Dinheiro, dá dinheiro! Homem branco tem dinheiro!”. A ideia

prevalece desde os tempos da colonização portuguesa: os brancos são os únicos que possuem bens e dispõem de dinheiro. É a mesma ideia que, de um ponto de vista moral, obriga a estes últimos a ajudar os negros.

Aqui e ali, à venda, encontram-se parques e precários produtos da terra, em barracas improvisadas ou estendidos pelo chão: tomates, milho e farinha de milho, galinhas e ovos, cabras, cebolas, mandioca, berinjela, batata-doce... Inevitável, levanta-se a pergunta: quem tem condições de comprá-los?

Há algumas décadas, Moçambique é politicamente independente. Depois da colonização, a partir de 1975, o país passou por uma série de conflitos sangrentos. Disso resulta que o povo segue dependendo da ONU e da ACNUR, de organizações não governamentais, das igrejas e de tantas outras entidades humanitárias – para garantir as necessidades primárias, como o alimento, a saúde, o vestuário, a habitação, a educação etc.

Pior ainda, uma parcela considerável das verbas internacionais, que chegam para tais necessidades, perde-se pelos corredores obtusos e obscuros da corrupção. Outra parcela acaba sendo usada de forma inadequada e ineficaz pelo governo de plantão. É pouco o que chega, efetivamente, para aliviar o sofrimento da população mais pobre. Multiplicam-se escolas rudimentares e professores que mal sabem ler e escrever. Os postos de saúde, eles mesmos, sofrem de uma enfermidade crônica. Enfermidade que é o estigma da colonização nos países da África Subsaariana.

Nampula, Moçambique, 20 de agosto de 2015

Migração e Conselho de Direitos Humanos da ONU

“Uma praga envenenou o debate sobre os desafios cruciais como a imigração” – disse António Guterres, Secretário-geral para os Direitos Humanos na ONU, ao abrir o último Conselho em Genebra, Suíça, realizado de 25 de fevereiro a 22 de março de 2019. Segundo ele, o mundo atravessa “uma onda de xenofobia, racismo e intolerância”. E prossegue: “o ódio espalha-se nas democracias e nos sistemas autoritários”. Em lugar da preocupação com uma gestão sobre os fluxos migratórios, “temos visto como o debate sobre a mobilidade humana, por exemplo, foi envenenado por falsas interpretações que misturam refugiados e migrantes com o terrorismo, transformando-os em bodes expiatórios para os males da sociedade”. Daí sua conclusão de que é necessária “uma nova estratégia geral para combater o incitamento ao ódio”.

Semelhantes palavras, como se pode notar, traçam um retrato bastante fiel da prática política do nacionalismo populista que hoje varre uma série de países, que vão desde os Estados Unidos e Hungria até as Filipinas e a Áustria, passando pelo Brasil e a Itália. O discurso negativo sobre a mobilidade humana, aliás, costuma ser orquestrado desde o processo da campanha eleitoral. Depois, já na direção do governo, os novos estadistas (para não falar de ditadores) aplicam uma receita que se repete com uma frequência espantosa: fechamento das fronteiras com os demais países vizinhos, não faltando os muros com arame farpado ou controle de militares; diminuição do número de concessões para os requerentes de asilo, de modo particular os que provêm de determinados países; cortes substanciais no orçamento público para a acolhida, assistência e inserção de novos imigrantes; incentivo direto ou indireto à discriminação e ao preconceito para com o “outro, diferente, estrangeiro”.

Em território latino-americano, e nos confins com o Brasil, assiste-se à diáspora venezuelana, com quase 3,5 milhões de pessoas em fuga. Numericamente, é a segunda maior do mundo, perdendo

apenas para os sírios que se encontram fora do próprio país. Os dois casos, de resto, ilustram bem as causas, implicações e consequências da migração. De um lado, um povo empobrecido, sem alimento e sem remédios, remexendo no lixo para catar restos de comida, abandonado e sem as mínimas condições de permanecer na terra natal – e que, por isso, põe-se em marcha na tentativa de encontrar um refúgio onde recomeçar a vida. De outro lado, um povo há anos bombardeado pelo que existe de mais sofisticado na indústria bélica, refém do fogo cruzado de governo e rebeldes, mas refém igualmente das potências internacionais e da produção em massa de armamentos cada vez mais pesados e letais – sai à estrada para poupar, a si mesmo e às famílias, o horror da guerra e de tantas formas de violência.

Em ambas as diásporas, imperam a cobiça, a tirania e a força de um punhado de famílias ricas, abastadas e entrincheiradas no poder. Revestidas pela ideologia – seja ela de caráter ideológico, político ou religioso – não hesitam em sacrificar grande parte da população para garantir os próprios privilégios. Tais tipos de desgoverno, evidentemente, alimentam a onda de intolerância que se alastra pela face da terra. Numerosos emigrantes, de onde saem não podem retornar, sob pena de prisão, perseguição ou morte; outros imigrantes, onde chegam não podem ficar, sob pena de hostilidade e crescente rechaço. O planeta Terra, que deveria ser “nossa casa comum” (como nos tem lembrado, com insistência, o Papa Francisco), nega a cidadania a uma multidão errante, sem raiz, sem pátria e sem destino.

O que fazer? Como “combater o incitamento ao ódio”, nas palavras de António Guterres? Um fantasma ronda este tempo de contrastes. Ao mesmo tempo que se desenvolve a revolução dos transportes, das comunicações e da informática, o ser humano tropeça na dificuldade de ver respeitado o direito de ir e vir. E tropeça, com igual dificuldade, quanto ao direito correspondente de permanecer com dignidade na terra em que nasceu. Enquanto o mundo se torna uma “aldeia global” para as mercadorias, a tecnologia, o capital, o turismo e as notícias,

os migrantes são barrados nas fronteiras, ou como trabalhadores indesejados, ou como braços descartáveis. A miséria e a violência, a fuga e a teimosia os levam até as portas de um futuro possível. Mas, ali, às vezes a um passo da meta, têm seus sonhos improvisamente interrompidos. Restam a fé e a esperança, mas também estas podem esmorecer diante de tamanhas contradições!

Rio de Janeiro, 25 de março de 2019

Haiti desolado

São estarrecedoras as cenas que nos chegam pelas páginas dos periódicos ou pelas descrições e imagens do rádio e telejornais:
cadáveres aos montes, espalhados pelas ruas, uns sobre os outros;
mortos aos milhares, enterrados em valas comuns;
multidões perdidas e desesperadas, correndo sem rumo;
lixo, escombros e devastação por todo lado;
cidadãos disputando, aos gritos e empurrões, comida e água;
brigas por um lugar na longa fila da caridade;
veículos e barcos abarrotados de gente querendo evadir-se a qualquer custo;
sobreviventes que, após três, quatro e até sete dias,
nos fazem acreditar no milagre da solidariedade e da vida...

Em poucos segundos, a capital do Haiti, já precária em todos os aspectos, se reduz a ruínas, desolação e multidões em fuga.
O terremoto de doze de janeiro de dois mil e dez foi o mais letal que já sofreu o continente americano;
abriu as cicatrizes de uma nação cuja história tem sido marcada por abalos sísmicos em todas as áreas: econômica, política, cultural e social...

Tragicamente reabertas e expostas à luz do sol, as feridas sangram por toda parte de Porto Príncipe e arredores;
na luta pela sobrevivência, uns se voltam contra os outros, enquanto grande parte da população procura rotas de fuga.
Tudo é escasso, raro e caro – e disputado a socos e pontapés;
a ajuda humanitária internacional esbarra na precariedade dos serviços públicos e não consegue alcançar os pontos mais críticos da metrópole devastada;
a violência rebenta em meio ao desespero: fome e sede não conhecem lei.

Muitos países, hoje solidários frente à tragédia, mal logram esconder uma espécie de sentimento de culpa pelo abandono histórico do Haiti como país mais pobre das Américas;

talvez venha daí a pressa da ajuda e o atropelo desconexo das ações de resgate, tratamento e de reconstrução. É como se todos quisessem chegar primeiro, disputar a liderança, como para se ressarcir de um ressentimento oculto.

De fato, pelas ruas de Porto Príncipe, a luta sórdida, e em plena luz do dia, pelas mínimas condições de vida representa um severo julgamento de toda a civilização moderna; está em jogo a dignidade humana de todo um povo cuja teimosia e resistência parecem ser o único que resta de uma enorme montanha de escombros.

São Paulo, 13 de janeiro de 2010

Portas fechadas

No dia 22 de dezembro de 2018, o navio espanhol *Proactiva Open Arms* para o resgate no Mar Mediterrâneo, em três operações seguidas e coordenadas, recolheu mais de 300 imigrantes nas costas da Líbia. Embora provenientes deste país, são originários de várias regiões africanas. As autoridades de Malta, por motivos ditos humanitários, aceitaram receber somente um recém-nascido juntamente com sua mãe. O Ministro do Interior italiano, Matteo Salvini, imediatamente declarou fechados todos os portos da Península. O governo da Espanha, por sua vez, não teve outra alternativa senão emitir ordens para que a embarcação pudesse atracar em seu território, para onde se dirigiram os migrantes.

Convém não esquecer que faltam apenas três dias para as comemorações do Natal. Salta à vista, portanto, a comparação com as narrativas da infância de Jesus. Também neste caso, José e Maria tiveram que ausentar-se da própria terra. E, enquanto estavam fora de casa, “completaram-se os dias de Maria e ela deu à luz um filho primogênito, envolveu-o em panos e o depositou em uma manjedoura, porque não havia lugar para eles no lugar” (Lc 2, 6-7). Mas, não terminaram aí as aventuras da família de Nazaré. Mais tarde, sob a ameaça do rei Herodes, os três – o recém-nascido e seus pais – foram forçados a se refugiar no Egito por um período, para depois retornarem à casa de Nazaré (Mt 2, 13-23).

O rechaço dos que chegam de fora e de longe, porque estrangeiros e estranhos, caminha lado a lado com um dos hábitos mais antigos da história humana, a hospitalidade. Se é verdade que nas obras de Homero e nos livros do Antigo Testamento, por exemplo, o hóspede recebe sempre um lugar de honra, alimento e abrigo, também é certo que, em outros relatos antigos, ao estrangeiro esperam-no a hostilidade, a desconfiança, o desprezo e até mesmo a morte. Duas formas opostas de comportar-se diante do outro, do diferente. Ou a acolhida solidária a alguém que pode ser um enviado de Deus, com disfarces de forasteiro, como é o caso de Abraão no episódio do

carvalho de Mambré (Gn 18. 1-15). Ou, então, a recusa pura e simples de abrir a porta ao desconhecido, que pode representar um risco para a família ou a comunidade.

Ambas as atitudes valem tanto para ontem quanto para os dias de hoje. No nascimento de Jesus, os pastores (Lc 2, 8-20) e os Reis Magos (Mt 2, 1-12) não somente o acolhem como bem-vindo, mas, de uma maneira toda particular, vão ao seu encontro, os primeiros, com a boca e o coração em canto; os segundos, com as mãos repletas de presentes. A chegada do outro, que também aqui pode ser um enviado do totalmente Outro, traz luz, alegria e festa. Abre horizontes e alternativas à história. Toda a vida se ilumina e se enriquece com o encontro, o diálogo e o intercâmbio. Herodes, porém, além de ver no recém-nascido uma ameaça à sua soberania, move todas as forças para eliminá-lo.

Atitudes que se repetem com a chegada de cada pessoa ou grupo de imigrantes. Donald Trump insiste em erguer o muro entre México e Estados Unidos, numa recusa a quem vem do outro lado; a velha Europa se fecha sempre mais sobre si mesma, cada país restringindo, ao máximo, qualquer porção de resgatados do Mediterrâneo; o mesmo ocorre nos limites entre dois ou mais países de todo o mundo, tanto nos países centrais ou desenvolvidos quanto nos países periféricos ou subdesenvolvidos. Resulta que, enquanto o capital, as mercadorias, as inovações tecnológicas, os empresários, os turistas e os técnicos de alto *rango* se deslocam sem fronteiras por todo o mundo, a mesma economia globalizada bloqueia as fronteiras para os trabalhadores e trabalhadoras. Ou melhor, cada tipo de política migratória desenvolve um sistema de peneira seletiva para filtrar os imigrantes qualificados, ao passo que os inqualificados jamais serão bem-vindos. Uma espécie de rede para pegar os peixes “bons” e jogar fora os “maus”.

Nada a ver com a atmosfera do Natal. Mas, vale lembrar, acolhida e rechaço andam de mãos dadas. Medo e esperança jamais se dissociam. Uns temem perder o lugar, deixar-se confrontar

ou contaminar por tudo o que é novo. Outros sabem que a presença de pessoas, povos, nações, culturas e valores distintos tende a enriquecer o contato. Observam a necessidade de um rejuvenescimento contínuo e profundo na trajetória pessoal e familiar, nacional ou humana. Sem esse oxigênio novo e sem esse sangue jovem, pressentem o aproximar-se do ocaso ou do outono. Daí, o entusiasmo e a esperança diante do outro/Outro que vem ao encontro.

Berna, Suíça, 23 de dezembro de 2018

Um menino chora

Um menino chora no meio da noite.
Será dor, será fome, será frio?
Ou será tudo isso ao mesmo tempo?
Meu Deus, não sei.
Viro-me na cama e torno a dormir.

Esse gemido, porém, não é isolado.
Outros meninos choram no meio da noite.
Será dor, será fome, será frio?
Ou será tudo isso ao mesmo tempo?
Meu Deus, não sei.
Recolho as cobertas e volto ao sono.

O coro agora aumenta.
Milhares, milhões de meninos choram no meio da noite.
Será dor, será fome, será frio?
Ou será tudo isso ao mesmo tempo?
Meu Deus, ainda desta vez não sei.
Ajeito os lençóis e caio outra vez no sono.

América Latina,
imenso clamor rasga o silêncio de tuas noites,
rompe o mistério da escuridão.
Não é apenas tudo isso ao mesmo tempo.
É muito mais, a injustiça, a opressão;
um terror secular, qual lâmina da morte,
que agita e perturba o sono de tuas crianças,
que torna as noites densas de sofrimento,
prenhes de um amanhã que não chega
enquanto as dores do parto já estão bem adiantadas.

A madrugada irrompe pelas frestas da janela.
A noite, povoada de choro e mistério,
dá lugar ao dia, pesado fardo da sobrevivência.
Remexo-me sobre o leito
e saboreio, tranquilamente, o último gole de sono.

Manágua-Nicarágua, 25 de julho de 1989

Fome e miséria

“Se saio para o campo,
eis os feridos pela espada;
se entro na cidade,
eis as vítimas da fome” (Jr 14,18).

Se saio para o campo,
eis pessoas inertes e impotentes,
à mercê de um “destino” que as subjuga;
se entro na cidade,
eis pessoas estendidas pelas calçadas,
vergadas por uma “sina” que lhes sugou a energia.

Se saio para o campo,
eis multidões abandonadas e em fuga,
abrindo desesperadas e incógnitas veredas;
se entro na cidade,
eis multidões cegas e apressadas,
indiferentes à dor e ao amor, à tristeza e à alegria.

Se saio para o campo,
eis crianças negras de fuligem e brancas de fome,
alimentando os fornos das carvoarias
ou derrubando cana para a voracidade das usinas;
se entro na cidade,
eis meninos e meninas, aos milhares,
pedindo, roubando ou trabalhando pelas ruas.

Se saio para o campo,
eis balas anônimas, assassinas e impunes,
ceifando a vida de trabalhadores famintos e sem terra;
se entro na cidade,
eis o estampido de outras balas, perdidas,
rasgando barracos miseráveis e indefesos
ou interrompendo o passo e a existência de um transeunte.

Se saio para o campo,
eis crianças e jovens sem escola e sem saúde,
com o futuro para sempre ameaçado;
se entro na cidade,
eis a droga consumindo as forças e as esperanças
de adolescentes em flor, ainda imberbes.

Se saio para o campo,
eis o desfile de famílias subnutridas
ao lado de latifúndios ociosos e improdutivos;
se entro na cidade,
eis o conflito entre cães, abutres e gente,
pela disputa dos restos putrefatos do lixo.

Se saio para o campo,
eis bebês aquém do peso e da idade mental,
marcados pelas cicatrizes da inanição;
se entro na cidade,
eis cidadãos caminhando para manter o corpo belo e saudável,
ao lado de favelas e cortiços onde campeia a fome.

Entretanto...

Se saio para o campo,
eis a resistência de milhares de pés agarrados ao solo:
como árvores, insistem em manter as raízes na terra,
enquanto as mãos se abrem para um novo sol e um novo céu!
Se entro na cidade,
eis um rumor de passos pelas ruas e praças,
blocos organizados que sonham, lutam e esperam,
na construção de uma sociedade nova e diferente.
Se caminho pelas estradas,
eis gente sem raiz, sem rumo e sem teto e sem rumo,
mas rompendo fronteiras e derrubando obstáculos
para a recriação de um mundo como pátria de todos!

Brasília-DF, 18 de outubro de 2001

Êxodo venezuelano

Quantos são os venezuelanos atualmente em fuga da própria pátria? Por que o fazem aos milhares ou até milhões? Até quando a situação econômica, política e social daquele país continuará expulsando os seus cidadãos? Como se explica tamanha hemorragia? Muitas são as respostas, mas nem todas se revelam convincentes. Fala-se em desabastecimento generalizado dos produtos de primeira necessidade. Fala-se de confisco de bens móveis e imóveis por parte do governo de Maduro. Fala-se de uma aguda polarização entre duas metades da sociedade. Fala-se de eleições manipuladas, sem a presença de observadores estrangeiros. O que há de verdade, de meia-verdade ou de inverdade em tudo isso?

Independentemente da resposta a tais questões, o fato incontestável é que, desde o governo Chaves, a população segue deixando o país em direção à Colômbia, aos Estados Unidos, à Espanha, à Argentina, ao Chile, ao Brasil, ao Panamá, ao Peru, ao Equador... Para não falar dos estrangeiros residentes na Venezuela que retornam aos países de origem, como é o caso dos portugueses. Evidente que a diáspora venezuelana reflete uma série de fatores combinados, os quais vão desde o boicote internacional até as tensões entre diversos setores da população, passando por uma política econômica permeada de dúvidas e pressões internas e externas.

Combinando todos os fatores em jogo, entre outros, o resultado, nu e cru, aparece nas fronteiras com a Colômbia e com o Brasil, mais particularmente nas cidades de Cúcuta e Boa Vista. Depois, estende-se para o interior desses e de outros países vizinhos. Seus rostos são bem conhecidos: jovens solitários, de ambos os sexos, alimentando o sonho do trabalho e moradia; famílias completas com crianças, na esperança de um futuro menos penoso; idosos e doentes, à procura de proteção e saúde; consumidores em geral, em busca de produtos básicos inencontráveis na terra natal; sem dúvida, há também os prófugos e refugiados, fugindo de uma perseguição continuada.

O mesmo retrato se repete em outros lugares e outras fronteiras do planeta. Contam-se aos milhares os refugiados Rohingya, que escapam da teocracia de Myanmar, em direção a Bangladesh. Não é diferente com os milhões de sírios que se amontoam nos campos de refugiados da Turquia, nem com os prófugos da região subsaariana que superlotam os alojamentos precários ao norte da Líbia. Ambos impossibilitados de seguir para o Velho Continente, devido a acordos da União Europeia com esses dois países. Outro tanto ocorre com os haitianos agrupados em Tijuana, na fronteira com os Estados Unidos, juntamente com os deportados do governo de Donald Trump. Na ilha de Batam, na Indonésia, cruzam-se os migrantes indonésios e filipinos que tentam alcançar o Eldorado de Singapura. A lista poderia continuar com a situação dos curdos, dos palestinos e de outros povos no interior da África.

Os parágrafos anteriores revelam e, ao mesmo tempo, escondem uma nova forma de guerra fria. Por trás de quase todos esses conflitos, ocultam-se poderosos interesses dos países centrais, como também dos grandes conglomerados transnacionais. Trata-se de uma guerra fria que inclui, de um lado, violência direta, como na Síria e na Faixa de Gaza, e, de outro, disputas de ordem comercial, como entre Estados Unidos, Rússia, China e Europa. Disso resulta uma nova onda de nacionalismo, fanatismo, racismo, xenofobia, discriminação e terrorismo (para não falar de outros “ismos”). Neste caso, além da pobreza, da miséria e da fome, muitos deslocamentos humanos de massa mergulham suas raízes no fundamentalismo, seja ele de caráter religioso, político ou ideológico. Não raro os migrantes são perseguidos e fogem devido à própria fé, às próprias ideias ou à própria prática política. Somando-se àqueles que fogem de condições subumanas de vida, constituem, hoje, cerca de 250 milhões as pessoas que residem fora do país em que nasceram, dos quais em torno de 30 a 40 milhões são refugiados. O desafio é transformar a fuga em uma nova busca, no caminho para uma nova cidadania.

São Paulo, 26 de maio de 2018

Desemprego (II)

Bati em muitas portas,
toquei campainhas, chamei, briguei, implorei;
ouvi gritos, latidos, desculpas, risadas, ameaças...
Todos temem todos, é a lei do mais forte:
portas cerradas, hermeticamente cerradas,
cortinas de aço escondem um povo refém da competição.

Deparei com muitos rostos;
atormentados, não conhecem a paz nem o sossego;
falsamente sorridentes, precocemente envelhecidos,
viram a cara, não querem ver, não suportam outrem!
Rostos duros e frios como blocos de gelo,
faces de concreto, filhas de um tempo sem trabalho.

Cruzei com muitos olhares
lípidos e puros, tristes, turvos e túrgidos,
famintos, arregalados, lacrimosos, fugidios...
Obliquamente, fingem, fixam e fogem;
olhares longínquos e indiferentes como as estrelas
brilham mas não iluminam a noite escura da crise.

Estendi o braço a muitas mãos
vazias e estéreis, enrugadas, maltratadas,
trêmulas, esguias, suadas, batidas, solitárias...
Não podem perder tempo, impera a concorrência.
Mãos fechadas, violentamente fechadas,
detêm o segredo da fome, do medo e da morte.

Tropecei com muitos pés
descalços ou calçados, sujos ou limpos,
apressados, vagarosos, amedrontados, amargos e escravos...
Em silêncio chegam, em silêncio ficam, em silêncio partem.
Pés cansados e abatidos, vítimas da miséria e do desespero,
calados e calejados, percorrem, em vão, os caminhos do abandono.

Falei a muitos ouvidos e corações
surdos e mudos, brutos como o ferro e a pedra,
endurecidos, trancados, doentes, sem remédio...
Tomados pelo pavor de perder o que não têm,
pouco sonham ou esperam, nada ouvem, nada dizem, nada guardam,
a não ser um lugar na fila sem fim do desemprego.

São Paulo, 24 de abril de 1998

Espelho, balança e bolso

Na sociedade contemporânea, eis os três “órgãos” mais sensíveis do corpo humano: espelho, balança e bolso.

Frente ao espelho, trata-se de cultivar a própria imagem, como reflexo das tendências em moda.

Sobre a balança, trata-se de ajustar-se ao padrão de beleza ocidental, onde o corpo mais parece um saco de ossos.

Com relação ao bolso, trata-se de conciliar os desejos e impulsos, provocados pela sedução do mercado, com os rendimentos pessoais.

Homens e mulheres, em diferentes graus, hoje em dia, vivem obcecados e tiranizados por esses pequenos “deuses”, a quem não podem deixar de prestar um culto diário.

Roma, Itália, 23 de maio de 2014

O povo e a chuva fina

Nos países do Cone Sul, durante os regimes de exceção ou ditaduras militares, eram comuns os gritos e insultos em praça pública, seja por parte do movimento estudantil e sindical, seja por parte de líderes políticos e outros.

À medida que avança e amadurece o processo democrático, porém, os gritos, insultos e agressões se tornam obsoletos, anacrônicos. Impõe-se o desafio de um salto qualitativo: passar do protesto às propostas.

Semelhante passo é o mínimo que se exige de quem (pessoa ou partido) pretende manter um compromisso mínimo e responsável com o cidadão e o exercício da cidadania.

Na prática política de caráter democrático, de fato, não basta atirar pedras sobre a vida, a trajetória ou o programa dos adversários e opositores, pois, como diz uma canção portuguesa, “quem tem telhado de vidro não deve andar à pedrada”.

Torna-se evidente que o povo, a exemplo da terra, nutre-se de chuva fina e persistente, não de tormentas rápidas, rumorosas e eventuais. A tormenta, em lugar de irrigar o solo para o plantio, tudo varre e devasta.

Numa linguagem profética, o protesto (ou denúncia) somente se legitima se e quando acompanhado das propostas (ou anúncio).

Roma, Itália, 27 de maio de 2014

Onda internacional de supremacismo

No dia 15 de março de 2019, na cidade de Christchurch, Nova Zelândia, o australiano Brenton Tarrant, num dos piores massacres daquele país, abriu fogo, com armas semi-automáticas, sobre os fiéis de duas mesquitas. Os atentados deixaram um rastro trágico de 50 mortos e dezenas de feridos, tendo sido transmitidos ao vivo pelas redes sociais, pelo Facebook, através de uma câmera anexada à cabeça do terrorista. As vítimas eram imigrantes refugiados do Paquistão, Índia, Malásia, Indonésia, Turquia, Afeganistão, Bangladesh e Síria. Ao que tudo indica, o autor inspirou-se no ataque do norueguês Anders B. Breivik, em 2011, que assassinou 77 pessoas em Oslo, na ilha de Utoya.

Quando se fala de supremacismo, não se trata apenas da rejeição discriminatória para com o “outro, estranho, diferente”. Também não é somente intolerância fundamentalista de caráter cultural ou religioso. Tampouco se trata de aversão xenofóbica e preconceituosa de natureza étnica. O tema não se restringe, ainda, a um simples rechaço à entrada do imigrante que vem de fora. Ser supremacista consiste em nutrir uma onda de ódio – aberto, consciente e declarado – a todo e qualquer pensamento dissonante e alternativo; ou ainda, em manifestar forte rechaço às ideias e forças de esquerda, tidas genericamente como “ameaça comunista” ao *status quo*. Daí, seu teor reacionário e extremista.

O conceito de supremacismo combina tudo isso, mas vai muito além. Tem a ver com o sentimento da superioridade da raça branca frente a todas as demais raças que habitam a face da terra. Na Guerra da Secessão, Estados Unidos, encarnou-se nas falanges e no fogo da Ku Klux Klan, para o combate aos negros africanos e descendentes. No decorrer da 2ª Guerra Mundial, encarnou-se no movimento nazifascista, para o combate aos judeus, comunistas, eslavos, “inválidos” etc., através das câmaras de gás. Na Noruega e Nova Zelândia, como vimos acima, encarnou-se em dois franco-

atiradores, supremacistas convictos que, através de massacres em massa e de forma espetacular, procuravam combater todo tipo de estrangeiro que tivesse a ousadia de miscigenar-se com o povo autóctone. Tentavam proteger-se contra a degradação, rebaixamento ou degeneração da raça superior.

Em todos os casos citados, trata-se, pura e simplesmente, de suprimir, eliminar, liquidar, aniquilar o outro. Uma limpeza generalizada, ao mesmo tempo racial, étnica, social, política, ideológica, cultural, religiosa... enfim, regenerativa. As raças inferiores, quem quer que sejam e venham de onde vierem, devem ter seus direitos anulados diante da necessidade do *Lebensraum* ou *Wohnraum* (“espaço vital”, em alemão) para a sobrevivência da raça superior. A raça branca, pura, ariana, tem a supremacia sobre as raças não brancas, de outras origens. Disso resulta a ideologia de que ela, e somente ela, tem a capacidade natural de dominar os demais povos, tanto do ponto de vista social e econômico quanto do ponto de vista político-cultural. No fundo, deparamo-nos aqui com a noção darwiniana da seleção natural, em sua teoria sobre a *origem das espécies*, segundo a qual o “espaço vital” deve ser subtraído às espécies inferiores para garantir o futuro da raça pura.

Não estamos longe das ideias retrógradas do “ideólogo sem ideologia”, Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, representante do conservadorismo brasileiro e mundial. Vem sendo chamado, por distintos órgãos da mídia, de “O Mago da Virgínia”, Estados Unidos, onde vive e leciona pelas redes sociais da Internet. Seu nome emergiu juntamente com a campanha eleitoral e a vitória de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República. Com efeito, bom número dos que compõem o atual governo se diz aluno e/ou seguidor de Olavo de Carvalho. Além do clã Bolsonaro, destacam-se entre eles a Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Regina Alves, e o ex-Ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez. Semelhantes ligações explicam a obsessão do atual governo no sentido de “limpar” a administração, e particularmente alguns ministérios, de uma suposta cultura de esquerda, marcadamente comunista. Aqui, como

disse alguém, “não só o futuro é incerto, mas também o passado”. Basta conferir a tentativa de reescrever a história, convertendo o golpe de 1964 e a ditadura militar em “ação necessária para impedir o comunismo”; ou, o horror do Holocausto como tendo sido perpetrado pelo movimento de esquerda.

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2019

Dinastia do dinheiro

As democracias ocidentais, no fundo, nada mais fazem do que dissimular a ditadura do dinheiro.

O poder do dinheiro pavimenta o caminho para os degraus da administração pública em suas variadas instâncias.

O poder de decisão, por sua vez, abre portas e janelas para novas oportunidades de investimentos, tanto do ponto de vista privado quanto público.

Tais lucros garantem a permanência na órbita dos altos escalões do governo em seus três poderes.

O círculo se fecha: a dinastia do dinheiro e da riqueza substitui as antigas dinastias de sangue, berço ou linhagem.

A propriedade privada, os meios de produção (e de comunicação) e a especulação financeira continuam intocavelmente “sagrados”.

A herança econômica, igualmente “sagrada” e intocável, resgata a dinastia do poder político.

Roma, Itália, 11 de junho de 2014

Itália: novo governo endurece política migratória

No dia 18 de julho de 2018, a Itália anunciou que não pretende mais ser o único país da Europa onde devem atracar as naves com os imigrantes. Por isso, o Ministro das Relações Exteriores, Luca Frascchetti Pardo, recebeu o encargo de informar os demais parceiros da União Europeia (UE) que se faz necessário mudar as regras das operações de *search and rescue* (busca e socorro) que ocorrem no Mediterrâneo meridional. Ou seja, Roma não divide mais os procedimentos estabelecidos, primeiro pela “Missione Triton”, gestida pela Frontex, depois seguidos pela “Operazione Sophia”, para o salvamento dos migrantes que tentam a travessia entre África e Europa. As autoridades da Península não concordam com o “desembarque exclusivo nos portos italianos”. Segundo o Primeiro Ministro Giuseppe Conte, “o momento de mudar é agora”. O governo Conte, portanto, “começa a colocar, preto no branco, a mudança de política levada adiante com os fatos pelo Ministro do Interior, Matteo Salvini (Cfr. Jornal *Corriere della sera*, 18/julho/2018).

O novo governo italiano, de fato, assumiu a decisão de deixar as naves à deriva com os migrantes resgatados, enquanto negocia com as outras nações do Velho Continente a divisão de quotas, coisa que fazia parte dos acordos estabelecidos na UE. Entretanto, sobram dúvidas e faltam respostas. Em primeiro lugar, se é verdade que, no último caso de 450 estrangeiros, entre 13 e 15 de julho/2018, seis países dispuseram-se a acolher 50 migrantes cada um, também é certo que os “amigos de Salvini” (mais à extrema direita, como Áustria, Hungria, Holanda, República Checa, etc.) negaram-se categoricamente a abrir as portas a um só migrante que fosse. Outros países sequer ousaram manifestar-se. De resto, até mesmo entre a população, o silêncio e a indiferença caminham lado a lado com uma intolerância progressiva.

Além disso, análises recentes revelam duas constatações preocupantes: em relação ao ano anterior, vem diminuindo o

número de migrantes que tentam cruzar o Mediterrâneo; ao mesmo tempo, porém, vem crescendo o número de naufrágios e de mortes por afogamento. De janeiro/2018 até agora, foi cerca de 1.500 vítimas. Disso se conclui que a travessia se tornou mais perigosa e letal. Resulta que, de um lado, essa tentativa de envolver todos os países da UE no socorro, resgate e acolhida dos migrantes, tem seu lado positivo; de outro lado, a política adotada de modo particular por Matteo Salvini expõe os requerentes de asilo a uma maior vulnerabilidade. A espera em alto mar pode ser fatal para os mais debilitados.

Outro alerta vem do tratamento dado pelo governo às organizações não governamentais (ONGs) que, nos últimos anos, salvaram milhares de vidas. Prevalece o discurso ambíguo, esquivo e cínico, da desconfiança e do descrédito. O tema já se converteu em um refrão na boca de Salvini: “Que fazem no Mediterrâneo e em nossos portos essas ONGs com embarcações estrangeiras, bandeira estrangeira e dinheiro estrangeiro? Quem lhes paga para executar esse serviço?”. Daí à demonização e à criminalização pura e simples de tais organizações, a distância não é longa. Tanto que o Primeiro Ministro da Hungria, Viktor Orbán, chegou a ameaçar de perseguição as pessoas e entidades que acolhem e protegem os migrantes. As coisas não estão tão diferentes com o Primeiro Ministro da Áustria, o jovem Sebastian Kurz.

Por fim, mas não menos relevante, é deveras clamorosa a situação nos campos de migrantes, refugiados e prófugos na Líbia. Precários em todos os sentidos: saúde, alimentação, identificação, higiene, perspectivas de futuro... O acordo entre este país e a UE prevê que os migrantes sejam bloqueados no norte da África, em troca de investimentos europeus regulares, acordo feito anteriormente com a Turquia. Isso significa, em última instância, que aqueles que chegam até a Líbia fugindo da violência, da guerra ou da pobreza, em lugar de caírem nas mãos dos traficantes, acabam encontrando um regime de repressão por parte das autoridades líbias. Ali, quem controla o fluxo de migrantes é a Guarda Costeira. Os integrantes desta, em 17

de julho de 2018, numa operação de salvamento, deixaram à deriva nas ondas duas mulheres e uma criança. Mais tarde, a nave *Open Arms*, de uma ONG espanhola, encontrou no local uma das mulheres ainda viva, junto com os cadáveres da outra e do filho. Numa palavra, devido a esses famigerados acordos, a migração converte-se em caso de polícia. Resta a pergunta que não quer calar: onde atracarão as próximas naves?

Roma, Itália, 25 de julho de 2018

Democracia e eleições

O processo eleitoral, nas democracias ocidentais, desde o início da campanha até a urna, torna-se cada vez mais um verniz de fachada que vela e desvela uma inegável farsa:

muda o palco,
muda o cenário,
muda a iluminação,
mudam os atores,
mudam as máscaras,
mudam os personagens,
mudam as palavras,
muda, em parte, a platéia,
mas a trama é sempre a mesma:
a administração pública é serva, refém e cúmplice,
das leis férreas e brutais da economia globalizada.

O poder surfa sobre as ondas visíveis da política,
deixando intactas as torrentes invisíveis,
ocultas e subterrâneas, da economia;
navega, deslizando na superfície dos mares,
mas teme mergulhar nas profundezas dos oceanos;
arranha de leve a casca do côco,
sem saber como abrir-lhe a crosta
e saborear sua água sadia e saudável.

Roma, Itália, 10 de setembro de 2018

Migrantes no mundo - 250 milhões de errantes

Os números retratados pelos mais recentes relatórios da ONU confirmam o crescimento significativo dos deslocamentos humanos de massa. Os migrantes internacionais alcançam a marca de 244 milhões em 2015, um aumento de 41% em relação a 2000. Os dados foram publicados na terça-feira, dia 12 de junho de 2018, pelo relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA). Desnecessário acrescentar que dezenas de milhões são refugiados e que, entre estes últimos, a grande maioria reside nos países limítrofes dos quais se viram obrigados a escapar, como é o caso da etnia Rohingya, em fuga de Myanmar para o vizinho Bangladesh (Cfr. site da www.uol.com.br, 12/06/2018).

De outro lado, “uma pessoa em cada três segundos vira um refugiado, tempo menor que o necessário para ler esta frase”. A afirmação é da Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que alerta para o crescimento dos casos de conflitos, violência e perseguição. De acordo com a ONU, o número de refugiados, incluindo os *desplazados* pela violência interna, atinge o recorde de 65,6 milhões em 2016, segundo relatório *Tendências Globais*, divulgado na segunda-feira, dia 19 de junho de 2018. A crise humanitária é a mais grave desde a fundação da ONU, em 1945. (Cfr. *Jornal Correio Braziliense*, 19/06/2018).

Resulta que o fenômeno migratório, em todos os seus aspectos, tornou-se, em todo o mundo, tema relevante da pauta de qualquer campanha eleitoral. Não raro o ponto número um, não só dos debates, mas também dos resultados finais das eleições. Às vezes, assunto indigesto no cenário da geopolítica nacional e internacional. Bastaria rememorar os casos dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Áustria, da Itália, da Espanha, da República Checa, da Eslováquia, da Holanda – sem falar dos vizinhos Venezuela e Colômbia. A razão é dupla: por um lado, a violência e a pobreza fazem aumentar sempre mais o número de migrantes, prófugos

e refugiados; por outro, o endurecimento da legislação por parte dos governos, numa grande guinada à direita, torna mais visível o fenômeno devido à pressão sobre as fronteiras. Esses complexos fronteiros, verdadeiras painéis de pressão, como que entram em ebulição, prestes a explodir!

Duas observações merecem destaque. A primeira refere-se ao duro golpe da separação dos menores em relação a seus pais e familiares, no processo de triagem/expatriação da política de tolerância zero do governo Donald Trump, nos Estados Unidos. Ficamos sem palavras diante de semelhante violação dos direitos humanos, bem como de violência física, emocional e psíquica para com as crianças. Como fica a convivência no interior da família, *conditio sine qua non* para uma autêntica saúde mental? As imagens de meninos e meninas “enjaulados” na fronteira mais parecem cenas sepultadas e esquecidas das grandes guerras mundiais e que, por uma crueldade do destino, se levantam para acusar a indiferença mundial.

A segunda observação tem a ver com a saga do navio *Aquarius*, da organização não governamental *SOS Mediterranée*. Por mais de uma semana, a embarcação errou pelas águas do Mediterrâneo entre Malta, Itália e Espanha, à espera de um porto onde desembarcar os 629 imigrantes resgatados nas costas da Líbia. O caso do “navio à deriva” vem mexendo com a política migratória de toda a União Europeia (UE). Neste momento, é a vez da nave *Lifeline*, com 240 pessoas a bordo, também com destino incerto. Com o endurecimento do novo governo italiano, por parte de seu Ministro do Interior, Matteo Salvini (Lega, partido de direita), o número de imigrantes que desembarcaram na Itália caiu em 82% desde janeiro de 2018. Em contrapartida, no mesmo período, o desembarque de imigrantes na Espanha mais que dobrou, e subiu 40% na Grécia.

Enquanto isso, uma vez mais, os líderes da União Europeia (UE), neste 24/06/2018, tentaram, sem muito resultado, um acordo para resolver o que chamam de “crise migratória”. Como distribuir os imigrantes de acordo com a população de cada membro da UE? Como afirma um

alto dirigente de Bruxelas, qual o país que aceitará hospedar centros de identificação, triagem e distribuição dos recém-chegados? Tudo indica que a discussão haverá de prolongar-se tanto quanto o êxodo de imigrantes que, a partir do Médio Oriente e da África, tentam um futuro mais promissor na Europa.

Roma, Itália, 25 de junho de 2018

Três irmãs gêmeas

A dor, a fome e a solidão constituem três irmãs gêmeas:
as três não podem esperar, as três exigem providências imediatas;
nos redemoinhos, turbulências e labirintos da vida urbana,
elas adquirem um rosto inda mais dramático:
a dor costuma levar a uma espera de horas nos hospitais,
a fome obriga a uma abjeta mendicância,
a solidão desfaz-se em lágrimas e cachaça
nos becos e botecos mais sórdidos da cidade.

O remédio contra a dor alivia a febre e seus efeitos,
mas pode perpetuar a doença oculta e desconhecida;
o remédio contra a fome tem prazo de validade de algumas horas,
reforçando, não raro, suas raízes econômicas, políticas e sociais;
o remédio contra a solidão pode estar num encontro ou numa
palavra,
a multidão volta a submergir no oceano urbano
cada gota de água que ouse ganhar certa individualidade;
os remédios removem os sintomas aparentes,
mas tendem a eternizar as causas históricas e estruturais.

Dor, fome e solidão são coisas cotidianas entre nós,
basta sair à rua ou abrir a janela para deparar-se com elas;
são como presenças vivas, feridas abertas que nos interpelam,
numa metrópole que não pode perder um minuto,
e, por, isso as atropela no arrastão sem trégua de pés, gritos,
mãos ocupadas, palavrões, buzinaços, rostos de pedra, corpos em
disputa.
Espaço e tempo se medem aos centavos e cifrões (*time is money*),
a sociedade descarta sem piedade os improdutivos.

Mas, chega o dia em que dor, fome e solidão,
se abatem inesperadas sobre cada indivíduo ou família,
rugindo como um vento forte pelas janelas da casa.
E, então, bastarão um gesto, um toque, um olhar, um sorriso...

para a abertura de novas portas e novos caminhos;
mas, a multidão seguirá a correnteza de seu rio tumultuoso,
indiferente a quem não acompanha seu ritmo desvairado.

As três irmãs gêmeas, órfãs e abandonadas,
permanecerão à margem da vida e da história,
sobrevivendo precariamente, e com minguada esperança,
das migalhas de afeto e comida que lhes atiram
os cidadãos de bem (ou cidadãos de bens?).

São Paulo, 13 de março de 1996

Pós-modernidade

Que é a pós-modernidade,
senão o ruído de estátuas e monumentos,
que se estilhaçam no chão em ruínas,
de heróis que se transformam em tiranos,
de palavras que nada mais significam,
de vozes que se debatem no vazio,
de esqueletos em decomposição,
de cinzas varridas pelo vento?

Que é a pós-modernidade,
senão a angústia de laços que se rompem,
de naufragos que se debatem em meio à tempestade,
de caminheiros sem chão sob os pés,
de verdades que se “desmancham no ar”?

Que é a pós-modernidade,
senão a vertigem de uma crise de sentido,
de medos e fantasmas desconhecidos,
de perguntas novas e sem resposta,
de certezas que se convertem em dúvidas?

Que é a pós-modernidade,
senão a demonização do “outro”,
enquanto estranho, diferente e inimigo,
nova cultura, novo sujeito e novo desafio,
que instalam a necessidade de mudança?

Que é a pós-modernidade,
senão um enorme ponto de interrogação
sobre nossas cabeças e nossos sonhos,
sobre passado e futuro, memória e utopia,
deixando um presente órfão, nu e só?

Que é a pós-modernidade,
senão o ressurgimento de estranhos deuses,
ídolos do mercado, do consumo e do prazer,
seres alados que voam pelos céus e povoam os templos,
mas ignoram o que se passa nos porões da sociedade,
surdos ao clamor dos “infernos do sofrimento humano”?

Pós-modernidade...
Um grande sulco aberto no tempo,
onde novas sementes podem ser lançadas:
sobre os escombros de uma civilização agonizante,
erguem-se os fundamentos de uma nova história!

Santo André-SP, 23 de fevereiro de 2004

Seção VI

Outras metrópoles

Vermes e borboletas

Nascidos para serem borboletas,
os seres humanos insistem em rastejar
pelo solo, úmido e escuro, como os vermes.

Aferram-se com unhas e dentes ao que herdaram,
ao que ganharam, ao que conquistaram
e ao que acumulam dia a dia.

Erguem muros e cercas, usam grades e cães,
apelam aos mais sofisticados sistemas de segurança
para defender sua propriedade, sagrada e intocável.

Possuem as mãos e a alma prisioneiras dos bens materiais,
esquecendo os “bens do alto”, nos termos de São Paulo.
Bem dizia o Mestre: “onde está teu tesouro, aí estará teu coração”.

O problema é que a evolução de verme a borboleta
exige que, além de pés, os seres humanos ganhem asas;
essa evolução passa pelo caminho da cruz.

Plantada no chão bruto do cotidiano,
a cruz se levanta em direção ao ar livre e ao céu,
atraindo a si todos os homens e todas as coisas,
antecipando o momento sublime da ressurreição.

Roma, Itália, 15 de setembro de 2017

A gentileza

Demasiada gentileza sobre a mesa: para esconder, de si mesmo e dos demais, o desprezo visceral que, sob a mesa, remordia-lhe as entranhas. Não estará aí o segredo do cavalheirismo masculino, especialmente na “alta sociedade”?

Em público, submissão aparente aos mínimos desejos femininos: para esconder o domínio machista que, dentro de casa, intramuros, segue prevalecendo secretamente.

Máxima atenção, respeito e boas maneiras nas relações sociais: para dissimular a dependência e dominação que vigoram no interior da própria família.

A gentileza pode ser um disfarce para camuflar sentimentos nada gentis, opostos e contraditórios – da mesma forma que o verniz disfarça o estado do móvel usado.

Roma, Itália, 4 de maio de 2015

Autoritarismo e servilismo

O autoritarismo e o servilismo são face e contraface da mesma moeda.

Ambos professam o mesmo credo: submissão incondicional diante do mais forte, domínio absoluto sobre o mais fraco.

Quem humilha o indefeso e o faz morder o pó da terra, não hesitará em lambar as botas do general que lhe é superior.

Quem baixa a cabeça e diz “sim, senhor” diante do chefe, não hesitará em ferir seu próprio súdito até sua anulação.

Submeter e submeter-se são palavras que fazem parte do vil vocabulário da opressão e da tirania. As duas, cada uma à sua maneira, negam a dignidade da pessoa humana.

Muitas vezes, o *senhor* e o *escravo* são em termos recíprocos de autodefinição; um cria e, simultaneamente, depende do outro.

Roma, Itália, 21 de abril de 2014

Sede perfeitos como o Vosso Pai é perfeito

O pretexto de cultivar a “perfeição” na Vida Religiosa costuma levar não poucos consagrados/as a uma enferma e mórbida paralisia. Como tudo “neste mundo material” é fascínio e sedução, perigo e ameaça, o melhor é não arriscar.

Para fugir aos riscos que estão por todos os lados, isolam-se na redoma de vidro do “mundo espiritual”, como numa ilha acima e além da tentação, da lama e do pecado.

E aí, de tanto alimentar o sonho da perfeição, distorcem o seu sentido real e se tornam monstros em miniatura da mais obtusa imperfeição humana: azedos, amargos, ranzinzas, intratáveis, intolerantes e intoleráveis.

Pior ainda, o medo de contaminar-se com as “coisas do mundo” os impede dos contatos mais simples e naturais. Daí o resultado: nenhum olhar, nenhum sorriso, nenhuma palavra, nenhuma visita, nenhum toque, nenhum gesto de solidariedade – que não sejam milimetricamente medidos em seus prós e contras.

Verdadeiros escravos de um conceito equivocado de “perfeição evangélica”!

Roma, Itália, 21 de abril de 2014

O amor

O amor, enquanto dura...
é, ao mesmo tempo, ilusão e desilusão,
embriaguez e ressaca,
coração que vive e respira, pulsa e palpita,
trazendo, a um só tempo, euforia e sofrimento,
transporta ao céu azul e ao ar livre,
depois, se precipita no fundo do inferno...
Mistério dos mistérios,
loucura das loucuras,
faz vibrar as cordas adormecidas
dos sentimentos mais secretos e sublimes!
Mas, penetrando no íntimo das entranhas,
desvenda as zonas mais obscuras e selvagens,
o lado desconhecido da alma...

Depois... o tempo passa e tudo tende a cicatrizar!
Já sem os extremos do ardor e da dor,
o amor se torna, então, tesouro guardado,
do qual se extraem pérolas preciosas,
que brilham e reluzem sem queimar.

Los Angeles, EUA, 1º de agosto de 2014

Trabalho

O camponês que trabalha a terra,
que nela rasga o sulco e põe a semente,
que planta e rega, cultiva e colhe,
que a fecunda e dela extrai o alimento...

torna-se, ele mesmo, uma planta,
diz, com razão, Oswald Spengler,
capaz de mergulhar as raízes no chão úmido
e de levantar-se ao ar livre, ao céu azul e à luz do sol;
capaz de produzir folhas, flores e frutos!

Arar o solo é uma forma de arar a própria vida,
parafrazeando a metáfora do teólogo Klaus Perger,
protagonizar uma verdadeira metamorfose,
velar e desvelar segredos ocultos pela cinza do tempo,
descobrir pérolas e tesouros ignotos, raros e inéditos.
O homem que trabalha o barro e a pedra,
a água e o fogo, a madeira e o metal;
tanto aquele que fabrica utensílios de uso
quanto aquele que cria obras de arte,

ao manipular e transformar coisas e objetos,
manipula e transforma também a si mesmo;
as mãos, que transfiguram a matéria,
são igualmente capazes de transfigurar o espírito.

Roma, Itália, 8 de março de 2015

Fazer a vontade de Deus

Desastroso casamento entre a falsa humildade, a ignorância e o fanatismo cego e irresponsável.

Caminho aberto para o mais nefasto e devastador fundamentalismo de que se tem notícia na história.

Todo fundamentalismo – político, ideológico e religioso – deixa um rasto macabro de perseguição, *pogroms*, tortura, prisões, exílio, inquisição, fogueiras, guilhotina, paredão de fuzilamento, câmara de gás... e cadáveres insepultos.

O fundamentalismo religioso, porém, porque em nome do Absoluto, reúne numa só, as três formas. Se “faço a vontade de Deus” e encontro oposição, entra em cena uma lógica política simplista e ideologicamente perigosa: enquanto eu tenho lugar garantido no céu, de antemão os opositores estão no pecado e condenados ao inferno. Em plena era da pós-modernidade, o retorno dos deuses (no plural) ameaça trazer consigo as guerras de religião.

Roma, Itália, 22 de abril de 2014

O grito

O grito é a arma de quem não tem argumento, filho direto do autoritarismo.

Não podemos esquecer que há gritos silenciosos e que silenciam: posturas, carrancas, olhares e gestos ameaçadores, palavras envenenadas...

O autoritarismo é a negação da autoridade, pois esta última se evidencia por si mesma, sem necessidade de qualquer violência.

Nos relatos evangélicos, enquanto os escribas, fariseus e saduceus detinham o poder pelo autoritarismo, Jesus “falava como quem tem autoridade”.

Autoridade que lhe vinha da sintonia com a alma do povo e da intimidade com a vontade do Pai.

Roma, Itália, 20 de maio de 2014

Líder e povo

Ao contrário do que muitas vezes se pensa, o povo busca seus líderes (políticos, advogados, doutores, padres, pastores...) não tanto para encontrar soluções a seus problemas, e, sim, na busca desesperada de um ouvido respeitoso e atento.

O povo é suficientemente criativo e perspicaz, a ponto de desvencilhar-se de seus impasses cotidianos sem a necessidade de seus líderes.

Ser escutado é do que ele necessita, pois bate-se dia a dia com uma sociedade rumorosa, cheia de ruídos e palavras, mas, sem ouvidos. Como no Congresso Nacional, vivemos em um meio onde todos querem falar, mas ninguém se dispõe a ouvir.

Por isso é que, para o verdadeiro líder, é com os ouvidos e o silêncio atencioso que pode prestar seu maior serviço, não com a boca e seus discursos ou promessas.

No trabalho do líder, o instrumento mais eficaz não é a boca, e, sim, os ouvidos. Talvez por isso a natureza nos concedeu dois ouvidos e uma só boca, e esta última, com mais de uma função.

Roma, Itália, 19 de maio de 2014

Palavras e gestos

Por que, hoje em dia, as palavras dos cristãos, especialmente de seus líderes, têm tão pouca repercussão e incidência? Por que são ignoradas e caem facilmente na indiferença, quando não no riso, no escárnio e no deboche?

No confronto com os fariseus, escribas e saduceus, “Jesus falava como quem tem autoridade”, dizem os relatos evangélicos.

Talvez esteja aí o nó da questão!

Uma coisa é falar a partir do caminho, do deserto, dos montes, do ar livre... falar a partir dos porões e das periferias mais sórdidas da sociedade... falar a partir da sintonia com os que sofrem e se encontram à margem da vida e da história... como fazia o Mestre ou o pobre de Assis...

Outra coisa bem diferente, é falar a partir dos “púlpitos” de quem pretende possuir a “verdade”, das janelas dos palácios, dos tronos e salas atapetadas... falar ao lado dos que detêm o poder e a riqueza, com vestes e solenidade principescas... falar do alto das cátedras, através de documentos e em linguagem rebuscada...

Mais do que nunca, as palavras, sem os gestos e o testemunho, representam uma retórica oca e vazia...

Roma, Itália, 14 de junho de 2014

Palavras e punhos

As palavras costumam ferir mais do que os punhos: enquanto estes deformam a superfície do corpo, aquelas abrem chagas vivas no coração e na alma, expondo a nudez das entranhas mais íntimas.

Os punhos deixam marcas visíveis e superficiais, facilmente controláveis ao tato e ao tratamento; nas palavras, as marcas, profundas e invisíveis, são difíceis de identificar e de buscar o remédio.

As feridas provocadas pelos punhos curam-se e cicatrizam com relativa rapidez; diferentes das feridas provocadas pelas palavras - oblíquas, cortantes, ríspidas, envenenadas - que causam mais dano que facas afiadas.

Os punhos refletem uma raiva vulcânica, o que pode tornar a reconciliação mais rápida; não assim com as palavras: maturadas no fogo lento do ódio silencioso, destilam por mais tempo seu veneno.

Roma, Itália, 18 de fevereiro de 2017

Palavras e janelas

Palavras são janelas: descortinam horizontes já conhecidos, uns; novos e inéditos, outros.

Quanto mais aproximamos o nariz da janela, tanto mais se abre a perspectiva do panorama que ela descortina.

O mesmo ocorre com as palavras: quanto mais lhes conhecemos a raiz etimológica e os diversos significados culturais, mais se amplia o mundo por elas revelado.

As janelas são olhos da casa, abertos ou fechados para a paisagem que as cerca; as palavras são olhos da linguagem, fechadas ou abertas para o conhecimento.

As janelas não podem criar uma imagem, mas apenas abrir-se a ela; diferentemente delas, porém, as palavras criam, sim, poemas, epopéias, dramas, narrativas...

Roma, Itália, 17 de abril de 2014

Que são palavras?

Palavras são janelas
que se abrem e fecham.
Renovam o ar e a luz
ou rompem qualquer comunicação;
conduzem a um novo universo
ou encerram na solidão.

Palavras são caminhos
que se estendem, tortuosos e turbulentos,
por cidades, desertos e campinas.
Podem trazer mensageiros e novidades
ou carregar dores, sonhos e esperanças;
descortinam universos desconhecidos
ou se perdem em becos sem saída.

Palavras são pontes
que ajudam a cruzar águas bravias.
Estabelecem comunicação entre lados opostos,
facilitam intercâmbio entre mundos estranhos,
tecem e estreitam redes de novas relações,
entrelaçam vidas e estradas dispersas.
Mas podem desencadear tempestades:
raios e trovões em lugar de bonomia,
ruído em vez de música e melodia,
levando a um mergulho sem volta no abismo.

Palavras são beijos à distância:
espelho de carinho e amor
ou signo de ódio e traição,
símbolo de aliança e compromisso
ou disfarce de mordida letal;
remédio para feridas do coração
ou veneno que asfixia a alma.

Palavras são filhas do silêncio:
em seu ventre são fecundadas,
gestam-se, quando em volta tudo emudece;
aquele que é incapaz de silenciar
será incapaz de gerar palavras novas,
condenado a repetir frases feitas,
como papagaio falaz mas vazio.

Asunción, Paraguay, 21 de dezembro de 2002

Labirinto

Que coisa é a vida senão um inextrincável labirinto? Um suceder-se de perguntas sem resposta?

Entra-se sem o saber, mas não é fácil encontrar saídas em meio a tantas caras, corações e portas fechadas.

Um Grande Sertão, diria Guimarães Rosa, mas onde cada um deve abrir as próprias veredas.

As águas do mar ou o vento das tempestades apagam as pegadas dos que já percorreram o caminho, da mesma forma que apagarão as nossas apenas viramos a esquina.

Roma, Itália, 11 de maio de 2014

Olhar eterno

Era apenas um olhar,
mas em Seus olhos e face radiantes,
havia mais que um olhar,
mais que um simples modo de ver:
intenso e curioso,
surpreso e perplexo,
acusador ou interrogativo.
Havia mais, muito mais!

Havia o brilho de uma luz sem ocaso
e havia a paz e o orvalho da manhã,
leveza e quietude, repouso, serenidade, harmonia.
O segredo de um mistério infinito, oculto e ignoto!

Olhar puro, momentâneo, indecifrável:
raio de eternidade em um só segundo,
o todo contido em um único átomo;
relâmpago luminoso em meio à tormenta,
que rasga, fende e irrompe na noite escura,
suspenso entre o céu e a terra.

Vital e veraz, penetrante e fugaz,
e, ao mesmo tempo, livre e capaz
de recolher, de revestir, de dar sentido
aos pedaços dispersos pelo vento,
aos cacos do vaso quebrado,
aos fragmentos soltos da existência.

E pronto a indicar
o signo e o foco,
o farol e o porto,
o horizonte e o Reino.

Caminho, verdade e vida!

Roma, Itália, 04 de maio de 2015

Êxtase

Êxtase carnal e êxtase espiritual,
por que tão perto, bem e mal,
habitais?

Eros e ágape, em agônico abraço,
gêmeos unidos em idêntico laço,
imortais!

Cama e altar, do amor teatro e praça.
Podem separar-se pecado e graça?
Jamais!

Corpo e alma, abolida a dicotomia,
o prazer aos dois suspira e extasia,
sem paz!

Roma, Itália, 18 de abril de 2014

Religião e hipocrisia

Religião e hipocrisia são irmãs siamesas. A segunda se encarrega de aparentar as virtudes que a primeira é incapaz de manter. Uma cobre e legitima a outra.

Se isso vale para a religião em geral, com maior razão para a Vida Religiosa Consagrada. A hipocrisia reveste, de roupagens envernizadas, a “perfeição” que os votos de pobreza, castidade e obediência não conseguem garantir.

Roma, Itália, 27 de abril de 2014

Religiosos 5 estrelas

Não são poucos os religiosos 5 estrelas. Existem tanto no interior das congregações e institutos masculinos quanto femininos. Todos os pretextos e desculpas são válidos para fugir ao voto de pobreza (quando não, ao de castidade): “devemos ser pobres, mas não miseráveis”, “na sociedade de hoje, é preciso apresentar-se bem”, “é necessário dar-se ao respeito”, “meu trabalho exige um carro apresentável”...

Argumentos desse tipo justificam as roupas de grife, as viagens em primeira classe, as frequentes refeições em restaurantes de elite, as reclamações sobre a comida diária, os aparelhos eletrônicos mais sofisticados, as férias “com tudo a que tenho direito”, a troca anual do carro, a coleção de calçados... e assim por diante.

Facilmente, as prioridades da Vida Religiosa Consagrada se invertem: o luxo, o bem-estar e a ostentação tornam-se regra; as exigências da pobreza evangélica, exceção.

Cumpra-se notar que boa parte dos religiosos 5 estrelas provêm de ambientes de carência e penúria, por vezes extremas, tentando, não raro, desvincular-se de suas raízes.

Roma, Itália, 26 de maio de 2014

Silêncio

O silêncio é terreno fértil e fecundo onde nasce e cresce a Palavra. Não o rumor incessante das palavras vazias e fátuas que, na vã pretensão de tudo definirem, nada dizem e nada significam. Mas, a Palavra viva, rica e livre; ativa, criativa e libertadora; música que, sendo sinônimo de paz, conforta e alimenta. Só o silêncio, respeitoso e reverente, é capaz de engendrar a Palavra: fazendo silenciar o ruído das palavras, põe-se à escuta da Sabedoria que, antes de chegar à boca, ilumina a alma, irriga o coração e fere o ouvido. Nada de novo terá a dizer aquele que é incapaz de calar. Como uma lata que rola pelo asfalto, fará tanto mais barulho quanto mais oca e vazia. Não raro as palavras, à força de repetidas e pronunciadas em alta voz, ocultam a Palavra.

Roma, Itália, 10 de maio de 2014

Perguntas sem resposta I

Na trilha do ser humano pela face da terra, os caminhos são pavimentados não somente de pedras e espinhos. A todo tempo, o pobre “animal racional” tropeça também (e sobretudo) em perguntas. Ele mesmo, na infinitude do universo, não passa de um minúsculo e insignificante ponto de interrogação. O pior de tudo (ou não será a salvação?) é que noventa e nove vírgula nove por cento das perguntas não têm resposta. Entramos no cenário iluminado da existência, desempenhamos nosso papel no teatro da vida, saímos do palco – e as perguntas permanecem indecifráveis, enigmas ou espectros sem rosto e sem nome. Ou, quem sabe, o próprio fato de fazer a pergunta já contenha um substrato inconsciente de resposta, pois ninguém suportaria uma interrogação suspensa no meio de um abismo sem fundo! Em tal perspectiva, talvez a resposta, procurada com tanta fadiga e ansiedade, preceda misteriosamente a própria pergunta.

Roma, Itália, 19 de maio de 2014

Perguntas sem resposta II

Caro Bio,
não existem respostas, só perguntas;
e, se encontrares uma resposta,
logo se converterá em nova pergunta.

Porque esta última, ansiosa e irrequieta,
por mais que se levante no espaço infindo,
por mais que escave no fundo das coisas,
por mais que gire e regire ao redor de si mesma,
por mais que estenda as mãos ávidas e sedentas...

nada encontrará,
a não ser, talvez, outras perguntas sem resposta,
outras dúvidas e medos, angústias e contradições
que inquietam, interpelam e paralisam;
outras noites revestidas de luzes e sombras,
outros dias que, ao revelar, mais escondem,
outras pontos de interrogação em meio do caminho...
Todos sem nome, sem remédio, sem direção!

Perguntas não passam disso:
pássaros errantes pelos céus vazios e inóspitos,
condenados a um voo sem rota nem destino:
jamais encontrarão um galho firme,
onde construir um ninho sólido e definitivo,
onde pousar e repousar suas asas alquebradas.

Pois toda pergunta contém já um germe de resposta,
caso contrário não se sustenta no vácuo, no caos informe;
todo problema nasce da intuição, profunda e incôscia,
de que possui os elementos da própria solução.

Roma, Itália, 05 de maio de 2015

A reconciliação não é vacina

A reconciliação está para uma relação interpessoal, para a família, para a comunidade ou para uma sociedade, como os primeiros raios da aurora para um novo dia; reconciliação representa oportunidade de vida nova, porta aberta para um recomeço...

Mas, reconciliação não é vacina: não imuniza o terreno das relações humanas contra as ervas daninhas que se ocultam sob o solo; novas tensões, novos conflitos e novas rupturas permanecem sempre à espreita, atrás da esquina...

Nos céus, nuvens sombrias se acumulam e se adensam, ventos em fúria varrem o ar carregado de energia negativa, a qualquer momento pode irromper, uma vez mais, uma tempestade lentamente forjada...

E a reconciliação se fará, outra vez, necessária!

Roma, Itália, 16 de setembro de 2018

Deuses e demônios

Algumas pessoas parecem especialmente dispostas a ver, ou imaginar, anjos e espíritos bons por onde caminham.

Outras, ao contrário, parecem especializar-se em descobrir demônios e espíritos maus por toda parte.

De fato, toda pessoa e toda cultura carregam consigo uma zona obscura, desconhecida e não raro selvagem, de onde podem emergir, de maneira improvisa e simultânea, valores e antivalores, sentimentos divinos ou demoníacos.

No processo civilizatório de superar-se a si mesmo ou superar os limites da cultura (depurar, purificar), os demônios podem converter-se em anjos. Porém, não está descartada uma eventual regressão, em que os anjos ou espíritos bons se convertem em demônios ou espíritos maus. Regressão ou superação – que se caracterizam como dois processos inversos – conduzem, respectivamente, à formação de guetos fechados ou de comunidades abertas.

O gueto se reveste de medo e proteção (*ad intra*) e de tensão e hostilidade (*ad extra*). A comunidade abre portas e janelas à convivência plural e diversificada. Enquanto um se isola, buscando coesão e autoproteção, a segunda se caracteriza pelo confronto e diálogo de valores e contravalores.

New York, EUA, 23 de julho de 2015

O silêncio

pode ser um mutismo impregnado de veneno, que destila ódio e rancor; pode ser um momento de repouso interior, rico de recolhimento e serenidade;

e pode ser um terreno fecundo onde a palavra mergulha as raízes e cresce. No primeiro caso, é gueto, isolamento, recusa de qualquer comunicação - fere e mata;

no segundo, é um modo de estar em paz consigo mesmo – grande oportunidade de meditação;

no terceiro, é palavra que amadurece: viva e criativa, libertadora e cheia de novo sentido.

Que procuram?

Que procuram as pessoas na Igreja
(ou nos botecos, nos prostíbulos, nos encontros)?
Na grande maioria das vezes,
nem elas mesmas o saberiam dizer.

Sabem, entretanto, com vaga intuição,
que procuram alguma coisa que não possuem
e da qual têm absoluta necessidade...
Pobres corações secos e áridos,
pobres almas desertas e inférteis,
pobres espíritos ressequidos e sedentos...

Corações, almas e espíritos,
em busca ansiosa, frenética e desesperada,
de uma gota de água, por menor que seja;
de um olhar único, por mais apagado que seja;
de uma palavra sincera, por mais fria que seja;
de um silêncio partilhado, por mais incompreendido que seja;
de um ouvido atento, por menos acolhedor que seja;
de um minuto de calma, por mais momentâneo que seja;
de um abraço de alguém, por mais desconhecido que seja;
de um sorriso aberto, por menos luminoso que seja;
de um raio de luz, por menos caloroso que seja;
de um gesto gratuito, como pequeno fio de esperança!

Roma, Itália, 8 de março de 2015

Conhece-te a ti mesmo

“Conhece-te a ti mesmo” – dizia Sócrates, ou o seu personagem, na obra de Platão.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” – dizia Jesus, ou o seu personagem, no Quarto Evangelho.

Tenho a receita, embora, como todas, não seja infalível.

Se queres conhecer a ti mesmo, visita o “zoológico humano” de Shakespeare e, ali, com noventa e nove vírgula nove por cento de possibilidade, te reconhecerás em um de seus personagens.

Roma, Itália, 10 de abril de 2014

O medieval e o moderno

Na era medieval, a tradição constituía um tesouro. A ela se apelava como ponto de referência para a verdade e o comportamento. Rugas e cabelos brancos poderiam ser sinônimos de sabedoria.

Nos “tempos modernos” (Hegel), ocorre a grande reviravolta. O ponto de referência, para os valores primordiais da existência, passa a ser a novidade. Nada é mais velho e obsoleto que o noticiário de ontem.

Tanto que, enquanto lá atrás a ordem era manter e preservar o patrimônio herdado dos antepassados, hoje em dia a ordem é mudar. O conceito de *mudança* passou a figurar como “varinha mágica”, por exemplo, nos discursos de todos os candidatos aos cargos políticos. Chegamos, assim, ao império das novidades e à depreciação de tudo o que é tradicional, adjetivo que ganhou uma conotação assaz pejorativa.

O afã de fazer, produzir, aparentar, acumular é o grande frenesi da sociedade atual. O resultado se reflete em expressões como *estado de ansiedade, sensação de impotência e inutilidade, cultura do descartável, modernidade líquida* (Bauman).

Roma, Itália, 20 de maio de 2014

Entrai pela porta estreita...

“Entrai pela porta estreita!” – diz o Senhor (Mt 7, 13).

Os caminhos largos e espaçosos trazem, na aparência, benefícios imediatos; a longo prazo, porém, escondem uma armadilha; podem conduzir a becos sem saída: da mentira e do engano, das trevas e do pecado, da droga, do álcool e do sexo irresponsável, da corrupção e da exploração...

E, inversamente, os caminhos estreitos, à primeira vista, parecem uma perda, do ponto de vista de ganhos fáceis e prontos, ao alcance da mão; num olhar voltado para o futuro, contudo, podem levar a praças livres, abertas e iluminadas, bem como a horizontes de vida sem par.

Roma, Itália, 11 de junho de 2014

Desfile de fantasmas

Os fantasmas, ao contrário do que se pensa, não são invisíveis, aéreos, sem corpo nem matéria.

Tampouco aparecem no meio da noite, envoltos em vestes brancas, como sonâmbulos.

Em plena luz do dia, e livremente, eles desfilam pelas ruas e praças, pelos palácios e igrejas, pelos ministérios e repartições públicas.

Mais do que os presentes, são eles que tomam as decisões que determinam o destino dos povos e das pessoas.

A força e o poder de sua memória, mesmo não podendo manifestar-se, tiranizam e submetem as instâncias decisórias.

Carregam consigo o poder oculto do ter, saber, aparentar, dominar.

Roma, Itália, 15 de abril de 2014

Espiritualismo

Somente quem tem a vida material assegurada pode dar-se ao luxo de reduzir a Boa Nova do Evangelho a um simples espiritualismo desencarnado, etéreo e estéril – uma espécie de religião privada. Para os que lutam diariamente pela sobrevivência, religião e existência material se entrelaçam no cotidiano de forma inextricável. Reino de Deus, justiça e direito caminham na mesma direção, tendo os pobres como protagonistas privilegiados.

A dimensão sociopolítica do cristianismo está implícita no próprio mistério da encarnação, para não falar da tradição da experiência do êxodo e dos profetas do Antigo Testamento.

“O Verbo se fez carne e armou sua tenda entre nós” – esta expressão é sinônimo de atitude solidária para com os excluídos, especialmente aqueles que a sociedade deixa à margem da vida e da história, com destaque para a trilogia “órfão, viúva e estrangeiro” (AT) e doente-pobre-pecador (NT).

A palavra que se faz carne é a palavra que se converte em olhar que se compadece, sorriso que perdoa, toque que cura, gesto que liberta, presença que conforta, ilumina e salva.

Roma, Itália, 25 de abril de 2014

O que não é oração

A oração não modifica magicamente nossos problemas, nem traz remédio instantâneo às nossas dores; mas faz com que, confiantes e à luz da fé e da esperança, vejamos tudo de forma mais clara, serena e equilibrada.

A oração não é uma fonte automática de respostas às nossas dúvidas, inquietações e perguntas existenciais; os interrogativos permanecem vivos e desafiadores, mas seus contornos se iluminam em vista do discernimento.

A oração não acumula pontos ou valores, de forma matemática, não cria reservas defensivas contra provas e crises vindouras; a cada “noite ou túnel escuro”, voltam a fragilidade e a impotência, e é necessário contar, uma vez mais, com a misericórdia de Deus.

A oração não é mobilização imediata de um céu indiferente, tampouco consiste na manipulação de um poder que vem do alto; mas um salto de confiança n’Aquele que, no silêncio do mistério, nos socorre à Sua maneira, segundo o Seu tempo e a Sua vontade.

Roma, Itália, 11 de fevereiro de 2017

Mudanças

A exemplo das flores, das espigas e dos edifícios, as mudanças nascem, amadurecem e se levantam do chão.

Resultam, em grande parte, da pressão das bases, quando estas se mobilizam e põem em marcha suas necessidades, anseios e sonhos comuns.

Da mesma forma que os frutos, quando caem de cima, de instâncias superiores, através de leis, decretos ou bulas, as mudanças, em geral, encontram-se podres de maduras: não fazem mais do que tornar *de direito* aquilo que já é *de fato*.

Por isso é que, de Brasília, Washington ou Roma, em lugar de mudanças, costumam vir vetos, obstáculos e proibições.

Os brotos e flores das mudanças não se encontram no topo da árvore social, e, sim, em sua raiz mais profunda e oculta. De fato, é da umidade da terra, regada com lágrimas, suor e sangue, que se engendram os ingredientes essenciais para as mudanças.

Roma, Itália, 23 de abril de 2014

O Reino de Deus

Existe a esfera da ciência,
onde reinam, absolutas, a lógica e a razão.

Existe a esfera da economia,
onde reinam, absolutos, o dinheiro e o capital.

Existe a esfera da política,
onde reinam, absolutos, o poder e a influência.

Existe a esfera da cultura,
onde reinam, absolutas, as expressões artísticas.

Existe a esfera da sociedade,
onde reinam, absolutas, as relações humanas.

Mas, existe uma outra esfera,
imaterial, espiritual, transcendente,
tanto esquecida hoje como em Nazaré da Galileia.
Por isso, a insistência de Jesus Cristo
sobre a centralidade do Reino de Deus.

Roma, Itália, 22 de agosto de 2017

Tudo e nada

O que são as coisas – o dinheiro, a riqueza, os bens, os títulos, o honor, o poder, a glória e a fama?

Um “tudo” que se converte em NADA!

Na terra está a minha origem, à terra devo retornar; nu e solitário como o grão de pó e de areia.

Virtual e volátil porque demasiado material.

O que é Deus ou quem é Deus?

Aquele que não se vê, fala somente através do silêncio e jamais se deixa tocar ou definir pela razão humana.

Um “nada” que se converte em TUDO!

Eterno e sólido, porque imaterial e espiritual!

Roma, Itália, 11 de junho de 2014

Serviço e carreirismo

Sou eleito para um determinado cargo de importância (e de poder) no interior da estrutura organizativa da Congregação; imediatamente, surgem dúvidas, perguntas e escrúpulos: aceito ou recuso; o que é que está em jogo? Trata-se da vontade de Deus expressa no voto dos coirmãos? Ou, ao contrário, de um carreirismo pessoal que mistura autoestima, vaidade e vontade de aparecer?

Tais dúvidas, perguntas e escrúpulos, entretanto, tanto podem ser reais e preocupantes quanto esconderem uma armadilha insidiosa. Na verdade se, de um lado, é preciso estar alerta para os subterfúgios da vaidade, por outro, a própria vaidade pode servir de ferramenta ao serviço.

Aqui entra em cena o conceito mais profundo da fé: o próprio Deus pode servir-se da debilidade de meu “carreirismo” para colocar em marcha a Sua vontade, o Seu projeto de salvação. Até mesmo o sofrimento e o pecado, não raro, são caminhos que conduzem à aproximação com o Deus vivente.

“Deus escreve direito por linhas tortas” – diz o provérbio. Isto quer dizer que, na vida real do dia a dia, imprevista e sempre tortuosa, torna-se praticamente impossível separar, com absoluta nitidez, o que é verdadeiro “serviço evangélico” e o que é “carreirismo puro e simples”; como na parábola do joio e do trigo (Mt 13, 24-30), ambos se mesclam e se confundem, crescem indistintamente, sendo muito difícil distinguir o bem e o mal, o serviço e a vaidade, eliminando, sem mais, o último, e mantendo apenas o primeiro; daí a sabedoria de Jesus: deixa que ambos amadureçam, ao final, no tempo da colheita, será possível distingui-los e separá-los. Às vezes, é preciso humildade para aceitar o cargo

que os coirmãos resolveram depositar sobre os ombros, mesmo sabendo que, junto à vontade de servir, ocultam-se vestígios de carreirismo, vaidade, vontade de aparecer, próprios à condição humana: débil, fraca, incongruente, contraditória. Deus não chama “anjos puros e imaculados” para o serviço do Reino, mas “homens e mulheres”, onde joio e trigo se misturam. Figuras como os apóstolos Pedro e Paulo, Maria Madalena, podem servir de ilustração para a forma de Deus agir na História.

Roma, Itália, 07 de maio de 2015

Feridas não cicatrizadas

Diz um provérbio que “toda ferida cedo ou tarde há de cicatrizar”! Mas, há feridas e feridas!

Se a existência humana pode ser comparada à travessia de uma floresta de espinhos, ninguém a faz sem alguns arranhões no corpo e na alma.

As feridas do corpo são facilmente cicatrizáveis, além de endurecer e fortalecer a pele para novos golpes. Chegam mesmo a criar uma couraça para a defesa do organismo.

As feridas da alma, porém, a exemplo das vacinas, possuem um caráter bem mais ambíguo: ou nos imunizam contra novos ataques, ou permanecem chagas vivas e abertas, vertendo sangue cada vez que são tocadas.

Tudo depende do grau de sensibilidade de cada pessoa, o que, por sua vez, reverte na gravidade e profundidade da ferida.

Roma, Itália, 15 de maio de 2014

O moralismo

A atitude moralista, se e quando levada ao extremo, tende a camuflar e desviar a atenção de segredos inconfessados e inconfessáveis. Campo minado e cheio de subterfúgios, sinuoso e labiríntico, ao mesmo tempo explosivo e reprimido, onde o verniz da moral serve de maquiagem para disfarçar a podridão.

Por trás de comportamentos e roupagens exageradamente moralizantes, não é difícil imaginar um tumor em estado de putrefação, o qual deve ser banido por uma aparência contrária e contraditória.

O moralismo, simultaneamente, vela e revela uma falta de ética profunda e encoberta, um fruto que apodrece, silenciosa e invisivelmente, no porão da existência.

Numa palavra, moralismo e imoralidade constituem duas faces da mesma moeda, onde o primeiro procura compensar o vazio da segunda.

Daí que os discursos moralizantes servem, antes de tudo, para proteger-se a si mesmo da corrupção que devasta o interior.

Roma, Itália, 29 de abril de 2014

Pessoas de uma só ideia

Há pessoas que mantêm a própria palavra, devido à coerência e integridade consigo mesmas e com os demais.

Mas, há pessoas que a mantêm por incapacidade de trocar por uma outra; neste caso, a ignorância gera a teimosia e o fechamento sobre o próprio modo de pensar.

São pessoas de uma ideia só e que, temendo ficar sem argumento, se agarram com tenacidade a essa única tábua de salvação. Como as mulas, que empacam e resistem quando devem trilhar um caminho, elas atolam numa argumentação inovadora.

Revelam-se incapazes de acompanhar a evolução dos argumentos, seja em termos de mudar a própria ideia frente a novos elementos dos interlocutores, seja em termos de influenciar a mudança nas ideias deles.

Independentemente da conversa, do grupo, do ambiente e do contexto, estão sempre prontas a levantar a sua bandeira, por mais inadequada e anacrônica que ela se revele.

Roma, Itália, 19 de maio de 2014

Segredo da semente

O segredo da semente é que, antes de buscar o ar livre, o céu azul e a luz do sol, cria raízes e se mergulha no chão frio, úmido e escuro da terra.

Antes de crescer para cima, cresce para baixo, lançando no solo os alicerces sólidos de uma planta que haverá de ser sacudida pelo vento e pela tormenta.

Antes de produzir folhas, flores e frutos, oculta-se, silencia e morre no ventre da terra – para gerar vida nova.

O que vale para a semente viva e concreta, vale igualmente para a semente enquanto metáfora do Reino de Deus ou de qualquer outro projeto sócio-histórico.

Antes de desenhar o plano e esboçar a construção, é necessário silenciar e ouvir os que habitam o subsolo da pirâmide social: sórdidos porões, becos retorcidos, favelas precárias e longínquas periferias.

Roma, Itália, 1º de junho de 2014

Miopia e cegueira

No processo geral do conhecimento, a sociedade ocidental, não poucas vezes, revela-se míope, ou cega de um olho, em relação às culturas orientais.

O *cogito ergo sum* de Descartes, seguido pelo Século das Luzes (Iluminismo), de tantas descobertas e revoluções científicas, nasceu sob o comando da razão e da ciência. Os conceitos da lógica e da matemática adquirem enorme preponderância, quando não absoluta exclusividade.

Corre o risco de permanecer na sombra uma outra via do conhecimento, marcada pela intuição, impressão, emoção e sentimento... E que dizer, então, do caminho da mística espiritual!

Disso resulta, cada vez mais evidente, a necessidade de um conhecimento integral, simbólico, para usar as palavras do artista Marco I. Rupnik. Por essa via, cabeça, razão e ciência experimental caminham lado a lado, como irmãs gêmeas, com os segredos, mistérios e tesouros vinculados à vida do espírito.

Conhecimento racional e científico integra-se e complementa-se com a sabedoria que emerge da experiência vivida.

Roma, Itália, 9 de março de 2015

Órfãos, sós, nus, pobres e perdidos...

Órfãos, sós, nus, pobres e perdidos...

Assim percorremos o percurso de nossa existência, medida, às vezes, em segundos e minutos; outras, em meses ou anos.

Assim seguimos pelas estradas da vida... debaixo de um céu longínquo e indiferente, durante o dia; escuro e sem estrelas, durante a noite.

Assim tropeçamos uns nos outros, nos encontramos nos caminhos e encruzilhadas... pessoas sem rosto nem nome, sem endereço nem pátria.

Multidão anônima como as águas dos rios... todas, sem o saber, correm para o mar que as funde, as dilui e as anula.

Assim lutamos sem cessar, defendendo e atacando, somando vitórias e derrotas... mas, no fim das contas, não há vencedores nem perdedores, apenas bonecos que não sabem o que fazer.

Assim ocupamos o tempo e o espaço, enfrentamos o êxodo, o deserto e o exílio... inventando palavras e conceitos para conferir algum significado a essa peregrinação incerta.

Roma, Itália, 16 de maio de 2014

Por um fio

Fé, felicidade, verdade e liberdade:
quatro irmãs gêmeas que se sustentam por um fio.
Um fio frágil, estendido sobre um abismo escuro e sem fundo.
Fazemos de tudo para fortalecer os alicerces dessas quatro irmãs,
para cimentar solidamente seus fundamentos sobre a rocha firme.
Quando menos esperamos, entretanto,
sobrevêm os tremores, as turbulências, os terremotos...
Os alicerces se reduzem a cinzas, ruínas ou escombros,
e temos de começar do zero.

Por outro lado, sempre suspensos pelo fio sobre o abismo,
mantemos os olhos fixos no horizonte
para não perder o rumo da estrada.
Improvisamente, porém, desencadeiam-se os ventos,
as nuvens se adensam ameaçadoras,
com violência se abate a tempestade...
O horizonte se dilui em meio a um céu de chumbo,
reduzindo a existência a uma embarcação à deriva,
sem bússola nem âncora.

Roma, Itália, 18 de Janeiro de 2016

Sentimentos e nuvens

Os sentimentos e emoções
são como as nuvens:
a cada instante,
mudam de forma e intensidade,
sem qualquer razão aparente.

Ódio, inveja, carinho,
desejo de vingança...
se sucedem e se confundem,
se alternam e se entrelaçam!
Quem os pode controlar?

Dubai, Emirados Árabes Unidos, 30 de março de 2016

Obra de arte

Da mesma forma que o jardim, bem irrigado e cultivado, faz crescer a haste e o botão, até o mágico abrir-se da flor, o contexto histórico faz amadurecer uma ideia, uma visão de mundo, uma obra de arte. A flor, de acordo com os nutrientes que recebe do solo, por uma parte, e de acordo com a constituição de sua natureza, por outra, adquire diferentes formas e tonalidades. As ideias, as visões de mundo e as obras de arte são igualmente plurais, devido, de um lado, ao ambiente social em que surgem, e, de outro, ao gênio de seu criador.

Roma, Itália, 22 de maio de 2014

Homilia

A duração da homilia costuma ser inversamente proporcional ao tempo utilizado na sua preparação: homilia breve, preparação acurada; homilia longa, falta de preparação.

A explicação é simples: o fato de não ter-se preparado leva o “orador”, em primeiro lugar, a convencer-se a si mesmo, no ato mesmo de tentar convencer o público.

Semelhante via comporta o risco de entrar por veredas tortuosas, das quais o “orador” não dá conta de sair. Ou seja, no desespero de encontrar argumentos convincentes para si mesmo e para os demais, perde-se no terreno minado da lógica, o que requer um tempo maior para encontrar saída.

Aquele que não sabe exatamente o que e como dizer, normalmente põe-se a falar, ou melhor, a tagarelar. Na ausência de ideias claras, sobram (ou faltam) as palavras.

É como entrar no labirinto sem o mapa do mesmo: abre um processo de argumentação do qual não dá conta de sair. Daí a necessidade de palavras, palavras, palavras...

Roma, Itália, 4 de maio de 2014

Mutismo

O mutismo é a negação do silêncio.

Cerrado, fechado em si mesmo, o mutismo é um deserto infértil e desabitado, a recusa pura e simples de qualquer tipo de comunicação com o outro.

Silêncio cego, mudo e surdo, pesado, constrangedor e irrespirável – mais silenciado que silencioso.

Constitui-se como uma espécie de gueto, gerando hostilidade recíproca. Por isso, destila veneno, nutre-se de rancor, destrói, mutila e mata.

Enquanto o mutismo se isola no próprio casulo, o silêncio é povoado de lembranças e recordações de um passado a ser reinterpretado, ressignificado; povoado das relações com o outro e aberto ao horizonte do totalmente Outro.

Silêncio é oração, meditação, contemplação; mutismo é terra árida e inóspita, ao mesmo tempo êxodo e autoexílio – o rechaço de inaugurar o espaço ao diálogo.

Roma, Itália, 11 de maio de 2014

O feto

Existem duas maneiras de matar um feto no ventre da própria mãe: a primeira é o aborto puro e simples, antecipando, de forma forçada, o nascimento;

a segunda é a asfixia, retardando o nascimento e, com isso, qualquer possibilidade de sobrevivência.

O fruto verde é ácido ao estômago.

O fruto podre de maduro lhe é indigesto.

Roma, Itália, 13 de maio de 2014

Orgulho e humildade

Uma abjeta humildade costuma ser a vestimenta do orgulho impotente e submisso.

Este último se disfarça de humildade para conseguir o que é incapaz de fazê-lo pela força.

Orgulho travestido de humilde – nada mais enganoso e nefasto.

Roma, Itália, 23 de abril de 2014

O pêndulo

“A virtude é um meio entre dois vícios”, disse o velho Aristóteles.

Aí está o paradoxo do pêndulo: embora “tenha consciência” de que o equilíbrio está no centro, insiste em oscilar entre os dois extremos, incapaz de firmar-se.

Verdadeiro símbolo/metáfora do ser humano: o *cor inquietum* de Santo Agostinho, embora muitas vezes ciente de que sua busca é vã e inócua, não pode deixar de correr atrás de experiências mais desafiadoras.

Ainda nas palavras do bispo de Hipona, busca, fora, aquilo que se encontra no interior de si mesmo.

Roma, Itália, 18 de maio de 2014

Tudo o que é sólido desmancha no ar

Frase de Marx e Engels, no *Manifesto Comunista*, de 1848. As interrogações se multiplicam. As respostas se tornam cada vez mais escassas. As dúvidas se acumulam e se cruzam. As certezas se derretem como blocos de gelo expostos ao sol. As “verdades”, uma a uma, se convertem em hipóteses, interpretações. Medos afloram e submergem, numa alternância angustiada e sem trégua... Em lugar da experiência de vida, temperado no fogo e no frio do cotidiano, prevalece o experimento. E, neste, tudo é provisório, efêmero, temporário, descartável!

Onde encontrar um ponto de referência? Onde lançar a âncora e repousar em paz? Em que direção se encontram o farol e o porto? Alguém possui uma bússola para nos orientar? Embarcações à deriva, irremediavelmente à deriva – eis o que somos! E, por todos os lados, águas bravias ameaçam, levantam-se tempestades borrascosas. Que rota tomar? Para onde leva a travessia? E que são as perguntas senão braçadas de naufragos, inaudíveis em meio ao rugir dos ventos contrários? Pobres peregrinos errantes, como Ulisses em busca da pátria perdida...

E, da mesma forma que na *Odisseia* de Homero, as sereias cantam e dançam, fascinam e seduzem. Sereias reais e virtuais, estas últimas mais perigosas que aquelas. Teremos energia suficiente para reunir as forças, endireitar o rumo do barco, tomar as rédeas do próprio destino, retomar o rumo de casa? Podemos reencontrar a nossa Penélope – ou reconhecer a voz sem palavras do Deus oculto e desconhecido? Uma pergunta a mais, uma braçada a mais. Como as anteriores, sem resposta e sem remédio!

Dubai, Emirados Árabes Unidos, 29 de março de 2016

Páscoa, o tesouro da vida

“Onde está teu tesouro, aí está teu coração”
Mas, onde está teu tesouro, tua vida?
Ao mesmo tempo, está dentro e fora de ti:
ou melhor, dentro, na medida em que
és capaz de sair ao encontro de teu irmão;
fora, enquanto teu coração se mantém
aberto à relação com o outro
a ponto de vislumbrar a face oculta
e sempre luminosa do totalmente Outro.
Teu tesouro/vida está na relação:
não está aqui ou ali, acolá ou alhures,
está “entre” uma coisa e outra;
não está aquém, acima ou além da história,
está na encruzilhada viva e dinâmica
dos encontros e acontecimentos;
não está no interior ou no exterior de teu ser,
está na ponte que liga os dois campos.
Teu tesouro/vida está em ti e não está em ti:
está na relação que consegues estabelecer
com as coisas, as pessoas e o Transcendente.
Não está no começo ou no fim do caminho,
está no ato mesmo de seguir a travessia;
não está longe ou perto de teu universo cultural,
está no passo que cruza e aproxima valores diversos;
não está contigo ou com o estrangeiro,
está no diálogo e no confronto entre ambos.
Teu tesouro/vida será cada vez mais teu,
na medida em que fores capaz de oferecê-lo:
perdê-lo-ás, se o retiveres unicamente para ti,
ganhá-lo-ás, se fores capaz de partilhá-lo;
serás mais pobre quando dele tomares posse,
serás mais rico quando o souberes dividir.

Roma, Itália, 28 de março de 2018

As rédeas da História

Diversamente das aparências, as rédeas da História não estão nas mãos dos poderosos e dominadores, dos reis, tiranos e imperadores.

Em vão, esses tentam criar um tempo fechado sobre os prazeres e benefícios do “aqui e agora” de seu império; em vão, procuram cristalizar o passado e o futuro como blocos de pedra impenetráveis.

As rédeas da História estão nas mãos de Deus. Através dos profetas, seus mensageiros, Ele rompe os diques das tiranias, liberando as águas represadas do tempo; e este volta a fluir como um rio sobre o leito tortuoso da História.

Toda vez que os impérios levantam barreiras ao curso livre do tempo, Deus irrompe na História para reabrir seus horizontes, desvendando novas oportunidades.

Duas são as “armas” da intervenção divina: a memória, para resgatar as sementes vivas do passado; e a promessa, para reavivar a fé e a esperança no futuro.

Roma, Itália, 15 de junho de 2014

Posfácio - MetrÓpole como organismo vivo

Alfredo José Gonçalves, Cs

Os textos reunidos nesta coletânea são díspares quanto ao tempo, ao espaço e às circunstâncias sociohistÓricas que os fizeram vir à luz. Díspares também em seus variados enfoques, visões e intuições. Há neles, porém, um fio condutor que os mantêm relativamente alinhavados; uma espécie de varal onde podem ser pendurados um a um, como peças de roupa a secar, ganhando assim uma certa significação. Não um sentido linear, lógico e preciso, entenda-se, mas uma concepção de mundo cheia de contrastes e contradições, cujas raízes se encontram mergulhadas no contexto urbano dos nossos dias.

Esse varal, esse fio condutor nutre-se da seiva que a metrÓpole destila para aqueles e aquelas que nela vivem, se movem e se tropeçam cotidianamente. Trata-se do modo ímpar de habitar a cidade: centro, com suas ruas e praças, regiões intermediárias, porões e periferias. A cidade é um organismo vivo que, diariamente e como qualquer outro ser vivente, incorpora nutrientes novos e rejeita resíduos necrosados do tecido social. O seu metabolismo é dinâmico, implacável e contínuo. Em semelhante processo de metamorfose, vivo e permanente, esse gigantesco organismo engole, mastiga e digere coisas, pessoas e relações, recolhendo delas aquilo que a faz rejuvenescer-se e expelindo os rejeitos. A grande cidade respira, transpira e suspira como todo a planta, o animal ou o ser humano. Tudo que vive, mexe e se move exala perfume e mau cheiro em seus porões. Disse alguém que “veneno e remédio costumam provir da mesma fonte”; o que em geral os diferencia é a dose.

No organismo colossal da metrÓpole, outros mil organismos, múltiplos e diferenciados, nascem, crescem, desenvolvem-se, definham e morrem. Velada ou desveladamente, de forma consciente ou não, os textos trazem à tona o modo como tais organismos coexistem e convivem com essa massa de edifícios, trens, ônibus

caminhões, carros e transeuntes: o asfalto e o concreto, o ferro e o vidro, as máquinas e o movimento, os rumores e a correria, as ilusões e desilusões, as esperanças e alegrias, as tristezas e angústias, as vozes e silêncios dessas imensas manchas urbanas contemporâneas – tudo pulsa e anseia por transformações.

Não há conclusão possível e fechada em meio a um universo tão diverso e cosmopolita, multiétnico e pluricultural. Pequenos organismos acabam sendo devorados pela sede insaciável da metrópole, outros nela e dela extraem seu alimento como parasitas e outros, ainda, contribuem para suas mudanças mais profundas e elementares. Resta que, de algum modo, quase todos a tratem como lugar insólito e insalubre, poluído e rumoroso, rico e ambíguo ao mesmo tempo – repleto de oportunidades e oportunismos, de veredas e ameaças possíveis, de egoísmos hermeticamente cerrados e de solidariedades abertas. Horizontes se bifurcam e se trifurcam em todas as direções.

De outro lado, se é verdade que boa parte da população a maldiz e a deplora, os mesmos que o fazem sentem nela, simultaneamente, um misto de sedução e repulsão. Sim, um misto de fascínio e de rechaço habita o coração e a alma de seus habitantes e visitantes. E não são poucos os que, mesmo lamentando e choramingando o fato de viver em grandes cidades, ao tê-las de abandonar, sentem-se meio perdidos. Levam na bagagem a saudade antecipada da ebulição efervescente, voluntária ou involuntária, em que até então viveram.

Verdade, na metrópole multidão e solidão costumam ser sinônimos. Mas, não raro, também o são o deserto e o campo. Se as multidões aceleradas e ruidosas produzem seres solitários, também produzem um burburinho que embala ouvidos, corações, mentes e almas, feito cantiga de ninar. Acostumamo-nos facilmente com a inércia desse embalo, a tal ponto que, fora dela, então, sim, sentimo-nos igualmente solitários. Daí a inconclusão: a metrópole em si não é boa nem má. Tudo depende das circunstâncias e do modo como nela nos movemos e somos. Ao possível leitor destas páginas deixamos a conclusão.

São Paulo, 13 de julho de 2022

Sobre o autor



Alfredo José Gonçalves nasceu na Ilha da Madeira, Portugal, no dia 7 de março de 1953. Em fevereiro de 1969, juntamente com toda a família, emigrou de Portugal para o Brasil. Como tantas outras famílias, os Gonçalves procuravam escapar à guerra colonialista contra Angola e Moçambique.

No Brasil, trabalhou com a família numa padaria em Santo André, região do ABC paulista. Ao mesmo tempo, Alfredo completava os estudos de primeiro e segundo grau. Aos 19 anos, entrou para a Congregação

dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos), onde completou todo o currículo para o sacerdócio.

Ordenou-se sacerdote religioso em 2 de dezembro de 1984. Assumiu logo a Direção do Centro de Estudos Migratórios de São Paulo (CEM), enquanto trabalhava pastoralmente nas periferias e favelas da zona leste de São Paulo. Quando a sede do CEM mudou para as dependências da Igreja da Paz, na baixada do Glicério, bairro Liberdade, em 1989, passou a trabalhar nos cortiços junto à Pastoral da Moradia da Arquidiocese de São Paulo. Como diretor do CEM, ajudou a fundar a Revista Travessia, em 1985, exercendo também a função de secretário executivo do SPM- Serviço Pastoral dos Migrantes.

De 1994 a 1997, atuou na arquidiocese da Paraíba, especialmente junto aos cortadores de cana. Acompanhava-os nas regiões de origem, no agreste da Paraíba, e nas regiões de destino, zona da mata de Pernambuco e Paraíba. Junto com Pe. Alceu, começou a Romaria do Migrante no município de Fagundes-PB.

Retornando da Paraíba, entre os anos de 1998 e 2003, assumiu o cargo de assessor do Setor Pastorais Sociais da CNBB. Depois, em São Paulo, foi eleito duas vezes como Superior Provincial da então Província São Paulo dos padres scalabrinianos. Antes de terminar o segundo mandato, foi eleito vigário geral da Congregação, passando a morar em Roma, Itália, durante o sessênio de 2013 a 2018.

Atualmente atua como vigário na Igreja N. Sra. da Paz e na “Missão Paz”, na baixada do Glicério, bairro Liberdade, na Arquidiocese de São Paulo. Ao mesmo tempo, exerce o cargo de vice-presidente do SPM, além de assessorar encontros ligados às Pastorais Sociais, movimentos populares e comunidades eclesiais de base (CEBs).

*A vida de um trago
Beber a vida,
bebê-la de um trago.
Ah! Se fosse possível!
Como se faz a um licor muito doce
ou a um elixir muito amargo.
Soltar-se no ar
como um rojão
Explodir para que o mundo saiba
que a vida não é em vão.
Embriagar-se de “agoras”
como os pássaros.
E cantar, e dançar e pular.
Passado, futuro e história?
Isso é coisa de náufragos.
Sorver o tempo,
sorrê-lo até a última gota,
total, pleno, inteiro!
Desta vida tudo desfrutar
sem esperar pela outra.*

Alfredo José Gonçalves, Cs

ISBN: 978-65-88323-08-3

